

VALÉRIA MARA DA SILVA

EDUCANDO HOMENS PARA EDUCAR PLANTAS:
orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Belo Horizonte
2013

VALÉRIA MARA DA SILVA

EDUCANDO HOMENS PARA EDUCAR PLANTAS:
orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: Ciência e Cultura na História

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Alda Lúcia Heizer

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências

Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais

23 de agosto de 2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PÓS GRADUAÇÃO
historia.Img

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese defendida pela aluna **Valéria Mara da Silva**, intitulada: **Educando homens para educar plantas: orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949)** no dia 23 de agosto de 2013 e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. **Bernardo Jefferson de Oliveira** - Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. **Alda Lucia Heizer** (Instituto de Pesquisas Jardim Botânico RJ)

Profa. Dra. **Ana Carolina Vimieiro Gomes**
Universidade Federal de Minas Gerais

Profª. Dra. **Helena Mollo**
Universidade Federal de Ouro Preto

Profª. Dra. **Anny Jackeline Torres da Silveira**
Universidade Federal de Minas Gerais

112.109 Silva, Valéria Mara da

S586e Educando homens para educar plantas [manuscrito] : orquidofilia

2013 e ciência no Brasil (1937-1949) / Valéria Mara da Silva. - 2013.

215 f. : il.

Orientador: Bernardo Jefferson de Oliveira.

Co-Orientadora: Alda Lúcia Heizer.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências.

1. História – Teses. 2. Orquídea – Teses. 3. Profissionais - Teses. 4. Ciência – História – Teses. I. Oliveira, Bernardo Jefferson de. II. Heizer, Alda Lúcia. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título

Resumo

Educando homens para educar plantas: orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949)

A pesquisa analisa as relações estabelecidas entre amadores e especialistas que se dedicaram ao estudo das orquídeas no Brasil entre 1937 a 1949. O primeiro marco temporal corresponde à fundação da Sociedade Brasileira de Orquidófilos (1937). O ano de 1949 à publicação da obra *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, obra de divulgação do botânico Frederico Carlos Hoehne (1882-1959), que tornou-se referência para os orquidófilos do período. O interesse pelas orquídeas envolvia diretamente dois “mundos sociais”, ou seja, o de amadores e profissionais. Tal vínculo demandou a criação de mecanismos para organizar e manter um diálogo, sobretudo obras de divulgação. Abordamos as condições que deram maior evidência ao colecionismo de orquídeas. Dessa forma, consideramos as práticas científicas, trocas de espécies entre países, mercado e colecionadores reunidos em agremiações.

Palavras-chave: orquídeas, amadores, profissionais, ciência, Brasil.

Abstract

Educating men to educate plants: orchidophilia and science in Brazil, 1937-1949.

The research analyzes the relationships between amateurs and experts who have dedicated themselves to the study of orchidaceae in Brazil from 1937 to 1949. The first event to track corresponds to the establishment of Orchidophiles' Brazilian Society in 1937. As for 1949, corresponds to the publication of the work of *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, work aimed at the general reading public by the botanist Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) that became a reference for orchidophiles at the time. The interest in orchids directly involved two "social worlds", that is, the amateurs world and the professionals world. This bond required the creation of mechanisms to organize and maintain a dialogue, especially works of scientific popularization. We address the conditions that gave bigger evidence to the collecting of orchids. Thus, we take into account: the scientific practices, the exchange of species between countries, the market, and the collectors gathered in associations.

Key-words: orchids, amateurs, experts, science, Brazil.

Agradecimentos:

Várias pessoas foram fundamentais para a realização desse trabalho. Agradeço meu orientador Bernardo Jefferson de Oliveira pelos ensinamentos e incentivo constante ao longo desses anos. A ajuda, atenção e carinho da coorientadora Alda Lúcia Heizer foram decisivos ao longo da pesquisa, muito obrigada!

A bolsa concedida pela CAPES foi de essencial importância para as viagens de pesquisa e compra de bibliografia.

A banca composta pelas professoras: Ana Carolina Vimieiro Gomes, Helena Miranda Mollo e Anny Jacqueline Torres Silveira, por me presentarem com leituras tão atenciosas e desafiadoras da tese.

Agradeço também à professora Regina Horta pelas preciosas observações da qualificação. A Graciela de Souza Oliver por auxiliar-me na fase inicial da pesquisa e Eduardo Borba pelo empréstimo da coleção da revista *Orquídea*.

Meu padrinho, amigo e consultor de biologia, Vinícius Albano que respondeu pacientemente dezenas de emails com as mais variadas dúvidas. Do *Instituto de Botânica de São Paulo*, agradeço ao Prof. Fábio de Barros e ao arquiteto Luiz Ribeiro de Azevedo Barreto por me receberem tão gentilmente e pela autorização do último para citar um trabalho inédito. Ao orquidófilo, Sr. Euro Magalhães pelo generoso bate-papo e a presteza em responder minhas dúvidas.

A Rosye e Gilberto que me acompanham desde o mestrado, obrigada! Aos amigos que diz durante o doutorado: Ana Marília, Gabriel, Rodrigo, Paloma, Francismary, Carol Capanema (ahhh...essa desde o mestrado). Pelas longas conversas, trocas de ideias e, principalmente, sorrisos e horas de descontração. Aos acolhedores amigos de Uberlândia: Luciene, Betinha, Florisvaldo, Luiz, Maria Andréa, Guilherme, Flávia e Raphael. Monalisa e Daniel por preservar meu cantinho em BH.

Ao meu esposo, Jean pelo carinho e cumplicidade nessa jornada. Meus pais, Vera e Maurílio e irmãs, Gleice, Grasielle e Raissa: muito obrigada!!!!!! A família Neves Abreu: Ana, D. Normélia, Sr. Moacir e a tia Marcília.

Lista de ilustrações:

Imagem 1: Caderno de recortes de Luys de Mendonça. Acervo da OrquidaRIO – p. 49

Imagem 2: Capas da *Orquídea* em fases distintas (volumes 01, 10, 20 e 27) – p.60 e 61

Imagem 3: O botânico João Barbosa Rodrigues – p.87

Imagem 4: Ilustração de orquídea – p.89

Imagem 5: Hoehne em companhia do Secretário de Agricultura Fernando Costa no Orquidário do Estado em 1929 – p.135

Imagem 6: Aula de Botânica Prática no Instituto de Botânica de São Paulo, 1939 – p.142

Lista de tabelas:

Tabela 1: Livros sobre orquídeas publicados entre 1930 a 1950 – p. 46 e 47

Tabela 2: Visitantes do Orquidário do Instituto de Botânica de São Paulo – p.168 e 169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I- Colecionismo e orquidofilia.....	17
1.1 - Colecionismo, plantas e orquídeas.....	17
1.2- O colecionismo das orquídeas brasileiras.....	28
1.3- Da sociedade ao periódico.....	49
CAPÍTULO II – O espírito do orquidófilo ou como se fazia um amador.....	73
2.1- Da definição do termo amador.....	73
2.2- Por que orquídeas?.....	79
2.3- Amadores com distinção.....	94
CAPÍTULO III – Educando homens para educar plantas.....	104
3.1- O botânico.....	104
3.2 – “Sem o auxílio do mestre”: a autonomia dos amadores.....	151
3.3 – Dos preparativos para o <i>Iconografia de Orchidaceas do Brasil</i>	161
3.4- O colecionador verdadeiro.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	182

INTRODUÇÃO:

Em 2008, após ler um artigo sobre Frederico Carlos Hoehne interessei-me por conhecer mais de sua obra. Essa leitura despertou-me lembranças familiares: a tia que colecionava violetas, as gardêneas da casa da avó e, sobretudo, a paixão materna pelas orquídeas. Recebi a informação¹ de que havia uma revista chamada *Orquídea*, publicada desde 1938 por amadores. As coleções completas do período são raras e vendidas a peso de ouro, mas tive a sorte de acessar uma quase completa. Já nas primeiras páginas, percebi a polarização entre o amador e o profissional e o discurso de defesa da flora orquidácea atrelado a ideias nacionalistas.

Ler esse cenário pressupunha abandonar preconceitos correntes e impunha a questão: afinal o que é um amador de orquídeas? A resposta veio através da análise das sociedades criadas no período e noticiadas na *Orquídea*. O que as unia era o primado de doutrinar um tipo exemplar de orquidófilo. Uma palavra utilizada no período, orquicultura, resume os lados desse processo. Seu sentido original é cultivar orquídeas, mas o assumi como uma cultura que despontou na década de década de 1930, através de histórias paralelas: da orquidofilia e orquidologia.²

¹ Agradeço à professora Graciela de Souza Oliver por essa indicação e por viabilizar o empréstimo da coleção do professor Eduardo Borba.

² É comum ouvir a afirmação segundo a qual as orquídeas são espécies originárias dos trópicos, o que não é correto. Apresento resumidamente alguns dados sobre a biologia das orquídeas: a família *Orchidaceae* tem distribuição cosmopolita, embora seja mais abundante e diversificada em florestas tropicais, especialmente da Ásia e das Américas. Existem aproximadamente 24.500 espécies e cerca de 800 gêneros, sendo 73% epífitas (vivem sobre árvores), o restante, rupícolas (vivem sobre pedras) e terrestres. O Brasil tem uma flora orquidácea entre as mais diversificadas da América do Sul e do mundo: 2.419 espécies das quais 1.620 são endêmicas deste país. Ver: <http://www.biodiversidade.pgibt.ibot.sp.gov.br>

A pesquisa ora apresentada analisa os contatos estabelecidos entre amadores e especialistas que se dedicaram ao estudo das orquídeas no Brasil, no período de 1937 a 1949. O marco cronológico priorizado corresponde à fundação, na cidade do Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. O marco final, à publicação da obra do botânico Frederico Carlos Hoehne, diretor do Instituto de Botânica de São Paulo, *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*.

Fundada em 1937, a Sociedade Brasileira de Orquidófilos tinha como princípio norteador a relação amador-profissional estendendo esse preceito para as associações congêneres situadas em outras regiões do país. Em 1938, o presidente da sociedade, Luys de Mendonça e Silva começou a editar uma revista de nome *Orquídea*. Porta voz do ideário, práticas e projetos ligados à orquidofilia, a publicação converteu-se em instrumento de comunicação das sociedades amadoras.

O espaço da *Orquídea* era compartilhado por amadores e profissionais, cujo objetivo inicial era funcionar como “natural elemento de ligação entre os técnicos e colecionadores de todo o Brasil”.³ Nesse “lugar” de convívio a tensão também era presente, mas analisar a interação desses grupos em função da concorrência implicaria em reducionismo. Para os amadores, ciência e orquidofilia se comunicavam, afinal, o projeto era de uma *orquidofilia com ciência* e não um mero colecionismo incapaz de edificar o país no rol dos estudos botânicos internacionais.

Já no *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, Frederico Carlos Hoehne tem como seu interlocutor o orquidófilo, ao discutir e propor o tipo de colecionismo que considera favorável aos brasileiros, a defesa da flora e ciência botânica. As instruções coincidem com o discurso de especialização da ciência perpetrado por

³ Palavras a propósito. *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.

Hoehne, ou seja, suas instruções primam por um amador especializado. A obra de Hoehne responde a uma necessidade instrumental: classificar.

Embora o cultivo de flores para fins ornamentais não possa ser datado, é possível ser contextualizado por meio das práticas científicas, trocas de espécies entre países, mercado e colecionadores. No tocante às orquidáceas⁴, a ciência e interesse do público são esferas que se vinculam frequentemente e, em algumas circunstâncias, se tornaram paralelas, como será analisado ao longo do texto.

A formação das coleções e as iniciativas atinentes ao conhecimento dessa flora mostraram-se sob diversas formas no Brasil: excursões a áreas reconhecidamente ricas em orquídeas, a presença de profissionais como membros honorários das sociedades de amadores, exposições regionais e nacionais e a aproximação com órgãos governamentais, a exemplo dos Conselhos Florestais - criados a partir de 1934 – e o Ministério da Agricultura.⁵ Perpassa todo esse conjunto de iniciativas a manutenção contínua do diálogo com os especialistas e as atividades de divulgação, conduzida na *Orquídea* pelos amadores e pelos profissionais em veículos diversos: livros, jornais correntes e outros periódicos.

É importante notar que a configuração desse projeto associa-se ao tipo de política de produção do conhecimento existente, aos profissionais e seu trânsito pelas esferas públicas e, sobretudo, na importância que as orquidáceas tinham nas pesquisas botânicas de algumas instituições.

Nossa hipótese é a de que se constitui uma “cultura colecionista” nesse período. Amadores e profissionais definem-se simultaneamente. Essa cultura é propiciada por as mudanças sociais que permitem que orquídeas tivessem um novo significado na década

⁴ Ao longo do texto me refiro à família *Orchidaceae*, ao gênero *Orchis* ou as espécies de forma geral. Nos casos específicos utilizarei o nome do gênero seguido da espécie.

⁵ Em 1938 a SBO foi considerada órgão de “utilidade pública” pelo decreto 507, 23 de agosto de 1938 pela administração de Niterói (Sociedade Fluminense de Orchideas, *Orquídea*, vol.02, n.01, set., 1939, p.05). Essa medida que lhe garantia subvenções.

de 1930/1940. As histórias da orquidofilia e da orquidologia, aqui entendida como o conhecimento científico produzido sobre as orquídeas, são paralelas e em vários pontos se tocam. Amadores e profissionais comungam de um interesse comum: o estudo das orquídeas. Consideramos os profissionais alocados em instituições (jardins botânicos, institutos de biologia, secretarias de agricultura, etc.) e os amadores, orquidófilos reunidos em sociedades.

O recorte teórico da tese levou em consideração a discussão sobre o colecionismo. A discussão sobre a questão permitiu-nos entender como os objetos colecionáveis se legitimaram em diferentes períodos e por meio da linguagem que lhes é peculiar. Além disso, possibilitou ver como as coleções exprimem os locais sociais que as abrigam. De acordo com Pomian, dois tipos de coleções coexistem em nossas sociedades: as particulares e o museu. Cada qual com sua particularidade, mas ambas unificadas pela ideia de que a coleção compõe-se por objetos naturais ou artificiais, “mantidos fora do circuito das atividades econômicas”, submetidos a cuidados especiais e expostos ao olhar. ⁶ Baudrillard, por sua vez assinala que as coleções são acompanhadas de projetos que viabilizam sua emergência para a cultura. ⁷

Ambos os autores, e outros que serão analisados no transcorrer dos capítulos, indicaram que o significado atribuído aos objetos e as formas específicas que os colecionadores utilizam para registrar suas coleções resulta em um processo de construção de valores. O conceito de distinção de Pierre Bourdieu foi utilizado com a finalidade de analisar a o gosto do amador e como essa legitimação anula outros gostos potencialmente concorrentes. ⁸

⁶ POMIAN, K. Coleção. *Enciclopédia Einaudi. Memória/História*. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, Volume I, 1982, p.51-86.

⁷ BAUDRILLARD, J. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

⁸ BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

Como o colecionismo de orquídeas, amadores e profissionais interagem. Os materiais produzidos para gerir tal relação foram analisados através do conceito de objetos de fronteira. No nosso caso, consideramos o *Iconografia de Orchidaceas* um objeto de fronteira capaz de integrar os mundos sociais de orquidófilos e profissionais e ao mesmo tempo mantendo a integridade e interesse de cada grupo.⁹

A discussão sobre esses dois grupos é uma questão de relevância na historiografia internacional. Para exemplificar, o estudo de Elizabeth Kenney assinala que nos Estados Unidos a existência de uma “botânica popular” no século XIX que atingiu seu auge entre 1830-1880. Após esse período, o estudo da botânica começa a divergir para tradições distintas: amador e profissional, uma cisão que na opinião da autora significou uma perda para a botânica.¹⁰ Analisando o caso da *Société Botanique des Deux-Sèvres*, na França, Patrick Matagne percebe a dicotomia entre amadores e profissionais através da noção de curiosidade, nas formas com as quais ela foi canalizada através do boletim da sociedade entre 1905-1915, ao promover a imagem do curioso.

No Brasil, entretanto, falta uma discussão sobre o campo da botânica e as questões ligadas à relação amadorismo e profissionalismo, aos variados significados que adquirem. O caso das orquídeas é, nesse sentido, exemplar para verificar as interações, embates e fronteiras estabelecidas entre esses dois campos. O associativismo e as atividades de divulgação conferiam à orquidofilia um novo status, pois distanciava-a do diletantismo e fortalecia as ações coletivas, como as demandas pela construção de orquidários regionais.

⁹ STAR, S.L.; GRIESEMER, J.R. Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39, *Social Studies of Science*, vol.19, n.03. (Aug., 1989), pp.387-420.

¹⁰ KENNEY, E. B. *Amateur Scientists in Nineteenth Century America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992.

As discussões sobre a divulgação científica forneceram uma perspectiva de análise importante. Para o Brasil, o estudo de Luisa Massarani assinalou momentos de irrupção das atividades de divulgação científica. No século XIX, tal processo vincula-se à criação da Imprensa Régia em 1810. Periódicos como *O Patriota* e o *Correio Braziliense* veicularam temáticas científicas. Na segunda metade do mesmo século foram lançadas a *Revista Brasileira – Jornal de Sciencias, Letras e Artes* (1857), *Sciencia para o Povo* (1881) e a *Revista do Observatório* (1886). De acordo com a autora, as Conferências Populares da Glória (1873) e os Cursos Públicos do Museu Nacional (1876) devem ser considerados como espaços expressivos no panorama das atividades de divulgação.

Posteriormente, o período da década de 1920 sofreu um aumento significativo da divulgação. Vários suportes foram utilizados, como jornais, revistas, conferências e o rádio. Os militantes da causa depositavam uma acentuada confiança no poder da educação científica. Sua disseminação vinculava-se ao uso das tecnologias em voga e possuíam um forte apelo aos sentimentos de nacionalidade. Todo esse aparato de difusão tinha como alvo um público ilustrado.

Ainda de acordo com Luísa Massarani, as atividades de divulgação nesse período eram uma demanda pautada pelo desenvolvimento da pesquisa básica. Concomitantemente, a divulgação foi pensada por autores como Miguel Osório de Almeida, em sua obra *A vulgarização do saber* (1931), onde o cientista examina os benefícios e restrições das atividades de divulgação. Para esse autor, o público ambiciona uma aproximação com a ciência, entretanto, algumas áreas do conhecimento seriam mais favoráveis para tal intento, caso das ciências naturais. A irradiação de conhecimentos científicos era proporcional aos ganhos que poderiam ser obtidos pela coletividade. Os perigos provenientes de uma “meia ciência”, como postulado por

alguns opositores, seriam para Miguel Osório, afastados por uma instrução popular bem guiada.¹¹

Outro trabalho de importância para o tema da divulgação/vulgarização científica é o de Moema de Rezende Vergara, sobre o periódico *Revista Brasileira*. A mesma chama a atenção para o fato de seu trabalho não se filiar a História da Ciência *stricto sensu*. O conceito de vulgarização é um instrumento analítico do qual a autora lança mão ao debruçar-se sobre os vínculos entre o processo de formação da identidade nacional e os assuntos científicos, na passagem da Monarquia para República. Os artigos publicados na revista procuravam mensurar o grau de emancipação científica que o país alcançaria ao conhecer seu território, fauna e flora. A vulgarização, atributo da atividade científica, se erigia em um discurso onde os infortúnios da herança colonial seriam minorados.¹²

Conforme evidencia Regina Horta Duarte, em seu estudo sobre a *Revista Nacional de Educação*, o conhecimento do território e de sua natureza foi um dos aspectos da divulgação científica no Brasil. Editada pelo Museu Nacional, entre 1932 e 1934, sob a direção de Roquette Pinto, o periódico se destinava a ser uma cartilha para a leitura “da flora e da fauna brasileiras, sobre as quais o Museu Nacional possuía uma longa tradição de estudo e as contribuições dos pesquisadores eram significativas”.¹³

¹¹ MASSARANI, L. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, IBCT-ECO/UFRJ, 1998. MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. Miguel Ozorio de Almeida e a vulgarização do saber. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 2, p. 501-513.

¹² VERGARA, M. de R. A Revista Brasileira: vulgarização científica e construção da identidade nacional na passagem da Monarquia para a República. Tese de doutorado, Rio de Janeiro, PUC-RJ, 2003.

¹³ DUARTE, R. H. Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *História, Ciências, Saúde . Manguinhos*, vol. 11(1):33-56, jan.-abr. 2004, p. 10.

Cabe observar que a *Revista Nacional de Educação* era destinada a um público culto, os quais se tornariam agentes multiplicadores da ação educativa.¹⁴

Em trabalho no qual procura aprofundar a discussão sobre a constituição da biologia no Brasil, entre as décadas de 1920 e 40, a autora mostra como o Museu Nacional foi um locus importante de divulgação da ciência no Brasil, ponto de encontro de cientistas com diversos projetos para promover o conhecimento científico ao público amplo. Do trabalho ressalte-se para nossos objetivos as estratégias de inserção dos homens de ciência na sociedade brasileira.¹⁵

Já a historiadora Dominichi Miranda de Sá examina a especialização do trabalho científico, analisando as variações nos modos de produzir ideias no Brasil entre os anos de 1895-1935. A autora privilegia a imprensa periódica em razão de ser um instrumento de ampla circulação das ideias e que se propagavam em um ritmo mais rápido. A abordagem proposta aponta para um amálgama entre a especialização e a vulgarização. Segundo aponta, no Brasil assim como na Europa tais processos coincidiram historicamente. Em contraposição à Europa, onde os personagens envolvidos nesse processo pouco se confundiam, “no Brasil, seus personagens foram os mesmos, vários deles passando pelos dois gêneros do discurso científico”.¹⁶

O conjunto de fontes utilizado divide-se em 2 grupos. O primeiro corresponde aos 12 volumes iniciais da revista *Orquídea*, fase que identificamos como sendo a de consolidação do ideário orquidófilo. O segundo, a 90 artigos¹⁷ de Frederico Carlos Hoehne sobre orquídeas, defesa da natureza e instituições científicas publicados no jornal *O Estado de São Paulo* e outros, além do *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*.

¹⁴ DUARTE, R. H. Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *História, Ciências, Saúde . Manguinhos*, vol. 11(1):33-56, jan.-abr. 2004, p. 38.

¹⁵ DUARTE, R.H. *A biologia militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

¹⁶ SÁ, D.M. de. *A Ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1995-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 174.

¹⁷ Distribuídos entre a década de 1920 a 1940.

Cabe observar que o material dos jornais foi obtido a partir de um levantamento próprio e que não se encontra catalogado no Instituto de Botânica de São Paulo. Foram pesquisados também os *Relatórios Anuais do Instituto de Botânica de São Paulo*.

A tese foi dividida em 3 capítulos. O primeiro “Colecionismo e Orquidofilia” procura historicizar o colecionismo de orquídeas na Europa e sua inserção no Brasil. Ao longo do capítulo discutimos o papel da Sociedade Brasileira de Orquidófilos, de onde se irradiam os valores da orquidofilia nacional e as práticas colecionistas. O segundo capítulo, “O espírito do orquidófilo ou como se fazia um amador”, discute a constituição do amador a partir de suas características distintivas. Procura igualmente mostrar como no interior do próprio grupo de amadores havia uma diferenciação de perfil, conforme é possível perceber pelas trajetórias individuais analisadas no capítulo. O terceiro e último capítulo, “Educando homens para educar plantas” se debruça sobre a figura de Frederico Carlos Hoehne e seu papel de divulgador sobre as orquídeas. Ao longo do capítulo, além da *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, outras publicações do botânico são retomadas com a finalidade de integrar as discussões acerca das orquídeas a um campo mais amplo de outras discussões relativas à botânica, defesa da natureza e do próprio papel do Instituto de Botânica de São Paulo.

CAPÍTULO I – Colecionismo e orquidofilia

1.1 - Colecionismo, plantas e orquídeas

O fenômeno social do colecionismo nos remete a uma série de circunstâncias históricas dadas por diferentes povos, sua geografia e hábitos culturais. Uma imensa gama de artefatos pode compor uma coleção, sendo esta uma instituição universalmente difundida e assentada na oposição entre o visível e o invisível, nas palavras de Pomian.

A dimensão ordenadora do colecionismo opera de tal maneira que os objetos perdem sua utilidade e, sob um novo arranjo, são “expostos ao olhar”. Trata-se de um processo pelo qual os objetos são impregnados de valores que demandam proteção, conservação, ou seja, implicam em cuidados como a confecção de álbuns, fotos, vitrines. Ademais, ao particularizar um conjunto de objetos os homens são moldados por eles, pelos comportamentos que esses lhe impõem.¹⁸

Como nos alerta Carlos Brigola, coleções ilustram “a irrupção de interrogações científicas”.¹⁹ Na Europa do século XVIII surgiram novas concepções e exigências metodológicas no âmbito das Ciências da Natureza que, gradativamente, modificaram o perfil das coleções. A *naturalia* e *artificialia* dos gabinetes vão cedendo espaço à exposição de objetos submetidos à especialização disciplinar, dentro de um processo que não se concluiu inteiramente nos setecentos, pois as curiosidades, objetos belos ou exóticos, ainda figuravam em meio às coleções científicas. No século XIX é que se completa o processo de autonomização da História Natural, inaugurando o campo disciplinar das Ciências Naturais.²⁰

¹⁸ POMIAN, K. Coleção. *Enciclopédia Einaudi. Memória/História*. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, Volume I, 1982, p.51-86.

¹⁹ BRIGOLA, J. C. *Coleccionismo no século XVIII*. Textos e documentos. Porto: Porto Editora, 2009, p.X-XI.

²⁰ KURY, L. B; CAMENIETZKI, C. Z. Ordem e Natureza: Coleções e cultura científica na Europa moderna *Anais do Museu Histórico Nacional*, n.29, p.57-58; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs). *Museus – dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

Existiram plantas que migraram de um acervo para outro. Por exemplo, as orquídeas tropicais habitaram o acervo de curiosidades e passaram a ser objeto de estudo das coleções científicas. É importante ressaltar que na Europa já eram conhecidas espécies de orquídeas, 13 no total, todas elas terrestres e de uso medicinal ou aromáticas. Como assinalou Keith Thomas, plantas eram estudadas em vista de seus usos humanos, motivo pelo qual os “botânicos” eram em sua maioria médicos e boticários. Em 1597, William Langham discutiu os usos medicinais das orquídeas na obra *The Garden of Health*. A *Orchis odorata* é mencionada por suas aplicações farmacêuticas no tratamento de febres, diarreias, fluxos de masculinidade e feminilidade, inflamações, evitando a luxúria e cura de feridas na boca e inchaços; a *Vanilla planifolia* é citada pelas aplicações como espécie aromática.²¹

As primeiras espécies de orquídeas destinadas a fins ornamentais que deram entrada na Europa abasteciam o gosto pela jardinagem exótica, especialmente na Inglaterra, onde comerciantes, militares e botânicos amadores começaram a realizar “importações”. Na segunda metade do século XVIII, o *Royal Botanic Gardens, Kew* (o *Kew Gardens*) introduziu espécies vindas das Índias Ocidentais a pedido do monarca George III. O jardim cumpriu um papel central na canalização dos interesses imperiais, exibindo o patrimônio botânico ao público e tendo como uma das ferramentas a “tradução do exótico e do tropical para áreas temperadas do mundo”. De acordo com o catálogo *Hortus Kewensis*, 15 espécies exóticas já eram cultivadas, em 1789, na Inglaterra.²²

²¹ REINIKKA, M. A.; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.06, BULPITT, C. J. The uses and misuse of orchids in medicine. *QJ Medicine*, vol.98, issue 09, Sept., 2005, p.625-631; THOMAS, K. *O homem e o mundo natural*: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.73.

²² O *Hortus Kewensis* é um catálogo organizado pelo botânico William Aiton (1731-1793) onde estão descritas as plantas cultivadas no *Kew Gardens*. Foi publicado em três volumes entre os anos de 1789, 1810 e 181. Os dois últimos, com informações acrescentadas pelo filho, também botânico, William Townsend Aiton (1766-1849). É uma das importantes fontes de informação sobre a história da horticultura na Inglaterra. Ver: AITON, W. *Hortus Kewensis* or A catalogue of the plants cultivated in the

A jardinagem exótica, de acordo com Keith Thomas, foi um “fenômeno europeu” irradiado por centros como a Itália, Espanha, Viena, França e Holanda. Na Inglaterra, que participou desse movimento desde o início, relaciona-se o processo ao surgimento das profissões de jardineiro e paisagista no século XVII. Além disso, o grande prestígio da horticultura²³ era atestado pelo aumento nos livros de jardinagem, que passaram de 19 títulos, no século XVI, para 600, no XVIII. O comércio ligado aos jardins, inicialmente de luxo, foi se popularizando e a jardinagem doméstica “se estabelecendo como um dos atributos mais característicos da vida inglesa” no início do período moderno.²⁴

A jardinagem inglesa, obviamente, lançou olhares sobre várias espécies. Além das orquídeas, as samambaias também foram plantas da moda por um curto período, de 1850 a 1890.²⁵ Ao mesmo tempo, a orquidofilia tornou-se uma verdadeira febre²⁶ e as orquídeas atingiram sua “plenitude ao se tornarem peças de celebração”.²⁷ O interesse por elas foi se expandindo entre particulares e sociedades, a exemplo da *Royal Horticultural Society of London*.²⁸ Houve ainda um grande desenvolvimento comercial, que incluía publicação de periódicos, livros e a especialização de empresas de

Royal Botanic Garden at Kew. London: Printed for George Nicol, Bookseller to his Majesty, 1789. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/23432#page/1/mode/lup>. Acesso em: 30 abr. 2012; REINIKKA, M. A.; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.20; JOHNSON, N.C. Cultivating science and planting beauty: the spaces of display in Cambridge’s botanical gardens. *Interdisciplinary Science Reviews*, vol.31, n.01, 2006, p.42-57.

²³ Na Europa, o termo Horticultura é utilizado para designar o cultivo de hortas e jardins. No Brasil, encontramos a palavra em jornais e livros entre finais do século XIX e princípio do XX. Posteriormente, o termo caiu em desuso e floricultura é utilizado para designar a produção de flores.

²⁴ THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.322-324.

²⁵ Sobre a Pteridomania ou Fern-fever; Ver: **BOYD, P. D. A. Pteridomania - the Victorian passion for ferns. Disponível em:** <http://www.peterboyd.com/pteridomania.htm>, Acesso em: 02 mai. 2012; BOYD, P. D. A. Ferns and Pteridomania in Victorian Scotland. Disponível em: <http://www.peterboyd.com/pteridomania2.htm>, Acesso em: 02 mai. 2012.

²⁶ Os ingleses utilizam o termo *orchid fever*.

²⁷ Refiro-me a afirmação de Pomian segundo a qual os “um semióforo acede à plenitude do seu ser semióforo quando se torna uma peça de celebração”. POMIAN, K. Coleção. *Enciclopédia Einaudi. Memória/História*. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, Volume Ia, 1982, p.72.

²⁸ A sociedade foi fundada em 1804, com o nome de *The Horticultural Society of London*. Em 1861, um decreto real do Príncipe Albert modificou o título para *Royal Horticultural Society* (RHS). Ver: <http://www.rhs.org.uk/About-Us/Who-we-are/History>

importação. Os historiadores William Beinart e Karen Middleton afirmam que o fluxo de plantas via Inglaterra poderia servir de instrumento de medida do tráfego de plantas durante o século XIX:

Um aparente desejo insaciável por aclimatar plantas exóticas e para hibridizar novos cultivares tornou a flora dos jardins britânicos a mais diversa do mundo. No século dezenove este movimento foi apoiado por uma grande produção de publicações, algumas lindamente ilustradas, muitas vezes por mulheres.²⁹

Para entender o crescimento da orquidofilia é importante observar um deslocamento cultural e histórico acerca do papel das orquídeas na natureza, ou seja, instruir sobre o modo de vida epífita (plantas que vivem sobre outras plantas), entendido até então como uma relação parasitária, pois havia a crença de que as orquídeas sugavam a seiva dos organismos hospedeiros. Nas primeiras publicações da *Royal Horticultural Society* existem várias menções às orquídeas como plantas parasitas. O secretário John Lindley (1799-1865),³⁰ que anteriormente utilizava essa nomenclatura, expôs em um artigo de 1831 que orquídeas não eram plantas parasitas, pois embora vivessem apoiadas sobre outras não retiravam nutrientes do hospedeiro. Com o material de diversos coletores ligados à agremiação e de outras partes da Europa, viu a oportunidade como propícia ao estudo intensivo dos gêneros e espécies e criou um

²⁹ BEINART, W; MIDDLETON, K. Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão. *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.dez., 2009, p.164.

³⁰ John Lindley escreveu inúmeras obras sobre orquídeas. Dentre elas: *Sertum orchidaceum: a wreath of the most beautiful orchidaceous flowers*. London, J. Ridgway, 1838, *The genera and species of orchidaceous plants*. London: Ridgways, 1840; *Folia orchidacea: An enumeration of the known species of orchids*. London: Published for the author, by J. Matthews, 1952-1859. Ocupou o cargo de secretário da *Royal Horticultural Society* e foi um dos fundadores do periódico *The Gardeners' Chronicle* (1841) juntamente com arquiteto Joseph Paxton. Lecionou no University College London, Chelsea Physic Garden e no Jardim Botânico da Society of Apothecaries at Chelsea onde ocupou o cargo de *praefectus horti*. Foi nomeado em 1861 para o cargo de Examinador de Botânica da University of London; REINIKKA, M. A; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.153-157.

sistema de classificação para a família *Orchidaceae*. Seus trabalhos eram simples e de fácil compreensão, motivo pelo qual foram largamente utilizados pelos horticultores.³¹

Posteriormente, métodos ditos “mais modernos” tomaram seu lugar, mas o sistema de Lindley “foi muito aceitável e utilíssimo para se reconhecer a pertinência de uma planta qualquer do grupo das *Orchidaceas*”, colaborando para o desenvolvimento entre os colecionadores de uma visão dos gêneros e espécies mais representativos, ou seja, a partir de características científicas e não mais como curiosidades.³²

A difusão da orquidofilia esteve diretamente relacionada ao comércio e às exposições da *Royal Horticultural Society*. As instituições científicas foram responsáveis pela introdução de espécies de outros continentes. Entretanto, o comércio de viveiros foi também significativo. Muitos dos profissionais europeus incorporados às instituições científicas passaram primeiro pela experiência dos viveiros, ou seja, eram comerciantes. Uma série de inovações, portanto, permitiu o cultivo de espécies tropicais. Pode-se dizer que a história da sociedade, bem como do comércio de horticultura, se confundem.

Entre as famílias de horticultores do período estavam os donos da *James Veitch & Sons*, os quais produziram a primeira orquídea híbrida artificial³³ em 1856, através do

³¹ A *Transactions of the Horticultural Society* foi publicada entre 1805-1830 (07 volumes) e de 1835-1848 (03 volumes). Analisamos toda a série publicada, especialmente a coluna Relatórios sobre plantas novas e raras. LINDLEY, J. Upon the cultivation of epiphytes of the Orchistribe. *Transactions of the Horticultural Society*, 2(1): 1831, 42–50.; *Transactions of the Horticultural Society*. Disponível em: <http://www.archive.org/details/transactionsofho06royauof>, Acesso em: 12 mai. 2012.

³² O botânico alemão Ernest Hugo Heinrich Pfitzer (1846-1906) criou uma classificação contrária a de Lindley. Para Pfitzer, o sistema de Lindley dera “importância excessiva aos órgãos florais”, ele, ao contrário, centrou-se na estrutura morfológica dos órgãos vegetativos das *Orchidaceas* utilizando-as como “indício da sua evolução e um elemento seguro para agrupá-las e distribuí-las num sistema natural”. HOEHNHE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.158.

³³ O processo de hibridação também ocorre de forma natural. Na natureza, os agentes polinizadores ao transportarem pólen podem levar esse material de uma espécie para outra, quando ocorre a fertilização de uma espécie pelo pólen de outra, o resultado são híbridos naturais. De acordo com o botânico neerlandês, Johannes Paulus Lhotsky (1867-1931) os cruzamentos naturais seriam a principal causa da variação das

trabalho do jardineiro-chefe John Dominy (1816-1891). Sabe-se que Dominy foi influenciado pelo cirurgião John Harris, com o qual adquiriu conhecimentos sobre botânica. Dentre eles, a informação de que a coluna das orquídeas (parte do órgão reprodutor das orquídeas) teria sofrido modificações, como outras plantas para receber pólen. Com esse dado, o jardineiro começou a polinização cruzada em 1853, mas ele desconhecia o agente responsável pela germinação e seu método era puramente empírico. Quatro anos após a apresentação da *Calanthe Dominii*, outras 05 plantas hibridizadas a partir do gênero *Cattleya* floresceram e foram exibidas *Royal Horticultural Society*. Seguiram-se híbridas de *Goodyera* e *Laelio-Cattleya* na década de 1860.³⁴

A *Calanthe Dominii* foi obtida pelo cruzamento de sementes (polinização cruzada) e gerou grande especulação entre os botânicos, que diante da novidade cogitavam uma reavaliação da taxonomia. Membros da *Royal Horticultural Society*, os Veitch eram ligados ao Comitê de Orquídeas, do qual Harry Veitch (1840-1924) foi presidente.³⁵ Por 15 anos, a produção de espécies híbridas restringiu-se às estufas Veitch e o método de Dominy foi por muito tempo um “segredo profissional”. Entre 1870 e 1880, outros orquicultores obtiveram resultados satisfatórios, mas também adotavam a estratégia de manter em sigilo os processos utilizados.³⁶

espécies. SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas. *Orquídea*, vol. 1, n.04, jun., 1939, p.142

³⁴ REINIKKA, M. A; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.77-79; HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.259.

³⁵ O Comitê de Orquídeas (Orchid Committee) foi criado em 1889 para gerir exposições e emitir certificados. Eram membros: John Dominy (*James Veitch & Sons*); Maxwell Tylden Masters (editor da *The Gardeners' Chronicle*); H. M. Pollett, (orquidófilo e editor de livros de horticultura); Frederick Sander (*Frederick Sander's Nursery* ou *Sanders St. Alban*), dentre outros. ELLIOTT, B. *The Royal Horticultural Society and its orchids: a social history. Occasional Papers from the Lindley Library*, vol.02, 2010, p.12.

³⁶ A família Veitch dedicou-se ao comércio de jardinagem desde o início do século XVIII. Nascido na Escócia, o patriarca John Veitch (1752-1839) mudou-se para Londres e posteriormente dirigiu-se a Exeter para trabalhar como jardineiro onde criou, em 1780, os jardins da Killerton House (nome atual). Em 1800, adquiriu um viveiro de plantas ornamentais que se expandiu sucessivamente. Seus filhos, destacando-se James Veitch (1792-1863), o acompanharam nos negócios e também os netos James Jr.

Outra família de viveiristas³⁷ ligada à sociedade foram os Loddiges. A *Loddiges & Sons* foi criada em 1777, por Joaquim Conrad Loddiges (1738-1826)³⁸ e logo depois, em 1790, iniciou a importação de plantas vivas. Nesse período, o transporte marítimo ocasionava muitas perdas e, com o intuito de abrandá-las, a empresa incorporou as *Wardian case*. Criadas em 1829, pelo médico Nataniel Bagshaw Ward (1791–1868), essas “estufas primitivas” reduziram consideravelmente a destruição dos exemplares e adquiriram notoriedade, justificando o aumento nas importações de orquídeas.³⁹ Os catálogos dos Loddiges, já em 1839, diferenciavam-se daqueles publicados por outros estabelecimentos ao trazerem descrições e instruções para a cultura das espécies. Além disso, o periódico *Botanical Cabinet*, iniciado por George Loddiges (1786-1846) em 1817, evidenciam o enorme fluxo de orquídeas tropicais coletadas e introduzidas nos viveiros, somando-se o total de 1916 espécies, em 1845. A *Royal Horticultural Society* pronunciou-se a respeito do viveiro, especialmente acerca do período administrado pelo herdeiro, considerando-o aquele que “deu um caráter

(1815-1869) e Harry Veitch (1840-1924). Quando o neto Harry assumiu as atividades sua prioridade era aumentar a importação de orquídeas, motivo pelo qual o envio de coletores para a América do Sul se intensificou. HERIZ-SMITH, S. James Veitch & Sons of Exeter and Chelsea, 1853-1870. *Garden History*, vol. 17, n.02 (Autumn, 1989), pp.135-153; HERIZ-SMITH, S. James Veitch & Sons, Chelsea: Harry Veitch's Reign, 1870-1890. *Garden History*, vol.20. n.01. (Spring, 1992), pp.57-70.

³⁷ Pessoa que trabalha com viveiro de plantas, ou os explora comercialmente. In: Novo Dicionário Aurélio versão digital.

³⁸ Joachim Conrad Loddiges (1776-1849) nasceu na Alemanha e recebeu treinamento de jardineiro na Holanda entre os anos de 1758 e 1761. Posteriormente foi para Londres e por volta de 1777 adquiriu um pequeno viveiro e loja de sementes. Após sua morte, os filhos George (1786-1846) e William (1776-1849) e o neto Conrad ([s.d]-1856) deram continuidade ao empreendimento. Além das orquídeas, os Loddiges cultivavam palmeiras e uma casa de vegetação com aquecimento a vapor que permitiu manter as espécies em bom estado na Inglaterra. JENNY, R. The Botanical Cabinet. *Lankesteriana*, 8(2), Aug., 2008, p.43-52; The late Mr. George Loddiges. *Journal of the Horticultural Society of London*. London: Published for The Society; by Longman and Co.; Paternoster Row, ad by all booksellers, vol.1, 1846, p.224

³⁹ Os debates apresentados na *Royal Horticultural Society* demonstram a importância que as tecnologias adquiriram na horticultura inglesa. Em 1844 e 1845, um associado, James Donald, realizou experiências com as *Wardian case* utilizando duas espécies de cactos: *Mammillaria pulchra* e *Echinocactus multiplex* obtendo resultados positivos. É válido destacar, embora o autor não o tenha feito, que essa última espécie é nativa do sul do Brasil, Uruguai e Argentina. DONALD, J. Ward's cases. *Journal of the Horticultural Society of London*, London: Published for The Society; by Longman and Co.; Paternoster Row, ad by all booksellers, vol.1, 1846, p.240.

científico para as grandes coleções de plantas raras cultivadas”, homem de conhecimento prático, todavia fluente no diálogo com os cientistas.⁴⁰

Cabe ainda mencionar a *Frederick Sander's Nursery*.⁴¹ Essa empresa nasceu do encontro de Henry Frederick Conrad Sander (1847-1920) com o colecionador de plantas Benedict Roezl (1823-1885). Por volta de 1867, Sander instalou uma loja de sementes em St. Albans (cidade do condado de Hertfordshire na Inglaterra) e associou-se a Roezl, do qual passou a receber grandes remessas de orquídeas e plantas tropicais. A Sander's foi responsável pelos registros de híbridos desde o final do século XIX e publicou várias listas com a relação das espécies conhecidas.⁴² De acordo com o historiador Brent Elliot, a *Royal Horticultural Society* planejava, desde 1880, a elaboração de um registro de cultivares⁴³ e empreendeu uma primeira tentativa nesse sentido, com a lista elaborada

⁴⁰ George Loddiges também é citado pela utilização pioneira de tecnologias. Membro da *Microscopical Society* “foi um dos primeiros membros a possuir microscópios. Armado com este instrumento magnífico e auxiliado por sua destreza manual preparou vários objetos de história natural”. A sociedade criada em 1839 tinha por objetivo promover “a investigação microscópica, a introdução e aperfeiçoamento do microscópio como um instrumento científico”. Ver: <http://www.rms.org.uk/About/history>; The late Mr. George Loddiges. *Journal of the Horticultural Society of London*. London: Published for The Society; by Longman and Co.; Paternoster Row, ad by all booksellers, vol.1, 1846, p.225; ELLIOTT, B. The Royal Horticultural Society and its orchids: a social history. *Occasional Papers from the Lindley Library*, vol.02, 2010, p.18.

⁴¹ Também chamada de *Sanders* (St. Albans). Frederick Sander e Benedict Roezl se conheceram quando eram funcionários do viveiro *James Carter & Co*, localizado em Londres (Forest Hill). Antes do final do século XX, a empresa criada por eles já tinha se expandido com filiais na Bélgica (1894) e Estados Unidos (1896). Em 1886, Sander patrocinou a *Reichenbachia*, obra com 192 aquarelas de orquídeas descritas pelo botânico alemão Heinrich Gustav Reichenbach (1823-1889). A arte ficou a cargo do pintor botânico Henry George Moon (1857-1905). REINIKKA, M. A.; ROMERO, G.A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.260-263.

⁴² Qualquer pessoa que produzisse um híbrido de orquídea podia solicitar seu registro na *Sander's (St. Albans) Ltd.* através do “Application for registration of an orchid hybrid”. Em 1901, 1915, 1921, 1946 e 1960, foram publicadas listas dos híbridos conhecidos. A última com o nome de *Complete list of Sanders Orchid Hybrids*. Ver: REINIKKA, M. A.; ROMERO, G.A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.83; Como registrar um híbrido? *Boletim da Sociedade Brasileira de Orquidófilos*, vol.01, n.01, fev., 1958, p.08-09.

⁴³ O termo cultivares está ligado à propriedade intelectual, ou seja, a concessões de direitos. Na Inglaterra, *Statute of Monopolies* foi instituído em 1623. No século XIX, surgiram nos Estados Unidos e França surgiram leis de patentes que regulamentavam a matéria de forma sistemática. Sobre privilégios e patentes no Brasil ver: DOSSANTOS, N. P. Privilégios Industriais no Brasil e a Química: O Formicida Capanema. Anais Eletrônicos do 10º Seminário nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Belo Horizonte, 2005.

pelo botânico Robert Allen Rolfe (1855-1921),⁴⁴ substituída, em 1915, pelas listas emitidas pela *Sander's*.⁴⁵

Não há dúvida de que a Inglaterra tornou-se referência nas culturas de orquídeas em toda a Europa. No periódico *L'horticulteur belge*, grande parte dos artigos destacam a importância das coleções inglesas na introdução de espécies, dos estabelecimentos particulares e das pesquisas de Lindley.⁴⁶ Mas há que se considerar também os esforços do horticultor Jean Jules Linden (1817-1898)⁴⁷, responsável pela introdução de cerca de 1.100 espécies na Bélgica e realizou inúmeras viagens de coleta (1835-1945) a países da América do Sul e Central. Fundou, com o filho Lucien Linden (1853-1940)⁴⁸, a firma *L'Horticulture Internationale* (Bruxelas), que concorria diretamente com o viveiro de Frederick Sanders. As publicações sob sua coordenação, como o mensário *L'illustration*

⁴⁴ Robert Allen Rolfe era curador do herbário do *Kew Gardens*. A lista mencionada foi publicada em: ROLFE, R. A.; HURST, C.C. *The orchid-stud book: an enumeration of hybrid orchids of artificial origin. With their Parents, Raisers, Date of First Flowering, References to Descriptions and Figures, and Synonymy*. Kew: F. Leslie, 1909.

⁴⁵ Embora a *Royal Horticultural Society* tenha assumido esse registro em 1915 é importante destacar que apenas em 1950 ela criou um programa internacional de registros de plantas. ELLIOTT, B. The cultural heritage collections of the RHS Lindley Library. *Occasional Papers from the Lindley Library*, vol.01, 2009, p.40.

⁴⁶ *L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs*. Bruxelles: A. Mertens, Tome I, 1833; *L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs*. Bruxelles: V. Ad. Stapleaux Imprimeur Libraire, Tome II, 1834; *L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs*. Bruxelles: V. Ad. Stapleaux Imprimeur Libraire, Tome III, 1836; *L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs*. Bruxelles: Société Encyclographique, Tome IV, 1837; *L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs*. Bruxelles: Société Encyclographique, Tome V, 1838.

⁴⁷ Jean Jules Linden nasceu em Luxemburgo e mudou-se jovem para a Bélgica onde estudou Ciências na Universidade de Bruxelas. Aos 19 anos partiu em uma expedição científica financiada pelo governo belga para o Brasil, onde permaneceu por 2 anos (esteve nos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo). Percorreu também a Colômbia, Venezuela, Guatemala, Cuba, México. Foi diretor do Jardim Zoológico de Bruxelas e cônsul de Luxemburgo. REINIKKA, M. A.; ROMERO, G.A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press Inc, 1995, p.204-207; Biographies. *Lankesteriana* 10 (2-3), Dec., 2010, p.194-195.

⁴⁸ Lucien Linden (*Lucien Charles Antoine Linden*) deu continuidade ao trabalho do pai. Publicou a *Lindenia a partir de 1891 (iniciada em 1844)*. Em 1894, na introdução do *Orchidées Exotiques et leur culture en Europe* referiu-se ao trabalho de seus precedentes, inclusive à herança paterna e afirmou “se a nomenclatura orquídeica é ainda submissa a algum acaso no seu futuro, a cultura de ao menos chegou aos nossos dias a uma perfeição tão grande que podemos tratá-la com alguma certeza e pensar em alguma maneira de codificá-la”. LINDEN, L. *Les Orchidées Exotiques et leur culture en Europe*. Bruxelles: l'Auteur, 1894, p.X.

*Horticole*⁴⁹, ficaram conhecidas pela qualidade das ilustrações de Alphonse Gossens (1866-1944) e as litogravuras de François Pannemaker (1822-1900).⁵⁰

Nessa trajetória de produção de conhecimentos sobre as orquídeas, a França também marcaria presença. No entanto, sua inserção teria sido mais tardia. Uma palestra reproduzida pela Sociedade de Horticultura da França indagava aos membros o porquê do gosto pelas plantas na França ser inferior ao visto na Inglaterra e Bélgica.⁵¹ Ainda que os horticultores desse país não tivessem um interesse tão intenso quanto o inglês, na segunda metade do século XIX os amadores já se reuniam em sociedades⁵² e um importante viveiro foi criado, *Vacherot et Lecoufle*. Este viveiro foi criado em 1886 por Henri Vacherot [s.d] em Boissy Saint Léger e suas atividades se expandiram ao longo do século XX. Segundo dados da *Royal Horticultural Society*, após a Primeira Guerra Mundial muitas empresas diminuíram sua participação nas exposições anuais da sociedade, mas a empresa francesa era uma das exceções.⁵³

Ao final do século XIX, o periódico *The Orchid Review*⁵⁴ destacava em seu programa que o cultivo de orquídeas tornara-se tão importante a ponto de ser

⁴⁹ O periódico citado mudou diversas vezes de nome. Anteriormente se chamava *L'illustration Horticole: Journal Spécial des Serres et des Jardins*, na ocasião em que foi criado, 1854, pelo horticultor Ambroise Verschaffelt (1825-1886). Em 1870, Linden adquiriu o viveiro de Verschaffelt e nomeou como editor o horticultor francês Edouard Andre e o periódico: *L'illustration Horticole: Revue Mensuelle des Serres et des Jardins*. Em 1880, renomeado para *L'illustration Horticole: Revue Mensuelle des Plantes les plus Remarquables*. Por fim, em 1880, com a entrada do orquidologista Émile Rodigas (1831-1902) passou a chamar-se *Le Journal des Orchidées*. Dahlias from *L'illustration Horticole*. Disponível em: <http://www.georgeglazer.com/prints/nathist/botanical/hort/hort-mums.html>, Acesso: 13 mai. 2012.

⁵⁰ REINIKKA, M. A.; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press Inc., 1995, p.210.

⁵¹ BERGMAN, E. Notice sur L'orchidophile, Traité théorique et pratique de la culture des orchidées, ouvrage de M. Le Comte François du Buysson. *Journal de la Société centrale d'Horticulture de France*, Paris: Tomo II, 1880, p.109-113.

⁵² Segundo um documento que temos em mãos a *Société des Orchidophiles Français* foi criada em junho de 1891. Encontramos também o ano de criação de 1895. Não sabemos se a agremiação criada em 1891 teve seu projeto abortado e retomado posteriormente. A *Société d'Horticulteurs, d'Arboriculteurs et Amateurs distingues*, fundada em 1877, mantinha um grupo de amadores de orquídeas; *Société des Orchidophiles Français*. *L'Orchidophile*, mai, 1891, p.129-132, CHAURÉ, L. *Le moniteur d'horticulture*. Organe des amateurs de jardins et d'orchidées. Paris: 1902.

⁵³ ELLIOTT, B. The age of international competition. *Occasional Papers from the Lindley Library*, vol.02, 2010, p.34-37.

⁵⁴ Periódico fundado por Robert Allen Rolfe em 1893, hoje administrado pela *Royal Horticultural Society*. *The Orchid Review*. London: West, Newman & Co., vol.01, n.01, Jan., 1893, p.I.

considerado um ramo especial da horticultura moderna. Nesse mesmo contexto, o tráfego de coletores enviados⁵⁵ ao Brasil já formava uma longa lista, dentre eles: David Bowman (1838-1868)⁵⁶; Henry Blunt [s.d]⁵⁷; William Boxall (1800-1879)⁵⁸; John Day (1824-1888)⁵⁹; George Don (1798-1856)⁶⁰; Jean Jules Linden (1817-1898)⁶¹; William Lobb (1809-1864)⁶²; Gustave Wallis (1830-1878)⁶³; Walter Davis (1847-1930)⁶⁴; Henry e William Harrison [s.d]⁶⁵; Ignatz Forstermann (1854-1895)⁶⁶; James Macrae [s.d]⁶⁷; John Weir ([s.d] -1889)⁶⁸; John Forbes (1798-1823).⁶⁹ Ao ingressarem no país, os coletores se associavam aos locais, denominados tiradores⁷⁰, em alguns casos treinando-os para minimizar perdas nas coletas e no transporte marítimo. A relação, pouco amistosa, segundo Benjamin Samuel Williams (1822-1890), tornava imperativo o treinamento, pois, os “homens nativos que ajudam a embalar são indiferentes aos bulbos e folhagens, que exigem muito cuidado ao serem manipulados”.⁷¹

Enquanto os viveiros propagandeavam a perícia com que eram treinados seus coletores, o periódico *The Gardeners' Chronicle* apontava, em 1900, uma redução na demanda por esses profissionais, mas orientava os interessados que a “qualificação

⁵⁵ Citamos apenas coletores reconhecidos pelo trabalho com orquídeas e que visitaram o Brasil. Alguns prestaram serviço para mais de um viveiro e instituições públicas; *Biographies. Lankesteriana* 10 (2-3), Dec., 2010, p.183-206.

⁵⁶ A serviço da James Veitch & Sons. Ano: 1866.

⁵⁷ Coletou para *Hugh Low & Co.* Viveiro fundado em 1831 por Hugh Low (1793-1863) e por seus descendentes, Stuart Henry Low (1826-1890) e Hugh Low (1824-1905). Ano: 1860-1870.

⁵⁸ Coletou para a *James Veitch & Sons* e *Hugh Low & Co.* Ano: 1844.

⁵⁹ Coletou por conta própria. Acreditamos que ofereceu seus espécimes para Reichenbach. Ano: 1881.

⁶⁰ Coletou para o *Chelsea Physic Garden* e a *Royal Horticultural Society*. Ano: 1821.

⁶¹ Horticultor belga, dono de viveiro. Ano: 1835 a 1837.

⁶² *James Veitch & Sons*. Ano: 1840-1844.

⁶³ Coletou para o horticultor belga Jean Jules Linden e *James Veitch & Sons*. Ano: 1856; 1872-1874.

⁶⁴ *James Veitch & Sons*.

⁶⁵ Ano: 1820. Não conseguimos localizar a empresa.

⁶⁶ Coletor da *Sanders* (St. Albans). São citados ainda: Osmer, Bestwood, Karl Kramer e Erich Bungeoth.

⁶⁷ *Royal Horticultural Society*. Ano: 1824.

⁶⁸ *Royal Horticultural Society*. Ano: 1861.

⁶⁹ *Royal Horticultural Society*. Ano: 1822-1823.

⁷⁰ Tirador é o nome dado ao indivíduo que vivia do extrativismo das orquídeas. Nas lavouras, como a do cacau, dá-se o mesmo nome a mão de obra empregada.

⁷¹ Como veremos no capítulo III, os botânicos brasileiros F. C. Hoehne e Barbosa Rodrigues creditam aos nativos um conhecimento sobre a flora local que devia ser absorvido pela ciência. WILLIAMS, B. S. *The Orchid Grower's Manual*. Containing descriptions of the best species and varieties Orchidaceous plants. London: Published at Victoria and Paradise Nurseries, 1885, p. 19. (Sixth edition)

necessária para o cargo seria o profundo conhecimento das plantas já em cultivo no país, e os melhores lugares para adquirir tais conhecimentos eram os jardins botânicos e os viveiros”. Algumas publicações indicavam uma tendência de “popularização” no comércio. Segundo L. Castle, as orquídeas estariam encontrando o caminho para os jardins da classe média.⁷²

1.2 – O colecionismo das orquídeas brasileiras:

O desejo pelas orquídeas tropicais tornará o Brasil um dos destinos privilegiados para abastecer as coleções europeias privadas e de instituições públicas. De acordo com Guido Pabst (1914-1980)⁷³ e Fritz Dungs (1915-1977),⁷⁴ esse interesse comercial permitiu aos botânicos europeus realizarem estudos a partir plantas vivas, o que ‘anteriormente era efetuado apenas com coleções científicas.’⁷⁵ As viagens de coletas no Brasil, durante o século XIX, converteram-se em um “grande emaranhado de rotas”:

⁷² Os viveiros utilizavam os nomes dos coletores mais famosos em sua publicidade. Além da perícia, destacavam também os acasos, perigos e infortúnios ligados à atividade. Nesse sentido, é interessante perceber o argumento utilizado pelo coletor Albert Millican segundo o qual a pilhagem e extermínio de algumas espécies (da Colômbia) como obra de “coleccionadores modernos”; *The Gardeners' Chronicle*, vol. XXVII, May., 1900, p.320, CASTLE, L. *Orchids: their Structure, History & Culture*. London: Journal of Horticulture Office, 1886; *Orchids and orchid hunters. An interview with Mr. Frederick. Otago Witness*, Issue 2002, 14 May., 1896, p.49. Disponível em: <http://paperspast.natlib.govt.nz/cgi-bin/paperspast?a=d&d=OW18960514.2.240.3&e=-----10--1----2-->, Acesso em: 10 abr. 2012; MILLICAN, A. *Travels and adventures of an orchid hunter*. London: Cassel & Company, Limited, 1891, p.163.

⁷³ Guido Frederico João Pabst, doravante designado Guido Pabst, era diretor executivo da empresa aérea Varig, mas ficou conhecido como botânico autodidata. Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Orquidófilos (SBO) e colaborador da revista *Orquídea*.

⁷⁴ Fritz Dungs “nasceu em 1915, em Colônia, Alemanha. Mas viveu no Brasil desde 1923 onde faleceu em 1977 na sua propriedade de Nova Friburgo. Começou a interessar-se por orquídeas em 1957, coletando principalmente no Estado do Rio de Janeiro. Era um estudioso apaixonado dos problemas ecológicos”, PABST, G. F. J; DUNGS, F. Coletores. In: *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.2. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 1978.

⁷⁵ Os autores distinguiram espécies herborizadas (coleção científica) e plantas vivas (coleção viva ou orquidário). É importante ressaltar que ambas possuem valores bem distintos, portanto, elas tomam conotações diferentes dentro da academia. De acordo com o biólogo Vinícius Albano “O museu morto é muito mais abrangente já que contém além de uma diversidade biológica muito maior, a possibilidade de fazer muitas inferências sobre a história evolutiva, muitas vezes possui exemplares de espécies extintas. Oferece também dados de distribuição geográfica podendo gerar resultados importantes sobre a paisagem atual dos biomas. Os museus vivos possuem objetivos mais específicos, como por exemplo, amostra da biodiversidade local ou tentativa de propagação e conservação de espécies ameaçadas ou que possuem

Torna-se difícil traçar num mapa os roteiros das diversas expedições, geralmente iniciadas no Rio de Janeiro, antiga capital do país e em seus arredores com referências sempre repetidas a Corcovado, Gávea, Pedra Bonita, Tijuca, Botafogo, Praia Vermelha, Copacabana, Sepetiba, Mangaratiba, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo e Cabo Frio hoje áreas totalmente urbanizadas. Um mapeamento destas expedições mostraria uma série de linhas sobrepostas, até 50 em alguns casos, e, portanto totalmente ininteligíveis.⁷⁶

Além do Rio de Janeiro, outras regiões do país receberam coletores. No entanto, o botânico alemão Rudolf Schlechter (1872-1925)⁷⁷ apontava que alguns estados raramente eram citados como região de origem de orquídeas (Espírito Santo, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão). Tal fato se justificava pela pequena penetração de botânicos ou coletores nessas regiões, e também por outros condicionantes econômicos:

Temos, pois ante nós regiões cuja flora é menos explorada. Mesmo os grandes estados do interior, como o Amazonas, Mato Grosso, Goiás e especialmente Minas Gerais, são bastante melhor conhecidos do que pequenos Estados do litoral, de fácil acesso, acima mencionados. Alguns deles são de menor importância econômica, não admirando, pois, que se lhes tenha dispensado menos atenção do que aos importantes complexos territoriais do interior.⁷⁸

Ainda de acordo com Guido Pabst e Fritz Dungs, a expedição de Johann Spix (1781-1826) e Carl Martius (1794-1868) e a publicação da *Flora Brasiliensis* (1906)

seus habitat naturais reduzidos”. ALBANO, V. *Publicação eletrônica* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por valeriamara@gmail.com em 04 de abril de 2011; PABST, G. F. J.; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.2. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, p.36 e 87.

⁷⁶ PABST, G. F. J.; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.1. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 1975, p.35.

⁷⁷ Nascido em Berlim, Friedrich Richard Rudolph Schlechter foi aprendiz de jardinagem muito jovem. Aos 19 anos deixou a Europa para realizar expedições botânicas pela África, depois Sumatra, Java, Nova Guiné, Austrália, dentre outros. Em todos esses locais estudou orquídeas e coletou espécimes que depois foram levadas a Alemanha. Atuou como curador do Museu Botânico de Dahlem, período no qual estudou espécies da América tropical. Schlechter mantinha contato com Albino *Hatschbach* Sobrinho (1890-1974), residente em Curitiba (PR) que atuou como seu correspondente e coletor. O material de herbário fornecido resultou em uma lista de espécies publicada em 1925 pelo botânico. Ver: REINNIKA, M. A.; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p. 293; SCHLECHTER, R. Contribuição ao conhecimento da flora orquídea do Paraná *Orchidaceae Hatschbachiana*. *Orquídea*, vol.07, nº 02, dez., 1944, p. 52-72; SCHLECHTER, R. Contribuição ao conhecimento da flora orquídea do Paraná *Orchidaceae Hatschbachiana*. *Orquídea*, vol.07, nº 03, mar., p. 92-106, p. 120-124.

⁷⁸ SCHLECHTER, R. A Flora Orquídea do Rio Grande do Sul, *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p.223. (Texto escrito originalmente por volta de 1920)

marcaram o início dos estudos científicos sobre a família *Orchidaceae*. No Volume III, Parte IV, constam os trabalhos do botânico belga Alfred Cogniaux (1841-1916)⁷⁹, de cuja elaboração participou o botânico João Barbosa Rodrigues (1842-1909)⁸⁰, “que cedeu para esse fim seus desenhos e aquarelas”. Iniciado em 1893, o volume III levou 13 anos para ser finalizado e seguia o sistema de classificação proposto por Ernest Pfitzer.⁸¹ Segundo Magali Romero Sá, em 1892, Barbosa Rodrigues disponibilizou seus “desenhos de orquídeas ainda inéditos e descrições das espécies novas” para Cogniaux utilizar na obra de Martius.⁸²

É importante destacar que as coletas resultavam de/em trabalhos sistemáticos quando havia um interesse específico pelo gênero de cientistas ou empresas. Ciclos de coleta são variáveis e condicionados pela acessibilidade e objetivos. Muitos dos botânicos e coletores que chegaram ao Brasil a partir de 1808 organizaram coleções contendo espécimes de orquídeas. O material não descrito era incorporado a herbários, servindo posteriormente a estudos especializados. Dessa forma, profissionais que não associamos diretamente à orquidologia são citados no volume III da *Flora Brasiliensis* por suas coletas, tais como: Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852); Friedrich Sellow (1789-1831); Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825); Auguste de Saint-Hilaire

⁷⁹ Célestin Alfred Cogniaux era um botânico dedicado à classificação e não teve formação acadêmica em botânica. Em 1862, foi um dos fundadores da *Société Royale de Botanique de Belgique*. De 1872 a 1880, foi contratado do *National Botanic Garden of Belgium*. Ainda em 1872, recebeu o convite do August Eichler, na época o botânico responsável pela publicação da *Flora Brasiliensis*, para participar da elaboração do volume das orquídeas. Publicou também o *Dictionnaire iconographique des orchidées* (publicado em 15 partes de 1896-1907). Fundou o suplemento mensal *Orchidéenne Chronique* em 1897 e foi colaborador das revistas volumes posteriores do *Lindenia* e o *Journal des Orchidées*; REINNIKA, M. A.; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.250-255; Alfred Cogniaux. Disponível em: <http://www.br.fgov.be/PUBLIC/GENERAL/HISTORY/cogniaux.php>, Acesso em: 08 abr. 2012.

⁸⁰ Doravante designado Barbosa Rodrigues, Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 1890-1909, realizou estudos sistemáticos sobre a nossa flora orquídea desde a década de 1870. Ver: SÁ, M. R. O botânico e o mecenas: Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), p. 899-924; O volume dedicado a *Orchidaceae* conta de 03 publicações, a primeira de 1895. As mesmas aquarelas foram utilizadas no *Iconographie des Orchidées du Brésil*, obra de Barbosa Rodrigues publicada em 1996. PABST, G. F. J; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.1. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 1975.

⁸¹ Ver nota 14.

⁸² SÁ, M. R. O botânico e o mecenas: Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), p.911.

(1779-1853); Ludwig Riedel (1790-1833); Peter Wilhelm Lund (1801-1880), Eugenius Warming (1841-1924).⁸³

Até onde constatamos, o único brasileiro no oitocentos com projeção de autoridade na orquidologia foi o botânico João Barbosa Rodrigues. Autodidata, seu estudo sobre as orquídeas, apresentado em 1870, não foi reconhecido de imediato como realização científica. Antes de sua indicação para dirigir o Museu Botânico do Amazonas, em 1883, seus trabalhos foram acolhidos pelas seguintes revistas: *Ensaio de Sciencia*⁸⁴, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, e a *Revista de Horticultura*. De acordo com o estudo de Guilherme Mazza Dourado, para esse último periódico, “o colaborador mais ativo foi de longe Barbosa Rodrigues, que assinou oito artigos distribuídos pelos números de janeiro, fevereiro e março de 1876, fevereiro, agosto e outubro de 1877, fevereiro de setembro de 1878”.⁸⁵

Ao longo do caminho percorrido até ser reconhecido como profissional, Barbosa Rodrigues recebeu apoio irrestrito de Guilherme Schüch (1824-1908)⁸⁶, Barão de Capanema. Por sua iniciativa, o trabalho do brasileiro chegou às mãos do botânico

⁸³ Warming se refere a uma coleção viva de orquídeas enviada ao Jardim Botânico de Copenhague e estudada pelos orquidólogos: Cogniaux, Eichler e Engler; KOHLER, R. E. *All creatures. Naturalists, collectors and biodiversity, 1850-1950*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2006, p. 04. Uma lista completa dos coletores citados na *Flora Brasiliensis* encontra-se em: PABST, G. F. J; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.1. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 1975; WARMING, E. *Lagoa Santa - A vegetação dos cerrados brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973, p.13.

⁸⁴ Periódico fundado por Barbosa Rodrigues, Capanema e Baptista Rodrigues em 1876 destinado à divulgação científica, teve apenas 03 números. SÁ, M. R. O botânico e o mecenas: Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), p.922.

⁸⁵ A *Revista de Horticultura* foi criada no ano de 1876, pelo botânico autodidata e paisagista Frederico Guilherme de Albuquerque (1839-1897), o qual atuou como praticante da Seção de Botânica do Museu Nacional entre 1863 e 1875. As razões de seu afastamento são desconhecidas. De 1889 a 1892 foi administrador do Jardim da Luz (SP). DOURADO, G. O. M. *Belle Époque dos Jardins: Da França ao Brasil do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008, p.146.

⁸⁶ Guilherme Wilhelm Schüch, engenheiro e naturalista, estudou no Instituto Politécnico de Viena por 05 anos como bolsista do Imperador Pedro II. Complementou os estudos na Academia de Minas de Freiberg. Professor da Escola Militar (1847/48-1870), membro do Instituto Histórico e Geográfico (IHGB) e um dos fundadores da *Sociedade Velosiana*. Sobre sua trajetória ver: FIGUEIROA, S. F. de M. *Ciência e Tecnologia no Brasil Imperial: Guilherme Schüch, Barão de Capanema (1824-1908)*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34, jul., 2005 p.437-455.

alemão, especialista em orquídeas, Heinrich Gustav Reichenbach (1823-1889),⁸⁷ que propôs uma publicação em coautoria. Barbosa Rodrigues dispensou a parceria e publicou, com receio de perder prioridade científica, suas diagnoses em 1877, no *Genera et Espécies Orchidearum Novarum*. Na introdução, defende seu trabalho como “obra da ciência brasileira” e envia uma provocação à Reichenbach:

Diz o Professor Reichenbach sobre a impossibilidade, fora da Europa, para comparar espécies, para estabelecer a identidade “ou diferenças”, é perfeitamente exato, especialmente no Brasil onde não existem aulas sobre herbários, e as nossas bibliotecas muito incompletas estão longe de trabalhos modernos que poderiam nos atualizar sobre o progresso da ciência. Por esta razão, e apesar dos meus esforços e cuidados, é possível que, na minha classificação das espécies, eu considere espécies como novas, não descritas noutra local. Eu reclamo, sobre este ponto, toda a indulgência dos estudiosos e seus confrades.⁸⁸

Em 1882, veio a lume o segundo tomo do *Genera et Espécies Orchidearum Novarum* e, em 1883, o *Structure des Orchidées*. Os trabalhos de Barbosa Rodrigues eram exceções em um universo de estudos, onde tudo que se conhecia sobre as orquídeas nativas era da alçada de botânicos estrangeiros. Ao coligir os especialistas do final do século XIX, Lucien Linden referiu-se ao pequeno grupo de autores responsáveis pela descrição⁸⁹ de orquídeas, no qual incluiu Barbosa Rodrigues, “diretor

⁸⁷ Heinrich Gustav Reichenbach (Alemanha, 1823-1889) dedicou-se às orquídeas desde os 18 anos. Em 1863, foi nomeado para os cargos de professor de botânica e diretor do Jardim Botânico Universidade de Hamburgo. Suas obras são reconhecidas pelo rigor botânico e estético. Convidado pelo botânico alemão August Eichler, responsável à época pela publicação da *Flora Brasiliensis*, para coordenar a publicação dedicada às orquídeas, Reichenbach desistiu e fora substituído por Alfred Cogniaux. REINNIKA, M. A.; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.153-158 e 215-218; SÁ, M. R. O botânico e o mecenas: Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), p.910.

⁸⁸ Tradução livre. BARBOSA RODRIGUES, J. *Genera et Espécies Orchidearum Novarum I*. Rio de Janeiro: C. et H. Fleiuss, 1877.

⁸⁹ No período em questão as regras de nomenclatura obedeciam ao *Lois de la nomenclature botanique*, promulgado no Congresso Internacional Botânica de Paris em 1867 (redação de Alphonse de Candolle). Atualmente, para que um pesquisador descreva uma espécie é necessário eleger o espécime-tipo, aquele que serviu de base para levantamento de dados morfológicos da espécie e depósito do material testemunho (exsicata) em um herbário público. A descrição das características morfológicas deve vir seguida de uma diagnose em latim ou em inglês (mudança atual do Código Internacional de Nomenclatura Botânica). Para validar o nome da espécie é necessária a publicação em periódicos de ampla circulação. Ver: International Association for Plant Taxonomy, <http://www.iapt-taxon.org/nomen/main.php?page=art9>

do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que descobriu e descreveu um grande número de orquídeas do Brasil”.⁹⁰

Acerca do colecionismo de orquídeas entre particulares no Brasil do século XIX temos poucas informações. Encontramos documentação atestando a presença de amadores em Minas Gerais no ano de 1877, em uma exposição promovida pelo Centro da Lavoura e Comércio. Uma “rica coleção de parasitas do município” foi exposta em uma das salas proporcionando alegria “aos amadores de orchideas com a coleção que era variada e de ricos exemplares”.⁹¹

Os testemunhos produzidos pelas sociedades de orquidófilos – das quais falaremos adiante – sugerem que antigas coleções tiveram continuidade por meio dos herdeiros dos colecionadores ou venda. Esses registros, divulgados nas publicações internas das agremiações, indicam ainda que amadores dispunham de seus exemplares para a pesquisa de botânicos. O nome que exemplifica tal relação é o de Barbosa Rodrigues (1842-1909), que no primeiro número da série *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro* analisa a espécie *Cattleya Aquinii* remetida pelo amador Francisco de Aquino:

A espécie em questão é raríssima. Achada no Rio Grande do Sul me foi comunicada pelo correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em Porto Alegre, apresentando o exemplar duas magníficas flores, tendo no ano anterior dado quatro. O nome específico que proponho é o desse correspondente o Sr. Francisco de Aquino, distinto amador de plantas e de orchideas, o qual a descobriu e a tem cultivado ha oito anos, tendo dela feito multiplicações.⁹²

⁹⁰ São citados: o belga Alfred Cogniaux; Joseph Hooker (1817-1911), Robert Allen Rolfe e Nicholas Edward Brown (1849-1934) do *Kew Gardens*; o horticultor e colaborador da revista *The Gardeners' Chronicle* James O'Brien, o professor alemão Friedrich Kränzlin (1847-1934); Frederick William Moore (1857-1949) diretor do Jardim Botânico de Glasnevin/Irlanda; Henry Nicholas Ridley (1855-1956), diretor do Jardim Botânico de Singapura. LINDEN, L. *Les Orchidées Exotiques et leur culture en Europe*. Bruxelles: l'Auteur, 1894, p.53.

⁹¹ As palavras parasitas e orchideas sempre aparecem como sinônimas nas publicações desse período; *A Província de Minas Gerais*, Ouro Preto, ano VII, n.392, 21 out., 1886, p.02.

⁹². A correspondência é datada de 06 de novembro de 1891. Centenário de Barbosa Rodrigues, *Orquídea*, vol.04, n.03, mar., 1942, p.123-125. BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim*

A relação entre Barbosa Rodrigues e o orquidófilo Francisco de Aquino foi tema da revista *Orquídea* em 1942. Ano do centenário de nascimento do botânico e da Semana de Barbosa Rodrigues, promovida pelo Ministério da Agricultura, o periódico publicou uma carta inédita (propriedade do orquidófilo Urbano Kley que se autointitulava discípulo de Aquino) na qual o botânico e o amador se referem à *Cattleya Aquinii* e a descrição que viria a público. Para Barbosa Rodrigues, a descrição e classificação da espécie se revestiram de especial importância, pois confirmava uma tese de sua autoria acerca de anomalias florais, publicada em 1883.⁹³ Em suas palavras, a *Cattleya Aquinii* “é uma planta que confirma a teoria que estabeleci baseada nos frutos normais desta família e nas flores consideradas monstruosidades”. Ao longo da série citada acima, o botânico celebra as descrições realizadas por um filho do Brasil “acolhidas e reconhecidas pelo mundo sábio estrangeiro”, e frisa que a tarefa de aumentar o número de plantas indígenas no Jardim Botânico em sua administração estava associada à nomeação de “correspondentes em diversos estados da República”.⁹⁴

Botânico do Rio de Janeiro. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1891, p.25.

⁹³ A referida teoria (anomalias florais ou pelória) foi publicada em *Structure des Orchidées*. A espécie classificada como nova em 1891 foi revista. Em 1900, a revista *The Gardeners' Chronicle* referiu-se à orquídea como *Cattleya intermedia* var. *Aquinii*. A firma Stuart Low & Co apresentou em 1922 uma flor híbrida com o nome de *Cattleya Dusseldorfei Aquinii* que confirmou que a espécie de Barbosa Rodrigues era realmente uma variedade, pois transmitia aos descendentes seus caracteres; *Cattleya Dusseldorfei Aquinii*. *The Orchid Review*, London: Orchid Review Ltd, vol. XXX, n. 343, Jan., 1922, p.202-203; “*Cattleya Intermedia* Var. *Aquinii*”. *The Gardeners' Chronicle*, vol. XXVII, third series, Feb., 1900, p.92; BARBOSA RODRIGUES, J. *Structure des orchidées – Notes d'une étude*. Rio de Janeiro: Typographie Nationale, 1883.

⁹⁴ Embora Barbosa Rodrigues cite outros correspondentes, apenas Francisco de Aquino foi denominado como “amador de orquídeas”. Outros nomes aos quais se referiu: Nelson Tobias de Mello (Minas Gerais); João Antônio de Figueiredo (Paraíba); Antônio Gomes de Azevedo Sampaio (Paraíba); Júlio Henrique da Silva (Paraíba); Castro Costa (Amazonas); BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro II*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1893, p.14; BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro III*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1893, p.10; BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro V*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1896, p.03/04; BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro VI*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1898, p.09.

Quanto ao setor comercial, em 1870, um estabelecimento hortícola foi criado em Petrópolis (RJ) por Pedro Maria Binot (1851-1911), o *Etablissement P. M. Binot*. Filho do horticultor francês Jean Baptiste Binot (1810-1894)⁹⁵, e afilhado do imperador Pedro II. Maria Binot lançou-se no mercado hortícola após estudar jardinagem na *École d'Horticulture van Houtte* (Gand/Bélgica)⁹⁶. Seu nome é citado com frequência em periódicos europeus na qualidade de exportador e introdutor de novas espécies na França e Bélgica:

Entre as plantas que o Sr. Binot introduziu na Europa nas recentes importações, citamos com prazer com a *Stelis megantha* Barb. Rodr., que era desconhecida em nossas culturas e está prestes a florescer o único exemplar do Jardim Botânico de Bruxelas.⁹⁷

Outro coletor residente no Brasil foi o francês Charles Pinel (1802-1871). Estabelecido em Nova Friburgo (RJ), começou a exportar orquídeas para a Europa antes de 1850, especialmente para a Inglaterra, onde John Lindley dedicou-lhe o gênero *Pinelia* (1853). No *Folia Orchidaceae*, Lindley observa que a espécie enviada (exsicata) por Pinel continha também anotações manuscritas e um desenho. O material era deficiente nas partes de frutificação (órgãos de reprodução), mas lhe permitiu mostrar que aquela era uma nova espécie.⁹⁸

⁹⁵ Jean Baptiste Binot chegou ao Brasil em 1838 estabeleceu-se no Rio de Janeiro e por volta de 1848 adquiriu uma propriedade na cidade de Petrópolis transformada em viveiro de plantas. É responsável pela elaboração dos jardins do Palácio Imperial de Petrópolis (hoje Museu Imperial); GUBERMAN, M. C. Jean Baptiste Binot, um artista francês nos trópicos. *19 & 20*, Rio de Janeiro, v. V, n. 1, jan., 2010. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_jbbinot.htm, Acesso em: 25 jun. 2012.

⁹⁶ Escola de Horticultura fundada pelo horticultor belga Louis Benoît van Houtte (1810-1876). Foi também um dos fundadores da revista *L'Horticulteur Belge* e da *Flore des serres et des Jardins de l'Europe*. Excursionou pelo Brasil em busca de orquídeas no ano de 1834 passando pelos estados de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Paraná; Louis van Houtte (1810-1876). Disponível em: <http://www.plantexplorers.com/articles/louis-vanhoutte.htm>, Acesso em: 25 jun.2012.

⁹⁷ Tradução livre. *Chronique Orchidéene*, vol. II, n.09, oct., 1906, p.65.

⁹⁸ Acreditamos que o desenho citado foi feito por sua filha Joana, que era aquarelista. LINDLEY, J. *Folia Orchidaceae* – An enumeration of the known species of orchids. London: Published for the author, by J. Matthews, vol.01, 1852-1855. (Pinelia, feb.19,1953); ALMEIDA, W. Carlos Pinel, um orquidologista pouco conhecido, *Orquídea*, vol.06, n.01, set., 1943, p.33.

Também instalou-se no país o comerciante suíço Jacques Samuel Blanchet (1807-1875), o qual viveu na Bahia de 1828 a 1856 a serviço da firma exportadora *Gex & Decosterd Frères* e do consulado da Suíça. Paralelamente formava coleções - com o auxílio de intermediários e coletores pagos -, enviadas para diversos especialistas na Europa.⁹⁹

Relevante mencionar também que a cidade do Rio de Janeiro concentrava um número considerável de floriculturas, de propriedade de estrangeiros ou brasileiros, dedicadas ao comércio de espécies ornamentais. Em 1877, o *Almanaque Laemmert* enumerava 11 estabelecimentos dessa categoria, dentre eles: “Frederico Groth; Guimarães & Gomes; José Maria Vieira, Manoel Francisco de Castro Figueiredo; Manoel Martins de Castro & Filho; Mello & Goulart; Rodrigues & Silva”.¹⁰⁰

Consideramos ainda a necessidade de visualizar esse trânsito de espécimes também pela via oposta, ou seja, os contatos comerciais entre os continentes permitiram a entrada de plantas ornamentais exóticas no Brasil. Conforme assinala o arquiteto Guilherme Mazza Dourado, a circulação de jardineiros e paisagistas de origem francesa na América do Sul, entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, teria fomentado uma cultura paisagística.¹⁰¹

Se na Europa as coleções de orquídeas eram símbolo de *status*, em terras brasileiras a adesão aos costumes europeus fazia-se também pelos jardins adornados com jasmims, peônias, magnólias e tulipas. De fato, modismos orientavam o gosto pelas

⁹⁹ Para dados mais detalhados sobre Samuel Blanchet ver: HOEHNHE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.35-40.

¹⁰⁰ DOURADO, G. O. M. *Belle Époque dos Jardins: Da França ao Brasil do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008, p.179.

¹⁰¹ Refiro-me a espécies ornamentais de forma geral. DOURADO, G. O. M. *Belle Époque dos Jardins: Da França ao Brasil do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008, p.87-90.

flores, a ponto de um comentarista expor que “a influência da moda tem papel preponderante na apreciação do valor relativo das orquídeas”.¹⁰²

Duas iniciativas relativas às orquídeas partiram da Sociedade Nacional de Agricultura (1897).¹⁰³ A primeira, em 1903, durante a 1ª Exposição Nacional de Aparelhos a Álcool, onde uma estufa para orquídeas movida pelo combustível foi exposta ao lado de alambiques, carros, etc. A segunda, na Exposição Nacional de 1908. De acordo com Alda Heizer, “a Exposição pretendia transparecer aos olhos do mundo a imagem de uma República recém-inaugurada, de homens livres, numa cidade cartão-postal, de um país dotado de riquezas naturais, em fase de industrialização e fazendo ciência”. Dentre as riquezas exposta no pavilhão da Sociedade estava uma coleção de orquídeas noticiada pela imprensa da seguinte forma:

O apreciador de orchideas encontrará muito que ver, muito que admirar na seção de parasitas que figura no Pavilhão da Sociedade Nacional de Agricultura. Todos os exemplares das diferentes orchideas se acham não só classificados, como acompanhados de uma litographia representando as respectivas flores com rara fidelidade de formatos e cores. Foram tiradas essas gravuras do ‘Dicionário Iconográfico’ uma completa publicação do gênero.¹⁰⁴

Nas primeiras décadas do século XX, as publicações especializadas já mencionavam a escassez de determinadas espécies, paradoxalmente, no momento em que as condições de transporte tornavam mais acessíveis algumas localidades, especialmente por vias férreas.¹⁰⁵ As orquídeas brasileiras não fugiram à regra. Entre as décadas de 1920 e 1930, as opiniões acerca dessas flores multiplicavam-se na imprensa

¹⁰² SILVA, M. F. da. As flores das Orchideas. *A Rua*, Rio de Janeiro, 23, nov., 1915, p.04.

¹⁰³ Sobre o setor agrícola e a Sociedade Nacional de Agricultura ver: JUNGSMANN, M. B., CHOR MAIO, M. Ciência, positivismo e agricultura: uma análise do Ministério da Agricultura, indústria e comércio na Primeira República. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol.27, n.46, jul.dez., 2011, 689-709.

¹⁰⁴ HEIZER, A. O Jardim Botânico de Barbosa Rodrigues na Exposição Nacional de 1908. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, ano IV, vol.04, n.03, jul.ago.set., 2007, p.03; Exposição Nacional de 1908. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 06, set., 1908.

¹⁰⁵ A escassez a que me refiro é a determinada pela retirada de áreas naturais, porém alguns espécimes ocorrem naturalmente nessa condição.

escrita. Conviviam lado a lado as falas de exaltação da flora e ensinamentos, com o intuito de convencer uma parcela da população do não parasitismo das espécies:

O Brasil é a terra das mais belas e raras orquídeas. Mas, bem escassos são os patrícios que sabem tirar proveito delas. Digamos, sem rebuços, a grande maioria de nossa gente nem ao menos sabe o que vem a ser uma orquídea. As “Rainhas das Selvas”, que, na Europa, América do Norte e Índia e outros países, são cultivadas com o maior desvelo e carinho, recebem, em nosso país, de nossos patrícios, o apelido de “parasitas”. Pelo fato de viverem sobre as árvores são consideradas parasitas. E, como os parasitas, gozam má fama, as Orquídeas são tidas como portadoras de azar. Isso está errado. Para honra de nossa cultura intelectual, essa maneira de classificar precisa desaparecer. Ela depõe contra nosso adiantamento. Vamos abolir tamanho absurdo. Se a Orquídea é parasita porque vive sobre uma árvore, então também o homem que monta um cavalo é parasita. Aprendamos a chamar essas belas plantas pelo seu verdadeiro nome, para o estrangeiro que nos ouve, não nos considere tão ignorantes, a ponto de não sabermos distinguir entre uma parasita e uma simples epífita.¹⁰⁶

Tal qual o processo ocorrido na Europa, no Brasil foi necessário educar o público com relação à biologia das orquídeas, utilizando para isso as implicações morais que tal conhecimento produziria:

Longe de motivarem suspeitas em nossa mente, as *Orchidaceas* deverão se admiradas como os vegetais mais favorecidos pela natureza, como os mais próprios para nos fornecerem ensinamentos úteis e aplicáveis a nossa própria vida. Elas conseguiram tirar vantagem de um dano inicial, utilizando-o como recurso para se emanciparem do solo. Por isso podem crescer agora entronizadas nos ramos das vetustas árvores, sobre as abruptas penhas, sem sentirem falta, gozando o ar puro, livre das muitas pragas rastejantes, que povoam o chão. E onde crescem no solo, podem limitar as suas atividades às épocas da bonança, para, em seguida, se recolherem, concentrando-se a vida nos órgãos hipógeos.¹⁰⁷

¹⁰⁶ HOEHNE, F. C. Algo sobre Orquídeas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 05, out., 1928, p.03.

¹⁰⁷ Órgãos hipógeos são aqueles que ficam abaixo da superfície do solo em orquídeas terrestres; HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orquídeas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.157.

Do mesmo modo, o agrônomo Leonam de Azeredo Penna (1903-1979)¹⁰⁸ considerava indispensável uma campanha a respeito das superstições que envolviam as plantas ornamentais:

[...] queremos chamar a atenção para um fato que reputamos digno da mais tenaz campanha – a superstição a respeito das plantas, especialmente das ornamentais. Nada mais ingênuo que atribuir a determinado vegetal a culpa das desgraças ou infelicidades que nos acontecem. A abusão nasce de simples coincidências de fatos e de coisas. Há pessoas que tem verdadeiro horror às orquídeas, cactus e muitas outras plantas. Acreditamos que se levantar uma estatística das plantas tidas como portadoras de infelicidade, chega-se à conclusão de que quase todos os vegetais cultivados nos jardins são de mau agouro. Em cada localidade e dentro de uma mesma, há flores tidas por uns como ‘azarentas’ ao passo que para outros estas mesmas flores são inofensivas e as que são inofensivas para aqueles são portadoras de má sorte para estes. Não diremos que essas abusões sejam prova de ignorância. São apenas fruto de coincidências desagradáveis, ocorridas em momentos em que a criatura humana aceita com facilidade a correlação entre qualquer coisa, determinada planta, por exemplo, e a dor moral. Para admitir-se a existência da influência maléfica do vegetal sobre o homem seria preciso adotar-se o critério de reconhecer-se essa influência em toda parte com as mesmas plantas e para todas as pessoas. Tal não se dá. E, por último, admitindo-se a existência dessas abusões, seria fácil banir-se do mundo grande número de acidentes, desgraças desastres e dores pela simples supressão dos vegetais que as acarretam ou anunciam...¹⁰⁹

Se os maus presságios rodeavam o imaginário popular sobre as plantas ornamentais, no caso das orquídeas o impacto que as exportações causaram ao longo dos anos nas reservas naturais era outro ponto de divergências. Argumentava-se que a exportação não teria decretado a extinção de espécimes, pois a real ameaça eram o “machado e o fogo”. Na verdade, nunca houve qualquer estimativa quanto à saída de orquídeas, até então sem taxaço ou lei de regulamentação. O contraponto exposto era utilitarista, pois defendia-se a exploração das espécies nativas seguindo como modelo o comércio hortícola internacional:

¹⁰⁸ Engenheiro agrônomo exerceu os cargos de naturalista, botânico, pesquisador e superintendente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro no período de 1932-1973. Escreveu varias livros sobre jardinagem.

¹⁰⁹ PENNA, L. de A. *Jardins*. Pequenos jardins, jardins em terraços, Plantas em vasos e jardineiras. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1943, p.27.

Assinalada pelos botânicos a extraordinária abundância de orquídeas no Brasil, o nosso país foi visitado por dezenas de enviados dos mais importantes estabelecimentos de floricultura do mundo, que aqui recolheram exemplares raros, cultivando-os em estufas, reproduzindo-os e fazendo rendoso comércio de mudas a amadores ricos. E, ao passo que isso acontecia, íamos destruindo essa riqueza floral com as derrubadas e queimadas, que talvez tenham feito desaparecer, carbonizadas pelo fogo, muitas preciosidades que nenhum horto ainda houvesse possuído.¹¹⁰

Ao que tudo indica, questões ligadas à importação e proteção fitossanitária criaram um terreno propício às inovações do campo da horticultura nos Estados Unidos. Até 1912, havia um fornecimento constante de plantas ornamentais para o país, mas a ocorrência de surtos de pragas nos viveiros impeliu o governo a criar um regulamento de quarentena (*Plant Quarantine Act*, 1912)¹¹¹ que proibiu a importação orquídeas.¹¹²

A diminuição dos estoques e o interesse pela produção de híbridos esbarravam no método de reprodução por sementes. As perdas eram significativas, pois o agente responsável pela germinação ainda era desconhecido. As pesquisas em torno do tema começaram em 1899, com o botânico francês Noël Bernard (1874-1911),¹¹³ o qual mostrou, em trabalho publicado em 1909, que na natureza as sementes de orquídeas germinam a partir de uma relação simbiótica que mantém com fungos micorrízicos (*Rhizoctonia*).¹¹⁴ Com base nesse estudo, o fisiologista vegetal norte americano Lewis

¹¹⁰ País das Orquídeas – Maravilhas da Flora Brasileira. *A noite* (suplemento), Rio de Janeiro, 22, mar., 1933, p.25.

¹¹¹ Nesse mesmo ano, foi criado o Conselho Federal de Horticultura, desmembrado em setores específicos de fitossanidade. Ver: http://www.aphis.usda.gov/about_aphis/history.shtml

¹¹² Sobre o combate às pragas e defesa fitossanitária nos Estados Unidos ver: PALLADINO, P. *Entomology, ecology and agriculture: the making of scientific careers in North America (1885-1985)*. Amsterdam: Harwood American Publishers, 1996.

¹¹³ Noël Bernard defendeu em 1901 sua tese, *Études sur la tubérisation*, na Faculdade de Ciências de Paris. Dedicou-se posteriormente à germinação de orquídeas; seu primeiro trabalho sobre o tema foi publicado em 1903. Atuou como docente de botânica na Universidade de Poitiers. SELOSSE, M.A; BOULLARD, B; RICHARDSON, D. Noël Bernard (1874-1911): orchids to symbiosis in a dozen years, one century ago. *Symbiosis*, Published online: 06, Oct., 2011.

¹¹⁴ Micorriza: Associação simbiótica entre raízes de uma planta superior e micélio de um fungo especializado, com benefícios para ambos os organismos. In: Dicionário Aurélio versão digital.

Knudson (1884-1958)¹¹⁵, da Universidade de Cornell, iniciou estudos sobre a germinação de sementes combinada às suas experiências sobre o uso de açúcares pelas plantas.

Depois de uma temporada na Europa (no ano de 1919, a convite do governo espanhol), Knudson, em contato também com os estudos do botânico alemão Hans Burgeff (1883-1976)¹¹⁶ sobre o crescimento de sementes de orquídeas, emitiu as seguintes considerações:

Bernard e Burgeff opinaram que a germinação só poderá ocorrer depois da infecção pelo fungo apropriado. Um exame crítico da obra de ambos os autores oferece o fato de que eles não provaram que a germinação seja causada pela infecção do embrião pelo fungo. Seus trabalhos demonstram claramente que se o cultivo não está inoculado com o fungo apropriado não germina a semente.¹¹⁷

Para Knudson, os sucessos eventuais nas culturas dos fungos eram ocasionados pela digestão de açúcares, que atuavam como estimulantes da germinação, e concluiu que as sementes de “*Cattleya*, *Laelia* e *Epidendrum* podem germinar sem nenhum fungo sempre que se proporcionar açúcar ao meio de cultivo”. Estava criado o método

¹¹⁵ Lewis Knudson formou-se pela Universidade do Missouri em 1908 e logo depois ingressou na Universidade de Cornell como assistente de Fisiologia Vegetal, dois anos depois, ocupou o cargo de professor Assistente em 1916 foi incorporado ao Departamento de Botânica. Em 1938, seu método assimbiótico foi utilizado para produzir dois híbridos da *Vanilla fragrans*, importante produto de exportação de Porto Rico, ameaçada por uma praga. REINNIKA, M. A; ROMERO, G. A. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995, p.302-305.

¹¹⁶ As informações sobre o botânico alemão Hans Burgeff (Hans Edmund Nicola Burgeff) são escassas. Sabe-se apenas, que em visita ao Jardim Botânico de Singapura ele teria auxiliado o diretor Richard Eric Holttum (1895-1990), botânico inglês, a introduzir as técnicas de reprodução *in vitro* na região no ano de 1928. Nesse mesmo período, Holttum ajudou na criação de duas sociedades, a Malayan Orchid Society (1928) e a Singapore Gardening Society (1936), embora seu interesse principal fossem as samambaias, se sentiu obrigado a estudar orquídeas, em suas palavras “quando se está no comando de um jardim tropical, não há como ignorar orquídeas”; Ver: CHEANG, K. C., ALPHONSO, A. G. Holttum's contribution to horticulture in the Malaysia-Singapore region. *The Gardens' Bulletin Singapore*, vol.30, Oct., 1977, p.09-12, ARDITTI, J. Some recent books by amateurs. *Taxon*, vol.44, n.01, Feb., 1995, p.133-139.

¹¹⁷ Tradução livre; Em outras palavras, existe uma especificidade do fungo em relação a planta da qual ela está sendo isolada, ou seja, um fungo de *Cattleya* age em *Cattleyas* e não espécies de outros gêneros. KNUDSON, L. La germinación no simbiótica de las semillas de orquídeas. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales, tomo XXI, 1921, p.259.

assimbiótico de reprodução de orquídeas.¹¹⁸ O ingresso dos Estados Unidos na seara orquidófila utilizando largamente esse processo de cultura fazia-se notar pela propaganda dos viveiros nos periódicos e pela criação de sociedades como a *American Orchid Society*, em 1921, da qual Knudson era membro.

No Brasil, nesse mesmo período, botânicos publicaram os resultados de suas coletas e pesquisas. Na Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo,¹¹⁹ o botânico sueco Albert Löfgren (1854-1918)¹²⁰ coletou e descreveu orquídeas, posteriormente divulgadas na revista *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*,¹²¹ com o título de “Novos subsídios para a flora Orquidácea do Brasil”.¹²² Em 1915, o botânico Paulo Campos Porto (1889-1968)¹²³, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, publicou no mesmo periódico o estudo “Contribuição para o conhecimento da flora orquidácea da

¹¹⁸ KNUDSON, L. La germinación no simbiótica de las semillas de orquídeas. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales, tomo XXI, 1921, p. 260.

¹¹⁹ Sobre a Comissão Geográfica e Geológica ver: FIGUEIROA, S. F. de M. *As Ciências Geológicas no Brasil: uma história social e institucional 1875-1934*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

¹²⁰ Johan Albert Constantin Löfgren, botânico sueco radicado no Brasil. Em 1886, coordenou o serviço botânico e meteorológico da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo sob o comando do geólogo e naturalista norte-americano Orville Adalbert Derby. Foi diretor do Museu do Estado entre 1891 a 1893 (a partir dessa data denominado Museu Paulista). Em 1913, foi convidado a chefiar a seção de botânica e de fisiologia vegetal do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Realizou importantes pesquisas sobre Anatomia de Madeiras. LÖFGREN, Johan Albert Constantin. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/lofgalb.htm#dados>, Acesso em: 30 jun.2012.

¹²¹ Periódico criado em 1915, durante a gestão de Pacheco Leão. A denominação *Archivos do Jardim Botânico* perdurou até 1933, substituída por *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Ver: RAMOS, M. de F. V.; BOTELHO, M. F.; REZENDE, T. L.; RICCIERI, T. M. N. Índice cumulativo de artigos publicados nos Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1915-1996. Disponível em: <http://www.jbrj.gov.br/publica/arquivos/indicecumulativo.htm>, Acesso em: 07 jun. 2012.

¹²² LÖFGREN, A. Novos subsídios para a flora Orquidácea do Brasil. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.02, 1917. p.47-62.

¹²³ Doravante designado Campos Porto; Paulo Campos Porto ingressou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1914 na função de naturalista-viajante, foi diretor da instituição por duas vezes: 1933/1938 e 1951/1958. Em 1916, participou da Missão de Estudos de Orquídeas, coordenada por Oakmes Ames, diretor do Jardim Botânico da Universidade de Harvard. Presidiu o Instituto de Biologia Vegetal (1934-1939) e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Ocupou o cargo de Secretário de Agricultura do Estado da Bahia. Participou do Conselho Florestal Federal e da Comissão Organizadora do Parque Nacional de Itatiaia. Ver: CASAZZA, I. F. Ciência e proteção à natureza: a trajetória do botânico Paulo Campos Porto (1914-1939). Disponível em: http://www.sbh.org.br/resources/anais/10/1345065388ARQUIVO_Textosbh2012.pdf, Acesso em: 10 jan. 2013; O novo diretor do Jardim Botânico (editorial). *Rodriguesia*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 26, dezembro, 1951, p. 03 e 05.

Serra do Itatiaia”.¹²⁴ Noticiada na imprensa, a coleta de Campos Porto foi festejada por seus ganhos científicos e para o amadorismo:

O Sr. Campos Porto, naturalista-viajante do nosso Jardim Botânico, foi comissionado em 1914 para colher no Itatiaia orchideas destinadas a coleção do jardim. A esse intuito predia-se, entretanto, num problema de Ecologia: o de verificar se, na elevada região mineira, cresciam plantas. A negativa era sustentada informa-nos o autor pelo biólogo Schimper, mas o trabalho de E. Ule, Regnell, Mósén e Löfgren abalaram essa opinião. O Sr. Campos Porto mostra demonstra agora o infundado de tal crença trazendo-nos nada menos de 1200 exemplares colhidos desde a altitude de 800 metros até 2400. O trabalho do esforçado naturalista não interessa apenas aos cientistas, mas também aos amadores em cujo número estão ansiosos agora por ver a coleção enriquecida.¹²⁵

Posteriormente, Campos Porto orientou a confecção do *Index Orchidearum* confeccionado por Alexandre Curt Brade (1881-1971) publicado na *Rodriguesia*, o estudo elencava as novas espécies no país:

Embora tenham as orchidáceas merecido o ultimo fascículo da Flora Brasiliensis, concluído em abril de 1906, o constante progresso da ciência botânica tem continuado a proporcionar o aparecimento de muitas novidades a respeito desta interessante família. Nada menos de 31 gêneros novos e 555 espécies novas foram publicadas durante os últimos 26 anos [...] Muitas outras contribuições, a maioria também de Schlechter, encontramos publicadas nesta época, tratando da taxonomia das orchidáceas. Por outro lado colecionaram com grande diligencia, em quase todas as partes do Brasil, botânicos como A. Löfgren, P. Campos Porto, C. A. M. Lindman, F. C. Hoehne, P. Dusén, A. Ducke, G. Kuhlmann e muitos outros, *que tiveram notável auxílio de vários amadores.*¹²⁶

¹²⁴ Além desse estudo, resultado de uma expedição realizada na Serra do Itatiaia em 1914, Campos Porto publicou em 1917 o artigo “Um caso de hibridação natural”; PORTO, Paulo Campos. Contribuição para o conhecimento da flora orquídea da Serra do Itatiaia. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.1, 1915, p.105 -126; PORTO, Paulo Campos. Um caso de hibridação natural. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, vol.02, 1917, p.63-66.

¹²⁵ O autor refere-se ao botânico francês Andreas Franz Wilhelm Schimper (1856-1901); Ernesto Ule (1854-1915), botânico alemão, naturalista-viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro; Anders Frederick Regnell (1807-1884), médico sueco radicado no Brasil; Carl Wilhelm Hjalmar Mósén (1841-1887) botânico sueco que coletou no Brasil entre 1873 a 1876; LACLETTE, P. P. H. Abreviatura de auctores. *Rodriguesia*, ano 03, n.11, dez.mar., 1937, p.257-290; OITICA, J. Chronica Literária. *A Rua*, Rio de Janeiro, 13, jul., 1916, p.[illegível].

¹²⁶ A publicação traz a observação escrita em latim *ductu et consilio* (orientação e aconselhamento) de Campos Porto, ou seja, ele não é autor. BRADE, A. C. *Index Orchidacearum in Brasilia inter MDCCCCVI et MDCCCXXXII explorata sunt. Rodriguesia*, ano 01, n.02, 1935, p.11.

Destacava, ainda, que a publicação tinha como objetivo facilitar as consultas de interessados:

Infelizmente estes trabalhos e as comunicações das espécies novas, têm, em grande parte, sido publicadas em revistas, que, fora das bibliotecas dos grandes institutos, só raras vezes podem-se consultar. Com o intuito de proporcionar elementos que facilitem futuros estudos das orchidáceas brasileiras, o diretor do Instituto de Biologia Vegetal Dr. Campos Porto sugeriu-nos a ideia de organizar um resumo de todas as espécies publicadas depois da Flora Brasiliensis.¹²⁷

E deu uma estatística por Estado dos estudos da flora orquídea até aquele período:

Grandes áreas de nosso país esperam ainda a exploração científica. No caso das orchidáceas pode-se verificar que a maioria das espécies foram observadas nos Estados de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro inclusive o Distrito Federal; seguem-se os Estados do Sul: Paraná, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul, onde a flora é em geral mais pobre em espécies. Deve ser, contudo, ainda bastante insuficiente o nosso conhecimento da flora orchidacea dos Estados de Mato Grosso, Bahia, Pará e Amazonas. Os Estados do Nordeste são provavelmente pobres em orchidáceas por causa do clima seco, mas a exploração dos Estados de Espírito Santo, Goiás, certas regiões de Pernambuco e dos Estados vizinhos deve revelar ainda grandes surpresas a esse respeito.¹²⁸

Outros trabalhos foram empreendidos por Paula Parreira Horta Laclette (1910),¹²⁹ do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Alberto Sampaio (1881-1946)¹³⁰ e Carlos Viana Freire [s.d], do Museu Nacional (RJ). Os engenheiros agrônomos

¹²⁷ BRADE, A. C. Index Orchidacearum in Brasilia inter MDCCCCVI et MDCCCCXXXII explorata sunt. *Rodriguesia*, ano 01, n.02, 1935, p.12.

¹²⁸ BRADE, A. C. Index Orchidacearum in Brasilia inter MDCCCCVI et MDCCCCXXXII explorata sunt. *Rodriguesia*, ano 01, n.02, 1935, p.12.

¹²⁹ Auxiliar técnico da Seção de Botânica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Foi também antiga funcionária do Museu Nacional atuando nas áreas de botânica e museologia.

¹³⁰ Em 1905, Alberto José Sampaio tornou-se Assistente de Botânica do Museu Nacional via concurso público. Em 1912 ocupou os cargos de professor e chefe da Seção de Botânica. Estudou orchidáceas, Filicíneas e das Bignoniáceas. Ver: CAPANEMA, C. M. *A natureza no projeto de construção de um Brasil moderno e a obra de Alberto José Sampaio*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, UFMG; FRANCO, J. L. de A.; DRUMMOND, J. A. Alberto José Sampaio – Um botânico brasileiro e o seu programa de proteção à natureza. *Varia História*. vol.21, n.33, Belo Horizonte, 2005, p.129-159.

Ezechias Paulo Heringer (1905-1987)¹³¹, do Centro Nacional de Pesquisas Agronômicas, e Hamilton Dias Bicalho [s.d] e F. G. Brieger (1900-1985), ambos da ESALQ. Em 1937, o professor alemão Friedrich Gustav Brieger foi contratado pela ESALQ como responsável pela cadeira de citologia e genética. Conforme percebemos, Bicalho deu sequência ao trabalho, segundo diz em artigo de 1977: “Em Piracicaba, a partir de 1940, iniciaram-se os estudos com orquídeas na então Seção Técnica de Genética, da Escola de Agronomia. O Prof. F. G. Brieger, seu idealizador, deu os passos iniciais para a formação de uma coleção básica para estudos de evolução filogenética no trópico, seu principal desiderato”.¹³²

As publicações de instituições científicas chegavam a uma parcela muito restrita de colecionadores, em função das regras de distribuição e tiragens reduzidas. Em resposta a um particular, o Instituto de Biologia Vegetal - órgão ao qual do Jardim Botânico do Rio de Janeiro era submetido - justificava a recusa em enviar periódicos: “somente podem ser remetidas a estabelecimento científicos em permuta com publicações congêneres, devido não ser possível no momento, aumentar-se as tiragens das mesmas por motivo de força maior”.¹³³ A respeito das publicações do Instituto de Botânica de São Paulo foram expostos os mesmos problemas de tiragens:

[...] temos empenhado todos os esforços no sentido de apresentar trabalhos bem impressos, fartamente ilustrados e com matéria que possa interessar quantos se dedicam ao estudo e mesmo à simples observação da natureza, da magnificência de suas criações. Acreditamos que temos conseguido esse desideratum, porque justamente o que nos anima a, imodestamente embora, realçar o valor desses documentos de trabalho, é a geral manifestação de agrado dos que os receberam e o insopitável interesse de possuí-los dos que não

¹³¹ Agrônomo. Suas coletas, iniciadas em 1940, concentraram-se em Minas Gerais e Distrito Federal. Ocupava o cargo de Administrador do Horto Florestal de Paraopeba (MG). Ver: HERINGER, E. P. Orquídeas de Minas Gerais, Brasil – 1ª Série. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. v.17, 1959-1961, p.107-124.

¹³² BICALHO, H. D. Considerações a respeito da coleção viva da Escola de Agronomia de Piracicaba e seu valor cultural. *Anais da Sociedade de Botânica do Brasil*, XXIII Congresso Nacional de Botânica, Belo Horizonte, jan., 1977, p.185.

¹³³ Instituto de Biologia Vegetal (Expediente do Sr.Diretor). Diário Oficial da União, Seção I, dez., 1938, p.[ilegível].

foram contemplados em sua distribuição. Pudéssemos imprimi-los em maiores tiragens e satisfeitos ficariam todos e nós mesmos, porque é de interesse desta repartição divulgar o mais possível, no país e no estrangeiro, as suas realizações científicas e materiais.¹³⁴

Procuramos identificar contribuições ao cultivo e conhecimento das orquídeas.

Deparamo-nos com uma pequena produção entre décadas de 1930-1950, conforme tabela abaixo:

Autor	Título	Local/ Editora	Ano
HOEHNE, F. C.	As orchidáceas como elemento para a arte decorativa indígena.	Rio de Janeiro: Serviço de Informações do Ministério da Agricultura.	1930
HOEHNE, F. C.	Contribuição para o conhecimento de gênero <i>Catasetum</i> Rich. e especialmente o hermafroditismo e trimorfismo das suas flores.	Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola.	1933
LUMSDEN, D.	Cultura de Orquídeas (Folheto nº 206)	Ministério da Agricultura: Serviço de Informação Agrícola (tradução do Departamento de Agricultura dos EUA)	1942
BLOSSFELD, H.	Nosso calendário orquidófilo.	São Paulo: Círculo Paulista de Orquidófilos.	1943
PENNA, L. de A.	Jardins. Pequenos jardins, jardins em terraços, Plantas em vasos e jardineiras.	Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola.	1943
Schlick & Nogueira	Catálogo Geral da Casa Flora.	Casa Flora.	1943
DREYFUS, A.	Curso de Genética com aplicação à orquidologia.	São Paulo: Círculo Paulista de Orquidófilos.	1945
RIBAS, A. de L.	Orquídeas Catarinenses.	Florianópolis: DEE/SC.	1945
DECKER, J. S.	Cultura das orquídeas no Brasil.	São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola.	1946
DECKER, J. S.	Floricultura.	São Paulo: Editora Melhoramentos. (Biblioteca Criação e Lavoura, nº8)	1946
FIGUEIREDO, E. R. de.	Plantas ornamentais de suspensão – Orquídeas, bromélias e plantas ornamentais pendentes.	São Paulo: Editora da Chácara e Quintais (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira).	1946
LEPAGE, H. S.; FIGUEIREDO, E. R.	As pragas de orquidáceas.	São Paulo: Círculo Paulista de Orquidófilos.	1947
SEIDEL, A.	Como cultivar orquídeas.	São Paulo: Ed. Chácara e Quintais.	1949
URPIA, H.	Dicionário Etimológico das Orquídeas.	Bahia: S.A. Artes Gráficas.	1949

¹³⁴ BITTENCOURT, M. de T. Intróito geral – Apresentação do Relatório Anual de 1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.05.

NOVAES, M. S.	Orquidários científicos.	Vitória: Imp. Mas of. Da Escola Técnica de Vitoria.	1950
KRACKOWIZER, F. J.	Monografia da <i>Laelia Purpurata</i> , suas variedades e seus híbridos.	Círculo Paulista de Orquidófilos.	1950

Tabela 1: Livros sobre orquídeas publicados entre 1930 a 1950.

A tabela expõe a rede de interesses formada em torno das orquídeas: cientistas (Frederico Carlos Hoehne¹³⁵, Hélio Sermenha Lepage, André Dreyfus),¹³⁶ agrônomos (Eduardo Rodrigues Figueiredo, Leonam de Azeredo Penna),¹³⁷ viveiristas e floricultores (Alvim Seidel, Schlick & Nogueira)¹³⁸, orquidófilos (Maria Stella de Novaes, Hernani Urpia, Ferdinando Krackowizer, Antônio Lara Ribas)¹³⁹, funcionários públicos (Harry Blossfeld, João Siegfried Decker).¹⁴⁰ Chama a atenção, diante do número de autores brasileiros ou aqui residentes, dedicados às orquídeas, que o Serviço de Informação Agrícola¹⁴¹ tenha optado por uma tradução, o folheto *Cultura de Orquídeas*, (n.206) da autoria de David Lumsden (1871-1945).¹⁴²

¹³⁵ No capítulo III analisaremos outro grupo de trabalhos de Frederico Carlos Hoehne. Os dois trabalhos aqui alocados são: o primeiro do Serviço de Informação Agrícola (Ministério da Agricultura), o segundo da Diretoria de Publicidade Agrícola (Secretaria Agricultura/SP), ambos de divulgação, formato reduzido e encadernação brochura e distribuição gratuita.

¹³⁶ Hélio Sermenha Lepage (1905-1974, Entomólogo, Diretor da Divisão Vegetal do Instituto Biológico de São Paulo), André Dreyfus (1897-1952; Médico geneticista e biólogo).

¹³⁷ Eduardo Rodrigues Figueiredo ([s.d]; engenheiro, colaborador da revista *Chácaras e Quintais* e membro do Círculo Paulista de Orquidófilos), Leonam de Azeredo Penna.

¹³⁸ Alvim Seidel (1927-2007; proprietário do Orquidário Catarinense); Paul Alfred Schlick ([s.d]-1941; proprietário da Casa Flora); Djalma Cândido Nogueira ([s.d], proprietário da Casa Flora).

¹³⁹ Maria Stela de Novaes (1894-1981; professora e orquidófila); Hernani Urpia ([s.d]-1986; orquicultor da Bahia); Ferdinand J. Krackowizer ([s.d], orquidófilo, escreveu artigos sobre orquídeas no Suplemento Agrícola do *O Estado de São Paulo*, nas décadas de 1950 e 1960); Antônio Lara Ribas (1902-1992, militar)

¹⁴⁰ Harry Blossfeld (1913-1986, botânico alemão radicado no Brasil, fundou a Escola de Jardinagem do Parque do Ibirapuera (SP) em 1967); Johann Siegfried Decker (1882-1954, alemão naturalizado brasileiro, professor do Ginásio Brasileiro-Alemão, redator da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura de São Paulo)

¹⁴¹ O Serviço de Informação Agrícola publicou também a cartilha “Cultura da Baunilha”. A autora Alda Pereira da Fonseca (1882- [s.d]) era professora e escreveu obras na área de botânica. Foi designada, em 1923, pelo então Ministro da Agricultura Miguel Calmon, para a Comissão de Estudos da Bahia. Desde o século XIX, a produção de baunilha era tema de periódicos agrícolas, acreditamos que esse folheto tivesse como objetivo a difusão de técnicas de cultivo. Como as espécies do gênero *Vanilla* não tem valor ornamental, a publicação não seria de interesse dos orquidófilos; Ressaltamos que ao realizar esse levantamento incluímos o título “Floricultura”, publicação de jardinagem de forma geral, mas que traz um capítulo exclusivo sobre cultivo de orquídeas para corte (p.92-112). *Ministério da Agricultura – Divisão*

O botânico mais atuante na divulgação dos conhecimentos sobre a flora orquídea brasileira foi, sem dúvida, Frederico Carlos Hoehne (1882-1959)¹⁴³, autor de extensa obra sobre família *Orchidaceae*. Datam de 1915 seus primeiros artigos em diferentes revistas como a *Braziléia*, *Chácaras e Quintais*, *Revista Nacional*. Mas foi no jornal *O Estado de São Paulo* que obteve maior recepção, cerca de 40% do total de artigos.¹⁴⁴

As atividades de caráter divulgador realizadas por Hoehne equiparam-se ao volume de trabalhos científicos, individuais ou em colaboração com os botânicos lotados em instituições nacionais e do exterior.¹⁴⁵ Em uma monografia de 1922, Hoehne considerava, tomando o estado de São Paulo como referência, a quantidade de espécies novas que havia no restante do país:

Se num estado tão bem explorado e estudado botanicamente, como o de São Paulo, em que durante anos seguidos esteve agindo uma comissão de botânicos, que fazia parte da Comissão Geológica e Geográfica do Estado, em menos de dois anos registramos mais de sessenta novas espécies novas, imaginar podemos quanto ainda devemos esperar em novidades para a grande família das Orquídeas de todo o Brasil.¹⁴⁶

de material – Cultura da Baunilha, Diário Oficial da União, Seção I, 30, junho, 1949, p.9468; SCHUMACHER, S. VITAL BRASIL, E. Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade (biográfico e ilustrado). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000, p.29. Ministério da Agricultura – Divisão de material – Cultura da Baunilha, Diário Oficial da União, Seção I, 30, jun., 1949, p.9468.

¹⁴² David Lumsden era assistente de horticultura do *Bureau of Entomology and Plant Quarantine* e secretário da *American Orchid Society* (EUA).

¹⁴³ Doravante designado Hoehne.

¹⁴⁴ Em sua autobiografia, Hoehne listou o total de 478 artigos de divulgação, dos quais 31 eram inéditos em setembro de 1951. HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.63-156.

¹⁴⁵ Segundo o próprio Hoehne, no montante de classificações “64 espécies criadas e descritas que resultaram da sua colaboração com os botânicos: Schlechter, J. G. Kuhlmann, Brade, Dr. Louis O. Williams, Alberto Sampaio”; Louis Otho Williams (1908-1991) era curador do Departamento de Botânica do Museu de História Natural de Chicago e foi editor da *American Orchid Society Bulletin*; *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.136.

¹⁴⁶ HOEHNE, F. C.; SCHLECHTER, R. Contribuições ao conhecimento das orquídeas do Brasil. In: *Anexos das Memórias do Instituto de Butantan*. Seção de Botânica. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, vol. 01, Fasc. IV, mar., 1922, p.07.

Além do trabalho científico ainda por ser feito, Hoehne cogitava em 1927 uma sociedade para resguardar as “plantas decorativas indígenas”, ou seja, as orquídeas. Dez anos passaram-se até que a primeira sociedade fosse criada no Rio de Janeiro. A história das orquídeas brasileiras contava com novos personagens: as sociedades de amadores.

1.3 - Da sociedade ao periódico:



Imagem 1: Caderno de recortes de Luys de Mendonça. Acervo da OrquidaRIO.

Em 1934, o médico Luys de Mendonça e Silva (1903-1974)¹⁴⁷ apresentou ao botânico Campos Porto os termos para a criação de uma agremiação de amadores de orquídeas. Argumentou com o então diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro que aquela ideia só “vingaria” com o patrocínio de um “nome de projeção cultural”, como o da instituição. Munido também do apoio do pesquisador da Seção de Botânica, Fernando Milanez [s.d]¹⁴⁸, recebeu aprovação e suporte através do periódico oficial do jardim, a revista *Rodriguesia*, cujo lançamento se deu em 1935:

Está lançada a ideia. A direção do Jardim Botânico realmente aplaude a interessante iniciativa e procurará coadjuvar os empreendedores da nova sociedade com o fito de vê-la plenamente vencedora. Apelamos, pois para todas as pessoas interessadas, as quais poderão endereçar suas adesões à redação da *Rodriguesia*.¹⁴⁹

Naquele contexto, a disposição de acolher a iniciativa de criação de uma sociedade orquidófila adequava-se ao perfil da *Rodriguesia*, considerada um instrumento de vulgarização. O diretor se dispunha também a divulgar os trabalhos da sociedade: “a *Rodriguesia* divulgará todos os trabalhos que ela fizer, enquanto não possuir uma revista ou qualquer órgão de publicidade”.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Luys de Mendonça e Silva nasceu em 25 de agosto de 1903 em Santa Luzia do Norte (AL). Formou-se em Medicina em 1927 na Escola Nacional de Medicina do Rio de Janeiro com a tese “O problema da Lepra no Brasil”. No serviço público ocupou os cargos de médico auxiliar do Serviço de Saneamento Rural e chefe do Distrito Sanitário (RJ). Foi professor da Escola Normal Carmela Dutra e do Instituto de Educação (1951 a 1964). Organizou em 1964 a Escola de Jardinagem do Departamento de Parques e Jardins onde permaneceu até 1974. Antes de se dedicar a *Orquídea* publicou também os periódicos *Jornal Leopoldinense* e *Revista Brasileira de Fisioterapia*. MENDONÇA, A. T. de. Luys de Mendonça e Silva. Biografia de um idealista, *Orquídea*, vol. 31, n.01, jul.set., 1987.

¹⁴⁸ O botânico Fernando Romano Milanez ingressou no Ministério da Agricultura em 1927 quando ainda era estudante de Medicina. No Jardim Botânico do Rio de Janeiro foi chefe da Seção de Botânica entre 1942 a 1961, fundou a Xiloteca da instituição e foi diretor de 1961-1965. *Rodriguesia*, ano 25, n.37, 1966. (número em homenagem a Fernando Romano Milanez).

¹⁴⁹ MENDONÇA, L. de. Sociedade Brasileira de Orchideas. Noticiário e atividades várias. *Rodriguesia*, ano 01, n.01, 1935, p.93.

¹⁵⁰ De acordo com Begonha Bediaga, nos primeiros anos a *Rodriguesia* era subordinada ao Instituto de Biologia Vegetal, Jardim Botânico e Estação Biológica de Itatiaia. Ademais, “o escopo editorial da revista era mais abrangente, pois buscava também atingir o público leigo. Além de artigos de botânica também abrangia outras áreas, como entomologia, fitopatologia, genética e ecologia agrícola”. BEDIAGA, B. Os primeiros anos da Rodriguesia – 1935-1938: Em busca de uma nova comunicação científica. *Rodriguesia*,

Acreditamos que Campos Porto apoiou a agremiação não somente como administrador, mas também como estudioso das orquídeas. Ainda em 1935, por designação do Conselho Florestal Federal, o botânico foi indicado para participar da elaboração do anteprojeto da lei relativa à exportação de orquídeas. De acordo com artigo único do decreto de 14 de novembro de 1935:

O Ministério da Agricultura mandará fazer, com urgência, um estudo sobre a exportação para o estrangeiro das plantas orquídeas, a fim de propor à Câmara dos Deputados, nas sessões de 1936, um projeto de lei contendo medidas que regulem a referida exportação e evitem a devastação que está sendo feita, com grandes prejuízos para o país.¹⁵¹

Esse não era o único recurso natural do país para o qual eram reclamadas medidas de regulamentação. Em 1934, foram promulgados o Código Florestal, Código de Águas e Minas e a Lei de Expedições Científicas. Acrescenta-se ainda o Código de Caça e Pesca formulado pelos cientistas do Museu Nacional, Candido Mello Leitão (1886-1948), Alberto José de Sampaio, Edgard Roquete-Pinto (1884-1954). Segundo Regina Horta, “a grande justificativa para a regulamentação da caça era a rarefação da fauna silvestre no Brasil e a necessidade de proteção do patrimônio florestal nacional”.¹⁵²

A circulação interna de orquídeas já era normatizada pelo Código Florestal Federal. Segundo o artigo 30, “o comércio de exemplares da flora epífita, não será exercido sem autorização prévia da autoridade florestal, que fiscalizará a origem dos exemplares à venda”. A disposição se referia aos espécimes colhidos em florestas

56 (87): 2005, p.01; MENDONÇA, L. de. Sociedade Brasileira de Orchideas. Noticiário e atividades várias. *Rodriguesia*, ano 01, n.01, 1935, p. 92.

¹⁵¹ Regulando a exportação de orquídeas, *Rodriguesia*, ano 01, n.03, 1935, p.88.

¹⁵² O texto final foi publicado no Diário Oficial em 02 de janeiro de 1934. DUARTE, R. H. *A Biologia Militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.24 e p.69.

particulares e de domínio público, destacando ainda que uma tributação especial para o comércio de exemplares considerados raros.¹⁵³

Em 1935, meses antes da apresentação do anteprojeto, a exportação das orquídeas já havia sido tema na imprensa escrita. O jornalista e secretário da Presidência do Governo Getúlio Vargas, Otto Prazeres, escreveu um artigo onde “elucidava e justificava” o projeto de regulamentação. Seus argumentos buscavam inserir as orquídeas no rol das riquezas nacionais:

Jamais o provérbio de que – ouro é o que o ouro vale – foi tão bem empregado como no caso de que vamos tratar. Se o precioso metal é ouro amarelo, se a borracha foi nosso ouro negro e se o algodão é o ouro branco – as orquídeas são ouros de todas as cores, ouro que maravilha, ouro que encanta, ouro único perfumado.¹⁵⁴

Todavia, a recepção do projeto não foi positiva. O mesmo jornalista retornara ao periódico para defender a intervenção do Estado. Na ocasião, indicava as vozes autorizadas a se pronunciarem sobre o assunto, ou seja, os cientistas:

[...] agora mesmo se cai de rijo sobre uma “lei de proibição de exportação de orquídeas” que se afirma que tal exportação “jamais pesou na pauta de nossas remessas para o exterior”... Em primeiro lugar, jamais houve uma lei que “proibisse a exportação”. A única lei votada pela antiga Câmara dos Deputados autorizava, apenas, a criação de uma comissão que, estudando o assunto, “organizasse um anteprojeto de lei regulando a exportação”. Em vez de proibir, havia exportação. Por que se tomou semelhante providência no seio do poder Legislativo? Porque todos quantos conhecem um pouco do assunto, como quantos a estas horas se encontram à frente de orquidários criados em São Paulo, Minas, Pernambuco e Espírito Santo, verificam que foi feita, no Brasil, uma verdadeira devastação e que algumas espécies, antigamente encontradas com abundância são hoje raríssimas. [...] A lei não visava proibir a exportação, nem

¹⁵³ Em 1955, um decreto reformulou esse artigo; “comércio de epífitas” foi substituído por “exportação de plantas ornamentais, notadamente as da flora epífita” trazendo como justificativa para a alteração “a ameaça de extinção que pesa sobre várias espécies raras e únicas de nossa flora indígena, notadamente da flora epífita”; Código Florestal, Capítulo III – Da exploração das florestas, art. 30; Regula a exportação de plantas ornamentais; Decreto nº 37.884, de 13 de set. de 1955.

¹⁵⁴ PRAZERES, O. As orquídeas, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27, set., 1935, p.05.

continha, repitamos, nenhuma medida concreta, limitando-se apenas a criar uma comissão que estudasse um meio de resguardar algumas espécies brasileiras, únicas no mundo, outrora muito abundantes no nosso país e hoje dificilmente encontradas. Não poderiam proceder com maior cautela os que há dezenas de anos conhecem o assunto-orquídea; e frequentemente, leem o que se passa no mundo em relação à cultura dessa flor, acompanhando com carinho as publicações brasileiras e as queixas constantes dos que conhecem, por experiência própria, quanto o Brasil foi e continua a ser prejudicado.¹⁵⁵

Enquanto se almejava a regulamentação da exportação para o exterior, o deslocamento de orquídeas entre os Estados da Federação era questionado por Santa Catarina. Ao que tudo indica, a administração era contrária ao artigo do Código Florestal, pois entendiam que ele infringia o artigo 25 da Constituição, o qual estabelece a inexistência de barreiras alfandegárias no interior do território nacional.¹⁵⁶

A investigação sobre a flora orquídea proposta pelo governo fundamentava-se no discurso modernizador dos anos de 1930.¹⁵⁷ A atuação positiva do Estado e da ciência deveria ser legitimada e perpetuada pelo diagnóstico de um especialista, cujas propostas de ação norteariam um processo racionalizador. Para tanto, acreditamos que buscava-se também construir uma identidade que ligasse os brasileiros às orquídeas que apareciam, na maioria das vezes, como flores “aristocráticas e caras”. Não por acaso, o preço que as espécies nativas atingiam no exterior eram motivo de regozijo nos periódicos.

Passados dois anos do encontro com Campos Porto, o plano de Luys de Mendonça se efetivou. Em 11 de agosto de 1937, nas dependências do Teatro Municipal

¹⁵⁵ PRAZERES, O. A exportação de orquídeas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12, mar., 1939, p.05.

¹⁵⁶ Diário Oficial da União, Seção I, 15 de abr. de 1944, p.6702.

¹⁵⁷ De acordo com Mônica Velloso o grupo de intelectuais que disseminada esse discurso buscava distinguir-se do conjunto da sociedade por meio de ideias científicas, da arte ou intuição, através de sucessivas gerações, de 1870 e 1920. Na década de 1930, eles passam sistematicamente a direcionar a sua atuação para o âmbito do Estado, tendendo a identificá-lo como a representação superior da ideia de nação. VELLOSO, M. P. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, 1987.

da cidade de Niterói (RJ) foi fundada a Sociedade Fluminense de Orquídeas. Em pouco tempo a agremiação atraiu colecionadores de todo o país e foi considerada de utilidade pública pela administração local (Decreto 507 de 23 de agosto de 1938). Os estatutos reformados em 1948 prescreviam as seguintes atividades e a mudança do nome para Sociedade Brasileira de Orquidófilos (SBO):

Com a denominação de "Sociedade Fluminense de Orchideas" foi a mesma fundada em Niterói, Capital do Estado do Rio de Janeiro em 11 de agosto de 1937, a qual pelos seus atuais estatutos, passará a denominar-se "Sociedade Brasileira de Orquidófilos", com sede e foro nesta Capital, por tempo indeterminado com seu fundo social a constituir-se e ilimitado número de sócios (os quais não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais) e terá por objetivos fundamentais:

- 1 — Estudar as condições de vida das Orchidáceas em geral, e, particularmente das Orquidáceas brasileiras, e difundir a sua cultura;
- 2 — Estudar as pragas que as atacam e os meios de combatê-las;
- 3 – Estabelecer e desenvolver o intercâmbio entre outras Sociedades congêneres e Jardins Botânicos, etc;
- 4 — Providenciar junto às autoridades e com elas cooperar no que concerne às medidas para proteção, multiplicação do comércio de orquídeas não cultivadas;

A Sociedade será administrada por uma Diretoria constituída de: Presidente (que será o seu representante em Juízo e fora dele); Secretário. Tesoureiro; Bibliotecário; Fotógrafo, Desenhista e Conselho Técnico. Se no decurso da vida da Sociedade sobrevierem obstáculos insuperáveis a sua existência, ou se ocorrências imprevistas denunciarem a conveniência de sua dissolução, o Presidente convocará uma sessão de Assembleia, Geral, respeitado o disposto no artigo 14 e seus Estatutos. Resolvida a sua dissolução, por deliberação da Assembleia Geral, proceder-se-á imediatamente a eleição de uma Comissão de Sócios que, com o Presidente em exercício, ficarão encarregados da liquidação. Os presentes Estatutos só poderão ser reformados em Assembleia Geral, a requerimento de 15 ou mais sócios. Os sócios fundadores e a Diretoria atual constam em apenas aos Estatutos.

Luys de Mendonça e Silva¹⁵⁸

¹⁵⁸ Diário Oficial da União, Seção I, 11 de out. 1948, p.53; *Orquídea*, vol.01, n.03, mar., 1939, p.83; SCHARA, L. P. As sedes da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquidário*, vol.17, n.03, jul.set., 2003, p.105; MENDONÇA, L. de. Sociedade Brasileira de Orchideas. Noticiário e atividades várias. *Rodriguesia*, ano 01, n.01, 1935, p.91.

Com o desdobramento das atividades, Luys de Mendonça passou a editar, em setembro de 1938, uma revista de nome *Orchidea*, destinada a “vulgarizar” os conhecimentos sobre a vida das orquídeas, especialmente as brasileiras.¹⁵⁹

A nosso ver, a revista é peculiar na abordagem que faz da vulgarização. O espaço da *Orquídea* é compartilhado por profissionais e amadores, dessa forma os objetos abordados adquirem determinada fluidez e impõe a questão: é possível que uma divulgação seja especializada se conduzida por amadores? Um dos editoriais do periódico responde a essa pergunta:

Seria de desejar que esta revista especializada, embora de divulgação, pudesse publicar apenas os assuntos não passíveis de contestação. Não queremos dizer que déssemos publicidade somente às coisas incontestáveis; os assuntos controversos também aqui tem guarida. Não seria publicada, isso sim, matéria em desacordo com a realidade tal como é conhecida.¹⁶⁰

A construção identitária dos orquidófilos apoiava-se fortemente no autoaperfeiçoamento. Dessa forma, divulgar assuntos sobre os quais não havia consenso ou polêmicos era um estímulo à curiosidade. Além disso, os amadores se sentiam experimentando a vanguarda da produção científica. Hoehne ao falar sobre as teses acerca da morfologia de orquídeas assinalava o que chamava de “temas de controvérsia”:

Para que uma tese se torne compreensível e realmente útil, não é bastante defendê-la com eloquência, é indispensável esclarecê-la concernente aos seus objetivos, levando em consideração a mui frequente heterogeneidade do auditório, para endereçá-la, não mais aos versados na matéria, mas aos menos enfronhados no assunto, a fim de serem contentados todos. A presente é daquelas que mais requerem essa preliminar, porque existe sobre ela discrepância e, todavia, é fundamental para aqueles que se entregam ao estudo ou ainda ao mero prazer de colecionar e observar as *Orquídeas*. Sim, ela envolve temas de controvérsia que precisam ser esclarecidos, para

¹⁵⁹ A despeito da preferência pelo nome *Orchidea*, a revista atendeu, em 1941, um pedido do Departamento de Imprensa e Propaganda e adotou a ortografia *Orquídea* (Decreto 20.108, de 15 de jun. de 1931). “Orquídea” e a nova ortografia, *Orquídea*, vol.03, n.04, jun., 1941, p.156.

¹⁶⁰ Ressalvas. *Orquídea*, vol. 07, n.03, set., 1944, p.05.

que se consiga lançar uma base sólida para os inexperientes que não podem sentir-se alentados onde as autoridades divergem. Perdoe-se-nos, portanto, este intróito a guisa de esclarecimento e não se considere a opinião ou interpretação doutrina, mas simples e modesta contribuição para o estudo das plantas que sempre foram admiradas por nós.¹⁶¹

A correlação entre os processos de especialização do discurso científico e a construção de atividades de divulgação é visível na estrutura da revista: na primeira parte eram alocados os trabalhos de profissionais, “trabalhos técnicos originais”; na segunda “trabalhos de vulgarização, porém, dentro de absoluto rigor científico”; na terceira “notas, informações bibliográficas e resumos de revistas”. A escolha dos assuntos, autores e imagens era dos amadores.

Se por um lado, o periódico se diz especializado; por outro, atende ao princípio de unir níveis diferenciados de colecionadores com orientações: “textos explicitamente direcionado aos iniciados, dispensa leitores experimentados e técnicos”. Ou ainda expunha motivos que justificassem o papel de ambos os grupos na estrutura da revista:

Como já acentuamos, e, insistindo, não nos arreceiamos de parecer impertinentes, uma pequena impressão pessoal de algumas linhas muitas vezes vale bem mais do que uma longa tirada muito erudita. Isto, não significa, em absoluto, que possamos prescindir de longos artigos de vulgarização, alguns admiravelmente bem escritos, e que tanto brilho tem dado às páginas de *Orchidea*.¹⁶²

A SBO e a *Orquídea* eram indissociáveis, pois embora a revista não se submetesse juridicamente a sociedade, formalmente ela pertencia a Luys de Mendonça.¹⁶³ A história da SBO era a espinha dorsal da *Orquídea* e foi acompanhada do esforço de documentar todo o movimento orquidófilo brasileiro, do qual o médico

¹⁶¹ HOEHNE, F. C. Morfologia das orquídeas, sua importância e terminologia. *Orquídea*, vol.08, n.03, mar., 1946, p.94.

¹⁶² MENDONÇA, L. de. Como se multiplicam as orquídeas, *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.27; Mais um ano vencido, *Orquídea*, vol.03, n.01, set., 1940, p.04.

¹⁶³ Havia em 1944 um projeto para editar uma revista da SBO, mas os agremiados decidiram abortá-lo e dar apoio irrestrito à *Orquídea*; *Orquídea* e a SBO, *Orquídea*, vol.06, n.04, jun., 1944, p.165.

era uma espécie de mentor, aparecendo como membro honorário de várias associações do país.¹⁶⁴

Já em 1939, o editor divulgava através dos editoriais o grande volume de correspondências recebidas. Também o intercâmbio com publicações similares, a exemplo da *The Orchid Review*, em nota na edição de novembro de 1938:

Mais uma prova do interesse mundial no cultivo de orquídeas é fornecida com a chegada de uma nova revista dedicada à Orquidologia. A nova publicação, com o título de *Orchidea*, está sob a direção do Prof. Luys de Mendonça, cujo endereço, a propósito, é na Rua Paulo Alves, 82, Niterói, Brasil. A publicação é admirável impresso em papel bom e as páginas são um pouco mais longas e amplas do que a nossa publicação, vai ser emitida trimestralmente, em setembro, dezembro, março e junho. Uma ilustração colorida de *Cattleya violacea* ilustra a página frontal da primeira edição (setembro de 1938) e são numerosas ilustrações em meio-tom, incluindo e vistas do interior e exterior dos orquidários do Jardim Botânico de São Paulo, sendo que ambas estão muito bem reproduzidas. Outras ilustrações incluem *Phaius grandifolius*, *Vanda suavis*, *Laelia Purpurata* var. *alba plena*, um *Catasetum*, *Laelia pumila*, *Cattleya labiata* e *Vanda teres*. Prof. Rodrigues da Silveira, deu uma apreciação, com fotografia de Barbosa Rodrigues, o célebre viajante e botânico brasileiro, na época em que era diretor do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. O Brasil já tem uma sociedade orquidófila, fundada em agosto passado, com o título de Sociedade Fluminense de Orquídeas, *com a benção do Presidente da República*. Uma contribuição muito interessante é a lista de orquídeas encontradas no Brasil, compilada para espécies publicados durante 1906-1932. Parabenizamos nossos amigos brasileiros pela excelência da sua publicação inicial de *Orchidea*.¹⁶⁵

No mesmo período de circulação da *Orquídea*, as seguintes publicações¹⁶⁶ eram veiculadas: *Orchid Review* (1893, Royal Horticultural Society);¹⁶⁷ *American Orchid*

¹⁶⁴ Vulgarizar, divulgar e difundir são termos sinônimos no periódico. De acordo com Moema Vergara “do século XIX até os anos de 1930, os cientistas e literatos utilizavam regularmente vulgarização”. Gradativamente o termo foi caindo em desuso, substituído por divulgação científica. VERGARA, M. de R. Contexto e conceitos: História da Ciência e “vulgarização científica” no Brasil do século XIX. *Interciência*, v.33, n. 05, mai., 2008, p.324-329.

¹⁶⁵ Tradução livre. Grifo nosso. *The Orchid Review*, London: Orchid Review Ltd, Dec., 1938.

¹⁶⁶ Os periódicos citados vinculavam-se a sociedades e quase todos ainda estão ativos. Exceto: *Orchidologia Zeylanica*, *Na Pua Okika o Hawaii Nei*.

¹⁶⁷ Ver: <http://www.rhs.org.uk/Plants/RHS-Publications/Journals/The-Orchid-Review>

Society Bulletin (1932, American Orchid Society);¹⁶⁸ *Australian Orchid Review* (1936, Orchid Society of New South Wales, Queensland Orchid Society, Victorian Orchid Club, Orchid Club of South Australian, Orchid Society of Western Australian, Tasmanian Orchid Society);¹⁶⁹ *Orchidologia Zeylanica* (1934, Orchid Circle of Ceylon);¹⁷⁰ *Cymbidium Society News* (1946, Cymbidium Society of America);¹⁷¹ *Die Orchidee* (1950, German Orchid Society);¹⁷² *Na Pua Okika o Hawaii Nei* (1951, Honolulu Orchid Society);¹⁷³ *Malayan Orchid Review* (1958, Malaysian Orchid Society).¹⁷⁴

Nas palavras de Luys de Mendonça, a iniciativa nacional não era nutrida de um simples espírito de imitação, pois cumpria a importante função de suprir, parcialmente, a escassez de livros especializados e alinhava-se aos ideais nacionalistas. Embora as ligações políticas dos membros da sociedade não sejam evidentes, a citada “benção do presidente” era reveladora daquela relação que também fazia notar pelos frequentes agradecimentos ao apoio dos interventores de Estado.¹⁷⁵

O discurso de proteção da flora orquídea reveste-se em “consciência privilegiada do nacional”,¹⁷⁶ com ênfase no atributo “nossa riqueza” e, conseqüentemente, no papel que o colecionismo exerceria na preservação das espécies nacionais. Uma das contribuições previstas era de ampliar as estatísticas sobre a flora orquídea:

¹⁶⁸ Ver: www.aos.org

¹⁶⁹ Ver: www.australianorchidreview.com.au

¹⁷⁰ Conforme os editoriais da *Orquídea*, Luys de Mendonça mantinha correspondência com o editor da *Orchidologia Zeylanica*, Sr. Ernest Soysa. Sobre a história dessa agremiação, Ver: <http://www.nation.lk/2007/08/19/eyefea1.htm>

¹⁷¹ Ver: www.cymbidium.org

¹⁷² Ver: www.orchidee.de

¹⁷³ Não circulante. A sociedade ainda está ativa. Ver: www.honoluluorchidsociety.org

¹⁷⁴ Ver: www.osseg.org.sg.

¹⁷⁵ Encontramos por diversas vezes o nome de Luys de Mendonça na agenda do Interventor publicada semanalmente nos jornais *Diário de Notícias* e *A Batalha*. Pessoas recebidas pelo interventor fluminense. *A Batalha* (vários), Actos do Interventor, *Diário de Notícias*, (vários).

¹⁷⁶ VELLOSO, M. P. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, 1987, p.01.

Em seu curto período de existência essa agremiação de amadores de orquídeas tem preenchido cabalmente os fins visados pelo pensamento científico que a instituiu. Assim é que não somente tem promovido a aproximação dos amadores residentes nesta cidade, como também entrado em relações com cultivadores de todos os pontos do país, *num trabalho preparatório para o levantamento de uma carta relativa a distribuição geográfica das nossas orquídeas*, trabalho esse cuja importância é escusado encarecer.¹⁷⁷

Ao comentar a IV Exposição Nacional de Orquídeas (1946), promovida pela SBO, Luys de Mendonça alegava que as orquídeas não eram moda passageira como “outras flores que tiveram sua época”. Ao contrário, o movimento em torno delas avançava:

Felizmente tudo isso está acontecendo num momento muito oportuno, pois dentro de pouco estaríamos talvez condenados a apenas saber que tínhamos tais e quais variedades, e que elas haviam desaparecido por completo, com a destruição progressiva das nossas florestas. Agora, temos uma forte esperança de que, ao lado dessas perspectivas sem limites que se abrem para a orquicultura nacional, *o nosso patrimônio vegetal, pelo menos no que diz respeito às nossas orquídeas*, fique a coberto dos fazedores de deserto, que nunca tiveram um pensamento alto para o nosso Brasil.¹⁷⁸

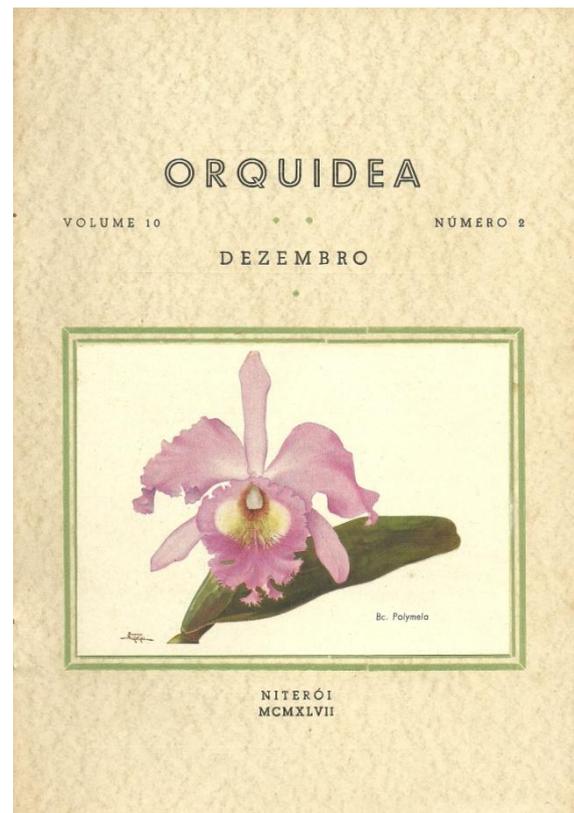
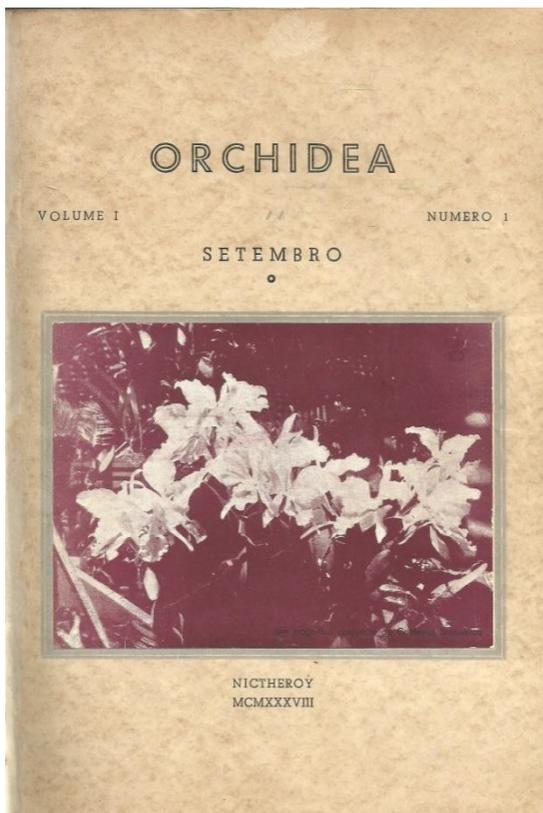
Entre 1938 e 1948, volumes 1 a 10, a periodicidade da *Orquídea* foi trimestral. Entre os volumes 11 e 29, bimestral. O volume 30 tem uma história particular, exposta a seguir. A apresentação gráfica era a seguinte: miolo em papel couchê, impressões em preto e branco de fotografias e ilustrações botânicas em cor, distribuídas em 40 páginas (18 X 27cm). Na capa papel vergê ou canson ornada por foto ou ilustração em cores. Tais características se mantiveram no decorrer de sua história. Dois importantes artistas colaboraram com a publicação: o aquarelista e ilustrador Samuel Salvado [s.d]¹⁷⁹ e o

¹⁷⁷ Grifo nosso. Sociedade Fluminense de Orquídeas, *Orquídea* vol. 2, n.01, set., 1939, p.05.

¹⁷⁸ Grifo nosso. Perspectivas ilimitadas, *Orquídea*, vol.09, n.02, dez., 1946, p.43.

¹⁷⁹ Samuel Salvado ilustrou juntamente com ilustradora botânica inglesa, Margareth Mee (1909-1988) o *Orchidaceae Brasilienses* (1978) de Guido Pabst e Fritz Dungs; Sobre Manuel Mora ver: FERREIRA, O. da C. *Imagem e Letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 443; O ilustrador da elegância. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 24, fev., 1923.

pintor e cartofilista português Manuel Mora (1884-1956)¹⁸⁰, conhecido pelas capas e ilustrações da *Revista da Semana*, *O Cruzeiro*, *Parc Royal* e como colaborador do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), durante o período do Estado Novo, ilustrando grande parte do material de propaganda do governo Getúlio Vargas.



¹⁸⁰ Manuel Mora como membro da diretoria da SBO no biênio 1950-1951. Sociedade Brasileira de Orquidófilos (Diretoria). *Orquídea*, vol.12, n.02, mar.abr., 1950.

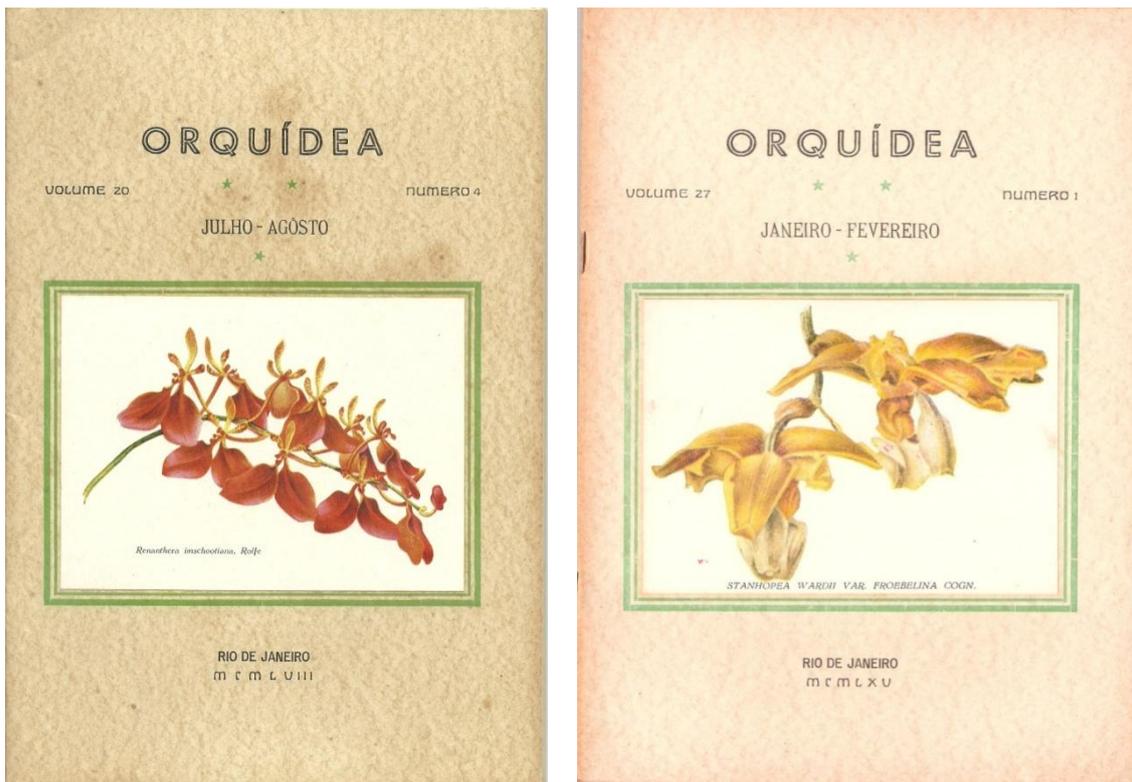


Imagem 2: Capas da Orquídea em fases distintas (volumes 01, 10, 20 e 27)

Na fase compreendida entre 1938 a 1948, o periódico contava com colaboradores dos mais variados, como dirigentes de instituições de pesquisa, de ensino e de órgãos governamentais, como: Alberto Sampaio; Alexandre Curt Brade; Hélio Lepage, Paula Parreiras Horta Laclette; Carlos Vianna Freire; Juvenal Meyer (1898-1970)¹⁸¹; F. C. Hoehne e João Siegfried Decker e Ezechias Paulo Heringer. Várias contribuições vinham de amadores, contudo, percebemos que existia uma hierarquia no interior do grupo, ou seja, aqueles considerados “experimentados” produziam mais artigos.¹⁸²

A exemplo do que faziam as sociedades científicas, a agremiação nomeou sócios honorários: Hoehne, Alberto Sampaio, Curt Brade, Campos Porto e Julián Acuña

¹⁸¹ Juvenal Ricardo Meyer era patologista, chefe da Seção de Anatomia Patológica do Instituto Biológico de São Paulo.

¹⁸² A questão da hierarquia será abordada novamente no capítulo II.

(1900-1973)¹⁸³. Tal mecanismo agregava mérito às atividades amadoras ao conteúdo divulgado na revista, e nesse caso, a própria acessibilidade que teriam às instituições dos profissionais.¹⁸⁴

O perfil profissional dos membros da SBO era diversificado. De acordo com o levantamento realizado em cerca de 160 exemplares da *Orquídea*, havia médicos, engenheiros, comerciantes e muitos militares. A participação de mulheres era minoritária. Nos primeiros anos, apenas Maria Stella de Novaes e Wanda Bartholdy [s.d]¹⁸⁵ constavam na listagem de associados da SBO; somente a orquidófila capixaba colaborou com artigos para a *Orquídea*. Em 1949, o Círculo Gaúcho de Orquidófilos tornou-se a primeira sociedade presidida por uma mulher, Hedy Neugebauer [s.d].¹⁸⁶ Nesse sentido é interessante perceber as feições masculinas que eram dadas a busca de espécimes, chamadas de “caçadas de orquídeas”. Embora, se assemelhem às práticas de campo de caráter científico, no que tange à utilização de algumas técnicas, é visível um misto de aventura mais afeito aos homens. Seria possível também, que a utilização da palavra caçada venha do termo inglês *orchid hunters*.

A impressão do periódico foi realizada na gráfica do Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, por intermédio do interventor Ernani do Amaral Peixoto (1905-1989)¹⁸⁷, que estendeu seu apoio à Sociedade quando se articulavam os planos para compra de

¹⁸³ Julián Baldomero Acuña Galé, botânico cubano, chefe do Departamento de Botânica da Estação Experimental de Santiago de las Vegas. Ver: RedCien (Red Cubana de la Ciência). Efemérides. <http://www.redciencia.cu/servicios/efemerides.php?mes=7&dia=24>

¹⁸⁴ LOPES, M. M. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.21, n.41, 2001, p.55-76.

¹⁸⁵ Wanda Bartholdy é filha do industrial e diplomata dinamarquês Georg Christian Bartholdy.

¹⁸⁶ A constituição profissional de outras sociedades do mesmo período era similar; Fundada em Porto Alegre uma Sociedade de Orquidófilos, *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p.215.

¹⁸⁷ Militar formado pela Escola Naval do Rio de Janeiro (1923-1927), posteriormente, engenheiro geógrafo pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1933 foi nomeado ajudante-de-ordens do presidente Getúlio Vargas. Ingressou na política filiando-se ao Partido Autonomista. Em novembro de 1937, assumiu o cargo de Interventor Federal no Estado do Rio de Janeiro onde permaneceu até 1945. Ver: PEIXOTO, Ernani do Amaral. Verbete, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc>, Acesso em: 20 nov. 2012; ABREU, Alzira de & BELOCH, Israel (coord.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária: FGV/CPDOC: FINEP, 1984, v.03.

uma sede própria. Como demonstração de agradecimento, uma foto do político foi publicada na revista número um, com a seguinte legenda: “Comandante Amaral Peixoto, M. D. Interventor Federal no Estado do Rio de Janeiro, espírito esclarecido e empreendedor que vai fundar um orquidário nesta capital”.¹⁸⁸

Supõe-se que o orquidário, ao qual a revista se refere, seja o mesmo solicitado em 1939. Na correspondência enviada a Amaral Peixoto e à Secretaria de Agricultura, os motivos e os termos da parceria eram definidos:

Acontece, todavia, Exmo. Sr. Interventor, que a Sociedade, cujas primeiras reuniões se efetuaram no salão nobre do Teatro Municipal, e, ultimamente, são realizadas na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia, cedida por um módico aluguel, ressentem-se, profundamente, com essa situação, visto que ainda não lhe foi possível organizar um Orquidário, para recolher o maior número possível de espécies brasileiras, e, particularmente, da Flora do Estado do Rio, criar um herbário para indispensáveis estudos de sistemática, um arquivo foto-iconográfico do mais alto valor, instalar um pequeno laboratório de fitopatologia especializada e de trabalhos de hibridação, etc [...] permito-me a liberdade de pleitear a aquisição pelo Estado, e para fazer parte do patrimônio do mesmo, uma chácara, preferentemente nos bairros de Cubango ou Fonseca, dada a situação topográfica e a maior riqueza de vegetação, para nela ser organizado o Orquidário do Estado, o qual ficará a cargo da Sociedade Fluminense de Orquídeas, com deveres recíprocos nitidamente estabelecidos.¹⁸⁹

A sociedade promoveria cursos populares e gratuitos de botânica complementares à “obra iniciada pelo Conselho Florestal do Estado, recentemente reorganizado”.¹⁹⁰ Em julho do mesmo ano, a Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Rio de Janeiro cedeu à sociedade um terreno. O sócio Gilberto Muylaert Tinoco (1914)¹⁹¹ projetou o orquidário ao qual seria dado o nome Barbosa Rodrigues. Um ano depois, dificuldades em angariar fundos para o pagamento da firma

¹⁸⁸ SCHARA, L. P. As sedes da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquidário*, vol.17, n.03, jul.set., 2003; *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.14.

¹⁸⁹ *Orquídea*, vol.01, n.03, mar., 1939, p.83.

¹⁹⁰ *Orquídea*, vol.01, n.03, mar., 1939, p.84.

¹⁹¹ Gilberto Muylaert Tinoco era também aquarelista. Sobre suas atividades de ilustrador ver o artigo de GIOSO, C. J. V. Arte e Paixão em Orquidofilia, *Brasil Orquídeas*, ano 01, n.03, nov.dez., 2002, p.101-104.

construtora e uma nova proposta do governo transferindo o local para Petrópolis minaram os planos da sociedade. De acordo com Luys de Mendonça:

Em janeiro de 1940 recebi um chamado do Governador Amaral Peixoto para ir ao Palácio Rio Negro, em Petrópolis, para tratar do assunto. O Governador indagou-me, então da possibilidade da construção se efetuada em Petrópolis, ao invés de Niterói, por vários motivos, entre os quais pelo fato de ser Petrópolis a capital de verão do Governo e florescente centro de turismo.¹⁹²

Passados 10 anos, em 05 de setembro de 1950, a sociedade adquiriu duas salas na Rua Visconde de Inhaúma no centro do Rio de Janeiro. Ao longo de 05 anos foram angariados CR\$250.000,00, e o empresário e orquidófilo Guilherme Guinle (1882-1960) doou CR\$10.000,00, que faltavam para a compra.¹⁹³

Se toda uma movimentação era feita no sentido de criar uma estrutura física para a Sociedade, existiam tensões nem sempre perceptíveis. Amadores e cientistas estavam em harmonia quanto à valorização das instituições científicas, sobretudo, das pesquisas no campo da orquidologia. Uma reivindicação comum era dar o devido crédito aos nossos pesquisadores e Barbosa Rodrigues era o mais citado. Ao se dedicar ao estudo de uma das espécies descritas pelo botânico (*Theodorea Barb. Rdr*), Hoehne teria dito:

[...] a carência do material original das muitíssimas espécies criadas por Barbosa Rodrigues e mais tarde passadas para gêneros diferentes ou consideradas sinônimas pelos botânicos que lhe sucederam o estudo desta família de plantas, esta lacuna torna-se sensível. Seria justo e necessário, entretanto, que muitas fossem restabelecidas, pois estavam melhores interpretadas por ele do que foram posteriormente por outros fitologistas europeus.¹⁹⁴

¹⁹² MENDONÇA, Luys de. Apud SCHARA, L. P. As sedes da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquidário*, vol.17, n.03, jul.set., 2003, p.104.

¹⁹³ SCHARA, L. P. As sedes da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquidário*, vol.17, n.03, jul.set., 2003, p.105.

¹⁹⁴ Guido Pabst se referiu a Barbosa Rodrigues de forma semelhante ao constatar em 1944 a separação do gênero *Cyrtophorantus*, pois “é uma prova da nítida noção de gêneros que possuía Barbosa Rodrigues, ao qual muitos ligaram pouca importância e que foi propositadamente rebaixado por Reichenbach Filho e outros. Vemos, pois, que Barbosa Rodrigues já no seu tempo, quando ainda não reinava muita clareza no domínio da sistemática, tinha uma perfeita noção dos gêneros e podemos rejubirlarmo-nos vendo que

A necessidade de aprovação e projeção da ciência nacional era, portanto, consensual. Porém, os embates de natureza política começam a frequentar as páginas da *Orquídea*. No nosso entender, isso se devia à percepção que os amadores tinham a respeito da formação das coleções; de que sua predisposição a ir a campo e buscar espécimes salvaguardava a flora das queimadas.

Não há dúvida que, para os orquidófilos, sua atividade teria como beneficiária a própria nação. O local das coleções bem como seus guardiões seriam os particulares e instituições científicas e cabia aos poderes públicos preservar a flora por meio da criação de reservas, parques florestais ou orquidários. Em sessão de 1941, a deliberação com pedido para construção de orquidários compostos por flora regional:

Na última sessão, a Sociedade Fluminense de Orquídeas, aprovou a proposta apresentada por um dos sócios presentes, no sentido de que fosse enviado um ofício circular aos Srs. Prefeitos das capitais dos estados, concitando-os, num veemente, e patriótico apelo, a construírem orquidários regionais, capazes de abrigar os elementos mais representativos da flora orquidácea tipicamente local, ou, como esclarecia a proposta em um dos tópicos, as orquídeas mais características das regiões circunvizinhas, na hipótese de não existirem no município da capital espécies tão numerosas que justifiquem, sozinhas, tão interessante e oportuna providência.¹⁹⁵

Existia também a percepção de que coleções particulares eram o melhor abrigo para as espécies nacionais, devido a se pautarem por uma “incorporação racional”. Segundo o argumento exposto pelo amador Waldemar Silva, em resposta à proibição da exportação de orquídeas pelo estado do Espírito Santo, em 1943:

mestres modernos vão restabelecendo suas obras muitas vezes desprezada”; HOEHNE, F. C. Estudo monográfico do gênero “*Theodorea Barb.Rdr*” e sua relação com outros afins, do Brasil, *Orquídea*, vol. 06, n.01, set., 1943, p.35. PABST, G. F. J. Barbosa Rodrigues e a sistemática em orquídeas, *Orquídea*, vol.06, n.03, mar., 1944, p.115-117.

¹⁹⁵ Orquidários Regionais, *Orquídea*, vol.04, n.02, dez., 1941, p.51.

A cultura das nossas espécies, partindo de sementes, não é feita, pois o tempo e a despesa são os mesmos empregados na cultura dos híbridos, de mais valor comercial e quase sempre de mais beleza. Se tal proibição subsistir, dentro de pouco tempo verificaremos, lamentavelmente, o gradativo desaparecimento das nossas espécies à proporção que as matas forem derrubadas, e, então, chegaremos a conclusão de que nem salvamos as orquídeas, nem tão pouco impedimos a destruição das matas. O que nos parece sensata é a criação sistemática de orquidários municipais em todas as cidades que tivessem determinado número de habitantes ou mesmo determinada renda. Talvez esse fosse um meio de preservar e salvar plantas e difundir o gosto pelas orquídeas.¹⁹⁶

A intervenção do estado no município de Santa Teresa atendia solicitação do Museu Nacional, “visando impedir a ação de coletores não autorizados que retiram milhares de mudas de *Cattleya labiata* e outras espécies de orquídeas ornamentais”.¹⁹⁷ Várias sociedades manifestaram-se contrárias à decisão e enviaram ofícios ao interventor do Espírito Santo e ao Ministério da Agricultura, pedindo explicações e alegando que a medida era contrária ao Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, que autorizava o livre trânsito de vegetais. Dessa forma, os amadores se sentiam lesados por uma determinação que visava proteger um espaço destinado à ciência.¹⁹⁸

Certamente a circulação de orquídeas entre os Estados era de interesse da SBO. Em 1941, o então presidente do Conselho Florestal do Estado do Rio de Janeiro, Hugo Lima Câmara¹⁹⁹, requisitou à Sociedade uma pesquisa relativa à colheita, trânsito e comércio de orquídeas:

Dirige apelo a todos os amadores do Brasil no sentido de que enviem sugestões, de vez, que ressalvadas certas condições nitidamente regionais, o assunto poderá ser encarado de um mesmo ponto de vista

¹⁹⁶ O Espírito Santo proíbe a exportação de orquídeas, *Orquídea*, vol.08, n.01, set., 1945, p.32.

¹⁹⁷ Ofício do Interventor do Estado do Espírito Santo para a Associação de Orquidófilos de Santos, de 05 de jun. de 1945. *Orquídea*, vol.08, n.01, set., 1945, p.33.

¹⁹⁸ Decreto-lei nº 5.478, 12 de mai. de 1943 (Modifica o art.20 do Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, baixado com o decreto nº 24.114 de 12 de abr. de 1934).

¹⁹⁹ O botânico Hugo de Lima Câmara era chefe do Gabinete de Pesquisas e Análises da Secretaria de Agricultura do Rio de Janeiro. Foi também inspetor dos Códigos Rurais.

em todos os Estados, resultando talvez daí uma regulamentação comum proveitosa a coletividade.²⁰⁰

Afora as questões de ordem fiscal, ao decorrer dos anos, as dificuldades enfrentadas pelo periódico foram expostas em vários editoriais. Precisamente no período da Segunda Guerra, quando o custo do papel elevou-se, Guilherme Guinle financiou os 04 números do volume 07. O “mecenas” cultivava o gosto pelas coleções em geral, prática que caracterizou o “homem da *Belle Époque* carioca”. Dono de um grande orquidário em Petrópolis, Guinle herdou o gosto pela orquidofilia do pai Eduardo Palassin Guinle (1846-1912), que teria comprado uma coleção do também orquidófilo baiano, Pedro Mendes de Amorim [s.d]. Pedro Mendes de Amorim era militar e um renomado orquidófilo que vivia em Salvador. Seu orquidário foi noticiado como um dos mais importantes do país pela *The Orchid Review*. Conforme um artigo do jornal *A Rua*, a primeira leva de orquídeas adquiridas por Eduardo Guinle (pai) teria partido dessa coleção. Após o falecimento do referido orquidófilo, Guilherme Guinle adquiriu o restante do orquidário.²⁰¹

Em 1948, a revista obteve o apoio do Ministério da Agricultura e do Serviço de Informação Agrícola que passaria a editá-la. O órgão também cedeu um técnico para prestar serviços à sociedade. No biênio 1950-1951, o agrônomo Verlande Duarte Silveira [s.d] assumiu o cargo juntamente com um Conselho Técnico, composto por

²⁰⁰ O Conselho Florestal do Rio de Janeiro foi instalado em 18 de abr. de 1939. Regulando o comércio de Orquídeas. *Orquídea*, vol. 04, n.02, dez., 1941, Instalou-se o Conselho Florestal do Estado do Rio, *Correio da Manhã*, 19, abr., 1939, p.06.

²⁰¹ A mais rica coleção de parasitas do Brasil está na Bahia – Quem é o Rei das Orchídeas. *A Rua*, Rio de Janeiro, 12, mai., 1917, p.04, SANGLARD, G. *Entre os Salões e o Laboratório*: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2008; The orchid collection of Coronel Pedro F. M. Amorim, Bahia, Brazil, *The Orchid Review*, vol.30, n.350, Aug., 1922, p.237-238.

membros da SBO.²⁰² Criado em 1938, o Serviço de Informação Agrícola tinha como base a informação, propaganda e documentação do setor rural brasileiro.²⁰³

Além do apoio técnico, o auxílio dado pelo SIA consistia na utilização de serviços gráficos oficiais e uma subvenção no valor de Cr\$112,80.²⁰⁴ Em 1950, aspirava-se que a publicação fosse mensal e os membros foram convocados a:

Organizar um pequeno capital que permitisse a aquisição de maior quantidade de papel de uma só vez, e também, a execução de todas as gravuras em cores, ao mesmo tempo. [...] essa providencia representaria uma economia sensível, como é óbvio, além de assegurar, sem nenhuma dúvida, uma admirável uniformidade gráfica durante o ano de 1951, sem contar com a vantagem da regularidade do aparecimento da revista.

Conforme os editoriais do volume 29 (janeiro a dezembro de 1967), o subsídio do SIA foi se tornando esporádico. O número 05 trazia os seguintes dizeres carimbados na folha de rosto: “A partir do presente número, inclusive, esta revista não está mais recebendo auxílio oficial de qualquer natureza. Será mantida por um grupo orquidófilos idealistas sem objetivos comerciais”.²⁰⁵ Em 1972, uma carta enviada aos assinantes se referia aos impasses de ordem econômica:

Em vista de não mais contarmos, definitivamente, com qualquer auxílio oficial, temos de adaptar-nos à realidade econômica, fazendo a impressão em tipografia particular, pagando naturalmente, os preços vigentes. Isto nos obriga a calcular o valor da assinatura de maneira a ser possível cobrir as despesas, tão somente, pois foi por idealismo que conseguimos editar *Orquídea* durante 29 anos, não sendo agora que iríamos visar qualquer lucro.²⁰⁶

²⁰² O conselho técnico era composto por: Verlande Duarte da Silveira, Wanda Bartholdy, Luis Schara e o Cel. Domingos Costa Moreira. Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquídea*, vol.12, n.02, mar.abr., 1950, p.72.

²⁰³ Ver: CAIADO, B. C. A Informação Agrícola de Getúlio Vargas: O Serviço de Informação Agrícola. (Dissertação) Mestrado em Ciência da Informação - UnB, Brasília, 1995.

²⁰⁴ Diário Oficial da União, Seção I, 11 de out. 1948, p.53; Diário Oficial da União, Seção II, 28 de dez. 1948, p.37.

²⁰⁵ *Orquídea*, vol.29, n.05, set.out., 1967.

²⁰⁶ Carta da SBO aos assinantes da revista *Orquídea*, Acervo OrquidaRIO, , Rio de Janeiro, 21 de ago. de 1972.

Um intervalo de 06 anos transcorreu até que o volume 30 viesse a público. Por motivos expostos acima, podemos observar um declínio no número de colaborações, razão pela qual o editor fez o seguinte pedido: “precisamos, com urgência, de pequenas notas, observações sobre culturas, boas fotografias, principalmente de espécies nossas, em preto e branco, papel brilhante e com bastante contraste, para obtenção de *clichés* nítidos”.²⁰⁷

No interior do Ministério da Agricultura algumas iniciativas esparsas quanto à pesquisa de flores ornamentais foram realizadas. Em junho de 1938, o Diário Oficial publicou um ofício endereçado ao prefeito de Teresópolis, em que comunicava as atividades do técnico João Soares Palmeira para “estudar as condições econômicas da cultura de flores e colher dados estatísticos sobre a produção de frutas e hortaliças”. O trabalho realizado também nas cidades de Petrópolis e Rezende era de conhecimento da *Orquídea*, que noticiou o “Inquérito sobre as Orquídeas Brasileiras” na edição de setembro de 1938.²⁰⁸

Nesse sentido é interessante notar o esforço de Luys de Mendonça para compilar material acerca das orquídeas em jornais correntes brasileiros. Um caderno com diversos recortes servia de subsídio para as matérias do periódico e estabelecia um quadro da orquicultura nacional, bem como os debates entre orquidófilos e políticos que examinavam o tema pelo viés da proteção das riquezas nacionais.

Nos anos subsequentes à fundação da SBO e início da publicação da *Orquídea*, houve um *boom* de criação de sociedades orquidófilas por todo o país. Entre as mais citadas no periódico estavam: Agremiação de Amadores de Orquídeas de Joinville (1938);²⁰⁹ Sociedade de Orquidófilos de Casa Branca/SP (1939);²¹⁰ Sociedade

²⁰⁷ Reinício de luta. *Orquídea*, vol.29, n.01, jan.fev., 1967, p.03.

²⁰⁸ Inquérito sobre as Orquídeas Brasileiras, *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.22.

²⁰⁹ Ativa. Ver: <http://www.ajao.com.br/>

²¹⁰ Ativa. Não encontramos o site.

Paranaense de Amadores de Orquídeas (1941); Sociedade de Amadores de Orquídeas de Florianópolis (1940); Círculo de Orquidófilos de Santa Cruz (1943); Associação de Orquidófilos de Santos (1943); Círculo de Orquidófilos de Blumenau (1943);²¹¹ Sociedade de Orquidófilos de Juiz de Fora (1945); Movimento Orquidófilo Barretos (1946); Sociedade Bandeirante de Orquídeas (1946);²¹² Clube de Orquídeas de Santos (1947); Círculo Gaúcho de Orquidófilos (1949);²¹³ Círculo Orquidófilo de Marília (1949). Destacam-se nesse rol a Sociedade Orquidófila de Belo Horizonte²¹⁴, fundada em agosto de 1949, e o Círculo Paulista de Orquidófilos²¹⁵, de 1941, que deu origem a Sociedade Brasileira de Orquídeas em 1943.

Conforme nota editorial da *Orquídea* no estado de São Paulo, “ocorreu uma verdadeira crise de crescimento. O impulso dado ao amadorismo foi de tal natureza, tão intenso e acelerado foi o ritmo da orquicultura que o grande núcleo inicial fragmentou-se, dele resultando alguns grupos menores”.²¹⁶

Independente da região geográfica onde se encontravam, os orquidófilos viam as sociedades como o espaço onde poderiam adquirir e ampliar seus conhecimentos botânicos. Mas, a nosso ver, os grupos guardam diferenças. As sociedades sediadas em capitais tinham entre seus membros um profissional, destacando sua proximidade dos núcleos científicos. Assim, São Paulo erige a imagem de Hoehne; o Rio de Janeiro, de Campos Porto; e Porto Alegre, de Alarich Schultz (1912-1976).²¹⁷ Já as agremiações do interior, conservam uma noção de territorialidade mais arraigada, um apego ao lugar que frequentam há longo tempo e do qual produzem saberes, exemplo dos orquidófilos

²¹¹ Ativa. Ver: <http://www.cob-blu.com.br/>

²¹² Ativa. Ver: <http://sborquidea.wordpress.com/>

²¹³ Ativa. Ver: <http://www.orquideas-cgo.com.br/sobre.php>

²¹⁴ Ativa. Ver: <http://www.sociedadeorquidofila.org/index.php/>

²¹⁵ Ativa. Ver: <http://www.cpo.org.br/>

²¹⁶ Um ideal fácil. *Orquídea*, vol.07, n.02, dez., 1944, p.51.

²¹⁷ Alarich Rudolf Holger Schultz era professor de Botânica da antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul (hoje UFRGS). Foi presidente da Sociedade Botânica do Brasil em 1964.

da região serrana do Espírito Santo. Os amadores do Sul do país identificam-se com as espécies endêmicas²¹⁸ e com sua descendência europeia. A orquidofilia nos estados do Nordeste é pouco abordada, mas a Bahia concentra grandes colecionadores. Em 1944, período no qual Campos Porto ocupou o cargo de Secretário da Agricultura, o Parque de Ondina construiu um orquidário. Em 1946, o orquidário contabiliza 5.500 plantas provenientes de excursões de coletas realizadas nos estados do Nordeste sob o comando do orquidófilo Alfredo Urpia (1883-1967), do agrônomo Gratulino Mello [s.d] e do floricultor Luiz Lanstiak [s.d].²¹⁹

Ao mesmo tempo em que eram requisitados a apoiar o movimento associativista amador, os botânicos realizaram o primeiro encontro da categoria em 1938, a Reunião Sul- Americana de Botânica. Patrocinado pelo governo brasileiro e organizado por Campos Porto, o evento discutiu a criação de “parques nacionais, proteção à Natureza, estudo e cultivo de plantas medicinais e fiscalização de expedições científicas”. Almejava-se também a criação de um Bureau Sul-Americano de Botânica para impedir “o êxodo de material e trabalhos com prejuízos incalculáveis para os estudos da nossa flora”.²²⁰

Como relatamos ao longo desse capítulo, o colecionismo de orquídeas teve seu auge na Europa do século XIX. A diversidade botânica dessa flora, antes vista pelas lentes do exotismo, gradativamente passou a objeto das Ciências da Natureza. Um público ávido por espécies tropicais enviou coletores a várias regiões, criou instrumentos de coleta, empresas especializadas; e os entusiastas passaram a se reunir

²¹⁸ Endemia: Espécie ou grupo nativo restrito ao seu local de origem; Endemismo: Capacidade de um ambiente de possuir espécies endêmicas. Quando se diz que uma região possui um alto grau de endemismo, significa que a região abriga um número particularmente alto de espécies endêmicas. Ver: <http://ecomar.io.usp.br/glossario.html>

²¹⁹ Paulo Campos Porto foi Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio da Bahia de 1942 a 1945. URPIA, A. O Orquideário de Ondina e sua organização em Salvador – Bahia. *Boletim da Secretaria de Agricultura*: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, ano XLV, n.01, out., 1948, p.196-200; URPIA, A. orquideário de Ondina e sua organização em Salvador – Bahia. *Orquídea*, vol.09, n.01, set., 1946, p. 23-29.

²²⁰ 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica. *Rodriguesia*, ano 04, n.12, set.dez., 1939, p.141-145.

em sociedades e produzir material bibliográfico sobre as descobertas. O Brasil entrou nessa rota de viagens e várias espécies nativas foram classificadas por botânicos estrangeiros. Ao final do século XIX, Barbosa Rodrigues publicou o resultado de suas pesquisas. Depois dele, alguns estudos esparsos contribuíram para produção de conhecimentos sobre as orquídeas brasileiras. No século seguinte, estudos sistemáticos destacaram Hoehne desse quadro. Na década de 1930, novos personagens entram em cena, a partir da fundação da SBO, no Rio de Janeiro, e da criação de várias outras sociedades em outros estados. A organização dos amadores significou um novo momento de intensificação das atividades de divulgação e da afirmação de uma orquidofilia apoiada em ideais nacionalistas e científicos. A revista *Orquídea* foi a principal porta-voz desse processo que propunha um diálogo entre amadores e profissionais, mas para isso os orquidófilos tinham que se afirmar e criar uma imagem que os distanciasse de um colecionismo diletante.

CAPÍTULO II – O espírito do orquidófilo ou como se fazia um amador

2.1 – Da definição do termo amador

A palavra amador vem do latim *amator* (*oris*), ou seja, que ama; que tem amor, que dedica afeição. Os dicionários de Língua Portuguesa dos séculos XVIII e XIX guardam esse sentido original. Na obra de Raphael Bluteau (1728), é “amante. Dizemos proverbiavelmente, velho amador, inverno com flor”. Já no dicionário de Moraes (1789); “que ama, amante”, “o que tem prazer e gosta de alguma coisa, amador das boas artes, da pintura”; “amadores da sapiência”; “amador da verdade e justiça”. Em Silva Pinto (1832), “que ama, que gosta”.¹

Nas definições do século XX, surge a contraposição entre amador e profissional. Em Caldas Aulete (1964): “ama, amante, namorado”; “o que gosta muito de uma coisa, apreciador”, “o que cultiva qualquer arte ou esporte por gosto e não por profissão; curioso”. Na décima primeira edição do dicionário organizado por Hildebrando Lima e Gustavo Barroso (1968), amador é “o que ama, apreciador, cultor curioso de qualquer arte” e amadorismo “condição de amador, de não profissional ou regime contrário ao profissionalismo” e amadorismo “qualidade de amador”, “regime ou doutrina contrária ao profissionalismo”. O mesmo autor traz orquidófilo como “amador, colecionador de orquídeas”.²

¹ O sentido pejorativo de *amator* é “dissoluto, libertino, devasso, corrupto”. FERREIRA, A. G. *Dicionário Latim – Português*. Porto: Porto Ed.; Lisboa: L. Fluminense, [19--], p.74; BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Casa Impressora Colégio das Artes da Companhia de Jesus, vol.01, 1728, p.303; PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Língua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832; SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da língua portugueza* - recompilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, p.113.

² LIMA, H.; BARROSO, G. (Supervisionada e aumentada por Aurélio Buarque de Holanda e José Baptista da Luz). *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968, p.63; CALDAS AULETE, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964. 5ª edição [2ª edição brasileira]. 1º vol. p.206; CALDAS AULETE, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964. 5ª edição [2ª edição brasileira]. 4º vol. p.2886.

A mudança semântica ocorrida é de ordem histórico-cultural. Com a ascensão da burguesia e a conseqüente valorização do trabalho, o termo passou a distinguir o tipo de envolvimento com a atividade de trabalho; se apenas por gosto e sem remuneração, o que desobrigaria da demonstração de competência (amador); ou se pela necessidade do ordenado, o que exigiria, por sua vez, comprovação do mérito (profissional). Dessa aplicação da palavra na esfera do trabalho, pôde ter resultado o valor pejorativo, visto que a ideologia burguesa já se firmava.

Para a língua inglesa, Joseph Arditti assinala processo semelhante, ligado ao crescimento da classe média. A palavra *amateur* (do latim *amator*) designava a pessoa envolvida com ciência, arte, esporte ou outras áreas, por prazer ou benefício financeiro; já os profissionais, aqueles que ganham a vida com o que fazem. Tais definições não baseavam-se na noção de superioridade de um grupo sobre o outro. A mudança operada entre os séculos XIX e XX confundiu o termo com as abordagens de pessoa superficial, não qualificada, uma perda, segundo o autor, que “diminui as conquistas impressionantes, de talentosos não-profissionais”.³

O crescente processo de profissionalização da ciência tornou mais evidente a percepção do sentido pejorativo do termo amador. A identificação entre a orquidofilia e o diletantismo tinha que ser superada pelos brasileiros. Além disso, o cenário em questão foi marcado pela criação das primeiras faculdades de filosofia, ciências e letras, a exemplo do Departamento de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934. É importante ressaltar que não entendemos as faculdades como *loci* privilegiados das práticas científicas. Conforme atesta Margareth Lopes, durante o século XIX “os museus brasileiros não só estiveram particularmente atuantes, como de fato institucionalizaram as ciências (ciências naturais) e suas

³ ARDITTI, J. Some recent books by amateurs. *Taxon*, vol.44, n.01, Feb., 1995, p.133.

especializações”, nas primeiras décadas do século XX os museus perderam “prestígio científico” transferido para os institutos de pesquisa.⁴

Chamamos a atenção para esse quadro a fim de expor os possíveis contrapontos à emergência de uma cultura amadora no Brasil. O associativismo orquidófilo iniciado em 1937, com a fundação da SOB, tinha como sua principal bandeira o enaltecimento das espécies nativas. O objetivo como vimos anteriormente era de vulgarizar os conhecimentos sobre a vida das orquídeas. A ação de órgãos de vigilância durante o Estado Novo diminuiu a liberdade das atividades de divulgação. O Círculo Paulista de Orquidófilos, por exemplo, divulgou em 1942 que “os novos estatutos do CPO devidamente aprovados pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, foram registrados em cartório”.⁵ Ademais, as publicações das sociedades, boletins e outros, passavam pelo crivo das instâncias estaduais do DIP.⁶

O caso de divulgação aqui analisado, realizado por amadores, tendo o Rio de Janeiro como centro irradiador, intensificou-se. Nesse sentido, embora a divulgação tenha diminuído nesse período, é necessário ver que estudos de caso propiciam alternativas de análise, especialmente de divulgação de áreas específicas do conhecimento, tendo em vista que a valorização das orquídeas respondia a um dos anseios do governo, ou seja, o de olhar para a própria cultura e seus valores através da flora.⁷

⁴ LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: Ed. UnB, 2009, p.21.

⁵ Círculo Paulista de Orquidófilos. *Orquídea*, vol.05, n.01, set., p.44.

⁶ O Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) foi criado em 1940 em todos os estados do país com atribuições semelhantes ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) instituído pelo Decreto nº. 1.915, de 27 de dezembro de 1939. Ver: <http://www.usp.br/proin/home/index.php>

⁷ Luísa Massarani e Ildeu Castro apontam que a divulgação científica no Rio de Janeiro teria refluído na década de 1930. Uma de suas hipóteses é de nesse período e com a implementação do Estado Novo as atividades que “até então eram desenvolvidas de forma autônoma, passaram a estar sob a égide governamental. Se isso teve aspectos progressistas, em um processo que foi estimulado pelos educadores e cientistas na década anterior, significou também um controle estatal mais rígido, até mesmo repressivo em muitas ocasiões, e que certamente teve papel inibidor de iniciativas mais ousadas”. MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. A divulgação científica no Rio de Janeiro na década de 1920. In: HEIZER, A.;

No período analisado, vários profissionais escreviam sobre orquídeas, a exemplo dos agrônomos. Mas não há dúvida de que os amadores elegem o botânico como aquele que se destaca e com o qual se identificam. Nota-se nos artigos estampados na *Orquídea* que Barbosa Rodrigues era um símbolo, mas distante no tempo e com obras praticamente inacessíveis. Um editorial cogitava a reedição das obras do botânico, pensando nesse desconhecimento por parte dos amadores:

Para os nossos amadores de orquídeas não existe, sem dúvida, nome de botânico que seja mais familiar e cercado de maior auréola de prestígio, que o tempo não tem feito senão crescer, do que o de Barbosa Rodrigues. E esse prestígio é justíssimo, porque nenhum outro botânico pátrio contribui até hoje de modo tão numeroso e tão brilhante, como o notável autor do “Sertum Palmarum” para o estudo e conhecimento das nossas orquidáceas. *Todavia, são poucas, bem poucas mesmo, as pessoas que realmente conhecem as obras de Barbosa Rodrigues.* Há muito tempo que essas obras encontram-se inteiramente esgotadas, e, apenas algumas bibliotecas e raros privilegiados as possuem nas suas coleções. Por que, pois, não reeditá-las, apresentando-as numa edição uniforme, com notas explicativas, edição precedida de uma biografia, que, inexplicavelmente, até agora ainda não foi escrita?⁸

Em sua busca pelo conhecimento orquidológico, os amadores ansiavam por conhecer as orquídeas nativas através de autores brasileiros. A leitura de um conterrâneo despertava sentimentos de pertencimento e de conquista de habilidades mais específicas para lidar com as coleções. Sendo assim, Hoehne representa, no contexto da década de 1930, através de seus trabalhos de divulgação, a ideia professada pelos amadores, ou seja, de que o colecionismo orquidófilo amparado em um ideal; o de caracterizar a nação, as nossas orquídeas.

Mas, o amator seria apenas uma negativa do profissional? O que está em discussão, a nosso ver, é uma institucionalização do amadorismo por meio da criação de

VIDEIRA, A. A.P. *Ciência, civilização e República nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010, p. 130.

⁸ Barbosa Rodrigues. *Orquídea*, vol.13, n.04, jul.ago.,1951, p.123.

sociedades, um discurso de defesa da flora nativa, de um orquidófilo que prioriza “nossas espécies” em detrimento das exóticas e híbridas; dialoga com a ciência, tendo como espaços as próprias agremiações, a revista *Orquídea* e os boletins internos.⁹ A própria SBO conjectura que para manter esses ideais, as entidades locais e regionais deviam ser banidas e uma única organização representasse todos os amadores brasileiros.¹⁰

A crítica aos híbridos tinha uma série de motivos. Além dos preços elevados de alguns espécimes, outros simplesmente não eram considerados belos. Ministrando conselhos aos novatos, um editorial alertava a mística em torno dos híbridos, alguns “maravilhosos, sem dúvida, mas os há também de extrema pobreza, mais pobres do que os próprios pais”. Devido à oferta dessas plantas, as práticas de campo podiam ser abandonadas futuramente. A difusão dos híbridos imprimiu uma mudança na educação dos gostos:

Atualmente estamos acostumados a ver quase que somente híbridos e assim nunca observamos uma espécie como deveria ser observada. As flores simples, como as gentes simples, devem ser vistas tais quais se apresentam e não devemos exigir delas o que não podem dar. Coletores de planta de todos os tempos ficavam extasiados diante do que viam nas matas e estas orquídeas que hoje são olhadas com pouco caso, merecem deles, páginas de verdadeiro entusiasmo. Há certas qualidades padrões que podem ser usadas, para determinar a extensão em que o auxílio visual é de valor na apreciação do que se olha. É preciso mais do que ver; é preciso observar.¹¹

Se por um lado, os híbridos se tornaram a vanguarda da indústria de orquídeas; por outro, representavam a espoliação da nossa flora que lhe cedeu dezenas de exemplares, episódio resumido na imagem de um país “mudo como Jeca-Tatu, do conto

⁹ Grande parte das sociedades mantinham boletins internos. A própria Sociedade Brasileira de Orquidófilos, mesmo apoiando integralmente a revista *Orquídea*, manteve a partir de 1958, o Boletim da SBO. O Círculo Paulista de Orquidófilos publicou seu boletim a partir de 1944, em seu primeiro número trazia na capa o mote: “Brasil, Pátria nossa, Pátria das Orquídeas”.

¹⁰ Um ideal fácil. *Orquídea*, vol.07, n.02, dez., 1944, p.51.

¹¹ GROTA, A. S. Saber ver. *Boletim da SBO*, jul., vol.1, n.6, 1958, p. 98-99.

simbólico de Monteiro Lobato, assuntando, espiando e nada a clamar”.¹² Abrandavam-se tais julgamentos ao propor esse tipo de cultura para salvar as orquídeas nativas do desaparecimento. Considerava-se a hibridação ainda um desdobramento natural da atividade de amador, facultada “aqueles que cultivam apaixonadamente com sentimento de verdadeiro naturalista”, utilizando para isso nossas orquídeas.¹³

Conforme um editorial da *Orquídea*, o crescimento dos amadores e seu conseqüente amor pela natureza testemunhavam a difusão do bom gosto e a racionalização dos métodos culturais, em um contexto assim descrito:

Podemos afirmar, sem nenhum exagero que ainda nos encontramos no início da cultura das orchidáceas, a despeito de ser o Brasil um dos países mais ricos do mundo nesse particular. Se no fim do século passado e no começo deste século existiam entre nós coleções de grande valor, que se tornaram famosas, hoje o número de pequenos colecionadores é extraordinariamente maior. Essa *democratização, por assim dizer, da orquicultura*, representa uma fase interessantíssima da nossa evolução, revelando a difusão do bom gosto, o amor pelas coisas da natureza. Nessa fase, altamente propícia à aplicação dos melhores métodos de *cultura racionalizada*, *Orquídea* espera poder desempenhar a tarefa que lhe foi confiada.¹⁴

A atividade de colecionar e cultivar plantas envolve uma diversidade de elementos, desde questões socioeconômicas às afetivo-espirituais. Nessa relação é essencial apreender que, se na natureza as espécies vegetais visam “estabelecer um equilíbrio biológico pela relação mútua das diversidades específicas”¹⁵, para os humanos seu valor envolve a criação de conjuntos harmoniosos e que avocam a atenção. Sendo assim, para o orquidófilo as coleções encerram diretamente a noção de gosto;

¹² *Orquídea*, vol.03, n.04, jun., 1941, p.180.

¹³ MACHADO, P. A. A cultura das sementes de orquídeas. *Orquídea*, vol. 04, n.02, dez., 1941, 84-87; Façamos hibridações. *Orquídea*, vol.03, n.02, dez., 1940, p. 51.

¹⁴ Mais um ano vencido. *Orquídea*, vol.3, n.01, set., 1940, p.03-04.

¹⁵ HOEHNE, F. C. As Orchidaceas do Brasil, seu valor e sábio aproveitamento. *Orquídea*, vol.2, n.04, jun., 1940, p.159.

coleccionar é também consumir beleza em um processo simultâneo de legitimação do consumidor e daquilo que ele olha.¹⁶

Se os orquidófilos precisam criar uma identidade ela tem início com a consagração de seu objeto de estudo/desejo, as orquídeas, dispondo traços distintivos do amador de orquídeas em relação ao de outras espécies.

2.2 - Por que orquídeas?

De acordo com Pierre Bourdieu, as preferências culturais dos indivíduos relacionam-se ao nível de instrução e à herança familiar, responsáveis por transmitir capital cultural em níveis variáveis.¹⁷ No caso do gosto pelas plantas, a educação escolar pode ser um fator relevante, pois as competências adquiridas com o estudo da botânica criariam um terreno propício ao colecionismo. Ainda que os amadores brasileiros tentassem dar um tom democrático à orquidofilia, é importante ressaltar que o colecionismo que consideram legítimo, ou seja, pautado pela ciência, exigia dos interessados algum grau de conhecimento.

Entretanto, colecionar não é uma prática determinada e controlada pela instituição escolar. Colecionadores podiam orientar-se por outros parâmetros que não os científicos. Luys de Mendonça registrou esse gosto despretenso pelas orquídeas durante uma atividade de campo:

Havia uma modesta casinhola, em cujo quintal, pregados sobre árvores, existiam diversos exemplares de orquídeas. Pedimos licença para fazer uma fotografia. A moradora, depois de alguma relutância, acabou consentindo. Foi preciso que esclarecêssemos não sermos

¹⁶ BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

¹⁷ Segundo o autor: “O peso relativo da educação propriamente escolar (cuja eficácia e duração dependem estreitamente da origem social) varia segundo o grau de reconhecimento e ensino dispensado às diferentes práticas culturais pelo sistema escolar; além disso, a influência da origem social, no caso em que todas as outras variáveis sejam semelhantes, atinge seu auge em matéria de cultura livre ou de cultura de vanguarda.” BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011, p.09.

fiscais do governo. Informou-nos que encontrara essas orquídeas caídas sobre o chão, achara-as muito bonitas e as colocara no seu modesto jardim.¹⁸

Em sentido oposto, o mesmo orquidófilo afirma em visita à Sociedade Argentina de Horticultura¹⁹ que as senhoras daquela agremiação tinham:

Um enternecido interesse pelas flores e pelas plantas, e em muitas delas esse interesse não se limita exclusivamente ao sentido de beleza, que as flores despertam nas pessoas de fina sensibilidade, pois vão muito além, interessando-se ao mesmo tempo, pelos conhecimentos de botânica sistemática.²⁰

Em ambos os casos, a beleza surge como um parâmetro de organização. Mas, se na modesta casinhola era esvaziado de sentido, para as senhoras da sociedade a beleza demonstra a “expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social”, unindo um grupo que opera o gosto a partir do mesmo instrumental, ou seja, a ciência.²¹

A Sociedade Argentina de Horticultura, agremiação que mantinha contatos com a SBO²², foi fundada em 1936. Sediada em Buenos, era composta basicamente por mulheres e tinha por objetivo “favorecer o desenvolvimento e avanço da Horticultura” através do cultivo de “flores, hortaliças, frutíferas, árvores e arbustos de parque”. O boletim editado pela agremiação (*Boletín de la Sociedad Argentina de Horticultura*)²³ atendia a interesses de vários tipos de aficionados. Os conteúdos dos artigos remetem

¹⁸ Uma caçada de orquídeas no Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p.206.

¹⁹ Ver: <http://www.horticulturnargentina.org/>

²⁰ Orquicultura na Argentina. *Orquídea*, vol.11, n.05, mai.jun., 1949, p.181.

²¹ BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011, p.56.

²² O Círculo Paulista de Orquidófilos também mantinha contatos com a sociedade argentina. Em reunião realizada em 27 de junho de 1945, foi registrado em ata: “uma lista de pessoas interessadas pelo Boletim, e que gentilmente lhe fora enviada pela Sra. Presidenta da Sociedade Argentina de Horticultura de Buenos Aires”.

²³ Hoje, uma revista denominada *El jardín y sus plantas*.

ao cultivo de jardins particulares como indica o grande número de propagandas de profissionais, agrônomos, especializados na execução de jardins.²⁴

Referência em orquidofilia, o Brasil, em oposição à Argentina, é citado pela sociedade argentina como país dotado de condições naturais propícias ao colecionismo de orquídeas: “No Brasil, o cultivo de orquídeas é um hobby muito difundido, isso se explica porque abundam estas plantas em estado natural e o clima é mais adequado, considerando-se a zona costeira, acima de tudo, como um imensa estufa. Os aficionados fazem excursões aos bosques para recolhe-las e unem assim dias de prazer e descanso com a não menos agradável formação e incremento das coleções. Muitos possuem exemplares em seus próprios jardins”.²⁵ O Ministério da Agricultura brasileiro promoveu, em parceria com a Sociedade Rural da Argentina, uma exposição de orquídeas brasileiras no ano de 1936 em Buenos Aires.

Paradoxalmente, a SBO chamava a atenção para os efeitos dessa relação cotidiana com as orquídeas, pois ela acabava por gerar certa apatia dos amadores em relação às espécies nativas:

[...] esse interesse pelas cruzas, em detrimento de plantas naturais nativas, está sendo levado muito longe. É preciso uma reação no sentido oposto. O que se verifica, realmente, é um interesse pelas espécies naturais e suas variedades em outros países, enquanto que aqui essas espécies são relegadas para um planto secundário. Para isso concorre certamente o fato de estarmos em contato diário com as nossas soberbas orquídeas, e não existe nada tão perigoso como a vulgarização da beleza, isto é, esse contato diário faz com que a nossa sensibilidade fique embotada e deixe de reagir de uma maneira desejável.²⁶

²⁴ Com perfil semelhante à Sociedade de Horticultura, foi fundada em 1951 a *Asociación Argentina de Rosicultura* (denominada primeiramente *The Rose Society of Argentina*). Ver: <http://www.rosicultura.org.ar/>; Orquídeas. *Boletín de la Sociedad Argentina de Horticultura*, Tomo IV, n.39, marzo, 1946, p.82.

²⁵ El cultivo de las Orquídeas por aficionados. *Boletín de la Sociedad Argentina de Horticultura*, Tomo XVI, n.110, abr.jun., 1958, p.65.

²⁶ Protejamos as nossas espécies. *Orquídea*, vol.10, n.03, mar., 1948, p.99.

Para as sociedades, atrair novos colecionadores é um exercício de doutrinação constante. A formação de orquidófilos podia surgir desde a infância, não por acaso, várias imagens de crianças em orquidários apareciam nas páginas da *Orquídea*. Geralmente, tratava-se de filhos de orquidófilos que desejavam deixar suas coleções como herança, inculcando o interesse pelas orquídeas de modo precoce. Essas imagens possuíam um caráter propedêutico e visavam incitar as futuras gerações para o gosto pelas orquídeas.

Um editorial da *Orquídea* instruía sobre como conquistar amadores adultos esquadrinhando as melhores oportunidades. O orquidófilo experiente deve introduzir a catequese com lições de extrema simplicidade; nas datas festivas, aniversários, por exemplo, presentear os futuros pares com orquídeas acompanhadas de pequenas observações sobre a vida da planta, sua procedência, aspectos acerca de sua morfologia externa e principais gêneros, convidá-los a visitar exposições. Esse roteiro parte, antes de tudo, da premissa segundo a qual as orquídeas se diferenciam das demais flores:

A cultura das orquídeas, como já temos afirmado por mais de uma vez, *é muito diferente da cultura das demais flores*. E essa diferença reside não tanto na diversidade das condições de vida dessas plantas singulares, senão principalmente, na grande, irresistível fascinação que elas acabam por exercer sobre nós. E a multiplicação do número de pessoas interessadas na cultura de orquídeas [...] representa uma forma inteligente e idealista de servir ao Brasil, pelo crescente amor à sua Natureza, pelo respeito sincero e equilibrado ao seu enorme patrimônio vegetal. Devemos, por isso, iniciar desde agora um trabalho sistemático juntamente às pessoas de nossas relações para que organizem também a sua pequena coleção de plantas.²⁷

O processo de justificativa dos gostos opera de maneira a opor-se a outros gostos, determinar um gosto é negar outro. Exemplo é a justificativa utilizada por

²⁷ Grifo nosso. Conquistemos novos amadores. *Orquídea*, vol.03. n.04, jun., 1941, p.147.

Hoehne, em 1946, durante a implementação de um roseiral (2.600 roseiras, 60 variedades) no Jardim Botânico de São Paulo:

Desde há séculos existe entre amigos e admiradores das flores a disputa a respeito das rosas e das *Orchidaceas*. Uns pretendem provar que a primazia deve caber as primeiras, mas uma maioria afirma que as últimas mais a merecem, por serem obras da natureza que, pela sua vida e após cruzamentos artificiais, melhor ainda evidenciam o dedo do Artífice Supremo que as criou. O Jardim Botânico, cultivando tantas *Orchidaceas*, não seria, entretanto, inteiramente justo e imparcial, se não proporcionasse também aos admiradores das rosas alguma cousa para lhes atrair a atenção e compensar o passeio.²⁸

O botânico destaca a rivalidade entre aficionados por rosas e orquídeas, mas qualifica apenas as segundas e não utiliza a mesma terminologia para as flores, ou seja, refere-se às orquídeas designando a família *Orchidaceae* e às rosas, apenas como rosas. Indício ainda maior da distinção das orquídeas era a foto que ilustrava o relatório de atividades do roseiral cuja seguinte legenda dizia: “o público, embora entusiasmado com as roseiras, prefere, todavia, as *Laelias* e *Cattleyas* do orquidário”.²⁹

Na Europa, as rosas vinham de um longo histórico de cultivo. No oitocentos, a cidade de Lyon, na França, era conhecida como capital internacional da rosa. A popularidade das espécies era tamanha que a designação de rosa nos dicionários referem-se a sua trivialidade: “flor conhecida”; “flor odorífera vulgar, que há de várias espécies”.³⁰

²⁸ HOEHNE, F. C. (Relator). Um roseiral para o Jardim. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, nov., 1946, p.58.

²⁹ HOEHNE, F. C. (Relator) Roseiral. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, nov., 1947, p.54.

³⁰ BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T. Origem, evolução e história das rosas cultivadas. *Revista Brasileira de Agrociência*, vol.11, n.03, jul.set., 2005, p.267-271, BLUTEAU, R. *Vocabulário Português e Latino*. Coimbra: Casa Impressora Colégio das Artes da Companhia de Jesus, vol.01, 1728, p.374; SILVA, A. M. *Diccionario da língua portuguesa* - recompilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, p.643.

Chamadas de rainha das flores³¹, as rosas foram introduzidas no Brasil pelos jesuítas durante o século XVI para utilização em solenidades religiosas. Além do uso ritualístico, eram empregadas na formulação das triagas³² e em outras receitas da farmacopeia. Seu plantio em praças públicas teve início no século XIX, provavelmente pela ação de paisagistas estrangeiros, época, segundo Guilherme Mazza Dourado, em que “se exacerbava o fascínio pelas inflorescências”³³ e onde registrou-se a entrada de diversas roseiras híbridas e novas variedades.

As rosas certamente tinham admiradores e o próprio traçado dos jardins indicava sua importância ao destinar áreas exclusivas para seu plantio. Contudo, o significado e o prestígio das espécies ornamentais variam com o tempo. Em oposição às rosas, as orquídeas sempre foram qualificadas como flores colecionáveis, às quais o dono se dedica exclusivamente, e não como plantas de jardim. Característica que levou as orquídeas, em alguns casos, ao estigma de flores de difícil cultivo. Segundo Leonam de Azeredo Penna, a prática da jardinagem devia “evitar o espírito de colecionador” e

³¹ Esse mesmo significado é encontrado no cancioneiro lusitano, segundo Bluteau: “O *Adágio Portuguez* diz: No Império das flores reina a rosa sentada em trono de vegetante esmeralda, cortejada dos zéfiros, cercada de piqueiros por guarda, vestida de púrpura, coroada de ouro. Se foram os Céus os jardins, seria a rosa o sol deles”; Keith Thomas também menciona a denominação de rainhas “A rosa, em contraste, embora a convenção continuasse a considerá-la rainha das flores, não parece ter-se tornado alvo de intensa experimentação até o final do século XVIII. Em 1800, havia ainda menos de uma centena de variedades. Em 1826, porém, seu número chegava a 1393”. BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Casa Impressora Colégio das Artes da Companhia de Jesus, vol.01, 1728, p.375; THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.331.

³² “A triaga brasílica é um antídoto ou panaceia composta, à imitação da Triaga de Roma e de Veneza, de várias plantas, raízes e ervas e drogas do Brasil, que a natureza dotou de tão excelentes virtudes”. Notícia do antídoto ou nova triaga brasílica que se faz no Colégio de Jesus da Bahia, século XVIII Apud: ABREU, J. L. N. *Nos Domínios do Corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, p.87.

³³ Inflorescência do latim *inflorescentia*, termo criado por Lineu que designa as estruturais florais das plantas; DOURADO, G. O. M. *Belle Époque dos Jardins. Da França ao Brasil do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008, p.181.

restringir-se aos motivos decorativos deixando para os jardins botânicos a tarefa de colecionar.³⁴

A maneira como um orquidófilo vê sua coleção é singular. Em primeiro lugar cada planta é um exemplar único, pois materializa as habilidades botânicas adquiridas por leituras, observações e atividades de campo. Tais aptidões seriam responsáveis pela formação, manutenção e ampliação das coleções ao longo do tempo. Nesse sentido, as plantas cumprem o papel de contar uma história; a da própria coleção e seu colecionador. O ato de colecionar orquídeas implicava em determinados cuidados e critérios intrínsecos a essas plantas, mas a posse não era válida por si, na medida em que necessitava da linguagem.

O comportamento e linguagem próprios à orquidofilia seriam diferentes daqueles relacionados ao cultivo de outras espécies vegetais. Um orquidófilo sempre narra a história das espécies, aponta o botânico que a descreveu, o *habitat*, períodos de floração, experiências de aclimação. As histórias das diversas espécies deviam ser compartilhadas numa constante promoção das habilidades botânicas para o grupo. Na definição de Luys Mendonça, cultivar outras espécies não tem o mesmo “espírito de jardinagem”, pois, a orquídea “induz, insensivelmente, quem delas cuida, a um conhecimento cada vez mais exato, cada vez mais profundo, de sistemática”.³⁵ Os amadores fazem alusão à similitude entre estética e cognição, no qual o consumo da beleza botânica seria um forte agente de difusão do conhecimento e edificação da nacionalidade.

Nas reuniões das sociedades, o conhecimento de cada membro era compartilhado. Exemplares de orquídeas expostos nas reuniões serviam aos fins

³⁴ PENNA, L. de A. *Jardins*. Pequenos jardins, jardins em terraços, Plantas em vasos e jardineiras. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1943, p.55; ARAGÃO, S. de. Jardim e Cultura. *História e Perspectivas*, n.41, jan.dez., 2009, p.187-207.

³⁵ O papel dos orquidários. *Orquídea*, vol.02, n.02, dez., 1939, p.51.

didáticos; orquidófilos de outras localidades eram convidados a dar palestras, bem como profissionais, caso de Campos Porto, um dos mais assíduos na SBO. Espaço de convivência e também que favorecia o acesso à bibliografia, visto que grande parte das sociedades criaram bibliotecas. No entender de Alberto Sampaio, uma única publicação capaz de abranger o número de espécies registradas era desejável, mas impraticável:

Se houvesse uma obra, de preço módico, reunindo todos os conhecimentos técnicos indispensáveis à identificação botânica de cada orchidea, poderia cada orchidóphilo vencer por si mesmo as dificuldades científicas das identificações e classificar sua coleção, desde que bem habituado a reconhecer os caracteres diferenciais. Não existe, porém, essa obra única, pela simples razão de serem muito numerosas as espécies de orchideas (17.000, seg. Engler-Diels), suas variedades e cruzamentos, várias dezenas de milhares no mundo inteiro.³⁶

Observa, no entanto, a dependência dos amadores em caso de caracteres associados geneticamente, “pois, as identificações oferecem por vezes dificuldades que só os especialistas podem vencer”. Como veremos no capítulo III, Hoehe usou argumento muito semelhante no *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, ou seja, oferecer aos amadores a autonomia para lidarem com a identificação de suas coleções.

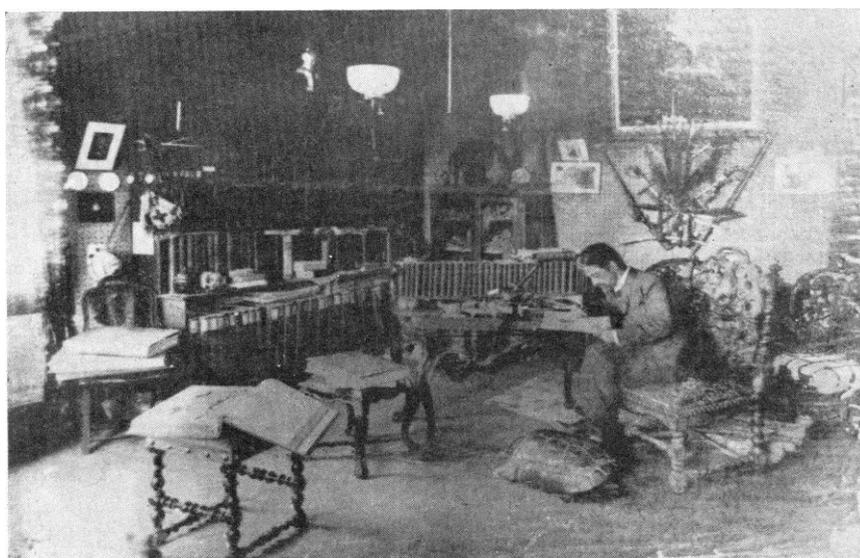
Outro espaço de difusão de saberes eram as exposições, onde o público em geral se mistura ao dos orquidófilos iniciados. As exposições podem ser vistas também por outro ângulo. As coleções de vários colecionadores, inclusive de outros estados, eram exibidas. Espécies, variedades até então desconhecidas por determinado orquidófilo chegavam a outros. Exposições eram, portanto, museus vivos que circulavam.

Embora nossa intenção não seja realizar uma análise pormenorizada das imagens veiculadas pela *Orquídea* identificamos sua função no estímulo ao colecionismo. Nesse sentido, realizamos uma comparação com estudo de imagens realizada por Patrick

³⁶ SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas. *Orquídea*, vol. 1, n.04, jun., 1939, p.142.

Matagne nos boletins da *Société Botanique du Centre-Ouest*.³⁷ Segundo esse autor, o boletim da sociedade francesa (Niort) expôs uma galeria de fotografias de botânicos em atividades de campo, total de 64 imagens, entre 1905 a 1915. Seu objetivo era “promover modelos” para o leitor reconhecer nas qualificações do botânico: “espírito de observação, o método, o trabalho árduo, resistência física”. As fotografias de plantas eram minoritárias, pois considerava-se que estando no centro de todas as práticas, sua implementação seria secundária no periódico.³⁸

Na *Orquídea*, ao contrário, as imagens de orquídeas e ilustrações botânicas eram abundantes. As imagens de atividades de campo eram de amadores, as poucas fotos de botânicos não tinham o mesmo cenário. Eram retratos solenes ou de visitas a exposições e o único ambiente de trabalho retratado foi o gabinete de Barbosa Rodrigues.



Fotografia muito pouco conhecida de Barbosa Rodrigues. Nela vemos o grande botânico brasileiro em seu gabinete de trabalho.

Imagem 3: o botânico João Barbosa Rodrigues

³⁷ Sociedade fundada pelo professor Baptiste Souché (1846-1915) em 1888 com o nome de *Société Botanique des Deux-Sèvres*. O objetivo era de estudar a flora e realizar um inventário florístico de Niort e região e disseminar largamente os conhecimentos produzidos. De acordo com o estudo de Patrick Matagne menos de um por cento (1%) dos membros tinham formação universitária. Ver: <http://www.sbco.fr/>

³⁸ MATAGNE, P. Les mutations de la curiosité et la professionnalisation de la science: le cas de la Société Botanique des Deux-Sèvres (1888-1915). *Bulletin de la Société Botanique du Centre-Ouest*. Tome 23, 1992, p.03-12.

As imagens veiculadas no periódico eram da alçada do fotógrafo, um dos cargos da diretoria, ou de leitores orientados a produzir imagens de orquídeas raras e com equilíbrio nas peças florais.³⁹ Nesse período, a utilização da fotografia na botânica ainda será incipiente, considerada um novo instrumento para os estudos taxonômicos serviriam de “documentos vivos, capazes de guardar, por muitos anos, a fidelidade exata dos característicos, sobrepujando os herbários na particularidade da conservação dos tons”.⁴⁰ As fotos divulgadas na *Orquídea* não cumpriam os requisitos necessários à identificação botânica. Sua finalidade era a de localizar colecionadores, coleções e difundir o gosto pelas orquídeas, mostrando também as diferenças entre as coleções de diferentes regiões do país. As ilustrações botânicas, geralmente cedidas por periódicos científicos e confeccionadas por profissionais, podiam auxiliar nas identificações se combinadas à bibliografia e material de herbário. Essa era inclusive umas das indicações de Sampaio: que os orquidófilos fizessem desenhos das plantas, pois, “o desenho de uma planta é a melhor forma de análise e registro dos caracteres morfológicos, entre os quais figuram os chamados caracteres diferenciais”.⁴¹ Outros tipos de ilustração destinavam-se a divulgar e simplificar métodos de cultura, como as imagens que reproduziam os instrumentos laboratoriais empregados na reprodução assimiótica.

³⁹ A proporção entre pétalas, sépalas e labelo (pétala com formato diferenciado e que se localiza do centro para baixo).

⁴⁰ Essa afirmação é do orquidófilo Waldemar Silva que escreveu na década de 1970 o livro *Cultivo de orquídeas no Brasil*. Afora, a produção de orquídeas, ele sugere a exploração econômica de espécies nativas de helicônias e bromélias a serem lançadas no mercado como “flores do mais requintado gosto”. SILVA, W. A Coleção Varella. *Orquídea*, vol.11, n.03, jan.fev., 1949, p.116; SILVA, W. *Cultivo de orquídeas no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1976.

⁴¹ SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas. *Orquídea*, vol. 1, n.04, jun., 1939, p.142-158; SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas II. *Orquídea*, vol. 2, n.01, set., 1939, p.20-32. SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas III. *Orquídea*, v.02, n.02, dez., 1939, p.54-62.



Imagem 4 – ilustração de orquídea

Mas, se o orquidófilo se fazia dentro das sociedades, as práticas de campo eram valorizadas por seu apelo de aventura, de descoberta e observação *in loco* das espécies. De acordo com os amadores, suas coletas obedeciam a métodos racionais, tributo que diferenciava os verdadeiros orquidófilos dos colhedores de orquídeas para fins comerciais, que procediam tiradas contínuas e desorganizadas. O tirador, que vivia desse mercado ou de forma independente, era o personagem mais responsabilizado pelas ações extrativistas que resultaram no desaparecimento de espécies.⁴² Entretanto, existiam opiniões contratórias a essa perspectiva:

O desaparecimento das orquídeas silvestres, se não for diretamente causado pela derrubada das florestas nativas, estende-se igualmente às selvas ainda remanescentes, não porque os “tiradores” ali as colhem, mas em incomparável maior escala porque, pelo desnudamento de grandes áreas, cessa a precipitação de orvalho das matas ainda restantes, e as orquídeas, se não fossem colhidas por um “tirador” e incorporadas à coleção de algum orquidófilo, estariam condenadas a uma morte lenta, porém certa. Se fosse o “tirador” o culpado, como então, explicar que não apenas desaparecem das matas vistosas *Cattleyas*, *Laelias*, *Miltonias* e *Oncidium*, como também as modestas

⁴² Um inquérito enviado aos associados da SBO se referia no quesito comércio se os tiradores tinham licença do Serviço Florestal. Na legislação, não encontramos tais registros. Um inquérito entre amadores. *Orquídea*, vol.03, n.03, mar., 1941, p.99.

Stelis, *Octomerias*, *Pleurothalis*, *Ponera*, *Isochilus*, *Isabelias* e outras microorquídeas sem nenhum valor comercial? O tão afamado “tirador de orquídeas” não é mais que o bode expiatório para os verdadeiros culpados, os proprietários de terras que autorizam a derrubada total das florestas sem mesmo conservar os mananciais e várzeas, em desrespeito à lei federal; cabe responsabilidade igualmente, aos ministros da pasta da Agricultura que deixaram de cuidar em tempo das reservas florestais em número e extensão suficientes para preservar a flora e fauna nativas.⁴³

Em 1940, um grupo de amadores percorreu os municípios Campos, São Fidélis, Madalena, São Sebastião do Alto, Trajano de Moraes e Macaé no Rio Janeiro. Embora o discurso da racionalidade tentasse respaldar a coleta, não deixa de causar impacto o total de 7989 touceiras de diversas espécies. Esse volume também previa os insucessos decorrentes da mudança de ambiente. Colhidas sem flor, as orquídeas precisavam florescer para serem determinadas. Divulgada em um artigo, a coleta diferenciava-se por seus objetivos; realizada por homens atrelados a um ideal científico, cujo produto seria entregue ao Horto Botânico de Niterói.⁴⁴

Por outro lado, é preciso ponderar que a classificação norteia-se pela abundância de material coletado necessário para comparação. Conforme aponta o botânico Rudolf Schlechter “seria desejável que os amadores e colecionadores do Brasil enviassem material bem abundante das diversas espécies, pois, é indubitável que ainda existem muitos tipos novos para descobrir”.⁴⁵ Em contato com colecionadores locais, como Albino Hatschbach (1890-1974), Schlechter se referiu aos exemplares bem preparados e abundantes, quase todos permitindo identificações. Nesse sentido, a coletas realizadas por um amador pressupunha a confiança por parte do botânico na recolha de dados.

⁴³ BLOSSFELD, H. *Orquídeas e bromélias*. Série Floricultura Brasileira n.02, Epífitas. São Paulo: Editora Chácaras e Quintais, 1964, p. 09.

⁴⁴ SANTOS LIMA, J. Colhendo orquídeas em alguns municípios fluminenses, *Orquídea*, vol.04, n.02, dez., 1941, p. 57-66.

⁴⁵ SCHLECHTER, R. Contribuição ao conhecimento da flora orquidácea do Paraná *Orchidaceae Hatschbachianae*, *Orquídea*, vol.07, b.03, mar., 1945, p. 92.

A bibliografia mencionava poucas orquídeas do Rio Grande do Sul, por isso a escolha da região para estudo. A *Flora Brasiliensis* listou 20 espécies. Em 1911, os estudos dos botânicos suecos Carl Lindman (1856-1928) e Gustav Malme (1864-1937) acrescentaram 10 novas espécies. Contudo, no tocante às orquídeas Schlechter credits “o grande aumento no número de espécies de orquídeas riograndenses deve-se quase exclusivamente aos meus poucos correspondentes que com afincos se dedicaram a exploração da flora orquidácea daquele Estado”.⁴⁶ O botânico menciona outros colecionares de Porto Alegre, como Francisco de Aquino, colaborador de Barbosa Rodrigues, mas destaca a contribuição de Carlos Juergens:

Uma contribuição toda especial para o conhecimento da flora de orquídeas do Rio Grande do Sul, representa a coleção do Sr. Carlos Juergens, do qual recebi 103 espécies. Os seus exemplares não são somente bem preparados, mas também são geralmente abundantes e acompanhados sempre de valiosas indicações sobre o local onde foram encontrados e sobre o colorido das flores, de maneira que muitas vezes só à mão destas indicações tinha eu conhecimento de fatos bem interessantes. Logicamente as coleções do Prof. Lindman e do Doutor Malme serão sempre as fundamentais para o nosso conhecimento geral da flora do Rio Grande do Sul, pois as mesmas não se limitam a determinadas famílias, não se pode negar-se, porém, que justamente para as orquidáceas a coleção especializada do Senhor Juergens é a que deve ser considerada como básica para o Rio Grande do Sul.⁴⁷

Todavia, o consenso e cooperação nem sempre eram regras. Em artigo sobre as orquídeas do gênero *Cattleya*, escrito pelo membro da SBO Eloy Teixeira, uma grande celeuma em torno das espécies *Walkeriana*, *Nobilior* e *Dolosa* revela como os amadores

⁴⁶ SCHLECHTER, R. A Flora Orquidácea do Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p. 234.

⁴⁷ SCHLECHTER, R. A Flora Orquidácea do Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p. 224.

também entravam em conflito com profissionais. Apoiado na correspondência com orquidófilos⁴⁸, o autor afirmava categoricamente as divergências de classificação:

De começo, digamos que, a nosso ver, essas três orquídeas são inconfundíveis, e isso porque oferecem características tão distintas e peculiares que mesmo um observador inexperiente por certo as apartará à primeira vista. As hesitações têm sido motivadas pelas descrições feitas na literatura de divulgação, ou mesmo científica, que ou omitem a menção dos caracteres diferenciadores, ou os não descrevem com o necessário destaque.⁴⁹

Acrescenta ainda que alguns amadores absorviam observações alheias como “definitivas e incontestáveis” e que para os amadores do interior do país as fontes de classificação eram precárias, motivo pelo qual as publicações deviam ser criteriosas

Como vemos, de afastados pontos do país, as opiniões conhecidas são contraditórias, falhas ou indecisas. Isto porém, não nos admira, pois que o mesmo encontramos em várias obras, de divulgação e especializadas, as quais, com toda certeza, contribuíram para estabelecer ou aumentar as dúvidas. Ao alcance da maioria dos amadores e daqueles que mantêm vivo o movimento orquidófilo no país estão apenas os escritos de mais fácil acesso e contemporâneos, como as revistas, boletins e pequenos trabalhos de divulgação, escapando-lhes os pormenores taxonômicos que, como no caso vertente, representam toda a diferença entre duas variedades. É nosso propósito, tanto quanto nos permitam os recursos, modestos, mas que nos parecem suficientes, suprir essa deficiência e, por intermédio de *Orquídea* – que juntará mais este ao acervo de serviços prestados à orquidofilia no nosso país – proporcionar aos aficionados os elementos para menos arbitrária classificação das *C. Walkeriana*, *nobilior* e *dolosa*.⁵⁰

Prosseguindo com um argumento detalhado, utilizando vasta bibliografia, Eloy Teixeira contesta a afirmação de Rudolf Schlechter segundo a qual a “*Cattleya dolosa* não é mais que uma forma da *Cattleya nobilior*”. Ainda que proclame a autoridade do botânico alemão, Eloy Teixeira se distingue como um “amador de orchidáceas no

⁴⁸ Maria Stella de Novais (Vitória/ES); Otávio Fonseca (Araxá/MG); João de Oliveira (Cidade de Goiás/GO), dentre outros.

⁴⁹ TEIXEIRA, E. *Cattleyas Walkeriana, Nobilior e dolosa*. *Orquídea*, vol.08, n.01, set., 1945, p.10.

⁵⁰ TEIXEIRA, E. *Cattleyas Walkeriana, Nobilior e dolosa*, *Orquídea*, vol. 08, n.01, set., 1945, p.05.

sentido que lhe empresta Hoehne: aquele que aprendeu a amá-las conhecendo-as intimamente e pelos nomes”. Segundo John Lankford, durante os processos de surgimento de novas especialidades das ciências esses amadores poderiam ser classificados como “tomadores de risco”.⁵¹

É preciso sublinhar que, embora, os amadores pensem a as coleções a partir da racionalidade científica e classificatória, alguns aspectos divergem do valor dado pelos profissionais. Exemplo disso é a designação de “valor botânico” para algumas espécies com a finalidade de diferenciá-las das ornamentais. Essa distinção não existe para os profissionais. Geralmente, as plantas com “valor botânico” não chamavam a atenção dos amadores e o cultivo comercial delas inexistente.⁵² Em um editorial a respeito de fotografias de orquídeas e conceito foi associado a questões de estética e raridade:

Na determinação da perfeição da forma entra um largo contingente de critério pessoal, mas de qualquer modo os amadores “sentem” quando a flor é perfeita, quando há equilíbrio nas peças florais, enfim há realmente beleza. A raridade da flor também é outro motivo merecedor da atenção do amador. Podíamos ampliar esse conceito de raridade⁵³, no caso particular do Brasil, considerando as pequenas espécies de interesse puramente botânico, as quais, embora não sejam raras, quase nunca são encontradas nas coleções.⁵⁴

A maior parte das espécies de valor botânico se enquadra nas chamadas micro-orquídeas. Centenas destas espécies são nativas do Brasil, e diferentemente das demais espécies ornamentais, essas não eram hibridizadas ou desenvolvidas variedades. Gradativamente, os amadores se interessaram por essas orquídeas e elas passaram a integrar exposições. Hoehne estimulava os orquidários que abrigavam essas espécies,

⁵¹ LANKFORD, J. Amateurs and Astrophysics: a neglected aspect in the development of a scientific specialty. *Social Studies of Science*. Aug., vol.11, n.03, 1981, p.275

⁵⁴ Fotografias de Orquídeas. *Orquídea*, vol.08, n.04, jun., 1946, p.123.

chamados de liliputianos,⁵⁵ discernindo os orquidófilos que se dedicavam às espécies de micro-orquídeas por um ideal mais elevado de colecionismo.⁵⁶

Um tema sobre o qual não existia concordância era a raridade das espécies. Mesmo entre os botânicos os critérios não eram muito claros. O local em que a planta se encontrava tornava relativa e variável a raridade, ou seja, mais ou menos distante do *habitat* natural da planta ou da fonte de produção de híbridos. A raridade era objeto de discussão, pois nas exposições constava como item de julgamento para premiações. Alguns acreditavam que sua validade era apenas comercial e que aos híbridos não cabia tal designação. Percebemos uma diferença entre as percepções acerca da raridade da seguinte forma: para os botânicos ela teria um aspecto funcional nos estudos. Já entre os amadores, o valor credita-se pela ausência de determinadas espécies dentro de uma proposta serial de objetos. Ademais, em função dos graus diferenciados de autoaperfeiçoamento entre amadores, um novato pode ter por rara uma espécie comum.

2.3 - Amadores com distinção

A contribuição coletiva para o conhecimento da flora orquidácea nacional foi aventada nas páginas da *Orquídea*.

No Brasil, as sociedades de amadores de orquídeas não poderão limitar as suas atividades às reuniões periódicas, exposições de plantas, palestras ou conferências, publicações de trabalhos ou pesquisas de interesse meramente especulativo ou de ordem prática. Queremos nos referir ao completo e urgente *levantamento da distribuição geográfica de todas as nossas orquídeas e suas variedades*, e, como um trabalho consequente, a organização, ainda mais urgente, do maior número possível de parques nacionais, estaduais e municipais. A realização da primeira dessas providências,

⁵⁵ Alusão ao romance *As Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift ambientado na ilha de Liliput, cujos habitantes eram muito pequenos.

⁵⁶ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.143.

se bem que seja de uma obra gigantesca, é, no entretanto, perfeitamente realizável com o apoio do Ministério da Agricultura e das Secretarias de Agricultura Estaduais, por intermédio dos Conselhos Florestais, e com a valiosa cooperação de botânicos profissionais ou não, que certamente não faltará.⁵⁷

A necessidade de mapear a flora orquidácea do país era um problema central para botânicos, a exemplo de Alberto Sampaio e Hoehne. O último atribuía à produção desse conhecimento um fim prático, com o propósito de contribuir para a agricultura e outros setores da economia nacional. As orquidáceas mereciam pesquisas econômicas, pois, essas plantas se encontravam no centro de jogos de interesses econômicos e científicos.

O conhecimento local sobre regiões reconhecidamente ricas em orquídeas existia entre os amadores. Era comum enviar exemplares das plantas colhidas para um taxonomista ajudar na identificação. Contudo, não identificamos uma continuidade nas ações coletivas de orquidófilos cujo produto de recolha fosse submetido a um botânico. Ademais, as características das coletas e do trabalho taxonômico atendiam a objetivos específicos das investigações.⁵⁸ Comportamento diverso é encontrado entre os amadores franceses, cujas contribuições partindo de grupos tinham por objetivo conservar as coleções em sua terra natal.

Como temos mostramos ao longo do texto, amadores têm pautas em comum, mas sua maneira de relacionar-se com o conhecimento orquidológico é diversa. Isso se deve aos interesses, aos locais onde se encontram, acesso a bibliografia, dentre outros.

⁵⁷ O papel das sociedades orquidófilas. *Orquídea*, vol. 12, n.02, mar., p.43.

⁵⁸ No próximo capítulo, retomamos esse tema. Para o caso francês, Patrick Matagne analisa que os interesses e curiosidades dos amadores se alteram e devem ser justapostos ao conteúdo das disciplinas, ou seja, taxonomia e coleta não seriam fins, mas meios para estudos com fins ecológicos e distribuição das plantas, cujo escopo foge aos amadores. MATAGNE, P. Les mutations de la curiosité et la professionnalisation de la science: le cas de la Société Botanique des Deux-Sèvres (1888-1915). *Bulletin de la Société Botanique du Centre-Ouest*. Tome 23, 1992, p.10.

Dessa forma, apresentamos duas trajetórias de orquidófilos: Maria Stella de Novaes e Guido Pabst.

Maria Stella de Novaes (1894-1981) era professora do magistério na Escola Normal Pedro II e Ginásio do Espírito Santo. Escreveu sobre as tradições folclóricas dos capixabas e era aquarelista. Interessada pela observação da natureza, teve aulas com o zoólogo Cândido de Mello Leitão (1886-1948)⁵⁹ no Rio de Janeiro. ⁶⁰ Junto com os alunos construiu, em 1936, um orquidário em sua casa. Com sucessivas adições de espécies e variedades, sobretudo do próprio estado, chamou a atenção de Hoehne, com o qual começou a se corresponder. Embora não seja escopo desse trabalho, as atividades de Maria Stella como orquidófila, em um meio predominantemente masculino, podem ser vistas como afirmação de sua luta política a favor do feminismo.⁶¹

Em uma das cartas é possível ver que Maria Stella pretendia criar laços entre Hoehne e Augusto Ruschi (1915-1986),⁶² então com 25 anos de idade. Isso se comprova em um artigo de Hoehne, onde dedicou a espécie *Pleurothallis Ruschii* “ao moço estudante, que, em St. Tereza, Espírito Santo, se vem ocupando com o estudo e coleta

⁵⁹ De acordo com Regina Horta Duarte, o zoólogo Cândido de Mello Leitão “estudou Medicina e exerceu pediatria até sua aprovação no concurso para a cadeira de Zoologia Geral na Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Em poucos anos, projetou-se na área, tornando-se professor de biologia na Escola Normal – depois Instituto de Educação do Rio de Janeiro – e do Museu Nacional”. Sobre o zoólogo ver: DUARTE, R. H. *Biologia e sociedade no Brasil dos anos 1930: práticas de escrita e divulgação científica em Cândido de Mello Leitão*. In: FIGUEIREDO, B. G.; CONDE, M. L. L. *Ciência, História e Teoria*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p.13-40.

⁶⁰ Sobre Maria Stela ver: LEITE, J. L. *Natureza, folclore e História: a obra de Maria Stella de Novaes e a historiografia espírito-santense no século XX*. Tese de Doutorado. 352 p. São Paulo: FFLCH/ USP, 2002.

⁶¹ De autoria da própria Maria Stella ver: NOVAES, M. E. de. *A Mulher na História do Espírito Santo*. Vitória: EDUFES: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo: Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

⁶² Augusto Ruschi foi correspondente de Candido de Mello Leitão. Aos 22 anos, teve uma rápida passagem pelo Museu Nacional e foi professor da Universidade Federal do Brasil (hoje UFRJ). Regressou a sua cidade natal, Santa Teresa onde fundou em 1949 fundou o Museu de Biologia Mello Leitão. Sobre a relação entre Cândido de Mello Leitão e Augusto Ruschi ver: DUARTE, R. H. *A Biologia Militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 133-140.

de material botânico do citado município. Aluno da professora Maria Stella de Novaes, o Sr. Augusto Ruschi revela-se excelente discípulo”.⁶³

As primeiras cartas entre Hoehne e Maria Stella versavam sobre temas ligados à natureza, sobre os sentimentos a serem incutidos nas crianças em relação à flora. Em 1938, junto à correspondência Maria Stella enviou um recorte de jornal do *Diário da Manhã* com matéria sobre seu orquidário. Já aposentada, a professora foi elogiada por proteger os “documentos biológicos”⁶⁴ e prosseguir nesse caminho “porque mais vale a educação do que a instrução, sempre que as duas não podem andar de braços dados”.⁶⁵ Hoehne confessou que “muitas vezes tinha vontade de fechar o Jardim à visita pública”, mas logo se penalizava com os bons visitantes e pretendia permanecer até ser aposentado compulsoriamente.⁶⁶

Esses temas permaneceram, mas questões ligadas às orquídeas começaram a aparecer. Em 1944, Hoehne dizia ter recebido a carta, o desenho e a flor enviada para verificação. Tratava-se de uma indagação sobre anomalias florais:

Os casos de sépalos sofrerem transformações e apresentarem-se monstruosos na sua forma, não são raros nas Orchidaceas e ocorrem especialmente nas *Cattleyas*, *Laelias* e *Miltonia*. Têm sido observados por nós ainda em *Oncidium* e mesmo em *Catasetum*.

Seguiram-se envios de outras espécies, desenhos, exsicatas e bibliografias. Em uma das cartas, Hoehne fez uma inferência utilizando apenas uma descrição, “considerando o porte da planta descrita por vós, acredito que estejamos em face de uma híbrida entre *Cattleya Schilleriana* ou *Cattleya Acladae*”. Durante a confecção de

⁶³ HOEHNE, F. C. Novas espécies de Orchidaceas. *Orquídea*, vol.02. n.03, mar., 1940, p.108; Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 28 de janeiro 1940. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

⁶⁴ Termo utilizado por Hoehne para designar a historicidade dos documentos naturais, ou seja, florestas, plantas e outro. Apresentaremos essa ideia de forma mais detida no capítulo seguinte.

⁶⁵ Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 18 de janeiro 1938. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo).

⁶⁶ Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 31 de julho 1950. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo).

um trabalho, Hoehne solicitou material sobre os gêneros *Paphinia* e *Diadenium*. Orientou ainda que a aquarelista desenhasse um exemplar enviado, pois acreditava ser uma nova variedade e caso isso se afirmasse, lhe faria uma homenagem.⁶⁷

Segundo Anne Secord, decisões baseadas em agradecimentos dificultam para os historiadores superar o papel de amadores apenas como fornecedores de informações locais para os botânicos. No nosso entender, é necessário ver o tipo de relação que existe por detrás das homenagens, integrá-las ao contexto social do amador e do papel cultural que a botânica representa para seu grupo, bem como para o país.⁶⁸

Como já mencionamos, Maria Stella era a única mulher amadora a escrever artigos nos primeiros anos de circulação da *Orquídea*. A série sobre as orquídeas do Espírito Santo foi ilustrada com suas aquarelas.⁶⁹ Seu método de aprendizagem se baseava nesse recurso. No primeiro artigo da série diz estar “organizando o catálogo das espécies e variedades, trabalhando em um álbum colorido e noutro com fotografias, croquis” integrando-as a observações locais. Ao expor uma longa lista de espécies e variedades acompanhada dos locais de procedência e períodos de florescência, a orquidófila não utilizou o termo “caçada de orquídeas”, usual entre os homens, para suas idas ao campo, disse ter um “espírito bandeirante”.⁷⁰

⁶⁷ Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 12 de janeiro 1944. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo); Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 27 de junho de 1945. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo); Carta de Maria Stella de Novaes para F. C. Hoehne, datada de 20 de dezembro 1943. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo); Carta de F. C. Hoehne para Maria Stella de Novaes, datada de 11 de dezembro 1941. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo).

⁶⁸ SECORD, A. Artisan Botany. In: JARDINE, N; SECORD, A; SPARY, C. *Cultures of natural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.378-393.

⁶⁹ NOVAES, M. S. de. Laelias do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.2, n.01, set., 1939, p.33-35; NOVAES, M. S. de. Laelias do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.02, n.03, mar., 1940, p.121-123; NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.01, n.02, dez., 1938, p.60-63; NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.01, n.03, mar., 1939, p.95-97; NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.06, n.02, dez., 1943, p.52-54.

⁷⁰ NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.19-20; NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.03, n.03, mar., 1941, 116-121.

Na década de 1950, Maria Stella publicou *Orquideários científicos* onde fez uma crítica à opulência de alguns orquidários. Os orquidófilos que tiveram o privilégio de visitar países estrangeiros importaram o hábito de plantar em “vasos, cestos, cestinhos”, de construir estufas e orquidários, ao qual ela dá o nome de cultura artificial: “surgiram, no Brasil, as estufas e os orquidários, algumas vezes dispendiosos, que situam as orquídeas, entre os bens reservados às bolsas douradas e inacessíveis ao pobre e mesmo aos remediados de fortuna”.

Contrária à prática, a orquidófila defendia a construção de orquidários científicos à imitação do ambiente natural:

Dispostas nas árvores, na inteireza do seu habitat, dispensam os cuidados quotidianos do chuveiro, e o combate aos predadores que se ocultam nos vasos, cestinhos e todos os esconderijos dos ripados e orquidários artificiais. Bufos e camaleões e outros zeladores comuns ocorrem pressurosos defendendo o tesouro do seu domínio. Salvo em casos extraordinários, como, por exemplo, nos Estados meridionais sujeitos aos rigores do inverno, façamos os nossos *orquideários científicos*, à imitação do ambiente natural.⁷¹

Após a década de 1950, poucas referências à Maria Stella aparecem na *Orquídea*. Na década de 1980, suas aquarelas ilustram a obra *Orquídeas do Estado do Espírito Santo*, de autoria de Augusto Ruschi. Paralela às atividades de botânica, correspondeu-se com o folclorista Luiz da Câmara Cascudo (1898-1986) durante 36 anos e suas publicações sobre o tema foram numerosas.⁷²

Guido Pabst ocupava um cargo na diretoria da empresa aérea Varig. Informações a respeito de sua formação escolar são raríssimas. Importa de sua trajetória o fato de que ficou conhecido como botânico autodidata. Membro da diretoria da SBO, criou uma extensa rede de contatos em herbários e instituições brasileiras e do exterior. Na década de 1940, iniciou suas coletas, traduziu artigos para a *Orquídea* e assinou um

⁷¹ NOVAES, M. S. de. Orquideários Científicos. *Orquídea*, vol.09, n.01, set., 1946, 31-33.

⁷² LEITE, J. L. Cartas entre Maria Stella de Novaes e Câmara Cascudo: a construção de um pensamento acerca do folclore e da educação. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0439.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.

único texto intitulado “Barbosa Rodrigues e a sistemática em orquídeas”. O estudo da sistemática desde cedo orientou os estudos de Guido Pabst, segundo publicação de 1950:

Por uma inclinação inata, que em mim se revelou desde pequeno, sempre pendi para a sistemática, procurando saber por que um exemplar chama-se *Laelia*, outro *Cattleya* ou *Brassavola*, não me conformando simplesmente com a aceitação de nomes. Como a grande maioria das nossas orquídeas são de interesse quase exclusivamente botânico muitos companheiros não compreendem o gosto que se possa ter em examinar flores às vezes microscópicas, estudar sua morfologia, fazer comparações com espécies afins, determinar o exemplar que se tem à mão estabelecendo as diferenças genéticas e específicas, o que muitas vezes ainda só é possível com auxílio de um botânico profissional especializado no ramo.⁷³

Acrescenta ainda: “aliado ao gosto pela natureza, tem sido o meu *hobby* e todo o tempo o tempo livre aproveito para excursões aos matos dos arredores do Rio de Janeiro, ou um pouco mais longe, quando há tempo”. Ainda que classifique suas pesquisas como uma atividade de lazer⁷⁴, marca o lugar de onde fala, sua afeição pelas espécies de valor botânico, ou seja, aquelas que despertavam o interesse de um grupo muito seletivo. Assinalou ainda que Alexandre Curt Brade e Hoehne como “seus orientadores na sistemática de orquídeas” e a consulta à biblioteca pessoal de Luys de Mendonça, a qual considerava a mais completa em poder de um particular.⁷⁵

Nesse mesmo período, iniciou sua parceria com Curt Brade. Inspirado no Index publicado por esse botânico em 1935, mencionado no capítulo anterior, Guido Pabst

⁷³ Na obra citada no capítulo I, *Orchidaceae Brasiliensis*, em coautoria com Fritz Dungs, o autor assina o nome completo Federico João Guido Pabst (PABST, F. J. G) Nesse artigo, apenas Guido Pabst (PABST, G). PABST, G. Colhendo orquídeas no Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.12, n.04, jul.ago.,1950, p.138.

⁷⁴ Analisando as práticas de campo nos Estados Unidos (1890-1950), Robert Kohler assinalou que algumas regiões de pesquisa eram frequentadas por várias pessoas. O lazer deu um significado ambíguo ao trabalho dos cientistas profissionais, pois era identificado com recreação por parte daqueles que estavam de fora. KOHLER, R. E. *Landscapes and Labscapes*. Exploring the Lab-field Border in Biology. Chicago: The University of Chicago Press, 2002, p. 194.

⁷⁵ PABST, G. Colhendo orquídeas no Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.12, n.04, jul.ago.,1950, p.138.

julgou pertinente a elaboração de novo trabalho após 18 anos. Reunindo os gêneros e espécies estabelecidos entre 1932 a 1950, inclusas as sinonímias⁷⁶ e novas combinações.

Animou-nos para esse trabalho o Dr. A. C. Brade, chefe da Seção Botânica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e profundo conhecedor de Orquidáceas, sempre disposto a auxiliar-nos nas dificuldades que encontramos desde que começamos a dedicar-nos à sistemática de orquídeas. Não se tramitou o Dr. Brade a entusiasmar-nos na confecção do presente INDEX, mas depois de iniciados os trabalhos, continuou prestando o seu auxílio inestimável, quer indicando a literatura especializada que precisava ser consultada, quer dando orientações por ocasião da confecção do fichário, base fundamental para a organização da lista. Pôs-nos ainda à disposição as suas anotações, que possibilitaram tornar o trabalho mais completo.⁷⁷

Ainda na década de 1950, escreveu na *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, um artigo com novas espécies brasileiras.⁷⁸ Em 1958, a coleção de orquídeas de Guido Pabst e a coleção de pteridófitas (samambaias e avencas) do botânico Alexandre Curt Brade deram início ao *Herbarium Bradeanum*.⁷⁹ Pouco tempo antes, a bióloga Bertha Lutz (1894-1976) cedeu a Guido Pabst as orquídeas do herbário de seu pai, o médico Adolpho Lutz (1855-1940). A coleção não era representativa em números, mas compunha-se de raridades e seus habitat comprovam a dispersão geográfica de espécimes dos quais só havia suposições.⁸⁰

Segundo Joseph Arditti, amadores egocêntricos infiltram-se entre cientistas e o desprezo estende-se aos competentes. O autor classifica um tipo de amador com “nível

⁷⁶ A sinonímia ocorre quando, um mesmo e único táxon (unidade taxonômica, por exemplo, uma espécie de orquídea), tenha recebido duas denominações distintas, propostas por pesquisadores diferentes. A segunda denominação perde sua validade, permanecendo a primeira. Então, a segunda é citada como uma sinonímia da válida. Regido pela Lei de Prioridade.

⁷⁷ Como no Index de 1935, em referência aos aconselhamentos de Campos Porto, encontramos nessa publicação, *ductu et consilio* A.C. Brade. PABST, G. F. J. Index Generum et Speciarum Orchidacearum Brasiliensium inter MCMXXXII et MCML descripta sunt. *Orquídea*, vol.13, n.01, jan.fev., 1951, p.28. (continuação no volume 13, números 02, 03, 04 e 06)

⁷⁸ PABST, G. F. J. Additamenta ad orchidologiam brasiliensem I. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.12, 1952, p.127-136.

⁷⁹ Ver: Importância histórica do Herbarium Bradeanum Disponível em: <http://herbariumbradeanum.com>. Acesso em: 05 abr. 2012.

⁸⁰ PABST, F. G. J. Orchidaceae Lutzianae. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, vol.53 n.2-3-4, jun.dez, 1955, p. 359.

de profissionalismo invejável”.⁸¹ Mesmo buscando superar a dicotomia amador-profissional, o autor acaba por reiterá-la. O amador pode realizar trabalhos desde que não se relacione amadoristicamente com o fazer científico.

A produção de Guido Pabst para a *Orquídea* ampliou-se consideravelmente na década de 1950⁸² e chegou ao fim da década de 1970 com os seguintes números: 92 artigos autorais, 10 com Fritz Dungs e 05 com Curt Brade. Até mesmo o modo de designá-lo foi alterado: uma foto tirada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro chamava-o de grande sistemata colaborador da *Orquídea*.

No *Orchidaceae Brasiliensis*, Guido Pabst se coloca entre os coletores do século XX. Já ao se referir ao botânico autodidata Roberto Kautsky (1924-2010)⁸³ fez a seguinte observação “grande coletor do Estado do Espírito Santo. Não tendo contato com taxônomos ou cientistas, muitas de suas descobertas foram apresentadas por outras pessoas”.⁸⁴ Embora várias espécies coletadas por Kautsky tivessem sido registradas, Guido Pabst via algumas perdas de prioridade em função de seu não relacionamento com a comunidade científica.

O que nos propusemos mostrando essas duas trajetórias foi mostrar a variabilidade de perfis existentes entre os amadores. Guido Pabst transitou e se inseriu em locais privilegiados e seus trabalhos adquiriram o respeito dos botânicos profissionais. O instrumental do qual dispunha, inclusive o fato de trabalhar em uma empresa aérea, lhe deram autonomia. Já as motivações de Maria Stella para estudar as orquídeas relacionam-se à difusão da *Scientia Amabilis* e a seu papel de educadora. Seus trabalhos seguem esse perfil.

⁸¹ ARDITTI, J. Some recent books by amateurs. *Taxon*, vol.44, n.01, Feb., 1995, p.134.

⁸² A partir da década de 1950, vários editoriais da *Orquídea* mencionam as reclamações de alguns orquidófilos a respeito de alguns “excessos de especialização”.

⁸³ Sobre Roberto Kautsky ver: <http://www.institutokautsky.org.br/>

⁸⁴ PABST, G. F. J.; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.1. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmerson, 1975, p.141.

Os amadores desejavam identificar suas coleções, mas nem todos se lançavam a estudos de sistemática de forma tão persistente. Referimos-nos algumas vezes às queixas de amadores sobre a falta de livros, os altos preços ou raridade de algumas publicações. No final de 1949, veio a lume o *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* de autoria de Hoehne. Publicando trabalhos de divulgação desde o início do século XX, a obra desse botânico resgatou uma série de questões encarnadas no colecionador verdadeiro. O tipo almejado por Hoehne tinha uma série de requisitos, mas mostrou-se conciliador e convergente aos anseios de um grande contingente de orquidófilos.

CAPÍTULO III – Educando homens para educar plantas

3.1. O botânico

Com doze anos de idade lemos uma historieta na revista “O Amigo da Verdade”, cujo título: “Procura um caminho ou fã-lo tu mesmo”, se gravou em nossa retentiva e influiu poderosamente em nossa vida sempre que dificuldades apareceram.¹

Em setembro de 1951 o *Relatório Anual do Instituto de Botânica de São Paulo* trouxe em suas páginas a autobiografia do então diretor, o botânico Frederico Carlos Hoehne. Ao se reportar aos anos de infância e adolescência, o gosto pelas orquídeas surge como a base de uma vida posteriormente devotada à botânica:

Ao festejar o seu oitavo aniversário, o progenitor felicitou-o, dando-lhe de presente um exemplar de *Laelia crispa* assentado sobre um rijo toco de jacarandá. Ali passava as horas de folga arrumando rochas, plantando palmeiras e pendurando tocos e cestas de sarrafos feitas contendo espécimes que ia buscar nas matas próximas. Assim lançou-se o alicerce para o interesse para a botânica.²

A relação traçada entre a infância e o colecionismo aparece também no prefácio da obra *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (1949), mas ampliada por valores úteis à coletividade:

O menino que, aos dez anos, não revela interesse em colecionar qualquer coisa instrutiva, não evidencia espírito de pesquisa e nem promete ser indivíduo muito útil à humanidade. Feito homem, poderá adquirir fortuna, conquistar postos de destaque na política e conseguir por meio deles, amizades e relações; no terreno da ciência e da arte, como na literatura, raramente deixará assinalada a sua passagem por qualquer realização de interesse geral ou especial. Em outras palavras, não cumprirá o seu dever espiritual e, portanto, vegetará, não viverá

¹ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.66.

² Frederico Carlos Hoehne utiliza a terceira pessoa do discurso em sua autobiografia. No decorrer do texto nos referimos ao botânico pelo sobrenome. HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.67.

como ser que se constitui de elementos animais e divinos. Não raro poderá tornar-se mesmo nocivo à sociedade e fardo para si e seus parentes.³

Entendemos que para Hoehne o colecionismo é uma atividade inata, desenvolvida em alguns homens e passível de estímulo em outros. Teria a qualidade de definir gradualmente o caráter dos homens e da nação à qual pertencem. Embora se dedique ao tema em outros momentos – especialmente em artigos publicados em jornais correntes⁴ – é na obra *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, onde o botânico define o colecionador verdadeiro⁵ e as histórias da orquidologia e orquidofilia mostram seus paralelismos e intersecções.⁶

Dessa forma, a figura do botânico autodidata Hoehne é emblemática das relações aqui analisadas devido a uma série de motivos. Um dos principais é sua própria trajetória de orquidófilo a autoridade reconhecida na área e a interlocução permanente que manteve com os amadores em sua produção bibliográfica. Embora, as trocas entre amadores e profissionais se mostrem assimétricas, elas adquirem uma variabilidade muito grande de significados e, Hoehne, podemos assim dizer, se põe no papel do outro enquanto evoca suas experiências pessoais.

Amadores e profissionais vêm o colecionismo a partir de mundos sociais diferentes, mas lhe conferem algo de reconhecível, possibilitando traduções e

³ A reimpressão que utilizamos, do ano de 2009, não apresenta nenhuma alteração com relação à obra publicada em 1949. HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.11.

⁴ Os textos publicados nos *Relatórios Anuais do Instituto de Botânica* e aqueles enviados aos jornais e órgãos oficiais eram similares, entretanto, Hoehne reclama das modificações efetuadas em seus escritos “existem numerosas cópias de artigos enviados aos órgãos de imprensa ou à Diretoria de Publicidade Agrícola, que não podem ser localizadas convenientemente no fichário, por se haver trocado os títulos e abstraído do direito autoral, deixando de mencionar o redator do trabalho”. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.78.

⁵ Reunimos duas expressões frequentemente utilizadas por Hoehne, orquidófilos verdadeiros e colecionadores úteis, e aglutinamos em colecionador verdadeiro.

⁶ Entendemos por orquidologia o desenvolvimento de conhecimentos sobre a família *Orchidaceae* no âmbito das instituições e por profissionais da botânica. Orquidofilia, por sua vez, o conjunto de atividades ligadas ao cultivo das orquídeas realizadas por amadores.

cruzamentos o que dá ao diálogo aqui analisado a forma de objeto de fronteira.⁷ Entendemos por mundos sociais os grupos - amadores e profissionais - , que interagem e possuem compromissos e interesses comuns por certas atividades, compartilhando recursos para alcançar suas metas. De acordo com Star e Griesemer, os objetos de fronteira são um *modus operandi* que se forma na tentativa de “resolução de problemas científicos provenientes de diferentes mundos sociais”. A integridade e os interesses de ambos os grupos são preservados a fim de manter alianças e negociações de “viés gerencial”, não pressupondo a primazia epistemológica de um grupo sobre o outro. O principal objeto das coleções, ou seja, as orquídeas “continuam a habitar mundos diferentes”. Essa condição gera tensões e conseqüentemente formas de gestão de tal diversidade.⁸

Uma “apresentação intelectual”⁹ do nosso autor ajuda-nos a compreender sua trajetória entre tais mundos, bem como suas atividades de divulgação em torno das Orchidaceas.¹⁰ Embora essa família botânica seja a protagonista da produção científica de Hoehne, o mesmo aponta que seus trabalhos publicados entre os anos de 1910 e 1920

⁷ STAR, S.L.; GRIESEMER, J.R. Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39. *Social Studies of Science*, vol. 19, n.03 (Aug., 1989), p.387-420.

⁸ STAR, S. L.; GRIESEMER, J. R. Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39, *Social Studies of Science*, vol. 19, n.03 (Aug., 1989), p.389-392.

⁹ Essa expressão foi emprestada de Marcos Vinícius de Freitas. No estudo sobre o geólogo Friedrich Hartt, Freitas se refere ao percurso biográfico como seu fio de condutor, no entanto, adverte que a biografia lhe interessa como “percurso intelectual da personagem” aonde “os dados biográficos vêm à baila sempre que constituem ponto de partida para uma análise de aspectos da produção científica e textual do autor”. FREITAS, M. V. de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002, p.21.

¹⁰ O botânico justifica a utilização do termo *Orchidaceas*: “Referimo-nos ao nome *Orchidacea*. Sua origem é de ‘orchis’ – testículo, nome dado a um gênero de plantas, em que as duas túberas, uma do ano anterior e outra do vigente, se assemelham vagamente a esse órgão. Em todos os nossos trabalhos temos escrito sempre: ‘Orchidáceas’ ou ‘Orchidacea’, não porque tivéssemos qualquer autoridade pessoal para isto, mas por havermos preferido ficar em companhia de uma autoridade filológica digna de confiança como o é Ramiz Galvão. Esta autoridade, no ‘Vocabulário Etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega’ (1909, p.432), definiu a questão da grafia e prosódia do nome *Orchidacea*, do seguinte modo: ‘Orchidáceas, s.f.pl. (bot.) ordem de plantas monocotylédones, quase todos epiphytas. Pelo latim científico *Orchidaceae* (e este de orchis testículo) + suff. áceas’. Acrescentando: ‘N a desinência eas de *Orchideas* não é apropriada às ordens, mas sim às tribus botânicas. A forma ‘Orchidaceas’ é, pois, mais correta”. HOEHNE, F. C. Morfologia das orquídeas, sua importância e terminologia. *Orquídea*, vol.08, n.03, mar., 1946, p.96.

expressam as “primeiras tentativas de um botânico, que não pretendeu ser mais que um modesto ajudante”; sendo que somente após 1938 vieram a lume “trabalhos mais maturados e melhor ilustrados”.¹¹

Observador arguto que era, Hoehne não restringia seu olhar ao objeto de estudo, vinculava-o a outros temas: estradas, suprimento de madeira das áreas florestais, populações locais, economia, recursos hidráulicos, agricultura, urbanismo, arte, dentre outros. Em meio a essa variabilidade de assuntos, acreditava em uma ciência que se fizesse através do “contato direto com o povo”, de cuja interação, surgiria “um ambiente propício pela introdução dos hábitos” e apto a edificar a nação.¹²

Ainda que Hoehne não deixe transparecer em seus escritos uma filiação partidária, é possível ver em suas posições uma afinidade com os intelectuais da década de 1930. Esse grupo via a sociedade civil como um “corpo conflituoso, indefeso e fragmentado” onde o Estado personificava “a ideia de ordem, organização e unidade”.¹³ Para Hoehne as mudanças de percepção sobre a natureza, sobretudo, do papel destinado à botânica, surgiriam quando a própria “natureza brasílica” se traduzisse em “harmonia e no equilíbrio de seu poder saneador do físico e do espírito”. As agremiações que seguissem esse perfil seriam, por conseguinte, incentivadas e distinguidas pela civilidade que imprimiriam ao povo e a nação:

Cremos não estar longe o dia em que, no Brasil, possamos assistir a exposições periódicas de plantas indígenas organizadas pelos particulares reunidos em sociedades, nas quais os esforços dos indivíduos hão de concorrer para firmar e dar caráter mais duradouro à orquidofilia e o amor à natureza, e, por outro lado, hão de levar

¹¹ HOEHNE, F. C. O estado atual do estudo das *Orchidaceas* brasileiras levado a efeito. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.52.

¹² Hoehne defende essas ideias em HOEHNE, F. C. Propaganda, motivos. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1940, p.104.

¹³ VELLOSO, M. P. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/ CPDOC, 1987; GOMES, A.de C. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: HEIZER, A.; VIDEIRA, A. A. P. *Ciência, civilização e República nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010, p. 11-29.

também o estímulo pelo reconhecimento e admiração dos pares, aqueles que mais se distinguirem nesta campanha patriótica. Não temos dúvida alguma que de que deste movimento há de nascer, finalmente, o altruísmo capaz de enxergar o interesse remoto ou presente do país e de conduzi-lo de modo a ficar o quinhão da natureza brasílica garantido e perpetuado para a posteridade.¹⁴

As ideias de ordem, estabilidade apareceriam também no último relatório que o botânico escreveu como diretor do Instituto de Botânica, em 1955. A ciência devia ser resguardada de qualquer tipo de disputa política e prosseguir em sua marcha:

A experiência que adquirimos nos autoriza a reafirmar que não é pelas reformas, mas pela manutenção e bom equipamento que se consolidam as instituições científicas. Elas jamais deverão ser presa fácil para os que preferem usufruir o trabalho e a produção alheia, nem devem ser instrumentos para démarches políticas. O culto à ciência não tem pátria, não possui cor partidária nem é o quinhão de uma raça. Onde ele surge deve ser prestigiado por todos, pois é em proveito de todos que existe.¹⁵

Torna-se necessária, portanto, a retomada de obras e discussões anteriores à publicação do *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, principal obra analisada nesse capítulo. Para tanto utilizaremos como fonte sua autobiografia, publicada no *Relatório Anual do Instituto de Botânica* (1951), e artigos do jornal *O Estado de São Paulo*. Além disso, recorreremos aos relatórios de outros anos a fim de mapear os desdobramentos ocorridos na carreira do botânico em função das diversas mudanças burocráticas nos locais por onde passou.¹⁶

¹⁴ HOEHNE, F. C. O orchidário do incipiente Jardim Botânico de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22, fev., 1936, p.[ilegível]

¹⁵ HOEHNE, F. C. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.19.

¹⁶ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.63-156.

Afora a autobiografia citada, encontramos apenas breves alusões sobre Hoehne em trabalhos esparsos.¹⁷ Uma pesquisa mais detida foi realizada por Franco e Drummond. Os autores classificam-na como uma “redescoberta” do botânico, seu pensamento e trabalho, por meio da análise do “cientista, escritor e administrador de instituições científicas”. No entanto, o objetivo principal da obra é apresentar ao leitor um cientista pioneiro nas discussões sobre a conservação da natureza que teria contribuído para a “emergência de uma consciência ambientalista no Brasil”.¹⁸ Outro autor, Warren Dean, também ligado a História Ambiental como os anteriores, fez análise semelhante. Segundo sua interpretação, Hoehne foi um pioneiro da etnobotânica¹⁹ e seus argumentos preservacionistas, baseados na concepção funcionalista de natureza, anteciparam o intervencionismo do governo Vargas.²⁰

A nosso ver, outros elementos do relato autobiográfico podem ser explorados. Ao observamos sua escrita supomos que Hoehne procurou dar um ar de distanciamento ao utilizar-se da terceira pessoa do discurso, embora alguns trechos se tenham aspecto da estrutura de uma carta. Ao longo de noventa e três páginas vemos delinear-se um profissional imerso numa relação simbiótica com seu lócus institucional que alternou diversas atividades comunicando-se com distintos públicos. Assim, a interpretação que

¹⁷ NOMURA, H. *Vultos da Botânica Brasileira*. Parte II (naturalistas). Coleção Mossoroense: Série C, vol.774, 1992, p.115-118; FERRI, M. G. A Botânica no Brasil. In: AZEVEDO, F. (org.). *As Ciências no Brasil*, vol. 02, Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

¹⁸ FRANCO, J. L. de F.; DRUMMOND, J. A. Frederico Carlos Hoehne: viagens e orquídeas, *História Revista*, Goiânia, v.12, n.02, jul.dez., 2007, p.31; FRANCO, J. L. de F.; DRUMMOND, J. A. Frederico Carlos Hoehne: a atualidade de um pioneiro no campo da proteção à natureza no Brasil, *Ambiente & Sociedade*, vol.VIII, n.01, jun., 2005, p.01-26.

¹⁹ Etnobotânica campo da etnobiologia. Segundo Posey “a etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo”. POSEY, D. A. Introdução - Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (org.). *SUMA Etnológica Brasileira*. vol.01 (Etnobiologia). FINEP/Vozes, Petrópolis-RJ, 1987, p.15.

²⁰ DEAN, W. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.273-274.

propõe para seu passado deve ser vista como um reforço de seu posicionamento como sujeito na história das orquídeas e do conhecimento orquidológico no Brasil.

Nesse processo, Hoehne exemplifica o sujeito que atravessou mudanças sociais e culturais responsáveis por criar uma orquicultura, ou seja, uma cultura colecionista de orquídea. Prova irrefutável desse quadro seria a conquista de seu próprio espaço profissional. Chama atenção a legitimação da autodidaxia²¹ como componente duradouro de sua formação: “Os alicerces do preparo intelectual que tivemos não puderam jamais adquirir a consistência indispensável através das adições posteriores pelo processo de autodidaxia”.²²

Frederico Carlos Hoehne nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1º de março de 1882. Os pais, Augusto Hoehne e Elizabeth Reink Hoehne, eram naturais da Alemanha e tiveram oito filhos. Após aprender marcenaria nas oficinas de Mariano Procópio, Augusto Hoehne comprou um pequeno sítio na Colônia D. Pedro II.²³

Segundo relata Hoehne, nesse ambiente “teve ensejos muitos para conhecer e gozar a vida do campo e oportunidades sem conta para observar os fenômenos da natureza”. O “rústico orquidário” localizado no pomar da propriedade – “do qual centenários tocos carregavam espécimes de *Laelia*, *Cattleya*, *Miltonia*, *Oncidium*, *Stanhopea*, *Leptotes* e *Brassavola*” – logo foi afamado pelos moradores da cidade. Ao completar oito anos de idade, Hoehne começa a organizar seu orquidário particular depois de ser presenteado pelo pai com uma *Laelia crispera*. Ainda no ambiente familiar, a leitura e a aritmética ministradas pela mãe no idioma alemão permitiram a Hoehne “o aproveitamento da bibliografia referente aos alicerces da botânica”. Não menos

²¹ Ação de instruir-se sem professores, autodidatismo. In: Novo Dicionário Aurélio versão digital

²² HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.65.

²³ Colônia de imigrantes alemães fundada pela Companhia União e Indústria, cujo proprietário era Mariano Procópio Ferreira Laje. Sua estrutura era dividida em: *colônia agrícola* e *colônia industrial*, *essa última também* conhecida como “*Vilagem*” ou “*Fábrica*”. *Colonização alemã em Juiz de Fora*. Disponível em: http://espeschit.com.br/historia/juiz_de_fora, Acesso em: 15 jun. 2012.

importante foi o ingresso, aos nove anos, no ensino regular do Colégio Americano.²⁴ Uma série de obstáculos²⁵ se impôs, quando, transcorridos dois anos, conseguiu matricular-se como interno da instituição e cobrindo parte das despesas “prestando serviços como limpador, copeiro, monitor e mensageiro”.²⁶

Após completar o ensino ginásial aos dezessete anos, Hoehne retornou às lides do sítio e continuou seus estudos pelo processo da autodidaxia. Como os recursos para adquirir livros eram escassos tratou de construir um caminho através do contato com outros colecionadores, destacando-se entre eles, o ourives Emílio Jovet que lhe emprestava livros em francês e do qual confidenciou “nos entendíamos perfeitamente como orquidófilos” apesar da diferença de idade.²⁷ A fim de constituir uma biblioteca particular, Hoehne arriscou-se a comprar publicações dos Estados Unidos, fazer uso das mesmas e depois revendê-los. Foi ainda, intermediário na venda de *Orchidaceas* para firmas do Rio de Janeiro.

Ainda no afã de organizar uma biblioteca, tomou conhecimento por parte de Jovet, que estivera em Juiz de Fora o botânico João Barbosa Rodrigues, tendo descoberto novas espécies de orquídeas na região. Isso deu novo ânimo a Hoehne e a

²⁴ Trata-se do *Juiz de Fora High School and Seminary* fundado em 1889 pelos missionários John Mcphearson Lander e John W. Wolling na cidade de Juiz de Fora. Em 1890 o nome foi modificado para *Collegio Americano Granbery*. De acordo com Ferreira “a prática educacional metodista era um espelho do sistema ideológico e educacional dos Estados Unidos, cujas abordagens pedagógicas se baseavam na idealização de um constante progresso. Assim sendo, um ensino prático e utilitário era o objetivo das escolas, que utilizavam a experimentação e a verificação. Através do método intuitivo e lógico era desenvolvido o raciocínio individual. A formação integral do alunado, mente, corpo e alma, preparando-o para a vida prática, através de um sistema rígido de disciplina, mas não autoritário e baseado nos princípios de colaboração, liberdade e autoconfiança, consistia no diferencial das instituições educacionais metodistas”. FERREIRA, V. B. L. *Granbery: um colégio americano no Brasil. A prática do modelo americano de ensino em Juiz de Fora (1889 – 1930)*. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFJF, p.79.

²⁵ Segundo Hoehne “a caminhada era cansativa e como o rapazinho fazia falta no sítio, o curso primário não pode ser então absorvido inteiramente”. HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.67.

²⁶ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.66-67.

²⁷ Percebe-se pelo relato, que o botânico aprendeu o idioma francês através da leitura de tais obras. HOEHNE, F. C. O centenário do nascimento de João Barbosa Rodrigues. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1943, p.97.

esperança de realizar o mesmo feito. Sua coleção particular foi gradativamente se enriquecendo e pequenas experiências eram utilizadas para sanar as deficiências bibliográficas:

Sem jamais haver visto um herbário, o moço começou a preparar flores e pequenos espécimes da sua coleção, colando-os depois de perfeitamente exsicados²⁸ em cadernos para lhes apor os nomes à medida que os ia conseguindo.²⁹

Anos mais tarde veremos que a experiência aparece sob duas formas na obra de Hoehne: a do orquidófilo e a do profissional. O botânico observa, por exemplo, que a cor das flores é um critério adotado por amadores para reconhecimento das espécies e pondera que tais mecanismos não são significativos. Esse é o caso de orquídeas ditas azuis, quando esse critério pode definir apenas a *Acacalis cyanea* (Lindley, 1853). Em situações como essa, existe uma exploração de sua memória enquanto amador se mesclando as do então profissional.³⁰

São essas experiências incipientes e habilidades adquiridas que o encorajaram a apresentar ao então Presidente da Câmara Municipal de Juiz de Fora, Dr. Duarte de Abreu, o plano de um pequeno orquidário no jardim da cidade. A resposta foi além do esperado, pois o político escreveria aos amigos João Barbosa Rodrigues (1842-1909) e João Batista de Lacerda (1846-1915)³¹, diretores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Museu Nacional (MN), respectivamente, buscando uma ocupação. Uma vaga de

²⁸ “A documentação botânica oficial é exsicata (herbarium sheets) universalmente adotada por todos os herbários. Refere-se ao material botânico desidratado e depois fixado numa cartolina branca de 24 x 24 cm”; BICALHO, H. D., OLIVEIRA, A.; TOLEDO, Y.; *Métodos auxiliares de documentação botânica para o estudo das orquídeas*. Piracicaba/SP: Departamento de Genética da ESALQ/USP, 1978, p.45-52. [Relatório]

²⁹ HOEHNE, F.C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.68.

³⁰ Esse mesmo exemplo pode ser aplicado às orquídeas brancas que seriam na verdade casos de albinismo e não novas espécies. HOEHNE, F. C. O Algo sobre a sistemática e a taxologia das orchidáceas do Brasil. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1944, p.146. (Seção: Palestras Botânicas)

³¹ Diretor do Museu Nacional no período de 1895-1915. Ver: Os diretores do Museu Nacional/UFRJ. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/MuseuNacional/Principal/DIRETORES.pdf>, Acessado em: 15 de junho de 2012.

Jardineiro-Chefe encontrava-se disponível no MN e, imediatamente, Hoehne se apresentou sendo nomeado interinamente para o cargo em agosto de 1907. No mesmo ano, casou-se com Clara Eduarda Frieda Kuhlmann.³²

Naquela ocasião, travou amizade com o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939)³³ que lhe fez o convite para integrar na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (Comissão Rondon - CR). Segundo Hoehne, o cargo de Ajudante de Botânico foi criado em razão de sua relutância em aceitar a função de botânico, uma vez que não se julgava apto a colocar-se “em igualdade de proventos com os cientistas de História Natural, sendo apenas um modestíssimo estudante de botânica que agora vai ensaiando as primeiras tentativas”.³⁴

Em alguns momentos de sua autobiografia, Hoehne se policia ao relatar o que considera peripécias de viagens. Ao mesmo tempo sinaliza tais incidentes como sacrifícios inerentes à atividade científica. Como nos adverte Contardo Calligaris, os relatos autobiográficos combinam “necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido”³⁵ e, especialmente, da capacidade de persuasão daquele que escreve para com os leitores. Cabe, portanto, dizer que o botânico escreveu na situação de cientista reconhecido e convicto de que os homens que contam e interpretam as histórias das plantas também deveriam ter suas histórias conhecidas.³⁶

No ano de 1908 Hoehne fez a primeira viagem (27/06/1908 a 07/11/1909) da CR, onde colheu mais de duas mil plantas para o Herbário do Museu Nacional. De volta

³² O casal teve quatro filhos: Wilson Hoehne, Hilda Hoehne, Yolanda Hoehne e Laelia Hoehne.

³³ Sobre Alípio de Miranda Ribeiro Ver: CID, M. R. L.; WAIZBORT, R. Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional. *Filosofia e História da Biologia*, v.01, p.215-227, 2006.

³⁴ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.71.

³⁵ CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos, *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 21, 1998/1, p.43.

³⁶ De acordo com Hoehne “habitados ao estudo das plantas, que também têm as suas histórias, compreendemos que, no interesse destas, as das pessoas, suas intérpretes, precisam ser conhecidas” HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.65.

ao Rio de Janeiro, foi auxiliado pelo botânico Alberto José de Sampaio para organizar os espécimes trazidos. Além disso, seguindo as práticas de cooperação científica, parte foi enviada em forma de duplicatas ao Museu Botânico de Dahlem, Alemanha. Na segunda viagem (02/12/1910 a 15/06/1912) levou consigo os cunhados Hermano e João Geraldo Kuhlmann (1882-1958)³⁷ e viu o segundo dedicar-se profissionalmente à botânica, como era de seu desejo. Em histórico sobre a Seção de Botânica do Museu Nacional, Sampaio se refere a Hoehne e Kuhlmann que “prontificaram-se a auxiliar-nos no trabalho másculo de integrar no herbário consultável que então ocupava 80 caixas, todas as outras coleções a coordenar e que se mantinham sem nenhuma ordem sistemática; o número de caixas do herbário coordenado passou agora a ser de 300”.³⁸

Ainda em 1912, Hoehne recebeu o convite para chefiar o Gabinete de Botânica da Inspeção de Pesca do Ministério da Agricultura. Entre as atividades exercidas participou da Expedição Roosevelt-Rondon (19/11/1913 a 23/01/1914), ocupando-se do estudo do plâncton e outras plantas aquáticas. Demitido após uma troca de ministros, Hoehne foi mais uma vez nomeado botânico da CR. Nesse período viajou também por Minas Gerais com a finalidade de “colher cotipos de algumas espécies que Eugênio Warming havia ali descoberto e descrito”.³⁹

De acordo com Hoehne, o ordenado recebido pelos serviços prestados à CR foi se tornando “escasso demais para poder manter a família e comprar livros”. Em 1917,

³⁷ Sobre João Geraldo Kuhlmann ver: HEIZER, A. João Geraldo Kuhlmann e Comissão de Defesa da Borracha de 1912. In: HEIZER, A.; VIDEIRA, A. A. P. (orgs). *Ciência, civilização e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010, p.209-225.

³⁸ SAMPAIO, A. J. A Seção de Botânica no Primeiro século de existência do Museu Nacional. *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 22, 1919, p. 43. Ver também: SÁ, D. M. de; SÁ, M. R.; LIMA, N. T. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.03, jul.set., 2008, p.779-810.

³⁹ HOEHNE, F.C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.73.

recebeu um convite de Arthur Neiva (1880-1943)⁴⁰ para o cargo de botânico do Instituto Butantã, período no qual criou o Horto Oswaldo Cruz e organizou a Seção de Botânica, cujo escopo de atuação se resumia em:

Enriquecer o patrimônio terapêutico, fornecer informações e recursos à medicina, orientar o público na arte de curar as moléstias e agir contra o charlatanismo e a exploração dos hervanários e curandeiros, coisas que tanto envergonham um povo adiantado e culto como somos.⁴¹

O Jardim Botânico de Dahlem (Alemanha)⁴² serviu de modelo para instituição nacional e deveria combinar “as vantagens de um parque botânico, logradouro público e instrutivo”. Em 1918, a Estação Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba foi anexada a Seção que em seguida foi ampliada em 50 alqueires de matas e construiu uma local de hospedagem para naturalistas para proporcionar “os requisitos indispensáveis para os que ali pretendem realizar estudos biológicos em material vivo”.⁴³

Por um curto período de tempo (“meados de 1920 até setembro de 1921”), as atribuições do Horto estiveram ligadas ao Instituto de Medicamentos Oficiais do Estado. De acordo com Hoehne a Seção de Botânica:

⁴⁰ Arthur Neiva nasceu em Salvador em 22 de março de 1880. Iniciou o Curso de Medicina na Bahia e o concluiu no Rio de Janeiro em 1903. Em 1906 ingressou no Instituto Soroterápico, no Rio de Janeiro, onde chefiou trabalhos de profilaxia da malária. Em 1915 e 1916, esteve na Argentina encarregado da organização das seções de zoologia e parasitologia do Instituto Bacteriológico do Departamento de Higiene. De 1916 a 1918 dirigiu e organizou o Serviço Sanitário de São Paulo. Era membro correspondente do Museu Nacional do Rio de Janeiro desde 1917 e foi nomeado diretor da instituição em 1923. Em 1928 voltou a São Paulo como diretor-superintendente do Instituto Biológico do estado e em 1930 assumiu a Secretaria do Interior do estado. Um ano depois, foi nomeado para o cargo de interventor federal na Bahia. Ainda esteve no Ministério da Agricultura como diretor geral de pesquisas científicas. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 6 de junho de 1943. Ver: NEIVA, Arthur. Verbete, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc>, Acesso em: 20 nov. 2012.

⁴¹ HOEHNE, F. C. O Horto Oswaldo Cruz, seu histórico, seus fins. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04, jan., 1924. Flora Brasileira, p.[ilegível]

⁴² O Jardim Botânico Berlim-Dahlem foi construído sob a direção do botânico Heinrich Gustav Adolf Engler (1844-1930) entre 1899 e 1910 junto ao bairro de Dahlem (região sudoeste de Berlim). Hoje pertence à Universidade Livre de Berlim. Ver: Der Botanische Garten Berlin-Dahlem: <http://www.bgbm.org/BGBM/garden/default.htm>

⁴³ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.142.

tratou do cultivo das diversas espécies no Horto, que serviram para fornecer material e trabalho ao Instituto de Medicamentos, mas fez ainda os ensaios e as primeiras tentativas para obtenção do óleo etéreo não somente dos *Chenopodios*, mas também das *Menthas* e *Tagetes* e outras plantas que eram de interesse para o Serviço Sanitário do Estado.⁴⁴

Com o fim da fábrica de medicamentos⁴⁵, o Horto deu continuidade ao estudo sistemático da flora paulista e ao enriquecimento do herbário. Realizou estudos sobre leguminosas forrageiras, plantas decorativas e destinadas à arborização urbana e voltou sua atenção de forma mais sistemática para as orquídeas.

Nesse contexto, as pesquisas em torno das orquídeas contavam com a parceria do botânico do Museu de Dahlem, Rudolph Schlechter (1872-1925). Os intercâmbios científicos confirmaram-se ao longo do século XIX “como a forma mais eficiente de se constituir coleções de caráter universal”, movimento que foi ampliado largamente no século seguinte.⁴⁶

Desde 1919, Hoehne e Schlechter mantinham correspondência. O último tonara-se um ávido colaborador nos estudos da flora orquidológica do Brasil e fora, entre os botânicos alemães, “o primeiro que reconheceu o mérito do nosso patricio Barbosa Rodrigues”. O trabalho publicado em 1921/1922, “Contribuições ao conhecimento das Orquídeas do Brasil”, revela ainda a participação do botânico

⁴⁴ HOEHNE, F. C. O Horto Oswaldo Cruz, seu histórico, seus fins. *O Estado de São Paulo*, 23, mar., 1924, p.04.

⁴⁵ O artigo de Hoehne tratando do histórico do Horto Oswaldo Cruz recebeu profundas críticas do assistente Fernando da Rocha Paes de Barros. O químico contestava as atribuições creditadas à Seção de Botânica. Em resposta Hoehne escreveu um artigo onde dizia: “quer s.s., a viva força, desmentir o fato de que a seção de botânica tivesse feito todos os ensaios de destilação a que nos referimos em nosso artigo”. Além disso, afirmava o empenho de seu trabalho, embora esse não tivesse contemplado por completo sua finalidade: “quando dizemos inaproveitada, queremos dizer que a essência não foi aplicada nem introduzida na terapêutica e isto é coisa muita diferente de experimentada. Ela foi experimentada, mas nunca encontrou aplicação regular no tratamento da ancilostomose embora tivesse ficado demonstrada a sua utilidade”. HOEHNE, F. C. O Horto Oswaldo Cruz, seu histórico, seus fins. *O Estado de São Paulo*, 23, mar., 1924, p.04.

⁴⁶ LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: Ed. UnB, 2009, p.59.

Alexandre Curt Brade (1881-1971), cuja coleção de orquídeas coletada no município de Iguapé (SP), servira de material de estudo.⁴⁷

Para esse estudo, Hoehne excursionou por Minas Gerais, nas serras que circundam a cidade de Santa Bárbara do Mato Dentro (Serras do Ouro Branco, Congo-Soco, Caraça, Água Limpa, Miguel Burnier, dentre outras). Além do artigo mencionado acima, publicado nos *Anexos das Memórias do Instituto de Butantan*⁴⁸, o resultado das coletas, realizadas em janeiro de 1921, foram publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, periódico que deu espaço constante aos trabalhos do botânico.⁴⁹

Em um dos relatos sobre as serras mineiras, Hoehne expõe uma ideia que se repetirá ao longo de sua obra: a de que botânicos devem buscar um equilíbrio saudável entre a atividade de campo e do gabinete. Nos anos posteriores, a crítica aos botânicos de gabinete se tornaria cada vez mais contundente:

Em todos estes exercícios no campo o naturalista se distrai durante semanas consecutivas e só depois de voltar à vida calma, mas também mais depauperante, do gabinete, reconhece ele que o físico encarquilhou, mas que as fibras enrijaram, tornando-se mais resistentes e o cérebro recobrou ânimo. As energias para o trabalho de

⁴⁷ Guido Pabst atesta o mesmo: “é confortante poder-se constatar, ao ler as obras de Schlechter, como este célebre botânico defendia os pontos de vista do nosso Barbosa Rodrigues, tantas vezes menosprezado e mesmo baixado propositadamente por alguns botânicos”; PABST, G. Barbosa Rodrigues e a sistemática em orquídeas. *Orquídea*, vol.06, n.03, mar., 1944, p.115. HOEHNE, F. C. A morte de um grande orchidólogo. O professor Dr. Rudolf Schlechter e o estudo das nossas orchidáceas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12, fev., 1926, p.[ilegível]; SCHLECHTER, R; HOEHNE, F. C. Contribuições ao conhecimento das Orquidáceas do Brasil. *Anexos das Memórias do Instituto de Butantan*, Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. IV, 1922; SCHLECHTER, R; HOEHNE, F. C. Contribuições ao conhecimento das Orquidáceas do Brasil. *Anexos das Memórias do Instituto de Butantan*, Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc.II, 1921.

⁴⁸ O *Anexos das Memórias do Instituto de Butantan* teve início em 1921 como publicação complementar ao *Memórias do Instituto Butantan* de 1918. De acordo com Luiz Antônio Teixeira, o periódico foi “criado para a publicação das pesquisas científicas da instituição, teve seu primeiro número editado em 1918 com o conjunto de trabalhos científicos elaborados no Instituto até aquela data. Somente em 1925 seria publicado um segundo número das memórias sendo que a partir de 1929 sua periodicidade passou a ser anual”. TEIXEIRA, L. A. Repensando a história do Instituto Butantan. Disponível em: <http://www.lteixeira.xpg.com.br/buta2.htm>, Acesso em: 10 dez. 2012.

⁴⁹ HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais I. As Excursões Botânicas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29, fev., 1924, p.02; HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais II. A viagem. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01, mar., 1924, p.02; HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais III. A Serra do Caraça. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02, mar., 1924, p.03;

laboratório armazenam-se no campo, mas esse só se aproveita bem se o preparo naquele tiver sido sólido e sério.⁵⁰

Além de construir uma imagem de seu ofício junto ao público leitor, os escritos de Hoehne acerca da botânica forneciam também subsídios para se pensar a sociedade e a natureza do período. Ao longo da década de 1920, os artigos “destinados à difusão de conhecimentos de botânica”⁵¹ foram publicados de forma diligente em revistas e jornais. Somente em *O Estado de São Paulo* encontramos 38 artigos assinados pelo botânico, com destaque para os seguintes temas: defesa da natureza, reflorestamento, flora nativa, ensino de biologia, instituições científicas e orquidáceas.⁵²

Embora Hoehne exerça a atividade de divulgador como uma atribuição legal é válido destacar a organicidade e regularidade com a qual conduziu essa tarefa. De 1915 a 1946 foram 478 artigos distribuídos por revistas, jornais e boletins de agricultura. Paralelamente produzia artigos científicos que o tornaram reconhecido na botânica e na orquidologia, ou seja, o botânico representa o cientista que se deslocou pelos “dois gêneros do discurso científico” como aquele analisado por Dominichi Sá.⁵³ Sobre a função das publicações na divulgação afirmava:

A vantagem das publicações por parte das instituições científicas é mundialmente conhecida, insofismável. Já dissemos alhures que as publicações para os institutos de pesquisas científicas são a essência da sua finalidade, pois que sua função precípua cifra-se na conquista e subsequente difusão dos conhecimentos e na divulgação das riquezas e capacidades do País. Na sua atividade andam, lado a lado, a ciência pura e a aplicada, como questões de interesse geral, e se, todavia,

⁵⁰ HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais I. As Excursões Botânicas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29, fev., 1924, p.02.

⁵¹ Classificação do próprio Hoehne.

⁵² Refere-se a artigos publicados entre 1923 a 1946.

⁵³ De acordo com Dominichi Sá: “no Brasil, assim como na Europa, a vulgarização e especialização científica coincidiram historicamente, mas enquanto no Velho Continente os personagens envolvidos nas duas atividades pouco se confundiram, restringindo-se a especialização aos profissionais institucionalizados e alargando-se a vulgarização com a popularidade das revistas para o grande público, no Brasil, seus personagens foram os mesmos, vários deles passeando pelos dois gêneros do discurso científico”: SÁ, D. M. de. *A Ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1995-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p.174.

existem institutos que possam ser considerados mais científicos do que práticos, mais se recomenda e impõe ainda a divulgação de suas conquistas em forma de trabalhos impressos capazes de fornecer ao País e ao mundo uma ideia exata do progresso intelectual da nação. Se, por outro lado, os institutos se destinam mais à aplicação das conquistas científicas, óbvio torna-se, ainda, a necessidade da difusão dos métodos apurados para cada ramo das atividades agrícolas, industriais, médicas ou simplesmente didáticas, porque nenhuma conquista intelectual deve permanecer como propriedade individual, deve ser transformada, imediatamente em propriedade pública, sempre que tiver sido fruto de técnicos ou cientistas mantidos pelo Estado.⁵⁴

Ainda na década de 1920, a Seção de Botânica seria transferida para o Museu Paulista⁵⁵ “sem sofrer qualquer modificação ou reforma na sua organização e funcionamento, além daquela que resultou do acréscimo das atribuições”.⁵⁶ Nessa ocasião, Hoehne escreveu uma série de quatro artigos sobre a instituição. No primeiro deles, julga como dever patriótico tornar público o conteúdo de uma publicação do ornitólogo e ex-diretor do Museu Paulista Herman von Ihering (1850-1930)⁵⁷, no qual menciona que o antigo local de trabalho estaria “totalmente perdido para os cientistas e para as ciências biológicas”.⁵⁸ A defesa de Hoehne indica as dificuldades enfrentadas pelo administrador em sua gestão, ao mesmo tempo em que censura o colega por suprimir os auxiliares⁵⁹ em seus escritos. As polêmicas em torno das declarações de Ihering eram antigas, uma vez que o mesmo afirmou, em 1895, que apenas o museu sob

⁵⁴ HOEHNE, F. C. (Relator). Serviço Científico de Publicação. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.42.

⁵⁵ O Museu Paulista foi fundado em 1894 pelo ornitólogo alemão Hermann von Ihering que permaneceu no cargo de diretor durante 22 anos. Ver: LOPES, M. M.; FIGUEIRÔA, S. F. de M. A criação do Museu Paulista na correspondência de Hermann von Ihering (1850- 1930). *Anais do Museu Paulista*, vol.10-11, n.01, São Paulo, 2003.

⁵⁶ A Seção de Botânica tinha sob sua dependência: O herbário e os mostruários, no Butantan e Ypiranga, o Horto Oswaldo Cruz em Butantan, O Horto Botânico do Museu Paulista e a Estação Biológica do Alto da Serra. HOEHNE, F. C. *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências*. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925, p.25.

⁵⁷ Hermann von Ihering foi diretor do Museu Paulista entre 1894-1916. Hoehne se refere ao artigo IHERING, H. Der periodische Blattwechsel der Bäume im tropischen und subtropischen Südamerika. *Botanische Jahrbücher für Systematik, Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie*, Leipzig, v. 08, p. 524-598, 1923. Ver: <http://www.botanicus.org/item/31753002218383#>

⁵⁸ HOEHNE, F. C. O Horto Botânico do Museu Paulista I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15, abr., 1924, p.04.

⁵⁹ Hoehne se refere ao zoólogo Hermann Luederwaldt e ao taxidermista Leonardo Lima, dentre outros.

sua tutela e o de Emílio Goeldi no Pará seriam “organizados em moldes científicos no país”.⁶⁰

A despeito de Ihering ter decretado a falência do museu, Hoehne defende a ciência produzida no Brasil e por brasileiros e ironiza ao enviar um recado: “ao Dr.Ihering, que criou e desenvolveu o Museu Paulista até 1916, deve alegrar o saber que está este bem melhor aparelhado e que as suas dependências, que julga completamente perdidas, estão dando frutos e sendo úteis aos estudiosos”.⁶¹ A posição do botânico expõe assim a vinculação entre o nacionalismo e as instituições científicas.

Após esse prelúdio, Hoehne apresenta o Museu Paulista aos leitores destacando as melhorias instauradas após 1916. Essa forma de exibir o espaço é chamada pelo botânico de *excursão botânica*.⁶² No nosso entender essa digressão é um recurso pedagógico onde o indivíduo é imerso no conhecimento sobre as plantas; é instruído a ver. Assim, ao caminhar pelas alamedas do museu lhe são apresentadas as coleções vivas, os caracteres fitológicos das espécies, os nomes populares ao lado dos científicos, as espécies endêmicas e introduzidas. A descrição meticulosa evoca princípios estéticos, pois a seu ver “só a natureza sabe criar o realmente estético e alegre” e é justamente imitando-a que aquele espaço poderia servir tanto aos cientistas como aos leigos.⁶³

O tratamento dado à beleza não é um dado aleatório ou puramente visual, pois Hoehne via a estética como uma ciência a ser aprimorada:

⁶⁰ LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: Ed. UnB, 2009, p.293.

⁶¹ Hoehne interroga ironicamente Ihering em outros trechos do artigo mencionando falhas no “canto de glória que entou a sua obra”; HOEHNE, F. C. O Horto Botânico do Museu Paulista I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15, abr., 1924, p.04.

⁶² Como veremos mais à frente na obra *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* a excursão botânica é chamada de mental, ou seja, Hoehne retoma “fatos e observações feitas durante excursões e viagens levadas a efeito desde 1895 até 1946” e convida os leitores a viajarem com o espírito sem saírem do conforto do lar.

⁶³ As descrições de Hoehne são pormenorizadas, como em uma passagem onde convida o leitor a sentar-se em um dos bancos do Horto: “Agora chegamos ao banco onde podemos descansar um pouco. É o primeiro dos três que existem em todo o Horto”; HOEHNE, F. C. O Horto Botânico do Museu Paulista II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16, abr., 1924, p.02.

A estética poderia ser classificada como verdadeira ciência, e, como tal, seria a ciência do belo. O belo e bom, consorciados, constituem a perfeição, mas são qualidades que o homem jamais consegue consumir, embora incessantemente procure alcançá-los.⁶⁴

Sendo assim, essa teria uma função primordial na apresentação do conhecimento, sua exibição e consumo, que “implica certa disposição espacial das coleções e modo de acesso a elas”. Fica evidente, a nosso ver, que o botânico franqueia a plasticidade das espécies como mecanismo de acesso às preocupações científicas que deseja expor. A estética das coleções e dos espaços museológicos era ainda determinada pelo desenvolvimento da Ecologia que impunha “grandes e bem arranjados conjuntos”.⁶⁵

Ressalta-se que por si só a beleza não angariava admiradores para a *Scientia Amabilis* uma vez que tínhamos “apenas um jardim botânico, que mais se recomenda pela sua estética e aspecto monumental que pela variedade de tipos e exemplos que expõe da flora brasileira”.⁶⁶ Embora, não tenha valor científico, a beleza serve como porta de entrada para o conhecimento e ponte entre os mundos sociais que se cruzam, ou seja, atua como um denominador comum que viabiliza trocas.

Para Hoehne, as formas de exibição e organização do espaço deviam ser pensadas em longo prazo. Anos mais tarde, o botânico diz com certo pesar que o Jardim Botânico de São Paulo não comovia público e autoridades como estabelecimento científico. Mas, logo revela que aquele estilo diferente, onde predominava a natureza, foi guiado pelo estudo e conhecimento da flora de nosso país e era natural deduzir: “não será tão depressa que conseguiremos demonstrar a vantagem deste modo de agir, mas

⁶⁴ HOEHNE, Da estilização das nossas *Orchidaceas* das selvas e campos – O que vem a ser o belo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.94.

⁶⁵ PODGORNÝ, I; LOPES, M. M. El desierto en una vitrina: Museos e historia natural em la Argentina, 1810-1890. México: Limusa, 2008, p. 22.

⁶⁶ HOEHNE, F. C. *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências*. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925, p.14.

isto será no futuro considerado lógico e muito natural, depois que outra for a mentalidade do público”.⁶⁷

O desenvolvimento de um senso estético na população era ao mesmo tempo uma missão filantrópica e de legitimação dos espaços destinados à botânica. Uma vez despertado o interesse e o amor do público à botânica, a especialidade não seria mais mera seção dos “museus enciclopédicos” existentes no país. Nesse novo ambiente, “pessoas enciclopédicas”⁶⁸ também estariam fadadas a desaparecer. Existiria, portanto uma afinidade entre espaços especializados para a botânica e de pessoas aptas a admirar e instruir-se a partir dessa organização/especialização:

Os museus enciclopédicos, onde, ao lado de objeto de arte e de história pátria, se expõe material mineralógico, espécies de zoologia, botânica e outros artefatos e objetos que de qualquer modo podem interessar ao público, estão condenados. Assim como acabaram os negócios que numa mesma sala expõe: móveis, fazendas, carnes seca, bebidas, feijão, bacalhau e calçado, se foram também os museus e as pessoas enciclopédicas.⁶⁹

A arregimentação de cultores da *Scientia Amabilis* atingiria também outros públicos. Em 1925, Hoehne lançou o livro *As aventuras do Casaquinha Verde*, na coleção *Dramas e Histórias da Natureza*. No prefácio, o autor sugere que a medida da vida ia de encontro aos deleites experimentados pela alma e que tais momentos eram inumeráveis para o naturalista. A instrução e o deleite convertiam-se em prazeres puros e verdadeiros dos quais uma série de lições podiam ser absorvidas:

Toda esta agitação e disputa que se nota na natureza, ao leigo podem parecer balburdia e confusão. O poeta enxergará em tudo harmonia e poesia exageradas. Mas, o verdadeiro cientista tem a convicção que em tudo reina uma só vontade ou energia que demanda um ideal. Vê,

⁶⁷ HOEHNE, F. C. (Relator). Seção de Jardim Botânico. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1944, p.45.

⁶⁸ Ambas as expressões, “museus enciclopédicos” e “pessoas enciclopédicas”, são utilizadas por Hoehne.

⁶⁹ HOEHNE, F. C. *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências*. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925, p.15.

mais, que tudo se completa mutuamente e é regulado por sábias leis estabelecidas e firmadas desde a eternidade pela força geradora, que tudo criou e tudo mantém em perpétuo e eterno equilíbrio, força esta que é o próprio Deus, autor e conservador do cosmos.⁷⁰

Ao longo do texto a totalidade orgânica da natureza e o discurso de caráter cristão se mesclam na exposição dos conceitos biológicos:

A luta pela sobrevivência pode ser observada em todos os seres. Desde os mais imperceptíveis e insignificantes, até os mais vistosos e perfeitos, a encontramos sempre renhida, sempre acesa. Mas, essa luta individual e incessante, é essencial ao equilíbrio mútuo de todos os seres e mundos. A existência e estabilidade do cosmos dela dependem, porque tudo se aperfeiçoa, transformando-se, de acordo com as leis estáveis e eternas do artífice supremo.⁷¹

Incompreendido nessa empreitada, o botânico precisou explicar no prefácio do volume II da coleção, *O Jequitibá Rei*, que os livros não se destinavam a crianças, mas aos adolescentes. Tanto a redação quanto o enredo não eram próprios para a faixa etária inferior aos doze anos. Além disso, argumentava que “educa-se o coração para implantar a semente de que deverá evoluir o caráter do homem ou da mulher; mas com a entrada da idade da puberdade, precisa-se educar o espírito, porque então a pessoa não se rege mais pelo sentimentalismo, que conduz o coração, mas sim pela razão, que lhe governa o espírito”.⁷² Anos mais tarde, em 1941, Hoehne assinaria um artigo como Vovô Efaceagá, *Coisas lá do Fundo do Mar*, destinado ao público infantil.⁷³

⁷⁰ HOEHNE, F. C. *As aventuras do Casaquinha verde*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1925, vol.01, p. VII.

⁷¹ Encontramos também os termos biológicos: mutualismo, simbiose, dispersão, adaptação, dentre outros. HOEHNE, F. C. *As aventuras do Casaquinha verde*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1925, vol.1, p.VIII.

⁷² HOEHNE, F. C. *O Jequitibá Rei*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1930, vol.2, p.03.

⁷³ O artigo citado foi publicado no único número da *Revista dos Amigos da Flora Brasílica*. O periódico era ligado à sociedade de mesmo nome fundada por Hoehne em 1939. EFICEAGÁ, Vovô [Frederico Carlos Hoehne]. Coisas lá do fundo do mar. *Revista dos Amigos da Flora Brasílica*, Órgão da Sociedade dos Amigos da Flora Brasílica, ano 01, n.01, p.44-53.

Cabe ainda dizer, que ao difundir a teoria da evolução de Darwin, Hoehne busca uma interpretação, com ênfase nas ideias de equilíbrio, associação, cooperação e colaboração:

Tudo evidencia domínio, nada reflete derrota. A luta pela existência, de que Darwin fez o seu pedestal, existe, mas não para desbancar e substituir; para equilibrar e colaborar para maior resultado de todos. É um meio que é uma associação, a qual o indivíduo não sobrevive, se dela se retirar ou for posto em meio estranho. Um vegetal serve ao outro, todos cooperam, empenham-se em formar, pelo concurso mutuo, o recurso comum e a este ambiente correspondem os insetos, as aves e os mamíferos.⁷⁴

De acordo com Regina Horta Duarte, o zoólogo Candido de Mello Leitão considerava, da mesma forma, a imagem da natureza como “um grande organismo em condição de equilíbrio e constituído de redes de ligações interdependentes, fundadas no auxílio mútuo, no altruísmo, na sociabilidade”. Já o naturalista Fernando Silveira (1893-1970)⁷⁵ considerava os avanços filosóficos que Darwin alcançou na ideia de “luta pela vida”, entretanto, ponderava que “a vida de um indivíduo é a conquista do espaço e a vida da espécie é a manutenção desse espaço durante um tempo de maior ou menor duração”, tais problemas, espaço e tempo, eram essenciais ao domínio da biologia aplicada.⁷⁶

Não é de surpreender, pois, que a junção entre ciência, religião e filosofia seja dada em sua autobiografia:

⁷⁴ HOEHNE, F. C. *Resenha Histórica para a comemoração do vigésimo aniversário da Seção de Botânica e Agronomia anexa ao Instituto de Botânica de São Paulo*. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola, 1937, p.79.

⁷⁵ Fernando Rodrigues da Silveira era médico, mas dedicou-se ao magistério. Lecionou na Escola Politécnica, Universidade Rural e Instituto de Educação do RJ. Foi botânico itinerante do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

⁷⁶ DUARTE, R. H. *A Biologia Militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.67; SILVEIRA, F. *Lucta pela vida*. *Rodriguesia*, ano 01, n.04, mar.jun., 1936, p.21.

Os trabalhos bibliográficos de F. C. Hoehne tratam quase exclusivamente de questões referentes à natureza e muito especialmente ao reino vegetal. Sempre teve ensejo, entretanto, para desenvolver concomitantemente a sua cultura geral e, assim, elaborou também trabalhos de fundo filosófico e religioso e, graças a isso, conseguiu manter-se imune do materialismo, que a tantos naturalistas seduz pela força da abstração da fé e sua substituição pelo ateísmo de irresponsabilidade social. Desde criança o biografado aprendeu, pela observação e pela experiência, que nada o homem pode resolver em matéria de credos, sem pesquisar os recursos da trindade constituída pela *ciência, religião e filosofia*. Na sua cultura geral efetivamente os admitiu e sempre proclamou como essenciais para evitar que a vaidade chegue suplantar a fé. Muito se interessou, em consequência dessa diretriz encetada, pela história natural e simbolismo da Bíblia e da antiga mitologia grega e babilônica que se relaciona com ela.⁷⁷

O julgamento do ateísmo como questão de irresponsabilidade social permite-nos outro tipo de abordagem, pois a não objeção à fé aproximava o botânico do público leigo. Desse modo, essa conciliação entre teoria da evolução e religião mostrava-se estratégica. Como exposto acima, a tríade de pensamento “ciência, religião e filosofia” foi levada à frente. Em 1937, uma obra de 567 páginas, intitulada *A História Natural e a Bíblia*⁷⁸, foi concluída por Hoehne, mas, nunca foi editada.⁷⁹ De acordo com Kelly Moore, cientistas devem ser percebidos como pessoas que se comprometem com “múltiplas identidades sociais”, sendo que tais atividades teriam o papel de alargar fronteiras, de fazer pontes com comunidades e o público. A autora destaca o limite de análises que não consideram os vários papéis sociais dos cientistas:

⁷⁷ Grifo do autor. HOEHNE, F. C. Dados Autbio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.78.

⁷⁸ O botânico cita esse trabalho em sua autobiografia como item de “Obras a refundir que escritas há muitos anos precisam ser atualizadas”. HOEHNE, F. C. Dados Autbio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, set., 1951, p.119.

⁷⁹ Em 1937, Hoehne apresentou uma tese intitulada “A formação de homens” no Primeiro Congresso Brasileiro de Ensino Rural. Inspirado no biólogo francês Alexis Carrel (1873-1944) o trabalho propõe a conciliação entre amor à natureza e sentimento cristão. Segundo a parecerista Alcides Bezerra “O Dr. F. C. Hoehne recomenda uma volta do homem à natureza, a essa misteriosa natureza que Goethe nos retrata insondável e sublime, capaz de esmagar as maiores obras dos homens, mas também de ser influenciada por uma criança. O conceito de natureza tem variado dos gregos aos nossos dias, e hoje não sabemos onde termina a natureza e começa a cultura [...] A volta que o autor deseja é uma volta consciente, do homem impregnado de cristianismo”. HOEHNE, F. C. Dados Autbio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.150.

Estudos sobre o trabalho de fronteira comumente examinam cientistas como cientistas, e não como pessoas que tem compromissos sociais que se sobrepõem, competem e são complexos, que reciprocamente afetam aspectos profissionais ou não profissionais de suas vidas. O pressuposto é que os compromissos profissionais são sempre mais notáveis do que outros compromissos, tais quais aquelas versadas para com a religião, gênero, etnia ou política. Ao analisar cientistas como cientistas, contudo, os teóricos desviam sua atenção para longe da verificação de como os laços sociais dos cientistas para com outros grupos coadunam, conflitam, ou se tornam, de qualquer forma, consequente de seus atos enquanto cientistas.⁸⁰

Os distintos públicos aos quais Hoehne se dirige, bem como os temas ligados à natureza, biologia e flora nativa conservam-se entre fins da década de 1920 e ao longo da seguinte. No âmbito institucional, a Seção de Botânica chefiada pelo botânico passou, em 1928, a ser subordinada ao Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal. Logo depois, em 1934, o mesmo órgão, após reforma, recebeu o nome de Instituto Biológico e a antiga seção, Serviço de Botânica e Agronomia.⁸¹

Nos anos de 1930 existe um sutil aumento de artigos escritos por Hoehne no jornal *O Estado de São Paulo* com a temática das *Orchidaceas*.⁸² A difusão de conhecimentos acerca das plantas ornamentais foi abordada em outras publicações. A primeira delas, de distribuição gratuita, *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*, como parte da “Coleção de separatas do Boletim de Agricultura” do Estado de São Paulo.⁸³

Nessa obra, Hoehne expõe a necessidade de pensar a flora indígena sob um novo prisma. Alguns recursos, como a lenha, madeira, forragens e plantas medicinais

⁸⁰ Tradução livre. MOORE, K. Organizing Integrity: American Science and the Creation of Public Interest Organizations (1955-1975). *American Journal of Sociology*, vol.101, n.06 (May, 1996), p.1596.

⁸¹ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.74.

⁸² Refere-se aos artigos publicados entre 1930-1939.

⁸³ HOEHNE, F. C. *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira e seu papel como fatores da salubridade pública, da estética urbana e artes decorativas nacionais*. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola/Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1930. (Coleção de separatas do Boletim de Agricultura I).

distinguiam-se como riquezas de nossas matas aos olhos da população, contudo, legítimas eram as “plantas úteis de outro modo”, ou seja, as plantas ornamentais da flora brasileira. Mais que uma compilação de espécies, o exame da flora, proposto pelo botânico, vai adiante ao instigar a identificação dos recursos a serem explorados. A carência de um olhar mais apurado sobre as espécies ornamentais comprovava-se na falta de nomes vulgares, pois “a grande maioria das nossas plantas indígenas não tem nomes vulgares porque jamais mereceu atenção”.⁸⁴

Como os recursos não existem por si, Hoehne procura dar identidade a milhares de espécies que mereciam o “qualificativo de ornamentais”. Mais uma vez, a estética é o fio condutor, disposta como ferramenta da educação do espírito, da salubridade e urbanização. Em seguida, o discurso incorpora questões econômicas e frisa a domesticação das espécies indígenas como valorosa e útil para nossa raça.⁸⁵

A estrutura do texto é ancorada por um interessante conjunto de imagens. Uma faceta pouco conhecida do botânico era seu interesse pela fotografia. Em pesquisa ainda inédita, o arquiteto Luiz Barreto nos apresenta um acervo de 1200 negativos de vidro pertencentes ao Instituto de Botânica de São Paulo, no qual são identificadas 621 fotos de autoria do Hoehne.⁸⁶

O botânico relacionava a eficiência da divulgação ao uso da fotografia, afirmando a necessidade de “dizer mais com as ilustrações fotográficas que com as

⁸⁴ HOEHNE, F. C. *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira e seu papel como fatores da salubridade pública, da estética urbana e artes decorativas nacionais*. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola/Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1930, p.08.

⁸⁵ Na escrita de Hoehne percebemos certa ambiguidade na utilização da expressão “nossa raça”, se referindo ora aos humanos e ora ao povo brasileiro.

⁸⁶ A coleção de negativos contabiliza 2400 negativos, dos quais 1200 foram selecionados por seu valor agregado e submetidos à limpeza, higienização e reparos. Entre os outros autores das fotografias constam: Augusto Gehrt, Moysés Kuhlmann, Octávio Vecchi, Edmundo Navarro de Andrade e Jean Massart. BARRETO, L. R. de A. A coleção de negativos de vidro do Instituto de Botânica. Uma contribuição para a Historiografia da pesquisa científica no Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Botânica/Centro de Comunicações Técnico-Científicas/ Núcleo de Ilustração e Divulgação/Setor de Documentação Iconográfica, jan., 2012.

palavras”⁸⁷. É importante salientar que embora estivesse familiarizado com a técnica considerada moderna no período, buscou também estimular entre os orquidófilos a prática da ilustração botânica por considerá-la suplementar às descrições das espécies. Chamadas de “alma das publicações” as ilustrações se inseriam em um quadro maior de possibilidades de divulgação conclamadas pelo botânico ao dizer:

Para os amadores não há melhor maneira para adquirir conhecimento botânico que o exercício do desenho de detalhes das flores e para os botânicos este mesmo exercício constitui a prova inequívoca da idoneidade científica [...] Sim, exercitemo-nos, sem desfalecimento, na arte do lápis e da pena, na máquina fotográfica e produzamos desenhos e fotografias para divulgar as grandezas da flora do Brasil até que abracemos todos os corações desta gente que esponta prenunciando uma nova aurora da grandeza na América do Sul.⁸⁸

Nos planos de Hoehne estava a instalação de um Gabinete de Fotografia e Micrografia/Arquivo de Chapas Fotográficas e um Gabinete de Desenho e Cartografia. Apenas o segundo teve continuidade e, no decorrer dos anos, contou com vários profissionais.⁸⁹

A utilização da fotografia cumpria as funções pedagógicas e de denúncia. Em *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira*, os problemas relacionados ao consumo de lenhas e as matas seguia-se de fotos da derrubada da floresta do Jaraguá. As legendas reafirmavam o argumento exposto: “Terreno após a derrubada da pujante e bela floresta

⁸⁷ HOEHNE, F. C. *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências*. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925, p.14.

⁸⁸ HOEHNE, F. C. Do valor das boas ilustrações para o conhecimento das nossas Orquidáceas. *Revista Orquídea*, vol.04, n.01, set., 1941, p.24.

⁸⁹ A instalação de um Gabinete de Fotografia foi anunciada no relatório referente ao ano de 1940 (março de 1941). Nos anos seguintes, apenas o Gabinete de Desenho e Cartografia, subordinado ao Serviço de Publicações, constou nos relatórios. A falta de um funcionário nomeado para a função foi suprida por Hoehne e outros funcionários. Em 1941, 199 chapas estavam arquivadas. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.48.

do Jaraguá⁹⁰, em São Paulo, no ano de 1926. Tudo quanto se visou, foi o preço da lenha. As plantas decorativas foram queimadas, sem qualquer proveito”.⁹¹

Além dos registros da flora nativa, que lhe serviam como dados para estudo e identificação das espécies, Hoehne documentou os problemas de seu tempo. Considerado “um crime contra a estética natural”, a derrubada do Jaraguá foi alvo de duras críticas nos anos de 1925/1926. O protesto, escrito em seis artigos, fornece um panorama do desmatamento dos arredores da cidade de São Paulo, ao mesmo tempo em que recupera a importância dessas áreas para os estudos botânicos. Para isso cita trabalhos científicos, manifestações de leitores, bem como dados estatísticos das espécies locais, consagrando um dos escritos exclusivamente às *Orchidaceas*, depois de sua ida ao local para resgatar alguns exemplares. Após constatar que quarenta alqueires de terreno ainda estavam preservados, Hoehne passa a defender sua preservação e a construção de um jardim zoológico.⁹²

O tema da defesa da natureza permaneceu constante nos escritos de Hoehne e as *Orchidáceas*, eram entre as espécies nativas, o exemplo mais frequente em razão de sua posição de especialista. Se por um lado, o botânico atuava pelo engrandecimento da

⁹⁰ A floresta do Jaraguá era primitivamente uma área de 1170 alqueires de propriedade da família Azambuja. Em 1924, 400 alqueires foram vendidos e divididos posteriormente em glebas menores. Entre os interessados em adquirir a área restante estava a Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo que almejava 200 alqueires para a formação de um jardim botânico ou zoológico. Um grande imbróglio judicial se instalou acarretando na desistência da administração. Como grande parte dos proprietários eram fornecedores de lenha, iniciou-se a derrubada para o cumprimento de contratos. De acordo com Hoehne, os erros cometidos pela municipalidade no processo de desapropriação eram semelhantes aos do Bosque da Saúde, outra área perdida para a devastação. HOEHNE, F. C. O Jaraguá. Um quadro desolador. A destruição de um tesouro nacional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17, set., 1925, p.02; HOEHNE, F. C. A floresta do Jaraguá. Um grave erro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19, set., 1925, p.03; HOEHNE, F. C. A floresta do Jaraguá (Uma carta). *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28, out., 1925, p.02; HOEHNE, F. C. A floresta do Jaraguá. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20, nov., 1925, p.05.

⁹¹ Sobre as matas e consumo de lenha para produção de energia ver: DEAN, W. A conservação das florestas no sudeste do Brasil, 1900-1955. *Revista de Historia*, n. 133, 2º semestre de 1995, p.103-116. HOEHNE, F. C. *As Plantas Ornamentais da Flora Brasileira e seu papel como fatores da salubridade pública, da estética urbana e artes decorativas nacionais*. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola/Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1930, p.12-13.

⁹² HOEHNE, F. C. As *Orchidaceas* do Jaraguá. Rebuscando os escombros da bela floresta. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10, abr., 1926, p.04; HOEHNE, F. C. Ainda o Morro do Jaraguá e o projetado Jardim Zoológico para S. Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11, set., 1926, p.03.

botânica; por outro, manifesta uma militância pelas orquídeas onde algumas áreas aparentavam ser merecedoras de proteção apenas por abrigar espécies importantes.

O lugar ocupado pelo botânico relaciona-se diretamente com o aparato institucional e as ligações políticas estabelecidas ao longo de sua carreira. Destacando-se Fernando Costa (1886-1946)⁹³, Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, que, em 1928, convocou o botânico para transformar a antiga “Reserva Florestal de Alimentação de Água” em um horto botânico. Mesmo com a ida de Costa para a esfera federal, como Ministro da Agricultura em 1937, seu “prestígio continuava alavancando a carreira de Hoehne que contava nesse período com consideráveis recursos econômicos materiais e obviamente políticos”.⁹⁴

A aproximação com o político confunde-se com os planos de Hoehne de erigir as orquidáceas ao posto de plantas reconhecidas e amadas pelo público. Como dissemos no capítulo I, nas primeiras décadas do século XX uma parte considerável da população ainda acreditava serem as orquídeas parasitas e portadoras de azar.⁹⁵

⁹³ Fernando de Sousa Costa nasceu em 1886 na cidade de São Paulo. Formado em Agronomia pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz seguiu carreira política. Prefeito de Pirassununga, deputado estadual (1919). Em 1927 ocupou o cargo de Secretário de Agricultura do Estado de São Paulo sendo responsável pelas reformas da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. No governo de Getúlio Vargas foi ministro da Agricultura (1937-1941) e posteriormente, interventor federal do Estado de São Paulo (1941-1945). Durante sua gestão o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura foi reformulado. Ver: CAIADO, B. C. *A Informação Agrícola na Época de Getúlio Vargas: O Serviço de Informação Agrícola*. 1995. 137 f. (Biblioteconomia e Documentação). Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

⁹⁴ Presença constante em agradecimentos e nos relatórios do Instituto de Botânica, Fernando Costa, de fato, continuou presente na carreira de Hoehne e contribuindo com a infraestrutura do orquidário. Segundo o relatório de 1944: “Uma conquista que deveras nos alegrou e que em elevado grau prova o grande interesse que Sua Excelência o Senhor Interventor Federal no Estado de São Paulo nutre pelas *Orchidaceas*, foi a obtenção de recursos pecuniários reiniciamento das magníficas exposições destas plantas nas estufas. Ao encerrar-se o exercício, já estávamos de posse da primeira grande partida procedente de Florianópolis e havíamos fechado também negócio para o fornecimento de outras da mesma localidade e também do Espírito Santo.”. In: *Intróito Geral. Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.05-06; BARRETO, Luiz Ribeiro de Azevedo. A coleção de negativos de vidro do Instituto de Botânica. Uma contribuição para a Historiografia da pesquisa científica no Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Botânica/Centro de Comunicações Técnico-Científicas/ Núcleo de Ilustração e Divulgação/Setor de Documentação Iconográfica, jan., 2012, p.11.

⁹⁵ Essa percepção não era apenas de uma parcela “ignorante” da população como alguns escritos da época sugerem, encontramos documentação de exportação utilizando orquídeas e parasitas como sinônimos.

Defensor enfático das coleções vivas para a produção conhecimento orquidológico, Hoehne apresentou seu orquidário particular ao secretário:

Onde quer que morasse, uma coleção de plantas vivas sempre foi mantida e em S.Paulo chegou a organizar entre 1917 até 1930, a mais rica coleção no quintal da sua casa. Mas, depois que encontrou o apoio material e moral do Dr. Fernando Costa, que, ao visitar essa coleção, lhe perguntou se não seria possível o Estado organizar e manter uma coleção semelhante ou maior de *Orchidaceas*, todo o tempo e todos os recursos passaram a ser empregados na concretização da ideia por ambos esboçada e desde então poucos momentos puderam ser dedicados à coleção particular e, graças a essa circunstância, a coleção do Estado passou a constituir-se ponto de interesse mais direto para o biografado.⁹⁶

Nas palavras do botânico, ele conseguira “contagiar muitos” na valorização das plantas nativas. Ciente que as condutas modificavam-se de forma lenta, Hoehne pleiteava uma “reforma dos hábitos”, onde o desprezo pelas *Orchidaceas* seria substituído pelo conhecimento acerca das espécies nativas. Em 1928, com o apoio de Fernando Costa, o orquidário foi iniciado com a compra de uma coleção particular de 5000 exemplares e 200 espécies.⁹⁷

As plantas introduzidas posteriormente nessa coleção vieram de “grandes remessas adquiridas diretamente de ‘tiradores’ nos Estados de Pernambuco, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Baía e Amazonas”.⁹⁸ Anos mais tarde, o suprimento de exemplares era conduzido por um programa de coletas⁹⁹ próprio, Hoehne revela que a maioria das espécies cultivadas e estudadas “entraram ali

⁹⁶ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p. 141.

⁹⁷ A coleção era de propriedade do Sr. M. W. Marques, de São Vicente/SP. Não foi possível identificar se o vendedor era apenas um amador que se desfez de sua coleção ou um comerciante especializado. HOEHNE, F. C. *Álbum de Orchidáceas Brasileiras e o Orquidário do Estado de São Paulo*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo/ Graphicars, 1930.

⁹⁸ HOEHNE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.14.

⁹⁹ Programa de coletas subordinado à Seção de Cadastro Florístico e Fitofisionomia.

sem terem custado qualquer coisa ao Estado” e que provinham também de derrubadas. Apenas em 1936 um fundo foi criado especialmente para as coleções de Orchidaceas.

100

É importante ressaltar, que mesmo se apoiando em argumentos racionais para promover o amor pelas orquidáceas, o orquidário serviu-se de uma rede extrativista para alimentar sua coleção nos primeiros anos de vida. Censurados por Hoehne, os tiradores representavam a irracionalidade da nossa relação com natureza, além de terem contribuído para a saída de milhares de espécies do Brasil para o exterior. A sujeição aos tiradores permaneceria anos mais tarde:

Enquanto estivermos dependendo dos estoques de *Orchidaceas* que ainda existe nas florestas do Brasil, estaremos sempre em dificuldade para aumentarmos o número de exemplares das coleções, porque, de dia para dia as florestas tornam-se mais raras e mais difíceis de conseguir as mudas de que carecemos para renovação das coleções. Para obviar esse mal temos pensado na organização de um pequeno laboratório para a cultura dessas plantas e sua multiplicação por meio de sementes como se faz hoje praticamente em todos os grandes centros do mundo.¹⁰¹

Como se nota no excerto acima, outras questões se impunham para a manutenção das coleções, a exemplo de procedimentos laboratoriais não adotados nas instituições brasileiras. A reprodução de espécies por sementes era tema debatido pelos amadores do período, década de 1940, que apontavam esse tipo de cultura como ferramenta de salvação das espécies nativas em risco de extinção. No meio orquidófilo experiências com tais métodos já eram realizadas e Hoehne tomou conhecimento do trabalho do médico e amador Paulino Recch (1886-1970) da cidade de Amparo (SP).

¹⁰⁰ Segundo Hoehne “desde 1936 obteve-se graças ao ilustre Secretário e Diretor Geral da Secretaria de Agricultura, um fundo, que permitiu reformar e aumentar consideravelmente as coleções de Orchidaceas brasileiras”. *Relatório Anual do Departamento de Botânica de São Paulo*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1940, p.51.

¹⁰¹ Aquisição de Mudanças. *Relatório Anual do Departamento de Botânica de São Paulo*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1940, p.40.

Como a construção de um laboratório para servir ao orquidário não seria imediata, o botânico submeteu à Secretaria de Agricultura uma proposta de associar-se a Recch para fornecer plantas produzidas em suas estufas.¹⁰²

A construção do orquidário é um ponto de inflexão na carreira de Hoehne, visto que representava um grande passo para a constituição de uma entidade especializada na botânica. Não por acaso sua instalação é concebida como embrião do Jardim Botânico de São Paulo.¹⁰³ Para comemorar essa nova empreitada, a Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio publicou a obra *Álbum de Orchidáceas Brasileiras e o Orquidário do Estado de São Paulo*. Os planos iniciais de distribuição gratuita foram abortados, no entanto, essa “providência divina”, no dizer de Hoehne, mostrou-se vantajosa:

Exposto à venda tornou-se trabalho acessível a todos os interessados e deixou de ser privilégio apenas daquelas que eventualmente fossem assistir a inauguração. Assim constituiu-se o melhor veículo de propaganda da ideia patriótica que imperou na criação do mencionado orquidário.¹⁰⁴

A coluna “Bibliografia” do jornal *O Estado de São Paulo* publicou nota em que alegava os motivos da venda:

¹⁰² Paulino Moser Recch nasceu em Amparo/SP em 26 de novembro 1886 e formou-se em Medicina no Rio de Janeiro. Por volta de 1910 iniciou um orquidário que chamou a atenção de F. C. Hoehne. É considerado um pioneiro entre os orquidófilos. Seu interesse por hibridação e melhoramento genético foi além das orquídeas, sendo que seu nome consta também na literatura sobre melhoramento da videira. Faleceu em 1970. De acordo com Hoehne “no Brasil apareceram muitos orquidófilos que realizaram experiências antes de 1920. Pouquíssimos devem ser, entretanto, os que registraram resultados realmente compensadores ou comparáveis com os conseguidos na Inglaterra, Bélgica, França e Estados Unidos. Mas um patrício e amigo nosso, Dr. Paulino Recch, da cidade de Amparo, começou a registrar resultados muito satisfatórios, cuidando embora, simultaneamente de doentes e da direção do hospital. Com tanta pertinácia, Paulino Recch levou avante o seu programa que, em 1930, oito vastíssimas estufas se achavam entulhadas com dezenas de milhares de vasos contendo mudas híbridas obtidas no seu laboratório, através de tubos de ensaio e dos antissépticos e autoclaves. Hoje florescem aos milhares e proporcionam excelentes rendas às suas irmãs”. HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p. 260; NETO, J. R. A. S. Melhoramento da Videira, *Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Estado de São Paulo*, Campinas, novembro, vol.14, n.23, 1955.

¹⁰³ Um histórico mais detido da criação do Jardim Botânico ver: ROCHA, Y.T.; CAVALHEIRO, F. Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, V.24, n.04 (suplemento), p.577-586.

¹⁰⁴ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.05.

Considerando que o Tesouro do Estado luta com dificuldades e que o trabalho é custoso e precisa ser tornado acessível aos que realmente se interessam por ele, resolveu o governo do Estado expô-lo à venda pelo custo de sua impressão, para repor a arca do Tesouro, o preço pago por esta. O preço de cada exemplar, na diretoria do Instituto Biológico, é, por isso, de 31\$, correndo por conta do adquirente as despesas de porte e registro.¹⁰⁵

Em formato de álbum, com fotografias de autoria de Hoehne e ilustrações dos desenhistas práticos Margarida Hoehne e Ruth Sampaio Carvalho¹⁰⁶ e Joaquim Franco de Toledo (1905-1952)¹⁰⁷, a publicação não permitia aos leitores a classificação de espécies, mas prometia ser estágio para futuros trabalhos ou uma série iconográfica. Para além dos aspectos técnicos, o perfil laudatório é confirmado na imagem de Hoehne acompanhado de Fernando Costa nos abrigos provisórios do orquidário em 1929.

¹⁰⁵ Bibliografia. *O Estado de São Paulo*, 03, jan., 1931, p.08.

¹⁰⁶ As informações acerca dessas ilustradoras são escassas. Sabemos apenas que atuaram em vários órgãos e publicações ligadas à Secretaria de Agricultura de São Paulo. Ver: REBOUÇAS, M.M; CAMPOS-FARINHA, A. E. de C. Ilustradores Científicos do Instituto Biológico: uma contribuição para a ciência. Disponível em: http://www.biológico.sp.gov.br/docs/pag/v2_1/reboucas1.htm. Acessado em: 02 de outubro de 2012.

¹⁰⁷ Joaquim Franco de Toledo foi desenhista-microscopista do Instituto Biológico e em 1938 recebeu o cargo de Chefe do Serviço Científico do Departamento de Botânica do Estado. A seu respeito escreveram Motoyama e Ferri: “Também moço morreu Joaquim Franco de Toledo. Deixou muita contribuição valiosa à Taxonomia, estudando famílias bem diversas como: Compostas, Hidrocaritáceas, Labiadas, Palmáceas, Podostemáceas e Bignoniáceas, entre outras. De origem muito humilde, não pode ir além dos estudos secundários, que realizou com grande dificuldade. Em 1924 entrou para a Seção de Botânica do Museu Paulista. Exímio desenhista ilustrou numerosos trabalhos alheios, em Botânica e Zoologia. Em 1928 deslocou-se para a Seção de Botânica e Agronomia, do Instituto Biológico, como desenhista microscopista. Aí ficou 10 anos e, em 1937, foi para o recém-criado Departamento de Botânica da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo”. D’AGOSTINI, S.; VITIELLO, N.; HOJO, H.; BILYNSKY, M. C. de V.; REBOUÇAS, M. Joaquim Franco de Toledo – O ilustrador científico. Disponível em: http://www.biológico.sp.gov.br/docs/pag/v8_1/dagostini.pdf, Acessado em: 12 de outubro de 2012; FERRI, M.G; MOTOYAMA, S. *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979-1980, p.64-65; Agricultura, Indústria e Comércio – Decretos expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 15 de dez. de 1938, p.05.



Imagem 5: Hoehne em companhia do Secretário de Agricultura Fernando Costa no Orquidário do Estado em 1929. Fonte: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/09/16/as-plantas-de-hoehne/>

Na introdução, o botânico versa sobre a ação do homem na natureza ponderando entre destruição e benefícios. Dá como exemplos salutarés dessa relação a jardinagem e a domesticação de espécies, onde os humanos atuam como cooperadores. O livro reúne artigos publicados anteriormente em outros órgãos de divulgação, e o objetivo é fornecer subsídios para pensar o lugar das *Orchidaceas* na cultura nacional, qualificá-las como as nossas orquídeas. Dessa forma, ao mesmo tempo em que o autor lista e comenta as espécies ornamentais mais populares, reflete sobre as paisagens mais representativas para o conhecimento orquidológico, a exemplo da Serra do Mar, e sugere que as espécies nativas sejam motivos para a arte. Elenca ainda razões para a exploração econômica das espécies, visto que as estufas estrangeiras há muito as exploravam nos processos de hibridação.

Toda a atuação de Hoehne em defesa da natureza foi interpretada por Franco e Drummond como contribuição “para a emergência de uma consciência ambientalista no

Brasil”¹⁰⁸. Procurando ir além, nossa análise aponta para um botânico ambientado com as discussões de seu tempo, dentre elas a criação do Código Florestal (1934) e de suas instâncias estaduais na década de 1930.

O Conselho Florestal do Estado de São Paulo, do qual faziam parte Hoehne e outros profissionais, atuava como órgão consultivo e realizou várias excursões técnicas com recursos oriundos da Secretaria de Agricultura.¹⁰⁹ Os comunicados das atividades, estampados no jornal *O Estado de São Paulo*, expunham as discussões sobre o texto legal que normatizava a exploração dos recursos naturais – florestas, mananciais e rios, minas, dentre outros – e também as respostas dadas a consulentes. Mais detalhados eram os relatos de Hoehne que documentavam fartamente as atividades:

Percorrendo-a [Serra do Mar] recolheu os dados botânicos e a documentação fotográfica indispensável para o relatório que em seguida foi entregue ao Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio, com o parecer favorável para a criação ali de uma ampla estação biológica de interesse científico, que fará parte daquelas que se tornam indispensáveis ao Estado para a manutenção da biota em seu território.¹¹⁰

Ao mencionar a conservação das florestas, indicava o papel ordenador da biologia e reconhecia os limites econômicos de tais medidas:

Não aconselharíamos também a conservação integral das florestas, pois isto seria erro condenável; aconselhamos, entretanto, a manutenção dos redutos maiores e menores em várias localidades para que da natureza continuem subsistindo todos os elementos, afim de

¹⁰⁸ FRANCO, J. L. de A. DRUMMOND, J. A. Frederico Carlos Hoehne: viagens e orquídeas. *História Revista*, Goiânia, v.12, n.02, jul.dez., 2007, p.317.

¹⁰⁹ O Conselho Florestal do Estado de São Paulo foi instituído por ato do Poder Executivo Estadual datado em 28 de maio de 1935. De acordo com o Artigo 2.º - E' o Conselho constituído por doze membros, representantes dos seguintes órgãos: Museu Paulista; Secção de Botânica do Instituto Biológico; Universidade de São Paulo; Serviço Florestal; do Touring Club do Brasil; da Sociedade Rural Brasileira; do Departamento de Estradas de Rodagem; do Serviço de Parques e Jardins, da Prefeitura Municipal; do Serviço de Caça e Pesca, do Departamento de Indústria Animal. Ver: Conselho Florestal do Estado de São Paulo, Regimento Interno, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Imprensa Oficial, quinta-feira, 21 de nov. 1935, p.05-06.

¹¹⁰ HOEHNE, F. C. A visita do Conselho Florestal do Estado a Ubatuba. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.41.

que o homem sempre possa utilizar-se deles e aproveitá-los na proporção em que os seus conhecimentos da biologia progredam.¹¹¹

Essa percepção de Hoehne a respeito da conservação das florestas converge com ao argumento de Regina Horta, segundo o qual os cientistas do início do século XX reconheceram a biologia como uma “mestra da vida” dando-lhes instrumental para lidar com os problemas da nação brasileira.¹¹² Ainda que desse um valor prático para a biologia, o botânico também a trazia para um campo mais filosófico, tratando-a como fundamento das demais ciências sem a qual o homem “não pode conhecer nem praticar as regras e leis que a natureza prescreve e estas leis são as únicas que lhe podem trazer a verdadeira felicidade”.¹¹³

As propostas e temáticas discutidas à luz da biologia, como a criação de estações biológicas, deviam primar por uma distribuição espacial criteriosa:

Criar estações biológicas em número insuficiente ou mal distribuídas em relação à fitofisionomia redundará em prejuízo porque promoverá o desequilíbrio e com este o verdadeiro escopo científico estaria perdido.¹¹⁴

Certamente Hoehne estava ciente dos debates acerca da natureza realizados por outros cientistas, entre eles o zoólogo Cândido de Mello Leitão o botânico Alberto Sampaio e aqueles reunidos em torno da *Academia Brasileira de Ciências, Sociedade*

¹¹¹ HOEHNE, F. C. O duplo aspecto do problema florestal. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.82.

¹¹² Sobre o conceito *historia magistra vitae* e sua historicidade ver: KOSELLECK, R. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC Rio, 2006, p.41-60; DUARTE, R. H. *A Biologia Militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.17.

¹¹³ HOEHNE, F. C. *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências*. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925, p.13.

¹¹⁴ A fitofisionomia é um dos ramos da Fitogeografia. HOEHNE, F. C. Como resolver o problema florestal do Brasil. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.97.

de *Amigos das Árvores* e *Sociedade de Amigos de Alberto Torres*.¹¹⁵ Diferentemente dos colegas, que advogavam o preceito de natureza monumento¹¹⁶, Hoehne utiliza uma ideia semelhante, a de documento biológico.¹¹⁷

Segundo a *Academia Brasileira de Ciências*, a vulgarização dos preceitos relativos aos “Monumentos Naturais e Proteção à Natureza” se efetivavam pela força dos números, pois “só mesmo quando sejam muitos os propugnadores da proteção à natureza, é que essa proteção se tornará efetiva como necessária”. Sendo assim, a educação popular faria mais pela defesa da natureza que as leis. Os órgãos de imprensa teriam papel pedagógico, ou seja, expor tais monumentos, apresentá-los à sociedade e noticiar ações relativas ao tema. Existe aqui, a nosso ver, uma percepção mais pragmática da natureza e da forma de exibi-la ao público.¹¹⁸ Lembrando essa ênfase nas demandas utilitárias, as quais “seriam satisfeitas como decorrência natural e espontânea das práticas científicas que queriam instituir, embora essas não fossem o seu fim primeiro”, ou seja, a Academia tinha como objetivo promover a “ciência pura ou desinteressada”.¹¹⁹

A noção de documento biológico, por sua vez, delineia questões de estética e da historicidade das paisagens, ou seja, da manutenção das “testemunhas da flora e da fauna”¹²⁰ de uma dada região. Os elementos da natureza, sejam eles árvores, flores ou florestas, tem para Hoehne um duplo valor; intrínseco e extrínseco. O primeiro é

¹¹⁵ A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (1865-1917) foi fundada no Rio de Janeiro a 10 de novembro de 1932 com o objetivo de estudar a obra do intelectual. Tinha núcleos por todo o país e desenvolvia atividades voltadas para a agricultura, entre elas a idealização das semanas ruralistas, para fazendeiros, agricultores e criadores; e dos clubes agrícolas para o público infantil. SILVA, V. M. da. *Nascidas do sol e da chuva: Minas Gerais e o combate às saúvas*. 2007. 120f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, UFMG.

¹¹⁶ Monumentos Naturais e a Proteção à natureza. *Correio da Manhã*, 07, jan., 1934, p.09.

¹¹⁷ Encontramos também documento fitológico e histórico-biológico.

¹¹⁸ Monumentos Naturais e a Proteção à natureza. *Correio da Manhã*, 07, jan., 1934, p.09.

¹¹⁹ ALVES, J. de A. As ciências na Academia e as expectativas de progresso e modernização: Brasil – 1916-1929. In: DANTE, M. A. M.(org). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p.190.

¹²⁰ HOEHNE, F. C. Como resolver o problema florestal do Brasil. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.97.

econômico, ou seja, corresponde a sua soma em moeda corrente. Já o segundo não seria aferido materialmente. Em suas palavras:

A sua estimativa varia de acordo com o grau de cultura do individuo que encara a questão e conforme a maneira pela qual a encara. Ele depende de uma série de fatores. Para uns se traduz no aspecto que motiva e emotiva o senso estético; para outros reside na *documentação biológica* que a selva contém e para outros ainda será representado pelo que poderá ser para a manutenção do clima, da paisagem e das condições mesológicas para determinadas espécies de animais.¹²¹

A compreensão do valor extrínseco do documento biológico é equivalente à cultura do indivíduo, portanto, seu entendimento opera no nível das “faculdades espirituais” ocupando uma ordem científica e filosófica. Enquanto os valores intrínsecos tendem à destruição, os extrínsecos suplicam “a conservação tanto quanto possível”. Para Hoehne, o documento biológico é, sobretudo, histórico:

As florestas e os campos naturais representam, assim, *documentos histórico-biológicos*, não só para nos patentearmos o poder produtor da natureza, mas, também, para nos mostrarem as leis que regem os fenômenos que, direta ou indiretamente, influem no seu desenvolvimento e que aplicadas depois na indústria humana podem aduzir interesses econômicos.¹²²

O botânico declara ainda que os instrumentos essenciais à economia podiam ser reconstruídos, “mas não se consegue, jamais refazer aquilo que se deve servir como documentos históricos ou para pesquisas científicas”. Prossegue argumentando que de nada valeria conservar “fragmentos da natureza” se não pudessem ser reencontrados seus exemplares vivos. Propunha ao final, que dinheiro fosse gasto para conservar “documentos biológicos vivos, no próprio lugar em que a natureza os criou e

¹²¹ Grifo nosso. HOEHNE, F. C. O duplo aspecto do problema florestal. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941 p.87.

¹²² Grifo nosso. HOEHNE, F. C. Florestas virgens. A sua conservação como documentos biológicos. *O Estado de São Paulo*, 01, jul., 1937, p.[ilegível]

mantém”.¹²³ Munido de tais ideias, o botânico sugere que tal posição devia “guiar a classificação das atribuições do Código Florestal”.¹²⁴ Em São Paulo, os membros do conselho responsável pelo código, incorporam essa nomenclatura ao classificar as florestas primitivas ou secundárias como documentos biológicos.¹²⁵

Nesse mesmo contexto, além das atividades no Conselho Florestal, Hoehne presenciou novas reformas que culminaram com a criação do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo, em 1938, subordinado diretamente à Secretária de Agricultura do Estado. Nomeado Diretor-Superintendente pelo interventor Adhemar de Barros (1901-1969)¹²⁶, o botânico considerou que aquela seria uma fase de “liberdade de ação”. Estava inaugurado oficialmente o Jardim Botânico de São Paulo.¹²⁷

No ano seguinte um antigo projeto de Hoehne começou a tomar forma, a criação de uma sociedade científica, que a seu ver selaria definitivamente o contato com o povo. No relatório referente ao exercício desse ano, 1939, ele apresentou seu ponto de vista acerca da propaganda e a necessária relação com o público:

Julgam alguns, de boa ou má fé, que os institutos científicos oficiais podem dispensar a propaganda, porque na sua atividade não se cogita de proventos monetários, mas da difusão gratuita e liberal de conhecimentos aplicáveis às indústrias e ao comércio. A primeira vista, isso poderá parecer uma conclusão lógica e como assim se afigura, avançam outros um pouco mais: consideram erro até a divulgação de conhecimentos científicos e enclausuram-se, assim, na errônea concepção que o Estado deve ter o dever de manter os

¹²³ HOEHNE, F. C. Florestas virgens. A sua conservação como documentos biológicos. *O Estado de São Paulo*, 01, jul., 1937, p.[ilegível].

¹²⁴ HOEHNE, F. C. O duplo aspecto do problema florestal. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941 p.86-87.

¹²⁵ Capítulo II – Classificação das Florestas, artigo Art.4º: São de utilidade científica as florestas primitivas ou secundárias, bem como os campos naturais em que ainda subsistem os fatores da biota – isto é, os documentos biológicos e nos quais se possam encontrar e conservar para a posteridade os tipos vegetais e animais característicos da flora e da fauna primitivas do Estado; Código Florestal do Estado de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26, set., 1936, p.10;

¹²⁶ Adhemar Pereira de Barros foi interventor federal no Estado de São Paulo entre os anos 1938 a 1941. Ver: Adhemar de Barros. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/ademar_de_barros, Acessado em: 20 de novembro de 2012.

¹²⁷ HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.74.

institutos unicamente para uso e gozo dos próprios técnicos e cientistas que neles trabalham. Uma tal conjectura está positivamente errada e não pode e nem deve ser esposada nem pelo Governo e nem pelo povo, porque para um serviço público ser útil ao país, *indispensável se faz que entre o povo que contribui para pagar os técnicos e cientistas e estes, exista uma mui estreita comunhão e o cultivo de um interesse recíproco, e, para isso se verificar, a propaganda se impõe.*[...] A divulgação das conquistas da ciência já realiza muito nesse termo de aproximação, mas muito mais consegue-se pelo *contato direto com o povo.*¹²⁸

O anteprojeto da *Sociedade de Amigos da Flora Brasílica* (SAFB), juntamente com o Curso de Botânica Prática, foi apresentado ao público nas dependências do Departamento de Botânica, em setembro de 1939.¹²⁹ As aulas de Botânica Prática eram ministradas por Hoehne, Joaquim Franco de Toledo e Moysés Kuhlmann (1906-1972).¹³⁰ Lecionadas como “atividades de campo”, enfatizavam a observação e a liberdade do linguajar:

“[...] estas preleções não devem ser confundidas com as que são levadas a efeito em auditórios e ilustradas com projeções luminosas e muito menos com as ministradas nas cátedras das faculdades superiores ou nas escolas secundárias. Elas destinam-se a oferecer esclarecimentos aos interessados, mostrando-lhes a planta viva em seu meio ambiente. Existem sempre assuntos para essas aulas, mas elas não ficam adstritas aos temas. Permite-se que os interessados apresentem perguntas, discute-se com eles e, com o material à mão, procura-se mostrar aprestos dos vegetais que lhes facilitam a sobrevivência. Explica-se a função dos diferentes órgãos. Não se entra, todavia, na anatomia ou fisiologia como as estudam nas faculdades. A aula é também feita em linguagem popular e quando se precisa falar dos segmentos florais mostram-se os mesmos e então se declinam os nomes próprios para que fiquem gravados”.¹³¹

¹²⁸ Grifo nosso. HOEHNE, F. C. Propaganda, Motivos. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo*, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1940, p.104.

¹²⁹ Amigos da Flora Brasílica II. *O Estado de São Paulo*, 06, set., 1939, p.07.

¹³⁰ Moysés Kuhlmann era preparador no Instituto Biológico. Posteriormente foi assistente técnico e em 1942 foi nomeado Chefe da Seção de Cadastro Florístico e Fitofisionomia do Instituto de Botânica. Agricultura, Indústria e Comércio. Ofícios expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 18 de jan. 1938, p.08; Agricultura, Indústria e Comércio. Decretos expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 20 jan. 1942, p.03.

¹³¹ Aulas de Botânica Prática. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.48.



Imagem 6: Aula de Botânica Prática no Instituto de Botânica de São Paulo, 1939 .

Fonte: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/09/16/as-plantas-de-hoehne/>

A relação entre sociedade e Departamento de Botânica era de cooperação. De acordo com um comunicado da agremiação cabia aos membros a tarefa de “transformar cada cidadão brasileiro em vanguardeiro do progresso intelectual e da garantia do patrimônio natural”. Constam entre os sócios fundadores: Alceu Osias Martins [s.d]¹³², Arthur Etzel (1889-1971)¹³³; Alberto Whately (1886 1950)¹³⁴; Antonio Cantarella (1877-1942)¹³⁵; Raul Drumond Gonçalves[s.d]¹³⁶, Noêmia Saraiva de Mattos Cruz (1894-1987)¹³⁷, Agenor Couto de Magalhães (1895-1961)¹³⁸, Benjamin Hunnicutt

¹³² Agrônomo sanitaria e Assistente Técnico da Seção de Vigilância Sanitária Vegetal do Instituto Biológico de São Paulo. Agricultura, Indústria e Comércio. Decretos de 02 de maio, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 04 de mai. 1940, p.01.

¹³³ Membro do Conselho Florestal e Diretor do Departamento de Parques, Jardins e Cemitérios de São Paulo de 1930 a 1959.

¹³⁴ Fazendeiro na região de Ribeirão Preto/SP, presidente da Sociedade Rural Brasileira no biênio 1939/1940. Além de sócio fundador da sociedade era também benemérito. Ver: Alberto Whately – Sociedade Rural Brasileira <http://www.srb.org.br/modules/news/article.php?storyid=3175>

¹³⁵ Comerciante italiano residente no Brasil.

¹³⁶ Chefe da Seção de Fitopatologia do Instituto Biológico de São Paulo entre 1941 e 1942. Ver: VITIELLO, N.; D’AGOSTINI, S.; M. M. Rebouças, M.M; **Avanços científicos para o desenvolvimento da citricultura do Estado de São Paulo – Ações do Instituto Biológico (1927 a 2007)**. Disponível em: http://www.biologico.sp.gov.br/docs/pag/v3_2/nayte.htm, Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

¹³⁷ Diretora do Grupo Rural do Butantã. Hoehne a chamou de “pioneira e a mais ativa propagandista do Ensino Rural do Brasil”. Sobre sua atuação ver: MOTA, A. Higienizando a raça pelas mãos da educação ruralista: o caso do Grupo Escolar Rural do Butantan em 1930. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.14,

(1886-1962)¹³⁹, Clemente Pereira (1906-1958).¹⁴⁰ Também os funcionários do Departamento de Botânica Moysés Kuhlmann; Murillo de Toledo Bittencourt [s.d]¹⁴¹; Joaquim Franco de Toledo; Oswaldo Handro e Augusto Gerht (1897 -[s.d]).¹⁴²

No plano prático, entre as atribuições da sociedade estava a colaboração com o projeto da *Flora Brasílica*, bem como a redação e publicação de uma revista de botânica.¹⁴³ De vida efêmera, a *Revista dos Amigos da Flora Brasílica* (RAFB) teve apenas um número editado em janeiro de 1941, cuja apresentação coube ao médico e

n.32, p.09-22, jan.mar., 2010; HOEHNE, F. C. O Jardim Botânico de São Paulo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, mar., 1941, p.19.

¹³⁸ Membro do Conselho Florestal de São Paulo. Diretor do Serviço de Caça e Pesca do Estado de São Paulo (Departamento de Indústria Animal/Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio). Diretor da revista *Caça e Pesca* (1941) juntamente com Edgard Monteiro Lobato. Uma resenha assinada por Lelis Vieira advertia sobre as características diferenciadas do periódico: “Não suponham os senhores que a crônica pretende desenrolar um largo estudo de caçada, com antas pela proa, veados pela retaguarda, pacas pelo meio, onça no fundo e capivaras desafiando a forquilha do tabaréu”; o conteúdo ali exposto estimulava o “ar livre, ar puro” em homens que mantinham seus hábitos esportivos com o devido respeito à natureza. VIEIRA, Lelis. *Caça e Pesca. Correio Paulistano*, 30, ago., 1941, p.05.

¹³⁹ Agrônomo norte-americano. Foi um dos fundadores da Escola Agrícola de Lavras (MG) da qual foi professor e diretor entre 1908 a 1926. Era colaborador da *Folha da Manhã, Observador Econômico Financeiro e Chácaras e Quintais*. Ver: ROSSI, M. P. da S.; INÁCIO FILHO, G. Educadores do Progresso: A Escola Agrícola de Lavras e o desenvolvimento agrícola em Minas Gerais. Disponível em: http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Anais_V_coloquio/MEP15.pdf, Acessado em: 05 de janeiro de 2013.

¹⁴⁰ Médico. Segundo Márcia Rebouças “Em 25 de junho de 1929, iniciou sua carreira científica no Instituto Biológico, junto com Rodolpho von Ihering, dedicando-se à helmintologia primeiramente. Posteriormente foi indicado para chefiar a Seção de Entomologia e Parasitologia Animal, onde permaneceu até 1931. Em 1933 é requisitado pelo Ministério da Viação e Obras Públicas para fazer parte da Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste. Em 1935 é nomeado Chefe do Serviço Científico da Seção de Zoologia do IB. Em 1939, substituiu já há cinco anos Rodolpho von Ihering, na chefia do Serviço Científico da Seção de Parasitologia, quando Henrique da Rocha Lima, Diretor Superintendente do IB, à época, solicita ao Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio, a efetivação de Clemente Pereira no cargo que até então se encontrava, isso em 1941”. Ver: <http://www.biologico.sp.gov.br/grandesnomes/clemente.php>.

¹⁴¹ Murillo de Toledo Bittencourt foi indicado por F. C. Hoehne para Chefe da Seção de Expediente e Administração, cargo que ocupou de 1939 a 1942 posteriormente passou a Secretário da Diretoria. Quando estudante trabalhou como revisor no *Correio Paulistano, Folhas da Manhã e Tarde*. SILVA, C. N. L. da. *Aspectos da Língua em uso nos Relatórios do Instituto de Botânica (1940-1955): uma reflexão à luz da historiografia linguística*. 2010. 153f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, p.54.

¹⁴² Augusto Gerht era preparador e foi nomeado Assistente Auxiliar do Departamento de Botânica em 1938. De acordo com Fábio de Barros “Augusto Gerht foi um auxiliar de campo, contratado pelo Instituto de Botânica (na época Departamento de Botânica do Estado) e, com essa função, foi um dos coletores “oficiais” que atendeu ao Hoehne nas viagens a campo. É por isso que o nome dele aparece em muitos materiais de herbário, pois ele acabou se tornando um grande coletor”. BARROS, F. de. Augusto Gerht (fdebarros@usp.br). Mensagem recebida por valeriamara@gmail.com em 08 de março de 2012; Agricultura, Indústria e Comércio – Decretos expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 15 de dez. 1938, p.05.

¹⁴³ Amigos da Flora Brasílica II. *O Estado de São Paulo*, 06, set., 1939, p.07.

membro da sociedade Afrânio Peixoto (1876-1947).¹⁴⁴ Na comissão redatora estavam Edgar Monteiro Lobato (1910-1943)¹⁴⁵ e Joaquim Franco de Toledo.

As seções do periódico¹⁴⁶ representam bem a função de comunicar-se com leitores diversos: crianças, adolescentes, amadores de forma geral, agricultores, dentre outros. Chama a atenção o segmento “Consultas e Informações”. Nele são apresentados, em forma de diálogo os tipos de consulentes que compareciam à instituição e os desafios para responder satisfatoriamente suas questões. Assim, um “senhor bem trajado com ares de importância social e de cultura”, interessado por matéria médica vegetal julgava ser uma única folha suficiente para classificar uma planta. Outros vinham munidos apenas de informações orais, nomes populares, cascas de árvores a fim de obter classificações. De maneira didática, o público é instruído sobre a forma de colher, preparar e remeter material vegetal para a instituição.¹⁴⁷

Ademais, a RAFB traz um longo artigo escrito por Hoehne em comemoração ao centenário da publicação da *Flora Brasiliensis*, do botânico Martius (1794-1868). Ocupando grande parte da seção Literatura, o texto discorre sobre a trajetória do naturalista bávaro detendo-se em algumas rotas de viagem, particularmente Minas Gerais e São Paulo. São elencadas informações estatísticas sobre as espécies, número de pranchas ilustrativas e colaboradores de cada monografia. Apresentadas todas as características, Hoehne segue ponderando sobre o valor da obra, pois em “assuntos de botânica, tudo envelhece bem depressa, embora seja duradouro algumas vezes, como os

¹⁴⁴ Médico, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras. Foi redator do jornal *O Estado de São Paulo*. Ver: PEIXOTO, Afrânio – Verbete, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc>, Acesso: 20 nov. 2012.

¹⁴⁵ Jornalista, filho de Monteiro Lobato. Redator-chefe da revista *Caça e Pesca* (1941). Era responsável pela Seção de Literatura da *Revista dos Amigos da Flora Brasileira*.

¹⁴⁶ I – Literatura; II – Biologia para crianças e adolescentes; III – Colaboração infantil; IV - Flora e Arte em geral e suas aplicações; V – Botânica geral e sistemática para amadores; VI – Sugestões às autoridades; VII – Consultas e informações; VIII – Bibliografia botânica e biblioteca; IX – Pomi-horti e floricultura; X – Movimento da Sociedade.

¹⁴⁷ Em 1941 a sociedade contava com 115 membros cadastrados. *Revista dos Amigos da Flora Brasileira*, São Paulo: Romiti & Lanzara, jan., 1941.

vetustos dendros, e efêmero outras vezes como os tartufos e cogumelos, com duração de poucas horas”.¹⁴⁸

Esse raciocínio embasa a publicação da *Flora Brasílica* e encontra respaldo nos estatutos da sociedade, que indicam o patrocínio por meio de recursos morais, intelectuais e materiais da “antiquada e quase inacessível *Flora Brasiliensis* de Martius”.¹⁴⁹ Acreditamos que para dar validade a seu projeto de flora, Hoehne precisava compará-la a obra de Martius, conforme é possível observar em seus argumentos. Após receber o auxílio necessário do Departamento de Botânica, o botânico busca também o apoio junto aos amadores de orquídeas:

Acreditamos que todos os orquidófilos conhecem e estão bem familiarizados com a “Martius, Flora Brasiliensis”, essa obra monumental de 40 tomos que pode ser considerada a mais preciosa dádiva pelo Brasil recebida de botânicos europeus. Não iremos, portanto, descrevê-la, mas, tão somente, alguma coisa de sua interessante história que, provavelmente, apenas alguns orquidófilos conhecem enquanto outros ignoram. A guisa de informações adiantaremos que nesses 40 tomos da “Martius, Flora Brasiliensis”, estão 20.733 páginas impressas com a descrição de 2.263 gêneros e 22.767 espécies, das quais ilustradas 6.246 em 3.811 pranchas. Para a “Flora Brasílica”, cuja publicação foi iniciada em 1940, está previsto, entretanto, o dobro e pelo que já foi exposto, ela já apresenta muitas pranchas em cores naturais e deverá ter, no que falta redigir e ilustrar, muitas outras. No que concerne ao formato, a obra de Martius tem exatamente o dobro do tamanho da última, mas o tipo menor desta resulta na vantagem do conteúdo ser mais ou menos igual.¹⁵⁰

Além de tentar imprimir modernidade a seu trabalho, Hoehne demonstra a proporcionalidade entre as relações político-estratégicas e científicas. Assim, o botânico se mune de dados sobre a publicação da *Flora Brasiliensis* para mobilizar opiniões a favor de seu projeto. Discorre sobre os 11 fascículos publicados entre os anos de 1840-1851, contabilizando 1079 páginas e 152 pranchas. Ainda destaca o financiamento

¹⁴⁸ HOEHNE, F. C. O primeiro centenário do início da publicação da Flora Brasiliensis de Von Martius. *Revista dos Amigos da Flora Brasílica*, São Paulo: Romiti & Lanzara, jan., 1941, p.26.

¹⁴⁹ Estatutos da Sociedade de Amigos da Flora Brasílica, Capítulo I – Nome, sede e finalidades, Artigo 2º.

¹⁵⁰ HOEHNE, F. C. O Estudo da Flora Orquidológica no Brasil e o Instituto de Botânica. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.104.

obtido por Martius do governo brasileiro em 1850, dez (10) contos de réis anuais. Até 1906, o total despendido para a publicação era de quinhentos e sessenta (560) contos de réis. Esses dados lhe permitiam confrontar as duas floras em questão:

Aos interessados não será difícil a verificação do fato que, confrontando os dados referentes aos resultados conseguidos no período de 11 anos para a “Martius, Flora Brasiliensis” e para a “Flora Brasílica”, aquela de 1840-51 e esta 1940-51, não há motivos para desanimar e que elevadas: a perseverança, o recurso pecuniário e a cooperação, ao nível que a viação a jato, da técnica moderna e descida do valor aquisitivo da moeda reclamam, a obra em 1940 iniciada, terá de ser realizada num prazo mais curto do que aquela feita de 1840-1906 e virá tornar-se mais proveitosa para a nossa gente estudiosa justamente ser em formato mais prático para todas as estantes de bibliotecas públicas e particulares e *por ser em vernáculo, mais própria para os estudantes e amadores de todas as camadas sociais, além de muito mais ilustrada.*¹⁵¹

Hoehne tinha plena consciência dos obstáculos para custear uma publicação tão extensa. Ao apresentar o programa geral de elaboração da flora na I Reunião Sul - Americana de Botânica aponta que “os meios financeiros e obtenção dos mesmos é no momento o ‘pivot’ de toda a questão”. A obra caracterizada como pertencente a todo o país carecia, portanto, de apoiadores de outros estados, Governo Federal e países limítrofes. Além disso, contribuições de particulares eram bem vindas, cidadãos altruístas e mecenas¹⁵², os quais tinham o privilégio de erigir monumentos imperecíveis para a humanidade. Um questionário distribuído nesse evento indagava: *é a Flora Brasílica obra que se impõe como necessária ao nosso país e ao resto do mundo?*¹⁵³

¹⁵¹ Grifo nosso. HOEHNE, F. C. O Estudo da Flora Orquidológica no Brasil e o Instituto de Botânica. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.105.

¹⁵² Serviu de modelo para a *Flora Brasílica* o fascículo I dos *Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo* financiado integralmente pelo mecenas Antônio Cantarella (1877-1942)

¹⁵³ A Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica aconteceu no Rio de Janeiro de 12 a 19 de outubro de 1938; HOEHNE, F. C. A Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica (Conclusão). *O Estado de São Paulo*, 26, out., 1939, p.03; HOEHNE, F. C. A Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica. *O Estado de São Paulo*, 25, out., 1939, p.04.

Nesse mesmo período foi organizado o Serviço Científico de Publicações do Departamento de Botânica, com a definição das seguintes categorias: 1º: de ordem científica e técnica; 2º: ordem mista; 3º: de ordem divulgadora ou de divulgação; 4º: de ordem especial. A *Flora Brasílica* pertencia à primeira série; e de acordo com Hoehne foi responsável por fomentar a cooperação de “clubes, centros, sociedades e círculos de orquidófilos”.¹⁵⁴ Um público de amadores ávidos por conhecimento certamente teve acesso aos quatro fascículos editados sobre a família *Orchidaceae*.

Uma nota publicada na revista *Orquídea* convoca os amadores para contribuírem com a obra que seria “o mais alto monumento erguido pela nossa cultura científica” e alerta-os para as regras de distribuição dos exemplares:

De acordo com o artigo 8º do Dec. 9.715, de 09 de novembro de 1938, a distribuição dos exemplares da *Flora Brasílica*, obedecem ao seguinte critério: mil exemplares serão distribuídos imediatamente, em permuta de publicações que interessam ao Departamento de Botânica de São Paulo, aos contribuintes a que se refere o Art. 7º, aos funcionários categorizados do Departamento, aos membros do Corpo Diretor Redator, à Biblioteca Nacional e estaduais, a juízo do Diretor Superintendente do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo; mil serão postos à venda pela repartição editora ou por intermédio de livreiros, mediante contrato de comissão comum. Os mil exemplares restantes ficarão em depósito até o final da conclusão da obra, para, então, serem vendidos em coleção, cujo produto será recolhido ao Tesouro do Estado a título de reposição parcial ou total das importâncias despendidas pelo Estado com a elaboração e publicação da obra.¹⁵⁵

O primeiro fascículo foi vendido pelo valor da impressão, cem mil réis (100\$000). Embora não possamos avaliar o número de amadores e sociedades que obtiveram exemplares da *Flora Brasílica*, seu valor corresponde a 41,6% do salário

¹⁵⁴ HOEHNE, F. C. O Estudo da Flora Orquidológica no Brasil e o Instituto de Botânica. *Relatório Anual do Instituto de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.103.

¹⁵⁵ Publicações, *Flora Brasílica* (Fasc. 1, Vol. XII, 1; 12 compl.). *Orquídea*, vol.03, n.02, dez., 1940, p.94.

mínimo (240\$000)¹⁵⁶ vigente na época. A primeira geração de orquidófilos sobre a qual nos debruçamos era composta basicamente de homens de posses. Todavia, entre as queixas mais comuns estavam a dificuldade para obter bibliografia especializada em português, com preços acessíveis e, sobretudo, com conteúdo adequado à cultura de espécies nacionais.

O projeto da *Flora Brasílica* manteve certa regularidade até 1942, com a publicação de dois fascículos anuais. Nesse mesmo ano um novo decreto instaurou o Instituto de Botânica de São Paulo (Decreto nº 12.499 de 07 de janeiro de 1942).¹⁵⁷ O período da Segunda Guerra Mundial era para Hoehne preocupante, pois acarretaria problemas aos intercâmbios científicos. Entretanto, mostrava-se como momento decisivo para a confecção de floras nacionais, de afirmação da ciência produzida pelo Brasil e seus vizinhos:

Não devemos olvidar que, na presente ocasião, melhor se evidencia a imperiosa necessidade do Brasil e de outros países da América voltarem suas atenções para a organização de suas floras em obras e fitotecas. É mui provável que, após a guerra, tenhamos que verificar com desgosto o desaparecimento de muitos herbários e com eles de documentos originais de muitas espécies.¹⁵⁸

¹⁵⁶ Tomamos como referência o valor de 240\$000 para o salário mínimo do período. Entretanto, existiam 14 salários diferentes no país estabelecidos pelo Decreto-Lei 2162 de 1º de maio de 1940. Ver: SILVA, E. F. da. *Salário Mínimo: a desindexação entre a norma, o fato e o valor*. 2009. (Ciência Política) Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, 2009.

¹⁵⁷ Entre os anos de 1940 e 1953 foram publicados dez fascículos da *Flora Brasílica* sendo oito deles organizados por Hoehne. De 1940 a 1942, dois fascículos anuais. Em 1943, 1945 e 1947, um fascículo ao ano. O fascículo onze foi publicado em 1955 quando o botânico já se encontrava sob o regime de aposentadoria compulsória. Somente em 1968, o fascículo 12 veio a público.

¹⁵⁸ Parte do Relatório de 1944 foi dedicado às “Contribuições para o esforço bélico”. O trabalho “Monografia sobre o Açoita cavalo (*Luehea divaricata* MART.)” de autoria de Moysés Kuhlmann foi publicado e posteriormente teria distribuição gratuita. Conforme publicado no relatório de 1945, a separata foi “distribuída largamente a todos os interessados” com o objetivo de “aduzir recursos para o melhor conhecimento e mais sensato das madeiras nacionais na paz e na guerra e relaciona muitas delas, que poderiam e deveriam ser melhor utilizadas pelos nossos institutos e particulares”. HOEHNE, F. C. O estado atual do Instituto de Botânica no concerto científico mundial. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1944, p. 10; *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.28.

Durante toda a década de 1940, Hoehne permaneceu nas funções de administração e pesquisa, sem prejuízo às atividades de divulgação. Sua inquietação era a de produzir uma divulgação especializada, pois “as publicações enciclopédicas não são as mais próprias para instruir um povo”. Firme nos propósitos da já mencionada *reforma dos hábitos*, o botânico reforçou a centralidade das publicações e sua abrangência:

Como se percebe, o Instituto de Botânica encontra-se, portanto, perfeitamente entrosado na máquina administrativa do Estado. Ele colabora eficientemente, fornecendo informações, classificações de espécies e dados outros para orientação dos interessados nos diferentes setores. Sua maior colaboração verifica-se, todavia, no campo bibliográfico, porque é por meio das suas diferentes publicações que vem preparando o terreno para disseminar os conhecimentos de botânica, com que vai habilitando os filhos do País e os estrangeiros a terem uma melhor ideia da riqueza incomensurável da flora indígena. Esta sua atividade exerce um papel instrutor, mas nascendo do conhecimento da flora um maior apego a ela, advém daí também o despertar do verdadeiro patriotismo, que se traduz no amor, respeito e defesa de tudo que ao torrão pátrio é peculiar. O brasileiro fica conhecendo seu País e aprende a apreciar o seu valor verdadeiro no concerto científico mundial.¹⁵⁹

Porém, ao fim de sua carreira concluiu que a distribuição gratuita de livros raramente ia ao encontro aos “verdadeiros interessados”:

A venda das publicações ou sua permuta por livros de botânica, não foi adotada, entretanto, para obter renda, mas antes para garantir as mesmas aos verdadeiros interessados. Pois é sobejamente sabido que livro distribuído gratuitamente, não só raramente alcança os verdadeiros interessados, mas inda é menosprezado pelos que são aquinhoados com ele.¹⁶⁰

¹⁵⁹ HOEHNE, F. C. O estado atual do Instituto de Botânica no concerto científico mundial. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1944, p. 09.

¹⁶⁰ HOEHNE, F. C. (Relator). Serviço de Publicações. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.21.

Se em 1930, ocasião da publicação do *Álbum de Orchidaceas Brasileiras*, ressentiu-se da não gratuidade da obra, em 1950 sua perspectiva era de aumentar o número de exemplares das edições e, assim, reduzir os custos para a venda. Segundo os dados do Serviço de Vendas e Permutas do Instituto de Botânica, as publicações mais vendidas no ano de 1950 foram os fascículos um e cinco da *Flora Brasílica*, ambos referentes à família *Orchidaceae*, confirmando, portanto, a afirmação de Hoehne segundo a qual “todas as publicações referentes às *Orchidaceas* são sempre procuradas avidamente”.¹⁶¹

Afora os outros recursos vislumbrados por Hoehne como necessários à divulgação, como o rádio e o cinema, edições ilustradas seriam essenciais para o exercício da orquidofilia. A didática assim como os recursos para formar amadores não fala apenas aos ouvidos, é antes de tudo, a busca de iniciados que podem desfrutar de uma linguagem própria. Assim, nos parece que o botânico reconhecia públicos com níveis diferenciados de aprendizagem e por isso se opôs à reedição do *Álbum de Orchidaceas Brasileiras*, alegando que os compêndios de propaganda científica deviam evoluir e com eles a “classe de estudantes”, ou seja, os amadores.

A promoção dos alunos veio em 1949, com o *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*. O lançamento acontecia em um contexto de intensificação da *orquicultura* propiciado, segundo Hoehne, pela combinação de interesse público, literatura disponível - seu próprio livro - e crescente associativismo. É axiomático que o botânico situe como fator determinante desse quadro seu trabalho anterior - *Álbum de Orchidáceas Brasileiras* – descrito como testemunha do “advento de uma nova mentalidade na

¹⁶¹ BITTENCOURT, M. de T. (Relator). Serviço de Vendas e Permutas. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.25.

apreciação da riqueza florestal do nosso grande e querido Brasil” e cuja aceitação “sem qualquer reclame ou anúncio” beneficiou hostes de amadores país afora.¹⁶²

Nesse sentido, um conjunto de fatores concorreu para o desenvolvimento da *orquicultura*. As próprias orquídeas, antes marcadas pelo estigma do azar, passaram a ser vistas como símbolos de nacionalidade e progresso no campo da ciência. O próprio Hoehne e seu trabalho firmam-se como referência na área e, como consequência, um orquidário tornou-se o protagonista na criação de uma instituição pública, ou seja, o Instituto de Botânica de São Paulo.

Sem dúvida, Hoehne cumpre uma política de valorização da botânica onde a estética e outros elementos foram estruturais. E não haveria maneira mais instrutiva de colocar a família *Orchidaceae* no centro das atenções do que evocando sua beleza particular. Paralelamente à consolidação da carreira de Hoehne e de sua reputação científica, uma legião de orquidófilos se distinguiu dos colecionadores comuns.

Atento a esse movimento agremiador, o botânico define no *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, cujo enredo é uma longa excursão botânica, o colecionador verdadeiro, ou seja, o tipo de orquidófilo que vislumbrava para o Brasil.

3.2 – “Sem o auxílio do mestre”: a autonomia dos amadores

Em 1941, Hoehne publicou em coautoria com os botânicos Moysés Kuhlmann e Oswaldo Handro (1908-1986)¹⁶³ a obra *O Jardim Botânico de São Paulo*. Logo após a folha de rosto um retrato do interventor Fernando Costa lembrava ao leitor que aquele

¹⁶² HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.05.

¹⁶³ Oswaldo Handro ocupava o cargo de conservador na antiga Seção de Botânica e Agronomia. Em 1938 passou a Assistente Auxiliar na Seção de Fitoteca do Departamento de Botânica; Agricultura, Indústria e Comércio – Decretos expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 15 de dez. 1938, p. 05.

era o responsável por fundar em 1929 as bases daquela instituição, ou seja, o Orquidário do Estado. A origem e a identidade do órgão, fixados na década de 1920, associavam-no ao momento político e econômico do Estado de São Paulo, ou seja, à cultura cafeeira e a um governo, no entender de Hoehne, mais atento à utilidade pública da ciência.¹⁶⁴ Para além das características comemorativas, as instruções contidas no manual reforçavam o papel do Jardim Botânico como escola prática de botânica:

em que cada interessado, *sem o auxílio do mestre*, por si, observado e empregando este manual, poderá adquirir conhecimentos de taxonomia e morfologia, com a mesma facilidade com que conquistará noções de fitogeografia, e de sinonímia de nomes populares.¹⁶⁵

As orientações sobre a vegetação eram acompanhadas de pequenas biografias de botânicos, os quais colaboraram para o conhecimento da flora brasileira, sobretudo, a paulista, e que davam seus nomes às picadas e caminhos do Jardim Botânico. Essa cortesia se revestia de real significado naquele espaço, pois de nada adiantaria louvá-los onde a natureza “banida não mais consegue estabelecer a relação entre o homenageado e o motivo da homenagem”.¹⁶⁶

O principal objetivo da obra era familiarizar o interessado por botânica com profissionais renomados na área e torná-lo independente em sua interação com a natureza circundante. Os ensinamentos ministrados permitiam ainda abolir as placas

¹⁶⁴ Os planos anteriores para fundar um jardim botânico são citados onde lemos: “Isto que hoje apresentamos como ‘Jardim Botânico de S. Paulo’ não é a continuação do plano de 1798, nem consequência do estabelecido em 04 ou 19 de novembro de 1796 ou 1799, mas fruto do mesmo interesse insofrido que, sobrepondo-se a todas as dificuldades, espontando aqui ou acolá, finalmente se vê satisfeito nas suas aspirações”. HOEHNHE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.13.

¹⁶⁵ Grifo nosso. HOEHNHE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.16.

¹⁶⁶ HOEHNHE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.17.

metálicas de identificação, pois a publicação se pretendia mais completa, e o público poderia utilizá-lo em casa como “manual permanente de consulta, sempre que tiver dificuldades de ordem taxonômica para resolver”.¹⁶⁷ Como notou Kelly Moore, estratégias que maximizam a autonomia a determinados públicos permitem aos cientistas “manter o controle sobre quem deve e quem não deve interpretar o comportamento da natureza”, conservando uma posição social na qual eles podem perpetuar a manutenção da reivindicação do conhecimento especializado. Sendo assim, ao conceder autonomia, o profissional estaria também fixando o lugar de onde o amador poderia falar e, conseqüentemente, reforçando seu lugar de especialista.¹⁶⁸

A introdução dos problemas da Ecologia e posteriormente da Genética serviram como um ponto de diferenciação entre amadores e profissionais. Os primeiros detinham as habilidades para operar no nível das definições taxonômicas, entretanto, a mudança no interior das subdisciplinas, marcada pela transição de “estudos de classificação e morfologia para estudos de processo e função”, funcionou como uma linha de demarcação.¹⁶⁹

¹⁶⁷ Na “Explicação para uso deste livro”, os autores justificam essa supressão “1º evitar o efeito desagradável das placas metálicas ou de porcelana que comumente usadas nos jardins botânicos e que geralmente impressionam ao visitante como necrópole; 2º evitar as despesas que as mesmas placas e etiquetas exigem e empregar a economia que daí resulta, na impressão do guia; 3º proporcionar ao visitante um pouco mais do que lhe poderia ser dado por meio das mesmas placas, em que nada mais do que o nome da família, gênero e da espécie, com indicação da pátria e talvez do nome vulgar da planta, poderiam ser inscritos”. HOEHNHE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.16.

¹⁶⁸ MOORE, K. Organizing Integrity: American Science and the Creation of Public Interest Organizations (1955-1975), *American Journal of Sociology*, vol.101, n.06 (May, 1996), p.1997.

¹⁶⁹ Percebemos que tal discurso se estrutura como a inauguração de uma nova taxonomia, onde apenas o cientista estaria habilitado para operar conceitos e procedimentos. Como pondera o pesquisador, (especialista em Taxonomia de *Orchidaceae*) do Instituto de Botânica de São Paulo, Fábio de Barros: “na verdade sempre que há uma descoberta importante, tem-se a impressão de que vai ser “construída” uma nova taxonomia. Creio que isso acontece porque a taxonomia lança mão de todas as evidências possíveis para interpretar as entidades taxonômicas. A Genética realmente marcou uma época permitindo entender, até certo ponto, como e porque os seres vivos variam e como as populações podem dar origem a novas espécies, lançando as bases para o entendimento da especiação. Portanto, as espécies deixaram de ser entidades estanques e imutáveis para serem membros de populações que não só mudam no tempo e no espaço, como podem modificar-se a ponto de darem origem a novas espécies. Mas outras revoluções também aconteceram no decorrer da história da taxonomia. Também há uma Taxonomia numérica, uma

No caso específico da Botânica, entre o final do século XIX e princípio do XX, as relações com a Ecologia são explicitadas. Segundo Jean-Paul Deléage, a forte orientação botânica da ecologia fez-se notar pela adoção de conceitos “que se impuseram a toda uma geração de investigadores”. Seriam eles: comunidade, clímax e sucessão, dentre outros.¹⁷⁰

É notório que Hoehne absorveu questões ligadas à ecologia, seja por leituras de autores como Eugenio Warming, seja por suas observações de campo. Os livros adquiridos pela biblioteca do Instituto também apontam para isso. Segundo Hoehne “a bibliografia de que carece a repartição em apreço deverá ser igualmente aquela que trata de sistemática, fitogeografia, fitofisionomia, ou seja, sinecologia e ecologia”, mas frisa que as aquisições do acervo eram conseguidas quase exclusivamente por permutas de suas publicações e duplicatas do herbário.¹⁷¹

Os interesses científicos das instituições e de seus profissionais vão sendo incorporados gradativamente em materiais destinados à instrução pública. Mas, é importante ressaltar que para atender às suas demandas, os cientistas ao dissertarem sobre determinado objeto podiam simplificá-los ou suprimir propriedades estranhas ao diálogo. Exemplo disto é a explicação sobre o eixo vegetativo das orquídeas, onde Hoehne diz: “para o leigo não se atrapalhar essa classificação, diremos que ela é de importância secundária para se classificar um gênero ou espécie”. Conforme é possível

Taxonomia Química (Quimiotaxonomia, que em alguns grupos como os líquens e bactérias continua sendo muito importante) e, mais recentemente, a Taxonomia Molecular, que tem revolucionado vários conceitos”. BARROS, F. de. Taxonomia. (fdebarros@usp.br). Mensagem recebida por valeriamara@gmail.com em 09 de julho de 2011; STAR, S. L.; GRIESEMER, J. R. Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39, *Social Studies of Science*, vol.19, n.03, (Aug., 1989), p.394.

¹⁷⁰ Ainda de acordo com Jean-Paul Deléage a força dos conceitos botânicos na Ecologia foi sentida posteriormente quando pesquisadores de biologia animal ainda eram forçados a referir-se a tais conceitos para “adotar, modificar ou mesmo combater”. DELÉAGE, J. *História da Ecologia: uma ciência do homem e da natureza*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, p.74; MAYR, E. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília: Editora da UNB, 1998.

¹⁷¹ HOEHNE, F. C. Da utilidade e necessidade de bibliotecas especializadas no Brasil. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, dez., 1949, p.46 e 48.

observar ao longo do *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* tais exclusões eram frequentes.

No Instituto de Botânica, a instrumentação dos consulentes para questões técnicas proporcionava a padronização do material recebido e, ainda como um canal de comunicação. Em 1940, Moysés Kuhlmann se dirigiu aos consulentes com o seguinte pedido:

O Departamento não deixa de insistir com os seus consulentes para que enviem material de consulta sempre acompanhado de indicação de nomes vulgares, local e data de coleta, porte, colorido das flores, utilidade ou nocividade e nome do coletor do material, dados esses que devem ser juntados ao rótulo com os respectivos números de cada amostra, das quais o consulente deverá reter uma duplicata com a mesma numeração para confronto com as determinações, pela ordem numérica, fornecidas pelo Departamento.¹⁷²

Dessa forma, a lógica que orienta a constituição de um herbário era compartilhada com aqueles que viessem a comunicar-se com a instituição. Kuhlmann diz ainda que o procedimento conectava-se ao esforço de contribuir para o estudo e inventário da nossa flora e facilitar um cadastro florístico de alcance municipal, regional e até mesmo nacional.¹⁷³

A maioria das solicitações visava a classificação de plantas e o número de exemplares incorporadas nas coleções via consulentes chegou a superar aquele oriundo das excursões.¹⁷⁴ Em 1917, a instituição recebeu 102 pedidos de informações, passando a 2354 no ano de 1941.¹⁷⁵ As procedências eram variadas: particulares,

¹⁷² KUHLMANN, M. (Relator). Museu Botânico, Fito e Carpoteca. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.15.

¹⁷³ KUHLMANN, M. (Relator). Museu Botânico, Fito e Carpoteca. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.15.

¹⁷⁴ Segundo Kuhlmann : “É aos consulentes que o Departamento tem devido no ano findo a maior parte do material entrado para suas coleções, como se verificará no capítulo deste relatório destinado à Fitoteca”. (Relatórios de 1940, 1941)

¹⁷⁵ Os relatórios mensais eram entregues às autoridades desde 1917 (Horto Oswaldo Cruz/Instituto Butantã). Em 1939, quando a Seção de Botânica passou a Departamento de Botânica do Estado, os relatórios se tornaram anuais e publicados. HOEHNE, F. C. A função do Instituto de Botânica como

estabelecimentos agrícolas, industriais, de ensino, estabelecimentos afins e congêneres, agentes de informação e revistas.

O setor de consultas e informações gerava prestígio para a instituição, motivo pelo qual Hoehne se queixa de seu mau uso por parte dos periódicos que utilizam os serviços “para obterem matéria e para tornarem mais interessantes os números” sem, ao menos, citar a origem das informações. A respeito dos particulares, o pedido era para que não utilizassem intermediários, principalmente as revistas. O relatório anual de 1941 trazia um gráfico com a evolução do serviço desde 1917, destacando os “resultados em proveito recíproco para os consulentes e para o Departamento”.¹⁷⁶

Em fevereiro de 1942, o Instituto de Botânica lançou o *Guia do Herborizador e Preparador de Fanerógamas*, de autoria de Joaquim Franco de Toledo, tendo por objetivo “orientar e instruir as pessoas interessadas em obter identificações de plantas [...] a todos que se dedicam ao estudo de plantas superiores, sejam eles profissionais, estudantes ou amadores”. Em formato pequeno e ilustrado¹⁷⁷, o manual de distribuição gratuita destinava-se especialmente aos consulentes do interior “de onde as plantas nem sempre podem ser remetidas em estado vivo, sem que se deteriore durante o percurso”. Aqueles que estivessem próximos à capital eram orientados a executar as regras de colheita, mas dispensados do preparo das plantas caso se dirigissem à repartição no mesmo dia. De acordo com as observações finais, a instituição estaria “à

órgão consultivo público. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.09.

¹⁷⁶ O serviço teve um aumento 2.307, 84% de consultas entre os anos de 1917 a 1941. HOEHNE, F. C. A função do Instituto de Botânica como órgão consultivo público. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, novembro, 1946, p. 10; KUHLMANN, M. (Relator). Situação do material de consulentes. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.23-24.

¹⁷⁷ O guia mede 11,0 cm X 14,3 cm e possui 13 ilustrações. Optamos por não nomeá-lo livro de bolso devido às variações desse formato. Mas, concluímos que por suas características portáteis e de legibilidade, o guia poderia ser levado em atividades de campo. Agradeço ao professor Aníbal Bragança pelos esclarecimentos.

disposição dos consulentes para informá-los e orientá-los na organização de herbários, coleções, etc. assim como a respeito de detalhes omitidos” no guia.¹⁷⁸

Ademais, o guia alternava explicações para herborizadores botânicos e amadores:

Nunca se deve colher menos de 3 exemplares ou ramos de cada planta, isto quando o herborizador não for botânico, pois como adiante veremos, este hábito favorecerá o intercâmbio entre o interessado e a repartição técnica, além de se constituir um *elemento de certeza*.¹⁷⁹ Os botânicos profissionais ou amadores que desejem formar herbários próprios, nunca deverão colher menos de 6 exemplares de cada espécie e, se dispuserem de espaço suficiente, deverão colher ainda mais, o que sempre lhes trará ótimas compensações, principalmente se dedicarem às permutas com outros estabelecimentos. Estas recomendações são imprescindíveis, pois, tratando-se de consulentes leigos, o material enviado sempre ficará em poder da repartição técnica, como documento da informação prestada. Tratando-se de profissionais, estes ficarão cientes de que – *mais exemplares enviados, mas facilidade de informações* – no caso de ser preciso reenviar amostras para outros estabelecimentos, quando no primeiro não foi possível a identificação.¹⁸⁰

A cooperação esperada com os ensinamentos ministrados pelo manual foi assim expressa por Hoehne:

Para facilitar aos consulentes a remessa de materiais em condições de aproveitamento para classificações e para documentação no herbário, o Instituto envia um livreto ilustrado, da autoria do Sr. Joaquim Franco de Toledo atual chefe da Seção de Fitoteca, a todos que o solicitarem. *Interessa-lhe obter material perfeito, mas interessa-lhe também preparar a gente do Brasil para, em futuro, tornar-se mais apta a auxiliar os técnicos na solução de suas dificuldades*.¹⁸¹

¹⁷⁸ O guia é classificado como publicação de ordem divulgadora. TOLEDO, J. F. de. *Guia do herborizador e preparador de fanerógamas (plantas de flores)* Destinado especialmente aos consulentes que se dirigirem ao estabelecimento supra para obtenção de classificações de materiais botânicos. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, 1942.

¹⁷⁹ Grifo nosso. Refere-se aos exemplares já classificados e que servem para efeitos de comparação nas classificações botânicas.

¹⁸⁰ Grifo do autor. TOLEDO, J. F. de. *Guia do herborizador e preparador de fanerógamas (plantas de flores)* Destinado especialmente aos consulentes que se dirigirem ao estabelecimento supra para obtenção de classificações de materiais botânicos. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, 1942, p.08.

¹⁸¹ Grifo nosso. HOEHNE, F. C. A função do Instituto de Botânica como órgão consultivo público. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.10.

O botânico conjuga outros valores à prática de herborizar, ou seja, imputa-lhe um caráter patriótico. Ademais, esse tipo de publicação ao destacar o “como” ao invés “o quê” e “por quê” seriam, no entender de Star e Griesemer, uma importante ferramenta de comunicação, uma vez que a padronização de métodos se diferencia da padronização de uma teoria. As instruções, portanto, não carecem do entendimento de biologia teórica.¹⁸²

Tal iniciativa não era exclusiva do Instituto de Botânica de São Paulo.¹⁸³ Em 1935, a Revista *Rodriguesia*, publicação oficial do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, publicou as “Recomendações para o colecionamento de plantas para herbário”. O texto inseria o “herbário moderno” em uma nova perspectiva, ao dispor a classificação botânica ao lado dos estudos ecológicos e fitogeográficos. Assim, as notas e observações tomadas *in loco* necessitavam também atender aos requisitos dessas “ciências”, ou seja, a coleta para fins ecológicos exigia documentação mais completa e algumas mudanças nos procedimentos. O *desideratum* do herborizador moderno era prescrito por “nunca herborizar sem ao mesmo tempo anotar todas as observações, de preferência num caderno só a isso destinado e, nunca deixar para *mais tarde* ou para a *volta* estas notas”.¹⁸⁴

¹⁸² STAR, S.L.; GRIESEMER, J.R. Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39, *Social Studies of Science*, vol. 19, n.03, (Aug., 1989), p.407.

¹⁸³ Outros exemplos de orientações para herborização e coleções: do Instituto Oswaldo Cruz; Como colecionar carrapatos para estudo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29, ago., 1937 (Suplemento Agrícola); instruções redigidas por Barbosa Rodrigues: BARBOSA RODRIGUES, J. Breves instruções práticas para remessa de coleções ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1891.

¹⁸⁴ Grifo do autor. Coletas para fins ecológicos necessitam de comparações de amostras em tempos diferentes, por isso a ênfase em ‘nunca deixar para mais tarde’; A publicação traz ao final uma imagem que fortalece o caráter cooperativista onde lê-se a legenda: “Os três vasos da fotografia acima contém na sua singeleza um admirável exemplo de espírito cooperativista. Os *Cactus* neles plantados foram trazidos das Ilhas Curaçao, pelo Snr. Alex Ulmke, mordomo do cargueiro hamburguês "Teodosia", que, de passagem por aquelas longínquas paragens, teve o simpático e adiantado gesto de colher e trazer para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro esses exemplares de *Melocactus Zuccarinianus*, syn. *Melocactus*

Percebe-se nas publicações de ambas as instituições, Instituto de Botânica de São Paulo e Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o apelo ao espírito cooperativista e o recrutamento de possíveis aliados para o enriquecimento da ciência nacional.

Para que estudos de sistemática sejam bem conduzidos, a constituição e manutenção de um herbário são essenciais. Entretanto, Hoehne deixava clara sua predileção pelas coleções vivas.

As conclusões precipitadas a que chegam os fitologistas de gabinete, que lidam exclusivamente com espécimes de herbário, quando se dedicam à classificação das espécies, não podem e nem devem ser consideradas suficientes para a botânica, embora adicionem aos seus trabalhos o que encontram registrado nos rótulos dos coletores do material, porque, na maioria dos casos, estes não tem tempo suficiente para citar tudo quanto observaram na planta viva e no ambiente em que ela foi encontrada; conservam, entretanto, na retentiva, tudo que observam e sentiram em cada região que estiveram.¹⁸⁵

Mais que isso, a formação de um botânico seria determinada pelo contato com a natureza:

Insistimos, entretanto, que *verdadeiros naturalistas só podem ser formados na natureza*, não nos gabinetes. É nos campos, nas selvas, na natureza enfim, que está a verdadeira escola que torna as teorias botânicas compreensíveis e o ensino eficiente. (...) o botânico precisa ver e observar as plantas vivas, coletá-las pessoalmente, se quiser conhecê-las, descrevê-las ou desenhá-las.¹⁸⁶

A marcha natural na trajetória de Hoehne seria produzir uma grande obra de divulgação dedicada às coleções vivas. A exemplo dos guias mencionados acima, o

macranthos, que hoje, integram a preciosa coleção do Jardim Botânico”; Recomendações para o colecionamento de plantas para herbário. *Rodriguesia*, ano 01, n. 03, 1935, p.63.

¹⁸⁵ HOEHNE, F. C. O estudo da Botânica. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.53.

¹⁸⁶ HOEHNE, F. C. O estudo da Botânica. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.56.

procedimento adotado no *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* é igualmente o de valorizar a autonomia dos orquidófilos. Como dito na introdução:

O Instituto de Botânica e as demais repartições que curam da fitologia, não podem e nem devem continuar eternamente a fazer as identificações das espécies para os amadores. Há cousas mais importantes para realizar e é necessário, por outro lado, que os colecionadores se habilitem para resolverem as *classificações das espécies já conhecidas*, sem a necessidade de recorrerem sempre de novo aos estabelecimentos técnicos.¹⁸⁷

É importante ressaltar na passagem citada que Hoehne faz alusão à falta de instrumentos bibliográficos para que os amadores brasileiros tivessem conhecimento das espécies já classificadas. No nosso entender, o que a primeira vista poderia ser visto como uma ruptura, confirma os cruzamentos entre os mundos sociais de profissionais e amadores e direciona para um possível pacto entre o grupo que estaria aparelhado para classificar suas coleções e o botânico, cuja expertise seria requisitada diante de orquídeas desconhecidas. O trabalho de classificar podia manter-se paralelo em algumas situações e compartilhado em outras:

Para que a flora orquidológica fique inventariada e seja conhecida, torna-se necessário, entretanto, que todos os orquicultores e orquidófilos colham espécimes, os herborizem e enviem ao Instituto de Botânica e a outras repartições congêneres, a fim de serem classificados e descritos, se eventualmente não o tiverem sido.¹⁸⁸

A partir dos relatórios do Instituto de Botânica é possível conjecturar que os pedidos para classificação de orquídeas fossem elevados. Nos idos de 1930, Hoehne afirmou “nunca respondemos, em nossa seção, a tantas consultas sobre este grupo de

¹⁸⁷ Grifo nosso. HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.06.

¹⁸⁸ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.124.

plantas como no decorrer deste último ano.”¹⁸⁹ Também o Círculo Paulista de Orquidófilos e a Sociedade Brasileira de Orquídeas figuram entre as organizações para as quais a instituição tornou-se “o centro para a obtenção de classificações de material botânico, bem como de dados bibliográficos de ordem fitológica”.¹⁹⁰

Em meio às questões técnicas – as chaves de identificação para classificação das espécies¹⁹¹ – o *Iconografia de Orchidáceas do Brasil* propõe colecionadores cuja identidade e valores sejam equivalentes ao do cientista de campo.

3.3 – Dos preparativos para o *Iconografia de Orchidáceas do Brasil*...

O plano geral para a publicação do *Iconografia de Orchidáceas do Brasil* apareceu pela primeira vez no *Relatório Anual do Instituto de Botânica* referente ao exercício de 1944. Os originais, em grande parte concluídos, constavam de “204 páginas de texto, 150 tábulas em cores naturais, 180 em preto e 100 clichês pequenos a serem incluídos no texto da obra”. Destaque era dado à importação do papel “para à obra proporcionar todos os requisitos para um belo acabamento”. Embora não cite a disponibilidade desse material como um fator restritivo, é sabido que durante os anos da Segunda Guerra a importação de papel enfrentava dificuldades e os custos eram bastante elevados.¹⁹²

¹⁸⁹ HOEHNE, F. C. *Álbum de Orchidáceas Brasileiras e o Orchidário do Estado de São Paulo*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo/ Graphicars, 1930, p. 58.

¹⁹⁰ HOEHNE, F. C. A função do Instituto de Botânica como órgão da administração pública e do progresso das Ciências Naturais no país. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.11-12.

¹⁹¹ De forma simplificada, chave de identificação é uma descrição sistemática que dispõe caracteres do corpo dos organismos permitindo classificação. Geralmente são dicotômicas e quanto menor o nível taxonômico, por exemplo, gênero e espécie, mais específica é a chave.

¹⁹² Trabalhos em andamento e no prelo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.30-31.

O mesmo relatório menciona a dependência com relação às tipografias e a morosidade de seus serviços que esbarravam em questões legais, pois a confecção de trabalhos gráficos e requerimento de materiais deviam ser integralmente pagos no mesmo ano orçamentário. Um ano depois, 1945, a mesma queixa aparecia acompanhada do argumento de lesar a própria ciência, pois, os trabalhos em formato de fascículos e volumes, a exemplo da *Flora Brasílica*, necessitavam ser impressos integralmente e as “dotações orçamentárias, que precisam ser liquidadas dentro de cada exercício, contrariam as necessidades de tais trabalhos e lhe criam óbices que resultam em prejuízos”.¹⁹³

Outra questão que se impunha era a disponibilidade de desenhistas e preparadores. Em 1945, o setor de “Pessoal e Recursos Financeiros” relatou que “infelizmente, um dos serviços mais urgentes e de maior relevância – o de desenho – para ilustração de trabalhos destinados ao prelo, perdeu dois auxiliares dos quatro que ainda eram insuficientes”. Obras ilustradas, certamente, atraíam mais leitores, e no caso dos orquidófilos, eram requisitos para a identificação de espécies. O mérito das ilustrações era assim exposto:

Como se deve ter notado, os desenhos são agora muito mais perfeitos e artísticos que os primeiros publicados. Temos interesse que assim continuem melhorando; porque é fora de dúvida que as ilustrações perfeitas valorizam muito a obra e concorrem, ao mesmo tempo, para a propaganda da nossa arte gráfica [...] Queremos ilustrá-las fartamente e cada vez com trabalhos mais exatos e mais perfeitos. As ilustrações valorizam as publicações e tornam-nas mais procuradas. O

¹⁹³ Segundo Hoehne “um trabalho da natureza, por exemplo, da ‘Flora Brasílica’, requer que cada fascículo contenha monografias completas e que as mesmas sejam elaboradas e impressas de um soa arranco, para que mais tarde sejam colecionadas e encadernadas. Esta modalidade é determinada e regida por Congressos Internacionais e obedece ditames que escapam à nossa alçada de meros diretores de repartição”. Trabalhos em andamento e no prelo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, março, 1945, p. 29; Trabalhos em andamento e no prelo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.27.

custo, em tais condições, é coisa secundária, afirmam-nos os livreiros que se incubem das vendas.¹⁹⁴

Nesse mesmo ano todos os clichês e originais do *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* foram entregues para impressão. Nos quatro seguintes foram muitas idas e vindas de provas, falta de verbas e a expectativa de que não houvesse acréscimos nos Cr\$500,00 calculados para venda. A tão alentada obra começou a tomar as feições com que chegaria às mãos do público em 1949: 301 páginas de texto intercaladas por 16 pranchas em cor e 101 imagens; 300 ilustrações botânicas, 126 coloridas e o restante em preto.¹⁹⁵

O subtítulo da obra indicava seu caráter de complementaridade: Resumo e complemento da Monografia das Orchidáceas na *Flora Brasileira*. Na realidade, uma imposição de caráter científico:

A chave provisória que apresentamos no primeiro volume (XII, I) da 'Flora Brasileira', foi feita para obtermos um ponto de partida. Ela deverá, por isso mesmo, ser considerada *provisória* e definitiva também não será esta que aqui esboçamos. Definitiva só poderá ser feita depois que se tenha estudado o conjunto de todas as espécies de nosso país, porque somente então se poderá ter uma ideia perfeita da constituição da família, para apreciar o parentesco que existe entre as espécies e como devem ter surgido os diferentes gêneros que elas compõem.¹⁹⁶

Nesse sentido, Hoehne parece se precaver de possíveis conflitos e busca o consenso. Sua escrita polida tenta contornar situações de confronto e ameniza as

¹⁹⁴ O que Hoehne chama de perfeição das ilustrações, supomos, se referir à precisão das ilustrações como material científico. Gabinete de Desenho. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.28.

¹⁹⁵ Comparamos todas as notas referentes à impressão da obra de 1944 a 1950. A maior alteração que verificamos foi no número de páginas de texto, de 204 para 301; as pranchas diminuíram de 330 para 300. Quanto às imagens, apenas uma foi acrescentada. HOEHNE, F. C. Um pouco sobre a função do Instituto de Botânica na Secretaria da Agricultura. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, dez., 1949, p.15.

¹⁹⁶ Grifo do autor. HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.161.

incertezas que profissionais teriam sobre determinadas questões do conhecimento orquidológico. Logo na introdução, argumenta que a ciência da orquidologia estaria na infância. Assim a volubilidade com que alguns orquidófilos viam a sistemática era, na verdade, prova irrefutável de sua evolução e a “verdadeira ordem natural” de nossas orquidáceas carecia de muito trabalho para ser estabelecida.

Acreditamos, portanto que a definição de um tipo ideal de orquidófilo era para Hoehne a primeira etapa de um processo conciliador e duradouro onde a ciência da orquidologia seguisse “de perto a orquidofilia e a orquicultura em nosso grande e amado Brasil”.¹⁹⁷

3.4 – O colecionador verdadeiro

Devemos essa obra ao Dr. F. C. Hoehne, um sábio que é um poeta. Ao invés de versos, ele planta orquídeas. (Afonso Schmidt, Tribuna, Santos/SP, 1945).

As páginas do *Iconografia de Orchidaceas* conduzem o leitor a um terreno que oscila entre as sensibilidades¹⁹⁸ próprias do colecionismo e questões pragmáticas. Por meio de uma linha temporal, Hoehne propõe que a orquidofilia já estaria presente entre os Maias, Astecas e Incas. As experiências que tais povos realizaram no campo da agronomia demonstravam um pendor para a floricultura. Se falhos eram os registros históricos para comprovar sua hipótese, a responsabilidade devia ser creditada aos conquistadores, cronistas e a igreja que suprimiram tais conhecimentos dos documentos.¹⁹⁹

¹⁹⁷ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.17.

¹⁹⁸ Não utilizo sensibilidades como conceito, tal qual na História Cultural.

¹⁹⁹ HOEHNE, F. C. Parte I: Generalidades e explicações. Subtítulo: O início do despertar do interesse para a cultura das orquídeas. In: *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.43-48.

Hoehne inclui os indígenas brasileiros entre aqueles que teriam sentimentos estéticos. Essa inserção, a nosso ver, inverte a lógica segundo a qual teríamos importado a visão do belo de povos ditos mais civilizados. A estima pelas orquídeas, já existente em nossas terras, que teria despertado a atenção dos europeus:

Dados mais positivos possuímos, entretanto, para a história da cultura das *Orchidaceas*, para as áreas que seguiram ao descobrimento do nosso continente e admissível torna-se a hipótese de que os emigrados, que primeiramente daqui levaram essas plantas para a Europa, o tivessem feito influenciados pelo respeito e admiração que os povos aqui existentes a ela votavam.²⁰⁰

Envolta em uma visão edênica e ao mesmo tempo utilitária, a interpretação acerca dos conhecimentos indígenas sugere implicitamente que os mesmos seriam importantes anfitriões para o homem de campo; “verdadeiros naturalistas”, os quais “a necessidade tornou-os mais argutos na observação e esta ensinou-lhes muita coisa que a nós escapa, devido a multitudine de ocupações”. Para corroborar suas ideias refere-se à classificação botânica de orquídeas registrada por Barbosa Rodrigues em seu “Mbaé Kaá”: *Tupáypy*, de origem divina ou origem de Deus; *Tupáypy yaracatú*, flor dos deuses;²⁰¹ e suas conclusões:

Na taxionomia os nomes que eles dão às espécies vegetais traduzem muitas vezes bem melhor os caracteres das mesmas, que aqueles escolhidos pelos discípulos de Lineu. Os índios agrupam as espécies em gêneros e conhecem perfeitamente a utilidade do sistema binário, sem contudo, o terem aprendido do sábio sueco. Se perguntarmos a um silvícola o que são: merity, assahy, buriti, e outras palmeiras, eles

²⁰⁰ Essa afirmação não era novidade nos escritos de Hoehne. No artigo “Da estilização das nossas Orchidaceas das selvas e campos” o belo é descrito como preocupação não peculiar ao “homem que chamamos civilizado” e teria surgido de “modo impressionante” entre os silvícolas; HOEHNE, F. C. Da estilização das nossas Orchidaceas das selvas e campos – O que vem a ser o belo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p. 94-99; HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.94-99.

²⁰¹ *Tupáypy yaracatú* se refere a flores dos gêneros *Cattleya*. PABST, G. F. J; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.1. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 1975, p.12.

responderão que são pindós, isto é, plantas da família das palmeiras.
202

O botânico admite a fragilidade de suas ideias acerca do sentimento estético e de admiração dos ameríndios para as produções da natureza. Mas, o certo é que em torno das orquídeas brasileiras formou-se uma rede – tiradores-intermediários-comandantes de navios – para abastecer abastados colecionadores europeus, sobretudo da Inglaterra. As vultosas perdas nas remessas resultavam dos enganos a respeito do clima tropical.²⁰³ Esse quadro modificou-se gradativamente com a difusão de conhecimentos para o público por meio de trabalhos de orquidólogos, como John Lindley e Heinrich Gustav Reichenbach. Soma-se ainda que o comércio de orquídeas incorporou métodos racionais de cultivo, e os privilégios e segredos de firmas deixaram de ser monopólio de um número diminuto de colecionadores:

Comerciantes de plantas promoveram a orquicultura na Europa nos primeiros anos. Se contribuíram para a redução dos estoques existentes nas matas do nosso continente, agora os seus sucessores recompensam esse dano com milhões de exemplares que anualmente fornecem ao mercado das suas culturas ricamente instaladas. Apenas há a lamentar o desaparecimento de muitas espécies.²⁰⁴

No que tange à cultura de orchidáceas, as reflexões de Hoehne direcionavam a atenção do leitor para as funções exercidas pelo Brasil. Em outras palavras, detínhamos

²⁰² BARBOSA RODRIGUES, J. Mbaé kaá tapiyeta enoyndava ou a botânica e a nomenclatura indígena. *Apud.* HOEHNE, F. C. *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências*. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925, p.167-168.

²⁰³ Informações a respeito do habitat das plantas tornaram-se dados obrigatórios nas publicações em função dessas perdas. Lucien Linden escreveu no *Le Journal des Orchidées* sobre as espécies nativas da América do Sul “Há, obviamente, um enorme interesse para o produtor de orquídeas saber a posição exata e as várias circunstâncias nas quais os coletores descobriram estes tesouros da natureza”. Posteriormente, no *Les Orchidées Exotiques et leur culture en Europe* relacionou o desenvolvimento das culturas de orquídeas e seus bons resultados à observação das diferenças de clima. Para tanto utilizou como referência Cogniaux “le savant co-auteur de la Flora Brasiliensis. LINDEN, L. *Le Journal des Orchidées*. Guide pratique de culture, Bruxelles, année 2, n°25, mars, 1891, page 07; LINDEN, L. *Les Orchidées Exotiques et leur culture en Europe*. Bruxelles: l’Auteur, 1894, p. XI.

²⁰⁴ O texto se refere às experiências realizadas pelo jardineiro Joseph Cooper que criou um novo sistema de arejamento nas estufas. HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.47.

as espécies e permanecíamos em uma fase extrativista, ao invés de gerar produção e renda para o país. Ainda que o *Iconografia de Orchidáceas* tenha uma seção denominada “Indústria e Comércio”, um estudo de abrangência nacional sobre as *Orchidaceas* ainda esperava por ser feito:

O papel que as *Orchidaceas* representam na flora do Brasil, quando consideradas sob o aspecto puramente econômico, não tem sido e nem é, no presente momento compreendido. Jamais nos ocupamos também de sua exploração racional. Essas plantas têm sido daqui tiradas – como ficou exposto – por estrangeiros e nacionais, sem que o fisco e mesmo os possuidores das terras tivessem tomado nota ou intervindo para o obstar. Todavia, é incontestável que o seu valor é maior do que o das madeiras em muitas regiões. É enorme o seu apreço comercial e precioso, portanto, o papel que deveriam desempenhar na economia nacional.²⁰⁵

O comércio de orquídeas era tema debatido pelas sociedades orquidófilas com tratamento semelhante, reforçando a imagem de atraso da sociedade frente aos usos dos recursos naturais:

As orquídeas, que fazem parte do nosso tesouro de riquezas naturais, sofreram como tantos outros elementos valiosos, as devastações e as pilhagens dos aproveitadores. Houve, durante anos, um saque sistemático, e à proporção que cresciam as exigências do mercado mundial organizara-se um sistema perfeito de “caçadores” de orquídeas e intermediários, os exploradores. E o Brasil, mudo, como o Jeca Tatu, do conto simbólico de Monteiro Lobato, espiando e nada a clamar.²⁰⁶

Para Hoehne, a situação seria contornada dando visibilidade ao desenvolvimento científico e suas consequências para conservação das espécies, pois “onde as plantas são criadas de sementes, onde as florestas com isso não perdem sua riqueza em

²⁰⁵ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.50-51.

²⁰⁶ Notas sobre o comércio de orquídeas. *Orquidea*, vol.03, n.04, jun., 1941, p.180.

Orchidaceas, com as incessantes colheitas, o espetáculo assume aspecto diferente, torna-se alentador”.²⁰⁷

Para o botânico, aquele era o momento propício para que um processo de racionalização semelhante fosse adotado no país. A criação do orquidário e o crescente associativismo orquidófilo davam suporte para tal intento:

Em nosso país se tem verificado que, depois da criação do orquidário do Estado de São Paulo, surgiram muitos círculos, clubes e novos orquidários em diferentes localidades do Brasil. A orquidofilia é contagiosa, porque o belo e puro, que se evidenciam das flores dessas plantas, conquistam corações e despertam interesses.²⁰⁸

O orquidário, cartão de visita da instituição, cumpria um importante papel social ao propagandar a natureza brasílica e seu conseqüente patriotismo. De certo, também fundamentava os pedidos de verba para manutenção do serviço frente à administração do Estado. O número de visitantes aparecia detalhadamente nos relatórios. Em todos os anos que dispôs de transporte público o número de visitantes superou 30.000 pessoas.²⁰⁹

Ano	Número de carros	Número de pessoas
1931	2.031	9.619
1932	3.291	14.012
1933	3.760	17.119
1934	3.425	19.464
1935	4.274	23.961
1936	4.892	27.569
1937	4.009	23.055
1938	4.308	25.067
1939	4.662	23.450
1940	5.267	31.206

²⁰⁷ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.46.

²⁰⁸ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.46.

²⁰⁹ O transporte público para a instituição começou a operar em setembro de 1940. No final de 1942, a administração municipal não conseguiu renovar o serviço o que perdurou até o final de 1947. Com a normalização, em 1948, o número de visitantes superou novamente os 30.000. Os dados de 1931 até 1941 estão no relatório anual de 1942. Os demais, nos relatórios próprios de cada ano; *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.36-37.

1941	5.132	34.692
1942	2.422	27.240
1943	566	18.399
1944	784	14.756
1945	1.716	14.696
1946	2.595	15.380
1947	2.967	20.785
1948	4.053	32.473
1949	4.222	32.911
1951	4.407	39.822

Tabela 2: visitantes do Orquidário do Instituto de Botânica de São Paulo.
Fonte: Relatórios Anuais do Instituto de Botânica, 1942 a 1951.

Os relatórios citam os meses de floradas de orquídeas como os mais atrativos.²¹⁰

O entusiasmo que se verificava nesses períodos devia se alastrar e novos orquidófilos arregimentados, competindo às associações funcionar como centros irradiadores.

Ainda que Hoehne dê estatuto especial aos colecionadores agremiados também busca inserir outros tipos. Existiam aqueles que colecionavam e ocasionalmente negociam plantas e poderiam tornar-se úteis ao fomento da orquicultura. O botânico fora um orquidófilo dessa categoria e antes dos 30 anos de idade seu orquidário dava-lhe “alegria, campo de estudos e recursos”. Por fim, os orquicultores de indústria que por sua atividade faziam resistência aos tiradores.²¹¹

Não há dúvida sobre existência de colecionadores isolados e com interesse também científicos. Mas, a reciprocidade do aprender e ensinar qualificava orquidófilos associados e reunidos pela bandeira da ciência:

²¹⁰ Durante todo o ano o orquidário tinha exemplares floridos. Os meses mais visitados, outubro a dezembro, fevereiro a abril, correspondem às floradas dos gêneros: *Laelia*, *Cattleya*, *Miltonia* e *Oncidium*, ou seja, as de maior valor ornamental.

²¹¹ Entre os anos de 1931-1933, o Orquidário recebeu autorização da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio para vender alguns exemplares de orquídeas. Hoehne considerava vantajosa a autogestão, tanto para o público quanto aos projetos científicos e lamentou-se da interrupção nas vendas: “Se tivéssemos, tido autorização para continuarmos o desdobramento da coleção por esse mesmo processo, certamente teríamos podido manter o orquidário sempre em condições de ser admirado por todos e também em situação de poder fornecer material científico para a execução de trabalhos científicos de ordem sistemática, numa proporção maior do que forneceu sem a mesma permissão”. HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.144.

O homem medianamente inteligente percebe que, em qualquer distração, só existe valor real depois que ela deixa de ser mera exibição para tornar-se motivo para instrução e elevação da mente humana para o campo da pesquisa. Compreendendo essa finalidade, arregimentam-se os colecionadores, criam associações, clubes, círculos, etc., para, entre si, discutirem os programas de pesquisas e para, reciprocamente, prestarem contas daquilo que alcançam pelas suas observações e experiências. Une-os um duplo interesse: aprender e ensinar, e a tanto se reduz o verdadeiro escopo das associações científicas e filosóficas.²¹²

Segundo Hoehne, sua pretensão não era a de “doutrinar na matéria”. A iniciação na *Scientia Amabilis* não se fazia com excessos literários ou mesmo científicos, mas “transmitindo ideias, em estilo natural, sem artificialismos”. O primeiro preceito para o colecionador verdadeiro era o de alinhar-se à proteção das espécies:

Que se entusiasmem pela ideia e concorram para que sejam protegidas as selvas virgens ainda existentes, reservados os píncaros das altaneiras serras e campos naturais, em que maior número de *Orchidáceas* existem, para que sempre possam ter oportunidade para examiná-las, onde a natureza as colocou.²¹³

Uma característica que para nós vincula-se a essa recomendação seria a formação de orquidófilos dispostos ao trabalho de campo. Fazer a história dos gêneros e espécies, assim como da cultura de orchidáceas exigia protagonismo. Dessa forma, as críticas de Hoehne aos botânicos de gabinete ressoavam na definição de seu colecionador que, do mesmo modo, necessitavam conhecer as plantas em seu habitat. Ainda que estivesse ciente das novas práticas de investigação, suas abordagens são claramente marcadas pela História Natural.

O trabalho de campo seria traduzido por Hoehne como uma experiência de cunho técnico, mas também marcada pelo espírito de aventura, peripécias,

²¹² HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.16.

²¹³ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.06.

sociabilidades e improvisos. Tais características tornam-se compensadores diante da certeza de ter “visto, colhido, preparado e trazido os materiais que representam uma nova espécie”. A retribuição para o colecionador adepto do campo viria ainda em créditos, pois “tudo que acontecer com o nome por ele criado na orquidologia, fará acudir de novo os episódios assistidos e vividos há decênios idos”.²¹⁴

Os agradecimentos na nomenclatura botânica eram um expediente comum. Entretanto, tornam difícil para o historiador ultrapassar a visão de amadores apenas como fornecedores de informações. Hoehne obviamente apela para a vaidade dos orquidófilos ao dizer que teriam seus nomes inscritos na orquidologia, mas a propriedade estava muito além do indivíduo, era, antes de tudo, enriquecedora da ciência nacional.²¹⁵

A construção da identidade do colecionador verdadeiro revisa as próprias noções do colecionismo. Para Hoehne “verdadeiros colecionadores” se entregam a apenas a uma coisa. Oposto do antiquário, aquele que reúne, cataloga e estuda se notabilizaria por um ideal. Ao orquidófilo não competiria exibir o volume de uma coleção, mas “estudar a sua estrutura, o seu modo de vida, o colorido e o perfume das flores, a época de sua florescência, frutescência e como se propagam e garantem sua existência”.²¹⁶

Embora a noção de limite não pareça adequada à prática colecionista, Hoehne a emprega de forma central, ou seja, o colecionador verdadeiro restringe suas ambições. Mesmo entre aqueles que pautavam suas coleções pelo interesse científico, existia relutância em controlar e demarcar a atividade colecionadora. Em favor de seu preceito, destacava o mérito da especialização:

²¹⁴ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.47.

²¹⁵ Ver: SECORD, A. Artisan Botany. In: JARDINE, N.; SECORD, A.; SPARY, C. *Cultures of natural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.378-393.

²¹⁶ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.12.

A especialização é sempre o melhor caminho para alguém conseguir registrar o sucesso em qualquer empreendimento ou estudo. Ela se recomenda também aos orquicultores. Escolha-se, por exemplo, um grupo de gêneros entre si afins e tente-se obter todas as espécies que os representem. Criem-se para estas as condições ecológicas mais favoráveis ao seu desenvolvimento. Depois, inicie-se o cruzamento das espécies e aprimorem-se, paulatinamente, os processos de cultura de cada espécie, até chegar a resultados satisfatórios. De uma espécie poderá alguém constituir uma coleção de variedades, subvariedades, formas e subformas [...].²¹⁷

Exceder limites era facultado apenas às instituições públicas. Tais espaços, “constrangidos a tentar o impossível”, não devim ser tomados como modelo, pois estariam impelidos a saciar o povo com a exibição da diversidade. Grandes coleções nas mãos de particulares tendiam ao fracasso e podiam, ironicamente, justificar o ditado popular de que as Orchidaceas traziam azar.

Ainda argumentando sobre as limitações da atividade colecionista, Hoehne indica ao colecionador verdadeiro instruir-se pelos exercícios da observação e experiência. Durante o período de cultivo as plantas respondiam aos cuidados de seus donos e esses familiarizados com as suas necessidades eram impelidos a satisfazer necessidades que “os livros e tratados não lhe podem ministrar”.²¹⁸

O botânico expõe também argumentos baseados na religiosidade. Nesse sentido, existe um benefício moral na aprendizagem sobre as orquídeas e certo melindre com as teorias evolucionistas:

Ao incrêdo, que nega a existência de Deus e que não admite a força geradora que dele emana, as *Orchidaceas* apresentam problemas de difícil solução, porque o seu surgimento, diversidade de porte e aparato floral não podem ser explicados com teorias, zombam da

²¹⁷ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.17.

²¹⁸ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.13.

sabedoria humana, deitam por terra muitas arquiteturas filosóficas e científicas, quando se pretende reduzir tudo à epigenese²¹⁹ e às leis de adaptação.²²⁰

Em texto de 1940, Hoehne afirma que os trabalhos de Darwin sobre as Orchidaceas eram citados como base para suas teorias de descendência natural. Entretanto, o botânico não reputava grande originalidade, pois eram “nada mais do que uma ampliação das ideias expendidas por Sprengel, na sua obra *Das entdckte Geheimniss der Natur*”.²²¹

Não obstante as manifestações ambíguas a respeito da evolução, Hoehne coloca as excursões como os meios mais “positivos” para a produção de conhecimentos sobre a dispersão e adaptação das orchidáceas brasileiras. Afirma que “pretender tirar uma

²¹⁹ Teoria segundo a qual a constituição dos seres se inicia a partir da célula sem estrutura e se faz mediante sucessiva formação e adição de novas partes, que, previamente, não existem no ovo fecundado; epigênese. In: Novo Dicionário Aurélio versão digital.

²²⁰ Nessa mesma passagem Hoehne argumenta que o botânico de campo teria maiores habilidades para questionar a adaptação: “A ciência que interpreta os segmentos do perianto e suas diferentes formas como consequência da adaptação ao inseto que poliniza, encontra, na natureza, muitos argumentos para alicerçar essas teorias tão sedutoras e tão frequentemente repetidas. Mas ela não encontra, da parte daqueles que estão habituados a observar ‘in loco’, o apoio para as mesmas argumentações. Estes admiram muitas teorias belamente arquitetadas pelos que estão habituados a fazer ciência de gabinete ou de jardim, mas, por mais que o queiram, não conseguem descobrir sempre as provas do asseverado”. HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.51.

²²¹ Hoehne se refere ao botânico alemão Christian Konrad Sprengel (1750-1816) e à obra de Darwin *On the various contrivances by which British and foreign orchids are fertilised by insects*. London: John Murray, 1862. Essa passagem está numa biografia escrita para o livro “O Jardim Botânico de São Paulo”, onde se lê também: “Darwin nem sempre andou em terreno perfeitamente sólido e que se deixou arrastar, como outros naturalistas, a confusões e deduções precipitadas. Todas essas ideias ou teorias, embora perfeitamente documentadas e fáceis de serem demonstradas a cada momento pelo criador de plantas ou animais, porém, chegarmos à conclusão final de que a natureza se fez por si e age simplesmente norteadas pela vontade ou instinto dos indivíduos vivos. A lei de Mendel pode igualmente ser documentada facilmente e demonstra-nos que cada espécie tem os seus limites de variações preestabelecidos e que deles não pode sair, o que é perfeitamente de acordo com a ‘Bíblia’, que cada espécie vegetal e animal é dotada de energia própria para produzir sementes e multiplicar-se livremente e dentro dessa lei, cabem, lado a lado, as teorias darwinistas e mendelianas”. HOEHNE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941, p.53-54.

conclusão a respeito da riqueza orquidológica do nosso país sem ter coragem e tempo para realizar semelhantes excursões, seria estultícia”.²²²

A excursão mental proposta por Hoehne remonta às suas viagens entre 1895 a 1946. Deste modo, a narrativa não se reduz ao botânico, mas inclui seu passado de orquidófilo. Apesar de não obedecer a uma ordem cronológica, é possível notar que as impressões sobre a paisagem de Juiz de Fora e arredores foram realizadas em sua infância e adolescência:

[...] contemplando o artístico jardim de *Hippeastrum*, *Cyrtopodium*, *Aechmea*, *Vriesea*, *Corytholoma*, *Tibouchina*, *Vellozia*, *Barbacenia*, *Pelexia*, *Stenorrhynchus*, *Anthurium*, *Oncidium*, *Polypodium* e dezenas de outros gêneros de plantas, todas tipicamente rupícolas heliófilas e, todavia húmícolas. Os matizes dessas tão variadas flores constituíam para nós uma patela da mãe natureza, que se imprimiu na retina para remanescer indelével na retentiva depois de cinquenta e oito anos passados. O olor da *Maxilaria picta*, como aquele do *Epidendrum Widgrenii* e da *Encyclia odoratissima*, impressionou a nossa pituitária de tal modo que, até o presente, encontrando eventualmente essas plantas, a retentiva faz aflorar aqueles dias e aqueles cenários. Acreditamos que a natureza deve ter continuado a ser a mesma defensora desse jardim rupestre, mantendo-o inacessível.
223

Além de rememorar os primeiros encontros com as *Orchidaceas* e evidencia-los sensorialmente, percebemos, em outros trechos as influências que Hoehne teve das ideias românticas, sobretudo de Friedrich Schelling (1775-1854).²²⁴ A visão de totalidade parece-nos advir dessas leituras: “desejamos apresentar as *Orchidáceas* dentro do conjunto, parte do todo, para mostrar como nele se ajustam e como nele colaboram para torná-lo mais alegre e mais belo”. Vale destacar ainda que a produção

²²² HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.52.

²²³ *Cyrtopodium*, *Pelexia*, *Oncidium* e *Stenorrhynchus* são gêneros pertencentes à família *Orchidaceae*. *Maxilaria picta*, *Epidendrum Widgrenii*, *Encyclia odoratissima* espécies de orquídeas. O restante das plantas são popularmente chamadas de: Amarílis (*Hippeastrum*); Bromélias (*Aechmea*, *Vriesea*); Antúrios (*Anthurium*), Gloxínias (*Corytholoma* ou *Sinningia*), Quaresmeiras (*Tibouchina*), Samambaia (*Polypodium*) Canela de Ema (*Vellozia*, *Barbacenia*); HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.120.

²²⁴ Filósofo representante do Romantismo alemão.

de Hoehne será marcada pelo estudo da Fitogeografia, ramo das ciências geográficas que também acolheu os autores românticos.

A Fitogeografia nasceu do conhecimento proveniente das viagens dos séculos XVIII e XIX e permitiram estabelecer relações entre vegetação e sua distribuição geográfica. Alguns dos conceitos dessa área foram definidos no *Essai sur la Géographie des Plantes*²²⁵ de Alexander von Humboldt (1769-1859). Diferente dos botânicos tradicionais, Humboldt vai combinar a descoberta e classificação de novas espécies ao estudo da distribuição geográfica. As plantas não seriam mais vistas como espécies esparsas e isoladas, mas como “plantas sociais”, agrupadas em sociedades.²²⁶

No Brasil, os estudos de Fitogeografia tiveram como fundamento a *Flora Brasiliensis*. De acordo com Hoehne, o trabalho de Martius oferecia dados para analisar a extensão e localidade de algumas formações vegetais. Todavia, sua orientação mais descritiva e classificatória – a saber, florística – não indicava o aproveitamento dos fatores mesológicos.²²⁷

Desde a década de 1920 as publicações de Hoehne indicam a orientação da Fitogeografia.²²⁸ No 9º Congresso Brasileiro de Geografia, ele apresentou um trabalho

²²⁵ O *Essai sur la Géographie des Plantes* integra o primeiro volume da obra *Voyages aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*. Sua publicação teve início em 1804 e resultou das viagens de Alexander Humboldt e Aimé Bonpland pela América Espanhola. DELÉAGE, J. *História da Ecologia: uma ciência do homem e da natureza*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, p.41.

²²⁶ DELÉAGE, J. *História da Ecologia: uma ciência do homem e da natureza*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993, p.41.

²²⁷ A Florística é ramo da Fitogeografia que trata da “classificação da flora de um país, sua divisão em regiões botânicas e florísticas”; Mesológico vem de Mesologia, palavra utilizada como sinônimo de Ecologia; HOEHNE, F. C. A Fitofisionomia do nosso país. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, jun., 1951, p.38.

²²⁸ Não entraremos nessa discussão, mas nesse mesmo período o botânico Alberto Sampaio se dedicou a Fitogeografia. Em 1932 ministrou um curso no Museu Nacional que resultou na obra *Phytogeografia do Brasil*, publicado no Suplemento Ilustrado do *Correio da Manhã* em 1933; Sobre a confecção dos mapas fitogeográficos no Brasil; Ver: CAPANEMA, C. M. *A natureza no projeto de construção de um Brasil moderno e a obra de Alberto José Sampaio*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, UFMG.; HOEHNE, F. C. Campos do Jordão - seu clima e fitofisionomia. São Paulo, Museu Paulista, 1924; HOEHNE, F. C. Araucarilândia. Observações Gerais e Contribuições ao Estudo da Flora e Fitofisionomia do Brasil. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo; Diretoria de Publicidade, 1930; HOEHNE, F. C. Fitofisionomia do Estado de Mato Grosso e ligeiras notas a respeito da composição e distribuição da sua flora. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio/ Melhoramentos, 1923.

intitulado “O Mapa Fitofisionômico do Brasil”. Nesse estudo, o botânico dedica-se a um dos ramos da fitogeografia, a fitofisionomia²²⁹, a qual define como a “leitura da fisionomia do vegetal como aquela que o clínico realiza na expressão fisionômica do seu cliente”. Sua importância para a botânica definia-se da seguinte maneira:

A fitofisionomia, para o botânico atilado habituado a palmilhar os sertões e a dar atenção aos componentes da flora e suas características fisionômicas, se revela tão importante para a fitogeografia quanto a morfologia para a identificação e classificação das espécies. E ela lhe presta muitos esclarecimentos mesmo para a solução de problemas taxonômicos.²³⁰

Hoehne adota a terminologia do botânico Adolf Engler (1844-1930)²³¹ para as formações fitofisionômicas: halófilas, higrófilas, hidrófilas, subxerófilas e xerófilas.²³²

Aos colecionadores verdadeiros era aconselhado assumir tais critérios:

Alguém que resida em região rica de umidade atmosférica poderá especializar-se no estudo e colecionamento das *Orchidaceae* higrófilas. Outro que habitar uma região mais elevada e rochosa, poderá colecionar e estudar as plantas rupícolas alpinas. No litoral, poderá outro dedicar-se à reunião de todas as espécies halófitas, que crescem nas matas regadas pelos mangues e sopradas pelos ventos provindos do oceano. Assim, qualquer um deles poderá realizar

²²⁹ A Fitofisionomia é a “primeira impressão causada pela vegetação”, a Fitogeografia o estudo da distribuição geográfica das plantas e de sua relação com o meio. COUTINHO, L. M. O conceito de bioma. *Acta Botânica Brasilica*. 20(1): 13-23. 2006.

²³⁰ Segundo Pascal Acot a tradição fisionômica foi preponderante na Fitogeografia: “ela aparece com Humboldt, que, desde 1806, liga bem explicitamente as formas de crescimento (que representam unidades fisionômicas) com as diferentes paisagens vegetais”. ACOT, P. *Historia da Ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 65; HOEHNE, F. C. O Mapa Fitofisionômico do Brasil. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.75; Sobre os Congressos de Geografia ver: EVANGELISTA, H. A. Congressos Brasileiros de Geografia. *Revista Geo-paisagem*, ano 2, n.03, jan.jun., 2003.

²³¹ Adolf Engler (Heinrich Gustav Adolf Engler) foi o primeiro botânico a produzir um mapa completo mostrando a distribuição mundial da flora em grandes regiões florísticas distintas (*Syllabus der Pflanzenfamilien*, 1882). Antes dele, o botânico Alphonse de Candolle publicou um livro de 1400 páginas, *Géographie botanique raisonnée*, onde propõe leis para a distribuição das plantas em escala global. Ver: Cadernos Cb Virtual. João Pessoa: Ed. Universitária, 2011. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br>

²³² Halófitas: se desenvolvem sob a influência do cloreto de sódio e outros elementos marinhos; Higrófilas: aparecem nas encostas onde abundam a umidade atmosférica e correm paralelamente as precipitações pluviais; Hidrófilas: são aquelas que devem o seu fator principal às águas superficiais e do subsolo; Subxerófilas: surgem onde o terreno é mais permeável e onde as chuvas ficam limitadas a alguns meses do ano; Xerófilas: próximas as subxerófilas, mas com precipitações mais raras e permeabilidade do solo maior. HOEHNE, F. C. O Mapa Fitofisionômico do Brasil. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.78.

estudos diferentes, produzir coisas originais, sem precisar temer a intromissão de colegas no seu setor. Reunidas, depois de todas as observações e pesquisas, poder-se-á ter uma melhor ideia da natureza e das necessidades reais de cada espécie. Poder-se-á então construir estufas, nas quais se reproduzem exatamente as condições mesológicas requeridas pelas várias espécies.²³³

Mais uma vez Hoehne apontava a especialização como fundamento do colecionismo. Nesse sentido, a orientação geográfica indicava para coleções únicas, ou seja, com problemas particulares e que só poderiam ser respondidos pela análise daquela formação. É curioso notar ainda, que essa direção recai sobre a sociabilidade dos colecionadores que produzindo estudos originais se manteriam longe de disputas.

Já mencionamos que Hoehne desvia o objetivo de seu livro da ideia de um processo de doutrinação dos orquidófilos. Contudo existe uma clara disciplinarização para as condutas colecionistas. Forja-se uma medida entre o ato de disciplinar e a tradução dos interesses mútuos, ou seja, a constituição de coleções que poderiam ser ampliadas sem comprometer os espaços naturais:

Para que o povo e governos saibam onde mais abundam e onde mais devem ser defendidas as *Orchidaceas* pela manutenção das florestas, revelaremos, neste trabalho, onde e em que condições crescem. Essa revelação será feita num passeio mental, no qual percorreremos o Brasil, apontando ao leitor as espécies e gêneros que aparecem em cada região. Essa ideia poderá parecer desastrosa a algumas pessoas, visto existirem muitas que poderiam aproveitar-se das indicações e saquear as matas e serras desses preciosos tesouros. Nós confiamos, entretanto, nos orquidófilos verdadeiros e lhe indicamos os pontos para os quais devem convergir as suas vistas e atenções, para solicitarem, aos ali residentes, as providências necessárias à defesa dos ambientes naturais, para que eles e seus descendentes possam ter oportunidades para colherem espécimes onde espontaneamente se procriam e onde, também poderão admirar as sábias leis da natureza e tirar delas ensinamentos que mais os elevem como seres psicozóicos.

²³⁴

²³³ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.17.

²³⁴ HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009, p.06.

Dessa forma, a proposta do *Iconografia de Orchidáceas do Brasil* coaduna-se perfeitamente com o discurso do movimento orquidófilo que propalava a harmonização entre colecionismo de orquídeas e preservação da natureza. Esta justaposição de compromissos foi possível mediante um crescente associativismo amador que atribuía para si um papel também racionalizador da prática orquidófila.

Hoehne aponta inclusive traços comuns entre a observação do amador e o do profissional, a exemplo da passagem abaixo, onde a conduta para reconhecer os fatos científicos já se encontrava de forma latente no amador:

[...] a orquidofilia verdadeira não deve externar-se apenas na apreciação das plantas cujas flores promovem agradável pasto para os olhos. Como esporte, ela deverá ser cultivada para também proporcionar alimento ao intelecto, de modo a enriquecê-lo com conhecimentos da morfologia resultante dessa simbiose plantas com animais. As formas e as cores das diferentes flores, estudadas sob este ponto de vista, adquirirão outro significado para o orquidófilo. No subconsciente de todos os orquidólogos leigos existe já existe, aliás, um vislumbre do valor desses fatores. Se assim não fosse contentar-se-iam eles com polpudas *Dálias* e *Rosas*, que nos coloridos e nas dimensões levam vantagens a muitas *Orchidaceae*, mas não mais oferecem nada que mereça ser perscrutado.²³⁵

A obra de Hoehne idealizava um tipo de colecionador distinto, o colecionador verdadeiro, e, ao mesmo tempo, mantêm a integridade de seus interesses de cientista. Dessa forma as características que ele busca imprimir nesse orquidófilo permitiriam que seus mundos sociais se mantivessem paralelos ou se comunicassem. Deles, o botânico reclamava um crescente interesse científico pautado por conhecimentos específicos de determinadas regiões e materializados em atividades de campo e por coleções que representassem nosso “patrimônio orquidológico”.

²³⁵ HOEHNE, F. C. Algo de orquidologia para orquidófilos. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.109.

Todos os elementos da escrita de Hoehne são reiterados nesse colecionador: o colecionador verdadeiro é aquele que já teria passado pela reforma de hábitos, que aprecia as excursões, e reconhece documentos biológicos e, os tem como herança.

Na construção desse objeto de fronteira que é a obra *Iconografia de Orchidáceas do Brasil* um elemento abstrato não foi deixado à deriva, a afetividade que liga os colecionadores a suas coleções. E Hoehne, certamente, sabia da impossibilidade de edificar as orquídeas sem fazer alusão a sua beleza e estética. Afinal, como afirmado por Hoehne, nosso orquídeófilos e nosso povo não podiam permanecer na compreensão errônea de que a ciência é contrária ao sentimento estético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Privilegiamos nesse trabalho a fundação da SBO, a publicação da revista *Orquídea* e do *Iconografia de Orchidaceas do Brasil*, de Hoehne. Cada um desses momentos mostrou-nos possibilidades de análise sobre a relação amador e profissional nas décadas de 1930 e 1940, canalizadas na divulgação científica e no apelo ao nacionalismo.

Espaços compartilhados entre grupos potencialmente antagônicos como os que mostramos ao longo da tese são ricos como objeto de investigação. No nosso caso, demonstram que amadores também institucionalizam seus valores e projetos. A nova imagem que desejavam imprimir na sociedade determinava a probabilidade de sua própria existência, em um contexto onde a ciência se especializava cada vez mais.

Ademais, ao escrever uma história da orquidofilia no Brasil, os amadores acabaram por mostrar os paralelismos e tensões com a orquidologia. A construção de uma identidade e origem para o grupo, credenciava os profissionais brasileiros que estudaram as orquídeas e, ao mesmo tempo, os amadores e suas contribuições ao conhecimento. Nesse sentido, existia uma grande defesa da botânica nacional como nos casos de créditos negados ao conhecimento produzido por brasileiros, a exemplo de Barbosa Rodrigues. Embora os amadores se pronunciassem como grupo coeso, foi possível perceber a existência de diferenças em seu interior e a proximidade e trocas que cada um estabeleceu com os profissionais do período.

O diálogo entre os grupos, lido através da *Orquídea*, o *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* e artigos de divulgação, demonstraram que o denominador comum, ou seja, o estudo das orquídeas, era visto a partir de visões diversas sobre o

coleccionismo. Apesar disso, a flora orquídea foi declarada natureza a ser preservada, objetivo estratégico para ambos.

Os amadores tomam o conceitual da ciência para legitimar seu projeto, mas como vimos Hoehne traduz as perspectivas dos orquídeos a partir da construção de um colecionador verdadeiro e situa o lugar de onde podem falar. A autonomia, portanto, foi um componente essencial da relação amador e profissional. Mas em momentos em que novas espécies eram encontradas os interesses comuns se restabeleciam, ou seja, a autonomia era também oscilante. Portanto, entendemos que a análise do objeto de fronteira na botânica deve integrar uma perspectiva que una a retórica dos materiais produzidos à mutabilidade que as atividades de campo propiciam.

Tanto o associativismo quanto a posse da palavra impressa por parte dos amadores indicam uma poderosa forma de reconhecimento e até mesmo de poder, por direcionar nosso olhar para a orquídeofilia como se estivesse circunscrita à própria ideia de sociedade. Por conseguinte, uma outra parte dessa história está por ser contada, a dos arquivos pessoais de amadores e de como os não associados se relacionavam com o conhecimento instituído.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

Revistas *Orquídea*, *Rodriguesia*, *Orquidário* e *Boletim da SBO*.

“Orquídea” e a nova ortografia, *Orquídea*, vol.03, n.04, jun., 1941, p.156.
1939, p.36.

1ª Reunião Sul-Americana de Botânica. *Rodriguesia*, ano 04, n.12, set.dez., 1939, p.141-145.

ALMEIDA, W. Carlos Pinel, um orquideologista pouco conhecido. *Orquídea*, vol.06, n.01, set., 1943, p.33.

Barbosa Rodrigues. *Orquídea*, vol.13, n.04, jul.ago.,1951, p.123.

BRADE, A. C. Index Orchidacearum in Brasilia inter MDCCCCVI et MDCCCCXXXII explorata sunt. *Rodriguesia*, ano 01, n.02, 1935, p.11-76.

Carta da SBO aos assinantes da revista *Orquídea*, Acervo OrquidaRIO, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1972.

Centenário de Barbosa Rodrigues, *Orquídea*, vol.04, n.03, mar., 1942, p.123-125.

Círculo Paulista de Orquidófilos. *Orquídea*, vol.05, n.01, set., p. 40.

Como registrar um híbrido? *Boletim da SBO*, vol.01, n.01, fev., 1958, p.08-09.

Conquistemos novos amadores. *Orquídea*, vol.03, n.04, jun., 1941, p.147.

FAGUNDES, A. B. Germinação assimbiótica das sementes de orquídeas, *Orquídea*, vol. 01, n.03, mar., 1939, p.85-90.

Façamos hibridações. *Orquídea*, vol.03, n.02, dez., 1940, p. 51.

Fotografias de Orquídeas. *Orquídea*, vol.08, n.04, jun., 1946, p.123.

Fundada em Porto Alegre uma Sociedade de Orquidófilos. *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p.215.

GIOSO, C. J. V. Arte e Paixão em Orquidofilia. *Brasil Orquídeas*, ano 01, n.03, nov.dez., 2002, p.101-104.

GROTA, A. S. Saber ver. *Boletim da SBO*, vol.1, n.6, jul., 1958, p. 98-99.

HAGEN, H. Notas práticas sobre a cultura das Cattleyas. *Orquídea*, vol.02, n.01, set.,

HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasílica. *Orquídea*, vol.02, n.01, set., 1939, p.04.

- HOEHNE, F. C. As orquídeas do Brasil, seu valor e sábio aproveitamento, *Orquídea*, vol.02, n.04, jun., 1940, p.152-171.
- HOEHNE, F. C. *Barbosellae brasiliae australis novae varietates commutationesque in ipsius especierum nomenclatione.* *Orquídea*, vol.11, n.01, set.out., 1948, p.30-34.
- HOEHNE, F. C. Contribuição para o conhecimento da dispersão das Orchidaceas no Estado de São Paulo. *Orquídea*, vol.10, n.01, set., 1947, p.04-16.
- HOEHNE, F. C. Do valor das boas ilustrações para o conhecimento das nossas Orquídeas. *Orquídea*, vol.04, n.01, set., 1941, p.20-25.
- HOEHNE, F. C. Estudo monográfico do gênero “Theodorea Barb.Rdr” e sua relação com outros afins, do Brasil. *Orquídea*, vol.06, n.01, set., 1943, p.35-45.
- HOEHNE, F. C. Morfologia das orquídeas, sua importância e terminologia. *Orquídea*, vol.08, n.03, mar., 1946, p.94-111.
- HOEHNE, F. C. Novas espécies de Orchidaceas. *Orquídea*, vol.02, n.03, mar., 1940, p.108-120.
- HOEHNE, F. C. Novidades para as Orchidaceas de São Paulo e Paraná. *Orquídea*, vol.09, n.04, jun., 1947, p.147-155.
- HOEHNE, F. C. O Brasil e as Orchidaceas. *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.08-11.
- HOEHNE, F. C. Observações e ilustrações para duas espécies de *Pleurothallis*. *Orquídea*, vol.11, n.03, jan.fev., 1949, p.102.
- HOEHNE, F. C. Presente estado da subseção *Holochila* da secção *Aulizeum* do gênero *Epidendrum*, no Brasil. *Orquídea*, vol.11, n.02, nov.dez., 1948, p. 56-72.
- HOEHNE, F. C. Quatro novas espécies de Orquídeas do Brasil Austro-Oriental. *Orquídea*, vol.11, n.03, jan.fev., 1949, p.86-94.
- HOEHNE, F. C. Quatro orquídeas novas para a flora brasileira. *Orquídea*, vol.03, n.04, jun., 1941, p.173-178.
- HOEHNE, F. C. Reajustamento de algumas espécies de *Maxillaries* do Brasil com a criação de dois novos gêneros para elas. *Orquídea*, vol.11, n.01, set.out., 1948, p.14-29.
- HOEHNE, F. C. Revisão taxonômica e sistemática do gênero *Bifrenaria* Lindl. *Orquídea*, vol.07, n.04, jun., 1945, p.132-136.
- HOEHNE, F. C.; WILLIAMS, L. O. Uma nova espécie de *Phymatidium* do Brasil. *Orquídea*, vol.11, n.03, jan.fev., 1949, p.98- 99.
- LACLETTE, P. P. H. Abreviatura de auctores. *Rodriguesia*, ano 03, n.11, dez.mar., 1937, p.257-290.

LACLETTE, Paula Parreiras Horta Abreviatura de autores: adenda e corrigenda.v.4, n.12, set.dez., 1939, p.123-129,1939. (Nótulas botânicas)

Inquérito sobre as Orquídeas Brasileiras. *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.22.

KLEY, Urbano. *Cattleya Aquinii*. *Orquídea*, vol. 04, n.03, mar., 1942, p.120.

MACHADO, P. A. A cultura das sementes de orquídeas. *Orquídea*, vol. 04, n.02, dez., 1941, 84-87.

Mais um ano vencido. *Orquídea*, vol.03, n.01, set., 1940, p.03-04.

MENDONÇA, A. T. de. Luys de Mendonça e Silva. Biografia de um idealista, *Orquídea*, vol.31, n.01, jul.set., 1987.

MENDONÇA, L. de. Como se multiplicam as orquídeas, *Orquídea*, vol.1, n.01, set., 1938, p.27.

MENDONÇA, L. de. Sociedade Brasileira de Orchideas. Noticiário e atividades várias. *Rodriguesia*, ano 01, n.01, 1935, p. 93.

MENDONÇA, L. de. Sociedade Brasileira de Orchideas. Noticiário e atividades várias. *Rodriguesia*, ano 01, n.01, 1935, p.91.

MENDONÇA, L. de. Sociedade Brasileira de Orchideas. Noticiário e atividades várias. *Rodriguesia*, ano 01, n.01, 1935, p. 92.

NOVAES, M. S. de. Laelias do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.2, n.01, set., 1939, p.33-35.

NOVAES, M. S. de. Laelias do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.02, n.03, mar., 1940, p.121-123.

NOVAES, M. S. de. Orquideários Científicos. *Orquídea*, vol.09, n.01, set., 1946, 31-33.

NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.19-20.

NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.01, n.02, dez., 1938, p.60-63.

NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.01, n.03, mar., 1939, p.95-97.

NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.03, n.03, mar., 1941, 116-121.

NOVAES, M. S. de. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. *Orquídea*, vol.06, n.02, dez., 1943, p.52-54.

O Espírito Santo proíbe a exportação de orquídeas. *Orquídea*, vol.08, n.01, set., 1945, p. 32.

O novo diretor do Jardim Botânico (editorial). *Rodriguesia*, ano XIV, n. 26, dez., 1951, p. 03.05.

O papel dos orquidários. *Orquídea*, vol.02, n.02, dez., 1939, p.51.

Ofício do Interventor do Estado do Espírito Santo para a Associação de Orquidófilos de Santos, de 05 de junho de 1945. *Orquídea*, vol.08, n.01, set., 1945, p.33.

Orquicultura na Argentina. *Orquídea*, vol.11, n.05, mai.jun., 1949, p. 179-195.

Orquidários Regionais. *Orquídea*, vol.04, n.02, dez., 1941, p.51.

Orquídea e a SBO, *Orquídea*, vol.06, n.04, jun., 1944, p.165.

Orquídea, vol.01, n.01, set., 1938.

Orquídea, vol.01, n.02, dez., 1938.

Orquídea, vol.01, n.03, mar., 1939.

Orquídea, vol.01, n.04, jun., 1939.

Orquídea, vol.02, n.01, set., 1939.

Orquídea, vol.02, n.02, dez., 1939.

Orquídea, vol.02, n.03, mar., 1940.

Orquídea, vol.02, n.04, jun., 1940.

Orquídea, vol.03, n.01, set., 1940.

Orquídea, vol.03, n.02, dez., 1940.

Orquídea, vol.03, n.03, mar., 1941.

Orquídea, vol.03, n.04, jun., 1941.

Orquídea, vol.04, n.01, set., 1941.

Orquídea, vol.04, n.02, dez., 1941.

Orquídea, vol.04, n.03, mar., 1942.

Orquídea, vol.04, n.04, jun., 1942.

Orquídea, vol.05, n.01, set., 1942.

Orquídea, vol.05, n.02, dez., 1942.

Orquídea, vol.05, n.03, mar., 1943.

- Orquídea*, vol.04, n.04, jun., 1943.
- Orquídea*, vol.06, n.01, set., 1943.
- Orquídea*, vol.06, n.02, dez., 1943.
- Orquídea*, vol.06, n.03, mar., 1944.
- Orquídea*, vol.06, n.04, jun., 1944.
- Orquídea*, vol.07, n.01, set., 1944.
- Orquídea*, vol.07, n.02, dez., 1944.
- Orquídea*, vol.07, n.03, mar., 1945.
- Orquídea*, vol.07, n.04, jun., 1945.
- Orquídea*, vol.08, n.01, set., 1945.
- Orquídea*, vol.08, n.02, dez., 1945.
- Orquídea*, vol.08, n.03, mar., 1946.
- Orquídea*, vol.08, n.04, jun., 1946.
- Orquídea*, vol.09, n.01, set., 1946.
- Orquídea*, vol.09, n.02, dez., 1946.
- Orquídea*, vol.09, n.03, mar., 1947.
- Orquídea*, vol.09, n.04, jun., 1947.
- Orquídea*, vol.10, n.01, set., 1947.
- Orquídea*, vol.10, n.02, dez., 1947.
- Orquídea*, vol.10, n.03, mar., 1948.
- Orquídea*, vol.10, n.04, jun., 1948.
- Orquídea*, vol.11, n.01, set-out, 1948.
- Orquídea*, vol.11, n.02, nov.dez., 1948.
- Orquídea*, vol.11, n.03, jan.fev., 1949.
- Orquídea*, vol.11, n.04, mar.abr., 1949.
- Orquídea*, vol.11, n.05, mai.jun., 1949.
- Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949.
- Orquídea*, vol.29, n.05, set.out., 1967.

PABST, G. F. J. Barbosa Rodrigues e a sistemática em orquídeas, *Orquídea*, vol.06, n.03, mar., 1944, p.115-117.

PABST, G. Colhendo orquídeas no Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.12, n.04, jul.ago.,1950, p.138-142.

PABST, G. F. J. Index Generum et Speciarum Orchidacearum Brasiliensium inter MCMXXXII et MCML descripta sunt. *Orquídea*, vol.13, n.01, jan.fev., 1951, p.28.

PAES, L. E. *In memoriam* Leonam de Azeredo Penna. *Rodriguesia*, ano 32, n.52, 1980, p.05-09.

Perspectivas ilimitadas. *Orquídea*, vol.09, n.02, dez., 1946, p.43.

Protejam as nossas espécies. *Orquídea*, vol.10, n.03, mar., 1948, p.99.

Publicações. Flora Brasílica (Fasc. 1, Vol. XII, 1; 12 compl.). *Orquídea*, vol.03, n.02, dez., 1940, p.93-94.

Recomendações para o colecionamento de plantas para herbário. *Rodriguesia*, ano 01, n.03, 1935, p.63-68.

Regulando a exportação de orquídeas. *Rodriguesia*, ano 01, n.03, 1935, p.88.

Regulando o comércio de Orquídeas. *Orquídea*, vol. 04, n.02, dez., 1941.

Reinício de luta. *Orquídea*, vol.29, n.01, jan.fev., 1967, p.03.

Rodriguesia, ano 25, n.37, 1966. (número em homenagem a Fernando Romano Milanez).

SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas. *Orquídea*, vol. 1, n.04, jun., 1939, p.142-158.

SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas II. *Orquídea*, vol. 2, n.01, set., 1939, p.20-32.

SAMPAIO, A. J. Iniciação em Sistemática de Orchideas III. *Orquídea*, v.02, n.02, dez., 1939, p.54-62.

SCHARA, L. P. As sedes da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquidário*, vol.17, n.03, jul.set., 2003, p.105.

SCHLECHTER, R. A Flora Orquidácea do Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p.223-238.

SCHLECHTER, R. A Flora Orquidácea do Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.12, n.03, mai.jun., 1950, p.111-118.

SCHLECHTER, R. A Flora Orquidácea do Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.13, n.01, jan.fev., 1951, p.21-27.

SCHLECHTER, R. A Flora Orquidácea do Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.13, n.03, mai.jun., 1951, p.97-108.

SCHLECHTER, R. A Flora Orquidácea do Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.13, n.04, jul.ago., 1951, p.142-144.

SCHLECHTER, R. Contribuição ao conhecimento da flora orquidácea do Paraná, *Orchidaceae Hatschbachianae*. *Orquídea*, vol.07, n.02, dez., 1944, p.52-72.

SCHLECHTER, R. Contribuição ao conhecimento da flora orquidácea do Paraná *Orchidaceae Hatschbachianae*, *Orquídea*, vol.07, n.03, mar., 1945, p.92-106 e 120-124.

SILVA, W. A Coleção Varella. *Orquídea*, vol.11, n.03, jan.fev., 1949, p.114-117.

SILVEIRA, F. Lucta pela vida. *Rodriguesia*, ano 01, n.04, mar.jun., 1936, p. 21-23.

Sobre a exportação das nossas orquídeas. *Orquídea*, vol.01, n.01, set., 1938, p.25.

Sociedade Brasileira de Orquidófilos, *Orquídea*, vol.12, n.02, mar.abr., 1950, p.72.

Sociedade Brasileira de Orquidófilos (Diretoria). *Orquídea*, vol.12, n.02, mar.abr., 1950.

TEIXEIRA, E. Cattleyas Walkeriana, Nobilior e dolosa, *Orquídea*, vol. 08, n.01, set., 1945, p.10.

TEIXEIRA, E. Cattleyas Walkeriana, Nobilior e dolosa, *Orquídea*, vol. 08, n.01, set., 1945, p.05.

Uma caçada de orquídeas no Rio Grande do Sul. *Orquídea*, vol.11, n.06, jul.ago., 1949, p.204-208.

Um ideal fácil, *Orquídea*, vol.07, n.02, dez., 1944, p.51.

Um inquérito entre amadores. *Orquídea*, vol.03, n.03, mar., 1941, p.99.

URPIA, A. orquideário de Ondina e sua organização em Salvador – Bahia. *Orquídea*, vol.09, n.01, set., 1946, p. 23-29.

Relatórios Anuais Instituto de Botânica de São Paulo, Anexos das Memórias do Instituto de Butantan, publicações de F. C. Hoehne:

Aquisição de Mudas. *Relatório Anual do Departamento de Botânica de São Paulo*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1940, p.40.

BITTENCOURT, M.de T. (Relator). Serviço de Vendas e Permutas. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.25-27.

EFICEAGÁ, Vovô [Frederico Carlos Hoehne]. Coisas lá do fundo do mar, *Revista dos Amigos da Flora Brasílica*, Órgão da Sociedade dos Amigos da Flora Brasílica, ano 01, n.01, p.44-53.

Gabinete de Desenho. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.28.

HOEHNE, F. C. A Fitofisionomia do nosso país. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, jun., 1951, p.38-39.

HOEHNE, F. C. A função do Instituto de Botânica como órgão consultivo público. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.09-11.

HOEHNE, F. C. A função do Instituto de Botânica como órgão da administração pública e do progresso das Ciências Naturais no país. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.11-14.

HOEHNE, Da estilização das nossas *Orchidaceas* das selvas e campos – O que vem a ser o belo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., 1946, p.94-99.

HOEHNE, F. C. A visita do Conselho Florestal do Estado a Ubatuba. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p. 41-55.

HOEHNE, F. C. *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas dependências*. São Paulo: Editora Livraria Liberdade, 1925.

HOEHNE, F. C. *Álbum de Orchidáceas Brasileiras e o Orchidário do Estado de São Paulo*. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo/ Graphicars, 1930.

HOEHNE, F. C. Araucarilândia. Observações Gerais e Contribuições ao Estudo da Flora e Fitofisionomia do Brasil. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo; Diretoria de Publicidade, 1930.

HOEHNE, F. C. *As aventuras do Casaquinha verde*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1925. Vol.01. (Coleção Dramas e Aventuras da Natureza)

HOEHNE, F. C. As Orchidaceas do Jaraguá. Rebuscando os escombros da bela floresta. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10, abr., 1926, p.04.

HOEHNE, F. C. *As Plantas Ornamentais da Flora Brasílica e seu papel como fatores da salubridade pública, da estética urbana e artes decorativas nacionais*. São Paulo:

Diretoria de Publicidade Agrícola/Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1930. (Coleção de separatas do Boletim de Agricultura I).

HOEHNE, F. C. *Campos do Jordão - seu clima e fitofisionomia*. São Paulo: Museu Paulista, 1924.

HOEHNE, F. C. Como resolver o problema florestal do Brasil. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.92-100.

HOEHNE, F. C. Da utilidade e necessidade de bibliotecas especializadas no Brasil. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, dez., 1949, p.46-51.

HOEHNE, F. C. Dados Autobio-bibliográficos do Botânico F. C. Hoehne até 31/12/1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.63-156.

HOEHNE, F. C. Da estilização das nossas Orchidaceas das selvas e campos – O que vem a ser o belo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, novembro, 1946, p.94-99.

HOEHNE, F. C. Fitofisionomia do Estado de Mato Grosso e ligeiras notas a respeito da composição e distribuição da sua flora. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio/ Melhoramentos, 1923.

HOEHNE, F. C. *Iconografia de Orchidaceas do Brasil* (Gêneros e principais espécies em texto e pranchas) [1949]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2009.

HOEHNE, F. C. O Algo sobre a sistemática e a taxologia das orchidáceas do Brasil. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1944 p.143-149. (Seção: Palestras Botânicas).

HOEHNE, F. C. Algo de orquidologia para orquidófilos. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.105-119.

HOEHNE, F. C. O centenário do nascimento de João Barbosa Rodrigues. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1943, p.96-111.

HOEHNE, F. C. O duplo aspecto do problema florestal. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado de São Paulo*, São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.80-94.

HOEHNE, F. C. O estado atual do estudo das *Orchidaceas* brasileiras levado a efeito. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.52-53.

HOEHNE, F. C. O estado atual do Instituto de Botânica no concerto científico mundial. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1944, p.07-11.

HOEHNE, F. C. O estudo da Botânica. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.53-59.

HOEHNE, F. C. O Estudo da Flora Orquidológica no Brasil e o Instituto de Botânica. *Relatório Anual do Instituto de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1955, p.101-105;

HOEHNE, F. C. *O Jequitibá Rei*. São Paulo: Livraria Liberdade, 1930. Vol.02. (Coleção Dramas e Aventuras da Natureza)

HOEHNE, F. C. O Mapa Fitofisionômico do Brasil. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.72-79.

HOEHNE, F. C. O primeiro centenário do início da publicação da Flora Brasiliensis de Von Martius, *Revista dos Amigos da Flora Brasileira*, São Paulo: Romiti & Lanzara, janeiro, 1941, p.10-26.

HOEHNE, F. C. Propaganda, motivos. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1940, p.104.

HOEHNE, F. C. *Resenha Histórica para a comemoração do vigésimo aniversário da Seção de Botânica e Agronomia anexa ao Instituto de Botânica de São Paulo*. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola, 1937.

HOEHNE, F. C. Um pouco sobre a função do Instituto de Botânica na Secretaria da Agricultura. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, dez., 1949, p.06-25.

HOEHNE, F. C.; KUHLMAN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*. Precedido de Prólogo Histórico e Notas Bio-bibliográficas de Naturalistas Botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da Flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Departamento de Botânica, 1941.

HOEHNE, F. C. (Relator). Serviço de Publicações. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.21.

HOEHNE, F. C. (Relator). Um roseiral para o Jardim. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, novembro, 1946, p.48.

HOEHNE, F. C. As Orchidaceas não são parasitas. *Boletim de Agricultura*. Diretoria de Publicidade Agrícola: Secretaria de Agricultura de São Paulo, série 42^a, 1941, p.600-604.

Intróito Geral. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.05-06.

KUHLMANN, M. (Relator). Museu Botânico, Fito e Carpoteca. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1941, p.15.

KUHLMANN, M. (Relator). Situação do material de consulentes. *Relatório Anual do Departamento de Botânica do Estado*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1942, p.23-24.

SCHLECHTER, R; HOEHNE, F. C. Contribuições ao conhecimento das Orquidáceas do Brasil. *Anexos das Memórias do Instituto de Butantan*, Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc.II, 1921.

SCHLECHTER, R; HOEHNE, F. C. Contribuições ao conhecimento das Orquidáceas do Brasil. *Anexos das Memórias do Instituto de Butantan*. Seção de Botânica. São Paulo: Comp. Editora Melhoramentos, vol. I, Fasc. IV, 1922.

TOLEDO, J. F. de. *Guia do herborizador e preparador de fanerógamas (plantas de flores)* Destinado especialmente aos consulentes que se dirigirem ao estabelecimento supra para obtenção de classificações de materiais botânicos. São Paulo: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, 1942.

Trabalhos em andamento e no prelo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.29.

Trabalhos em andamento e no prelo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, mar., 1945, p.30-31.

Trabalhos em andamento e no prelo. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, nov., p.27.

Artigos jornal *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*:

HOEHNE, F. C. A árvore. Sua significação. Sua utilidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20, jul., 1937, p.01.

HOEHNE, F. C. A cultura das Orchidaceas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26, jun., 1930, p.04.

HOEHNE, F. C. A defesa das árvores. Os grandes laboratórios da natureza. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14, jul., 1937, p.11.

HOEHNE, F. C. A defesa do solo pátrio. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30, jun., 1943, p.05.

HOEHNE, F. C. A defesa natural da agricultura. O auxílio que nos presta a natureza. As pragas e seus inimigos naturais. O papel das florestas nativas e artificiais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 09, mai., 1929, p.12.

HOEHNE, F. C. A estilização da flora e fauna brasílicas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16, jul., 1933, p.03.

HOEHNE, F. C. A floresta do Jaraguá (Uma carta). *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28, out., 1925, p.02.

HOEHNE, F. C. A floresta do Jaraguá. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20, nov., 1925, p.05.

HOEHNE, F. C. A floresta do Jaraguá. Um grave erro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19, set., 1925, p.03.

HOEHNE, F. C. A forragem verde durante o inverno. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28, fev., 1924, p.08. (Assuntos Agrícolas)

HOEHNE, F. C. A importância das quineiras e a viabilidade da sua cultura no Brasil. *Correio Paulistano*, 30, mar., 1941, p. 24.

HOEHNE, F. C. A morte de um grande orchidólogo. O professor Dr. Rudolf Schlechter e o estudo das nossas orchidáceas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12, fev., 1926, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. A preservação das condições naturais das reservas florestais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16, jul., 1937, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. A Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica (Plano geral para a elaboração e publicação de uma obra ilustrada sobre a flora do Brasil, sob o título “Flora Brasileira”). *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25, outubro, 1938, p.04.

HOEHNE, F. C. A Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica (Plano geral para a elaboração e publicação de uma obra ilustrada sobre a flora do Brasil, sob o título “Flora Brasileira”) Conclusão. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26, out., 1938, p.03.

HOEHNE, F. C. Adubação Verde. O aproveitamento das ervas daninhas na agricultura. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24, fevereiro, 1929, p.11.

HOEHNE, F. C. Ainda o Morro do Jaraguá e o projetado Jardim Zoológico para São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11, set., 1926, p.03.

HOEHNE, F. C. Algo sobre Orchidaceas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 05, out., 1928, p.03.

HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasileira. *Correio Paulistano*, 24, ago., 1941, p.09.

HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasílica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25, jun., 1939, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasílica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17, mai., 1940, p.08.

HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasílica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24, abr., 1940, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Amigos da Flora Brasílica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14, jan., 1940, p.12.

HOEHNE, F. C. As florestas brasílicas e sua salvação para os posterios. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17, set., 1929, p.03.

HOEHNE, F. C. As joias vivas das nossas matas. As orchídeas da nossa flora – produção mais sublime e mais perfeita da natureza – vão ter um horto para evitar o seu desaparecimento – o que o governo está fazendo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24, mar., 1929, p.11.

HOEHNE, F. C. As Orchidaceas como última e mais patriótica moda para o Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14, mar., 1930, p.04.

HOEHNE, F. C. As Orchidaceas do Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26, jan., 1927, p.04.

HOEHNE, F. C. As Orchidaceas do Jaraguá. Rebuscando os escombros da bela floresta. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10, abr., 1926, p.04.

HOEHNE, F. C. As plantas enriquecem o terreno não o empobrecem. Botânica herética – Erros inveterados – A respiração dos vegetais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 09, abr., 1929, p.11.

HOEHNE, F. C. Centenário de Barbosa Rodrigues. *Correio Paulistano*, 23, jun., 1942, p.03.

HOEHNE, F. C. Classificação de Plantas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28, jan., 1933, p.07.

HOEHNE, F. C. Código Florestal do Estado de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26, set., 1936, p.10.

HOEHNE, F. C. Conselho Florestal do Estado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03, dez., 1935, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Conselho Florestal do Estado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 08, mai., 1940, p.08.

HOEHNE, F. C. Conselho Florestal do Estado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 05, jun., 1940, p.07.

HOEHNE, F. C. Conselho Florestal do Estado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 09, abri., 1940, p.06.

HOEHNE, F. C. Conselho Florestal do Estado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10, dez., 1941, p.11.

HOEHNE, F. C. Criar e manter estações biológicas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 05, nov., 1939, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Da magnificência da flora brasílica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17, dez., 1933, p.03.

HOEHNE, F. C. Dendroclastia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23, novembro, 1923, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Departamento de Botânica. Instruções para a colheita, preparo e remessa de material de plantas para a obtenção de dados ou classificações científicas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22, out., 1939, p.11.

HOEHNE, F. C. Devemos defender as florestas do Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29, jun., 1929, p.05.

HOEHNE, F. C. Dos danos causados pela erosão. *Correio Paulistano*, 08, set., 1940, p.18.

HOEHNE, F. C. Dos Jardins Botânicos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18, mar., 1942, p.08.

HOEHNE, F. C. Em defesa da flora indígena. O Jabaquara. Um reducto de mata que ainda poderá ser salvo da sanha destruidora dos dendroclastas II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15, fev., 1924, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Em defesa da natureza I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21, out., 1928, p.11.

HOEHNE, F. C. Em defesa das árvores. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22, mai., 1937, p.11.

HOEHNE, F. C. Em prol do reflorestamento. As florestas como fatores do clima e da estética. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11, set., 1929, p.10.

HOEHNE, F. C. Em prol do reflorestamento. As florestas como fatores do clima, necessidade da sua proteção. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 07, nov., 1937, p.11.

HOEHNE, F. C. Essências lenhosas indígenas e exóticas para a silvicultura nacional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21, abr., 1946, p.08.

HOEHNE, F. C. Essências lenhosas indígenas e exóticas para a silvicultura nacional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01, mai., 1946, p.07.

HOEHNE, F. C. Estudos e inventário da flora indígena (O Departamento de Botânica do Estado vai iniciar cursos práticos de Botânica). *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30, set., 1939, p.07.

HOEHNE, F. C. Flora Brasileira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04, out., 1936, p.09.

HOEHNE, F. C. Florestas virgens. A sua conservação como documentos biológicos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01, jun., 1937, p.11.

HOEHNE, F. C. O Dia das árvores e as florestas de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26, set., 1925, p.02.

HOEHNE, F. C. O duplo aspecto do problema florestal. *Correio Paulistano*, 01, mai., 1940, p.04.

HOEHNE, F. C. O ensino de biologia em nossas escolas I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19, ago., 1924, p.04.

HOEHNE, F. C. O ensino de biologia em nossas escolas II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20, ago., 1924, p.03.

HOEHNE, F. C. O Horto Botânico do Museu Paulista I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15, abr., 1924, p.04.

HOEHNE, F. C. O Horto Botânico do Museu Paulista II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16, abr., 1924, p.02.

HOEHNE, F. C. O Horto Botânico do Museu Paulista III. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18, abr., 1924, p.03.

HOEHNE, F. C. O Horto Botânico do Museu Paulista IV. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22, abr., 1924, p.03.

HOEHNE, F. C. O Horto Oswaldo Cruz, seu histórico, seus fins. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04, jan., 1924. Flora Brasileira, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. O Horto Oswaldo Cruz, seu histórico, seus fins. *O Estado de São Paulo*, 23, mar., 1924, p.04.

HOEHNE, F. C. O imperativo das revisões taxonômicas em botânica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 05, jul., 1945, p.05.

HOEHNE, F. C. O Jaraguá. Um quadro desolador. A destruição de um tesouro nacional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17, set., 1925, p.02.

HOEHNE, F. C. O Jardim Botânico – Esclarecimentos sobre seus fins e sua natureza, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18, mar., 1942, p.08.

HOEHNE, F. C. O Museu Paulista. A Estação Biológica do Alto da Serra, um verdadeiro tesouro da natureza brasílica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20, dez., 1923, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. O Museu Paulista. A Estação Biológica do Alto da Serra, um verdadeiro tesouro da natureza brasílica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20, dez., 1925, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. O mutualismo na natureza. A figueira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02, abr., 1924, p.04.

HOEHNE, F. C. O orchidario de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29, out., 1939, p.09.

HOEHNE, F. C. O orchidario do incipiente Jardim Botânico de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22, mar., 1936, p.03.

HOEHNE, F. C. O orchidario do incipiente Jardim Botânico de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12, mar., 1938, p.07.

HOEHNE, F. C. O problema do reflorestamento. Quais são as melhores madeiras do nosso país? *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20, dez., 1929, p.04.

HOEHNE, F. C. O tamanho das Orchidaceas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31, mar., 1939, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Proteção às florestas. Os Incêndios – Hábitos inveterados e funestos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04, set., 1929, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Proteção às matas. Ainda a Estação Biológica do Alto da Serra. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16, nov., 1923, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Reservas florestais. Sua conservação e fiscalização. A criação de Estações Biológicas e Florestas Nacionais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10, jul., 1937, p.15.

HOEHNE, F. C. Sociedade “Amigos da Flora Brasílica”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 06, set., 1939, p.07.

HOEHNE, F. C. Sociedade “Amigos da Flora Brasílica”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24, abr., 1940, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Sociedade dos “Amigos da Flora Brasílica”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14, jan., 1940, p.12.

HOEHNE, F. C. Um dicionário das plantas úteis do Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02, set., 1926, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Um monumento a Martius. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19, dez., 1934, p.03.

HOEHNE, F. C. Um problema importante. As reservas florestais e a entomologia aplicada no Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02, abr., 1926, p.04.

HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais I. As Excursões Botânicas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29, fev., 1924, p.02.

HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais II. A viagem. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01, mar., 1924, p.02.

HOEHNE, F. C. Uma excursão botânica às serras de Minas Gerais III. A Serra do Caraça. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02, mar., 1924, p.03.

HOEHNE, F. C. Uma orchidacea interessante. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24, jul., 1935, p.03.

HOEHNE, F. C. Uma preleção sobre a vida subterrânea dos vegetais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 08, out., 1939, p.[ilegível].

HOEHNE, F. C. Uma aula de botânica – As espécies de Catasetum. *Correio Paulistano*, 28, dez., 1941, p.19.

Cartas Acervo Maria Stella de Novaes, Arquivo Público do Estado do Espírito Santo:

Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 12 de janeiro 1944. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 27 de junho de 1945. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 28 de janeiro 1940. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 31 de julho 1950. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

Carta de F. C. Hoehne a Maria Stella de Novaes, datada de 18 de janeiro 1938. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

Carta de F. C. Hoehne para Maria Stella de Novaes, datada de 11 de dezembro 1941. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo).

Carta de Maria Stella de Novaes para F. C. Hoehne, datada de 20 de dezembro 1943. Acervo Maria Stella de Novaes. (Arquivo Público do Estado do Espírito Santo)

Outros periódicos:

A mais rica coleção de parasitas do Brasil está na Bahia – Quem é o Rei das Orchideas. *A Rua*, Rio de Janeiro, 12, mai., 1917, p.04.

A Província de Minas Gerais, Ouro Preto, ano VII, n.392, 21, out., 1886, p.02.

Como colecionar carrapatos para estudo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29, ago., 1937 (Suplemento Agrícola).

El cultivo de las Orquídeas por aficionados. *Boletín de la Sociedad Argentina de Horticultura*, Tomo XVI, n.110, abr.jun., 1958, p.65-68.

Exposição Nacional de 1908. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 06, set., 1908.

GIOSO, C. J. V. Arte e Paixão em Orquidofilia. *Brasil Orquídeas*, ano 01, n.03, nov.dez., 2002, p.101-104.

Instalou-se o Conselho Florestal do Estado do Rio, *Correio da Manhã*, 19, abr., 1939, p.06.

Monumentos Naturais e a Proteção à natureza. *Correio da Manhã*, 07, jan., 1934, p.09.

Orquídeas. *Boletín de la Sociedad Argentina de Horticultura*, Tomo IV, n.39, marzo,1946, p.82.

O ilustrador da elegância. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 24, fev., 1923.

OITICA, J. Chronica Literária. *A Rua*, Rio de Janeiro, 13, jul., 1916, p.[ilegível].

País das Orchídeas – Maravilhas da Flora Brasileira. *A noite* (suplemento), Rio de Janeiro, 22, mar., 1933, p. 25.

PRAZERES, O. A exportação de orquídeas, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12, mar., 1939, p.05.

PRAZERES, O. As orquídeas, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27, set., 1935, p.05.

SCHARA, L. P. As sedes da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. *Orquidário*, vol.17, n.03, jul.set., 2003, p.105.

SILVA, M. F.da. As flores das Orchideas. *A Rua*, Rio de Janeiro, 23, nov., 1915, p.04.

VIEIRA, L. Caça e Pesca. *Correio Paulistano*, 30, ago., 1941, p. 05.

Legislação (Diários Oficiais, decretos, leis)

Agricultura, Indústria e Comércio. Decretos de 02 de mai. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 04 de mai, 1940, p.01.

Agricultura, Indústria e Comércio. Decretos expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 20 jan. de 1942, p.03.

Agricultura, Indústria e Comércio. Decretos expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 15 de dez. de 1938, p.05.

Agricultura, Indústria e Comércio. Decretos expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 20 de jan. de 1942, p.03.

Agricultura, Indústria e Comércio. Ofícios expedidos, *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 18 de jan. de 1938, p.08.

Código Florestal do Estado de São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26, set., 1936, p.10.

Código Florestal Federal, Capítulo III – Da exploração das florestas, art.30.

Conselho Florestal do Estado de São Paulo. Regimento Interno. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Imprensa Oficial, quinta-feira, 21 de nov. 1935, p.05-06.

Decreto-lei nº 5.478, 12 de mai. de 1943 (Modifica o art.20 do Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, baixado com o decreto nº 24.114 de 12 de abr. de 1934).

Diário Oficial da União, Seção I, 11 de out., 1948, p.53.

Diário Oficial da União, Seção I, 15 de abr. de 1944, p.6702.

Diário Oficial da União, Seção II, 28 de dez., 1948, p.37.

Instituto de Biologia Vegetal (Expediente do Sr. Diretor). Diário Oficial da União, Seção I, dez., 1938, p.[illegível].

Ministério da Agricultura – Divisão de material – Cultura da Baunilha, Diário Oficial da União, Seção I, 30, jun., 1949, p.9468.

Regula a exportação de plantas ornamentais; Decreto nº 37.884, de 13 de set. de 1955.

Livros sobre orquídeas 1930-1950:

BLOSSFELD, H. *Nosso calendário orquidófilo*. São Paulo: Círculo Paulista de Orquidófilos, 1943.

DECKER, J. S. *Cultura das orquídeas no Brasil*. São Paulo: Diretoria de Publicidade

Agrícola, 1946.

DECKER, J. S. *Floricultura*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1946. (Biblioteca Criação e Lavoura, n.08),

DREYFUS, A. *Curso de Genética com aplicação à orquidologia*. São Paulo: Círculo Paulista de Orquidófilos, 1945.

FIGUEIREDO, E. R. de. *Plantas ornamentais de suspensão – Orquídeas, bromélias e plantas ornamentais pendentes*. São Paulo: Editora da Chácaras e Quintais, 1946. (Biblioteca Agrícola Popular Brasileira).

HOEHNE, F. C. *As orchidáceas como elemento para a arte decorativa indígena*. Rio de Janeiro: Serviço de Informações do Ministério da Agricultura, 1930.

HOEHNE, F. C. *Contribuição para o conhecimento de gênero *Catasetum* Rich. e especialmente o hermafroditismo e trimorfismo das suas flores*. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1933.

KRACKOWIZER, F. J. *Monografia da *Laelia Purpurata*, suas variedades e seus híbridos*. Círculo Paulista de Orquidófilos, 1950.

LEPAGE, H. S.; FIGUEIREDO, E. R. *As pragas de orquidáceas*. São Paulo: Círculo Paulista de Orquidófilos, 1947.

LUMSDEN, D. *Cultura de Orquídeas* (Folheto n.206). Ministério da Agricultura: Serviço de Informação Agrícola, 1942.

NOVAES, M. S. *Orquidários científicos*. Vitória: Imp. Mas of. Da Escola Técnica de Vitoria, 1950.

PENNA, L. de A. *Jardins*. Pequenos jardins, jardins em terraços, Plantas em vasos e jardineiras. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1943.

RIBAS, A. de L. *Orquídeas Catarinenses*. Florianópolis: DEE/SC, 1945.

Schlick & Nogueira. *Catálogo Geral da Casa Flora*. Casa Flora, 1943.

SEIDEL, A. *Como cultivar orquídeas*. São Paulo: Ed. Chácaras e Quintais, 1949.

URPIA, H. *Dicionário Etimológico das Orquídeas*. Bahia: S.A. Artes Gráficas, 1949.

Sites de sociedades orquidófilas, jardinagem e revistas congêneres:

Agremiação de Amadores de Orquídeas de Joinville, hoje Agremiação Joinvillense de <http://www.ajao.com.br/>

American Orchid Society: www.aos.org

Asociación Argentina de Rosicultura: <http://www.rosicultura.org.ar/>

Australian Orchid Review: www.australianorchidreview.com.au

Círculo de Orquidófilos de Blumenau: <http://www.cob-blu.com.br/>

Círculo Gaúcho de Orquidófilos: <http://www.orquideas-cgo.com.br/sobre.php>

Círculo Paulista de Orquidófilos: <http://www.cpo.org.br/>

Cymbidium Society of America: www.cymbidium.org

Der Botanische Garten Berlin-Dahlem: <http://www.bgbm.org/BGBM/garden/default.htm>

Deutsche Orchideen-Gesellschaft: www.orchidee.de

Honolulu Orchid Society: www.honoluluorchidsociety.org

Importância histórica do Herbarium Bradeanum Disponível em: <http://herbariumbradeanum.com>, Acesso em: 05 abr. 2011.

Instituto Kautsky: <http://www.institutokautsky.org.br/>

International Association for Plant Taxonomy: http://www.iapt-taxon.org/index_layer.php

Orchid Circle of Ceylon: <http://www.nation.lk/2007/08/19/eyefea1.htm>

Orchid Society of South East Asia: www.ossea.org.sg

Royal Horticultural Society: <http://www.rhs.org.uk/About-Us/Who-we-are/History>

Sociedad Argentina de Horticultura: <http://www.horticulturargentina.org/>

Sociedade Bandeirante de Orquídeas: <http://sborquidea.wordpress.com/>

Sociedade Orquidófila de Belo Horizonte: <http://www.sociedadeorquidofila.org/index.php/>

Société Botanique du Centre-Ouest: <http://www.sbco.fr/>

The Orchid Review: <http://www.rhs.org.uk/Plants/RHS-Publications/Journals/The-Orchid-Review>

Referências Bibliográficas:

ABREU, A. de & BELOCH, I. (coords.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária: FGV/CPDOC: FINEP, 1984, v.03.

ABREU, J. L. N. *Nos Domínios do Corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

ACOT, P. *Historia da Ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

Adhemar de Barros. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/ademar_de_barros, Acessado em: 20 de novembro de 2012.

AITON, W. *Hortus Kewensis* or A catalogue of the plants cultivated in the Royal Botanic Garden at Kew. London: Printed for George Nicol, Bookseller to his Majesty, 1789. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/23432#page/1/mode/1up>. Acesso em: 30 abri. 2012.

ALBANO, V. *Publicação eletrônica* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por valeriamara@gmail.com em 04 de abril de 2011.

Alberto Whately – Sociedade Rural Brasileira. <http://www.srb.org.br/modules/news/article.php?storyid=3175>

Alfred Cogniaux. Disponível em: <http://www.br.fgov.be/PUBLIC/GENERAL/HISTORY/cogniaux.php>, Acesso em: 08 abr. 2011.

ALVES, J. de A. As ciências na Academia e as expectativas de progresso e modernização: Brasil – 1916-1929. In: DANTE, M. A. M.(org). *Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001, p.184-202.

ARAGÃO, S. de. Jardim e Cultura. *História e Perspectivas*, n.41, jan.dez., 2009, p. 187-207.

ARDITTI, J. Some recent books by amateurs. *Taxon*, vol.44, n.01, Feb., 1995, p.133-139.

BARBIERI, R. L; STUMPF, E. R. T. Origem, evolução e história das rosas cultivadas. *Revista Brasileira de Agrociência*, vol.11, n.03, jul.set., 2005, p.267-271.

BARBOSA RODRIGUES, J. Breves instruções práticas para remessa de coleções ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1891.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Genera et Espécies Orchidearum Novarum I*. Rio de Janeiro: C. et H. Fleiuss, 1877.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Genera et Espécies Orchidearum Novarum II* Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1882.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Mbaé kaá tapiyeta enoyndava ou a botânica e a nomenclatura indígena*. A Botânica: nomenclatura Indígena e Seringueiras. [1905] [Ed. fac-similar], Rio de Janeiro: IBAMA/Jardim Botânico Rio de Janeiro, 1992.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro I*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1891.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro II*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1893.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro III*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1893.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro V*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1896.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro VI*. (Descritas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues, diretor do mesmo jardim). Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger & Filhos, 1898.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Structure des orchidées – Notes d'une étude*. Rio de Janeiro: Typographie Nationale, 1883.

BARRETO, L. R. de A. A coleção de negativos de vidro do Instituto de Botânica. Uma contribuição para a Historiografia da pesquisa científica no Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Botânica/Centro de Comunicações Técnico-Científicas/ Núcleo de Ilustração e Divulgação/Setor de Documentação Iconográfica, janeiro, 2012.

BARROS, F. de. Augusto Gehrt (fdebarros@usp.br). Mensagem recebida por valeriamara@gmail.com em 08 de março de 2012.

BARROS, F. de. Novas combinações, novas ocorrências e notas sobre espécies pouco conhecidas para as orquídeas do Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, vol.08, n.01, 1994, p. 11-17.

BARROS, F. de. Taxonomia. (fdebarros@usp.br). Mensagem recebida por valeriamara@gmail.com em 09 de julho de 2011.

BAUDRILLARD, J. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BEDIAGA, B. Os primeiros anos da *Rodriguesia* – 1935-1938: Em busca de uma nova comunicação científica. *Rodriguesia*, 56 (87): 2005, p.01.

BEINART, W; MIDLETON, K. Transferências de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão. *Topoi*, v.10, n.19, jul.dez., 2009, p.164.

BERGMAN, E. Notice sur L'orchidophile, Traité théorique et pratique de la culture des orchidées, ouvrage de M. Le Comte François du Buysson. *Journal de la Société centrale d'Horticulture de France*, Paris: Tomo II, 1880, p.109-113.

BICALHO, H. D. Considerações a respeito da coleção viva da Escola de Agronomia de Piracicaba e seu valor cultural. *Anais da Sociedade de Botânica do Brasil*, XXIII Congresso Nacional de Botânica, Belo Horizonte, jan., 1977, p.185-195.

BICALHO, H. D; OLIVEIRA, A.; TOLEDO, Y.; *Métodos auxiliares de documentação botânica para o estudo das orquídeas*. Piracicaba/SP: Departamento de Genética da ESALQ/USP, 1978, p.45-52. [Relatório]

Biographies. *Lankesteriana* 10 (2-3), Dec., 2010, p.183-206.

BITTENCOURT, M. de T. Início geral – Apresentação do Relatório Anual de 1950. *Relatório Anual do Instituto de Botânica*, São Paulo, Secretaria da Agricultura, set., 1951, p.05.

BLOSSFELD, H. *Orquídeas e bromélias*. Série Floricultura Brasileira n.02, Epífitas. São Paulo: Editora Chácaras e Quintais, 1964.

BLUTEAU, R. Vocabulário Portuguez e Latino. Coimbra: Casa Impressora Colégio das Artes da Companhia de Jesus, vol.01, 1728.

BORBA, E. L. *Publicação eletrônica* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por valeriamara@gmail.com em 25 de março de 2011.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOYD, P. D. A. Pteridomania - the Victorian passion for ferns. Disponível em: <http://www.peterboyd.com/pteridomania.htm>, Acesso em: 02 mai. 2012.

BOYD, P. D. A. Ferns and Pteridomania in Victorian Scotland. Disponível em: <http://www.peterboyd.com/pteridomania2.htm>, Acesso em: 02 mai. 2012.

BRIGOLA, J. C. *Coleccionismo no século XVIII*. Textos e documentos. Porto: Porto Editora, 2009.

BULPITT, C. J. The uses and misuse of orchids in medicine. *QJ Medicine*, vol.98, issue 09, Sept., 2005, p.625-631.

CAIADO, B. C. *A Informação Agrícola na Época de Getúlio Vargas: O Serviço de Informação Agrícola*. 1995. 137 f. (Biblioteconomia e Documentação). Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

CALDAS AULETE, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964. 5ª edição, 1º vol. [2ª edição brasileira]

CALDAS AULETE, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964. 5ª edição, 4º vol. [2ª edição brasileira]

CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.21, 1998/1, p.43-58.

CAPANEMA, C. M. *A natureza no projeto de construção de um Brasil moderno e a obra de Alberto José Sampaio*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, UFMG.

CASAZZA, I. F. Ciência e proteção à natureza: a trajetória do botânico Paulo Campos Porto (1914-1939). Disponível em: http://www.sbh.org.br/resources/anais/10/1345065388_ARQUIVO_Textosbh2012.pdf, Acesso em: 10 jan. 2013.

CASTLE, L. *Orchids: their Structure, History & Culture*. London: Journal of Horticulture Office, 1886.

Cattleya Dusseldorfei Aquinii. *The Orchid Review*, London: Orchid Review Ltd, Jan., 1922, p.202-203.

Cattleya Intermedia Var. *Aquinii*. *The Gardeners' Chronicle*, vol. XXVII, third series, Feb., 1900, p.92.

CHAURÉ, L. *Le moniteur d'horticulture*. Organe des amateurs de jardins et d'orchidées. Paris: 1902.

CHEANG, K. C, ALPHONSO, A.G. Holtum's contribution to horticulture in the Malaysia-Singapore region. *The Gardens' Bulletin Singapore*, vol.30, Oct., 1977, p.09-12.

Chronique Orchidéene, vol. II, n.09, oct., 1906, p.65.

CID, M. R. L; WAIZBORT, R. Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional. *Filosofia e História da Biologia*, v.01, p.215-227, 2006.

Colonização alemã em Juiz de Fora. Disponível em: http://espeschit.com.br/historia/juiz_de_fora/, Acesso em: 15 jun.2012.

COUTINHO, L. M. O conceito de bioma. *Acta Botânica Brasilica*. 20(1): 13-23. 2006.
D'AGOSTINI, S.; VITIELLO, N.; HOJO, H.; BILYNSKYL, M.C. de V.;

Dahlias from L'illustration Horticole. Disponível em: <http://www.georgeglazer.com/prints/nathist/botanical/hort/hort-mums.html>, Acesso: 13 mai.2012.

DEAN, W. A conservação das florestas no sudeste do Brasil, 1900-1955. *Revista de Historia*, n.133, 2º semestre de 1995, p.103-116.

DEAN, W. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DONALD, J. Ward's cases. *Journal of the Horticultural Society of London*, London: Published for The Society; by Longman and Co.; Paternoster Row, ad by all booksellers, vol.01, 1846, p.240.

DOSSANTOS, N. P. Privilégios Industriais no Brasil e a Química: O Formicida Capanema. Anais Eletrônicos do 10º Seminário nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Belo Horizonte, 2005.

DOURADO, G. O. M. *Belle Époque dos Jardins. Da França ao Brasil do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

DUARTE, R. H. *A Biologia Militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DUARTE, R. H. Biologia e sociedade no Brasil dos anos 1930: práticas de escrita e divulgação científica em Cândido de Mello Leitão. In: FIGUEIREDO, B. G.; CONDE, M. L. L. *Ciência, História e Teoria*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 13-40.

DUARTE, R. H. Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *História, Ciências, Saúde . Manguinhos*, vol. 11(1):33-56, jan.-abr. 2004, p.33-53.

DUPRE, L. MICOUD, A. Savoirs publics sur la nature et politiques publiques de l'environnement: role et place des naturalistes amateurs et des professionnels. Disponível em: http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/17/25/72/PDF/Extraits_sciences_citoyennes.pdf, Acesso em: 11 mai. 2011.

ELLIOTT, B. The age of international competition. *Occasional Papers from the Lindley Library*, vol.02, 2010, p.34-37.

ELLIOTT, B. The cultural heritage collections of the RHS Lindley Library. *Occasional Papers from the Lindley Library*, vol.01, 2009.

ELLIOTT, B. The Royal Horticultural Society and its orchids: a social history. *Occasional Papers from the Lindley Library*, vol.02, 2010, p.03-53.

ELSNER, J; CARDINAL, R. *The cultures of collecting*. London: Reaktion Books, 1994.

EVANGELISTA, H. A. Congressos Brasileiros de Geografia. *Revista Geo-paisagem*, ano 02, n.03, jan.jun., 2003.

FERREIRA, A. G. *Dicionário Latim-Português*. Porto: Porto Ed.; Lisboa: L. Fluminense, [19--]

FERREIRA, O. da C. *Imagem e Letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FERREIRA, V. B. L. Granbery: um colégio americano no Brasil. A prática do modelo americano de ensino em Juiz de Fora (1889 – 1930). 2010. 129f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFJF.

FERRI, M.G; MOTOYAMA, S. *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979-1980.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs). *Museus – dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

FIGUEIROA, S. F. de M. *As Ciências Geológicas no Brasil: uma história social e institucional 1875-1934*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

FIGUEIROA, S. F. de M. Ciência e Tecnologia no Brasil Imperial: Guilherme Schüch, Barão de Capanema (1824-1908). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 21, n.34, jul., 2005 p.437-455.

FRANCO, J. L. de A.; DRUMMOND, J. A. Alberto José Sampaio – Um botânico brasileiro e o seu programa de proteção à natureza. *Varia História*. vol.21, n.33, Belo Horizonte, 2005, p.129-159.

FRANCO, J. L. de F.; DRUMMOND, J. A. Frederico Carlos Hoehne: a atualidade de um pioneiro no campo da proteção à natureza no Brasil. *Ambiente & Sociedade*, vol. 08, n.1, jun., 2005, p.01-26.

FRANCO, J. L. de F; DRUMMOND, J.A Frederico Carlos Hoehne: viagens e orquídeas. *História Revista*, Goiânia, v.12, n.02, jul.dez., 2007, p.317-351.

FREITAS, M. V de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

GITAHY, M. L. C.: Adaptando e inovando: o Laboratório de Ensaio de Materiais da Escola Politécnica e a tecnologia do concreto em São Paulo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.VII(3), 675-690, nov.2000, fev.2001.

GOMES, A. de C. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: HEIZER, A.; VIDEIRA, A. A.P. *Ciência, civilização e República nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010, p. 11-29.

GUBERMAN, M. C. Jean Baptiste Binot, um artista francês nos trópicos. *19 & 20*, Rio de Janeiro, v. V, n. 1, jan. 2010. Disponível em: [http:// www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_jbbinot.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_jbbinot.htm), Acesso em: 25 jun. 2012.

HEIZER, A. João Geraldo Kuhlmann e Comissão de Defesa da Borracha de 1912. In: HEIZER, A.; VIDEIRA, A. A. P. (orgs). *Ciência, civilização e república nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X:Faperj, 2010, 209-225.

HEIZER, A. O Jardim Botânico de Barbosa Rodrigues na Exposição Nacional de 1908. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, ano IV, vol.04, n.03, jul.ago.set., 2007, p.01-16.

HERINGER, E. P. Orquídeas de Minas Gerais, Brasil – 1ª Série. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. v.17, 1959-1961p.107-124.

HERIZ-SMITH, S. James Veitch & Sons of Exeter and Chelsea, 1853-1870. *Garden History*, vol.17, n.02 (Autumn, 1989), pp.135-153.

HERIZ-SMITH, S. James Veitch & Sons, Chelsea: Harry Veitch's Reign, 1870-1890. *Garden History*, vol.20. n.01. (Spring, 1992), pp.57-70.

JENNY, R. The Botanical Cabinet. *Lankesteriana*, 8(2), Aug., 2008, p.43-52.

JOHSON, N.C. Cultivating science and planting beauty: the spaces of display in Cambridge's botanical gardens. *Interdisciplinary Science Reviews*, vol.31, n.01, 2006, p.42-57.

JUNGMANN, M. B., CHOR MAIO, M. Ciência, positivismo e agricultura: uma análise do Ministério da Agricultura, indústria e comércio na Primeira República. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol.27, n.46, jul.dez., 2011, 689-709.

KENNEY, E. B. *Amateur Scientists in Nineteenth Century America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992.

KNUDSON, L. La germinación no simbiótica de las semillas de orquídeas. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales, tomo XXI, 1921, p. 250-260.

KOHLER, R. E. *All creatures*. Naturalists, collectors and biodiversity, 1850-1950. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2006.

KOHLER, R. E. *Landscapes and Labscapes*. Exploring the Lab-field Border in Biology. Chicago: The University of Chicago Press, 2002, p. 194.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC Rio, 2006.

KURY, L. B; CAMENIETZKI, C. Z. Ordem e Natureza: Coleções e cultura científica na Europa moderna. *Anais do Museu Histórico Nacional*, n.29, p.57-85.

LANKFORD, John. Amateurs and Astrophysics: A Neglected Aspect in the Development of a Scientific Specialty. *Social Studies of Science*, Aug., vol.11. n.03, 1981, p.275-303.

LEITE, J. L. Cartas entre Maria Stella de Novaes e Câmara Cascudo: a construção de um pensamento acerca do folclore e da educação. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0439.pdf>, Acesso em: 20 ago. 2012.

LEITE, J. L. Natureza, folclore e História: a obra de Maria Stella de Novaes e a historiografia espírito-santense no século XX. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.

L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs. Bruxelles: A. Mertens, Tome I, 1833.

L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs. Bruxelles: V. Ad. Stapleaux Imprimier Libraire, Tome II, 1834.

L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs. Bruxelles: V. Ad. Stapleaux Imprimier Libraire, Tome III, 1836.

L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs. Bruxelles: Société Encyclographique, Tome IV, 1837.

L'horticulteur belge journal des jardiniers et amateurs. Bruxelles: Bruxelles: Société Encyclographique, Tome V, 1838.

LIMA, H.; BARROSO, G. (Supervisionada e aumentada por Aurélio Buarque de Holanda e José Baptista da Luz). *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968;

LINDEN, L. *Le Journal des Orchidées*. Guide pratique de culture. Bruxelles, année 2, n°25, mars., 1891, p.07.

LINDEN, L. *Les Orchidées Exotiques et leur culture en Europe*. Bruxelles, 1894, p. XI.

LINDLEY, J. *Folia Orchidaceae* – An enumeration of the known species of orchids. London: Published for the autor, by J. Matthews, vol.01, 1852-1855. (Pinelia, feb.19., 1953).

LINDLEY, J. Upon the cultivation of epiphytes of the Orchistribe. *Transactions of the Horticultural Society*, 2(1): 1831, p.42–50.

LÖFGREN, A. Novos subsídios para a flora Orquidácea do Brasil. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.02, 1917. p.47-62.

LÖFGREN, Johan Albert Constantin. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/lofgalb.htm#dados>, Acesso em: 30 jun.2012.

LOPES, M. M. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n.41, 2001, p.55-76.

LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: Ed. UnB, 2009.

LOPES, M. M.; FIGUEIRÔA, S. F. de M. A criação do Museu Paulista na correspondência de Hermann von Ihering (1850- 1930). *Anais do Museu Paulista*, vol.10-11, n.01, São Paulo, 2003, p.23-35.

Louis van Houtte (1810-1876). Disponível em: <http://www.plantexplorers.com/articles/louis-vanhoutte.htm>, Acesso em: 25 jun.2012.

MASSARANI, L. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20. Dissertação (Mestrado) - IBCT-ECO/UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. A divulgação científica no Rio de Janeiro na década de 1920. In: HEIZER, A.; VIDEIRA, A. A.P. *Ciência, civilização e República nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010, p. 115-135.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. Miguel Ozorio de Almeida e a vulgarização do saber. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 2, p. 501-513.
MATAGNE, P. Les mutations de la curiosité et la professionnalisation de la science: le cas de la Société Botanique des Deux-Sèvres (1888-1915). *Bulletin de la Société Botanique du Centre-Ouest*. Tome 23, 1992, p.03-12.

MATAGNE, P. Les sciences citoyennes. Vigilance collective et rapport entre profane et scientifique dans les sciences naturalistes. *Natures Sciences Sociétés* 14, 2006.

MAYR, E. O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança. Brasília: Editora da UNB, 1998.

MILLICAN, A. *Travels and adventures of na orchid hunter*. London: Cassel & Company, Limited, 1891.

MOORE, K. Organizing Integrity: American Science and the Creation of Public Interest Organizations (1955-1975), *American Journal of Sociology*, vol.101, n.06 (May, 1996), p.1592-1627.

MOTA, A. Higienizando a raça pelas mãos da educação ruralista: o caso do Grupo Escolar Rural do Butantan em 1930. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.14, n.32, p.09-22, jan.mar., 2010.

NEIVA, Arthur. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc>, Acessado em 20 de novembro de 2012.

NETO, J. R. A. S. Melhoria da Videira, *Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Estado de São Paulo*, Campinas, vol.14, n.23, nov., 1955.

NOMURA, H. *Vultos da Botânica Brasileira*. Parte II (naturalistas). Coleção Mossoroense: Série C, vol.774, 1992, p.115-118.

NOVAES, M. E. de. *A Mulher na História do Espírito Santo*. Vitória: EDUFES: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo: Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

Orchids and orchid hunters. An interview with Mr.Frederick. *Otago Witness*, Issue 2002, 14 May.1896, p.49. Disponível em: <http://paperspast.natlib.govt.nz/cgi-bin/paperspast?a=d&d=OW18960514.2.240.3&e=-----10--1----2-->, Acesso em: 10 abr.2012.

Os diretores do Museu Nacional/UFRJ. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/MuseuNacional/Principal/DIRETORES.pdf>, acesso em: 15 de junho de 2012.

PABST, G. F. J; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.1. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 1975. (Edição bilíngue)

PABST, G. F. J; DUNGS, F. *Orchidaceae Brasiliensis*. Vol.2. Hildesheim: Brücke - Verlag Kurt Schmiersow, 1978. (Edição bilíngue)

PEIXOTO, Ernani do Amaral. Verbete, Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc>, Acesso em: 20 nov. 2012.

PEREIRA, R. M. A. *Ilustração Botânica*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2008, p. 05. (Cadernos de Ilustração Científica 2).

PINTO, Luiz Maria da Silva. Dicionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

PODGORNY, I; LOPES, M. M. El desierto en una vitrina: Museos e historia natural em la Argentina, 1810-1890. México: Limusa, 2008.

POMIAN, K. Coleção. *Enciclopédia Einaudi. Memória/História*. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, Volume I, 1982, p.51-86.

PORTO, Paulo Campos. Contribuição para o conhecimento da flora orquidácea da Serra do Itatiaia. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, v.01, 1915, p.105-126.

PORTO, Paulo Campos. Um caso de hibridação natural. *Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. vol.02, 1917, p.63-66.

POSEY, D. A. Introdução - Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (org.). *SUMA Etnológica Brasileira*. vol.01 (Etnobiologia). FINEP/Vozes, Petrópolis-RJ, 1987.

RAMOS, M. de F. V.; BOTELHO, M. F.; REZENDE, T. L.; RICCIERI, T. M. N. Índice cumulativo de artigos publicados nos Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1915-1996. Disponível em: <http://www.jbrj.gov.br/publica/arquivos/indicecumulativo.htm>, Acesso em: 07 jun. 2012.

REBOUÇAS, M.M; CAMPOS-FARINHA, A. E. de C. Ilustradores Científicos do Instituto Biológico: uma contribuição para a ciência. Disponível em: http://www.biologico.sp.gov.br/docs/pag/v2_1/reboucas1.htm. Acessado em: 02 de outubro de 2012.

REBOUÇAS, M. Joaquim Franco de Toledo – O ilustrador científico. Disponível em: http://www.biologico.sp.gov.br/docs/pag/v8_1/dagostini.pdf, Acessado em: 12 de outubro de 2012.

REINNIKA, M. A.; ROMERO, G. *A History of the Orchid*. Portland: Timber Press, 1995.

ROCHA, Y.T; CAVALHEIRO, F. Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v.24, n.04 (suplemento), p.577-586.

ROLFE, R. A.; HURST, C. C. *The orchid-stud book* : an enumeration of hybrid orchids of artificial origin. With their Parents, Raisers, Date of First Flowering, References to Descriptions and Figures, and Synonymy. Kew: F. Leslie, 1909.

ROSSI, M. P. da S.; INÁCIO FILHO, G. Educadores do Progresso: A Escola Agrícola de Lavras e o desenvolvimento agrícola em Minas Gerais. Disponível em: http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Anais_V_coloquio/MEP15.pdf, Acessado em: 05 de janeiro de 2013.

SÁ, D. M. de; SÁ, M.R; LIMA, N. T. Naturalistas na Comissão Rondon: do Museu Nacional ao Noroeste do Brasil. Telégrafos e inventário do território no Brasil, *Revista História, Ciências e Saúde. Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.04 (suplemento), dez., 2007.

SÁ, M.R O botânico e o mecenas: Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.VIII (suplemento), p.899-924.

SAMPAIO, A. J. A Secção de Botânica no Primeiro século de existência do Museu Nacional. *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 22, 1919, p.37-47.

SANGLARD, G. *Entre os Salões e o Laboratório*: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2008.

SCHUMAHER, S. VITAL BRASIL, E. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade (biográfico e ilustrado)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

SECORD, A. Artisan Botany. In: JARDINE, N; SECORD, A; SPARY, C. *Cultures of natural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.378-393.

SELOSSE, M.A; BOULLARD, B; RICHARDSON, D. Noël Bernard (1874-1911): orchids to symbiosis in a dozen years, one century ago. *Symbiosis*, Published online: 06, Oct., 2011.

SILVA, A. M. Dicionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, C. N. L. da. *Aspectos da Língua em uso nos Relatórios do Instituto de Botânica (1940-1955): uma reflexão à luz da historiografia linguística*. 2010. 153f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

SILVA, E. F. da. *Salário Mínimo: a desindexação entre a norma, o fato e o valor*. 2009.196f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, V. M. da. *Nascidas do sol e da chuva: Minas Gerais e o combate às saúvas*. 2007. 120f. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em História, UFMG.

SILVA, W. *Cultivo de orquídeas no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1976.

Société des Orchidophiles Français. *L'Orchidophile*, mai., 1891, p.129-132.

STAR, S.L.; GRIESEMER, J.R. Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39, *Social Studies of Science*, vol.19, n.03. (Aug., 1989), pp.387-420.

TEIXEIRA, L. A. Repensando a história do Instituto Butantan. Disponível em: <http://www.lteixeira.xpg.com.br/buta2.htm>, Acesso em: 10 dez. 2012.

TERRISSE, A. Note sur la présence de *Cytisus striatus* en Ariège. suivie de remarques sur les problèmes rencontrés par le botaniste amateur. *Bulletin de la Société Botanique du Centre-Ouest*. Tome 23, 1992, p.39-44.

THACKER, C. *The History of Gardens*. Los Angeles: University of California Press, 1997.

The Gardeners Chronicle, vol. XXVII, May, 1900.

The late Mr. George Loddiges. *Journal of the Horticultural Society of London*, London: Published for The Society; by Longman and Co.; Paternoster Row, ad by all booksellers, vol.01, 1846, p.224.

The orchid collection of Coronel Pedro F. M. Amorim, Bahia, Brazil, *The Orchid Review*, vol.XXX, n.350, Aug., 1922, p.237-238.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Transactions of the Horticultural Society. Disponível em: <http://www.archive.org/details/transactionsofho06royauof>, Acesso em: 12 mai. 2012.

URPIA, A. O Orquideário de Ondina e sua organização em Salvador – Bahia. *Boletim da Secretaria de Agricultura: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio*, ano XLV, n.01, out., 1948, p.196-200.

VELLOSO, M. P. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, 1987.

VERGARA, M. de R. Contexto e conceitos: História da Ciência e “vulgarização científica” no Brasil do século XIX. *Interciência*, v.33, n.05, p.324-329, mai., 2008.

VITIELLO, N.; D'AGOSTINI, S.; M. M. Rebouças, M.M; **Avanços científicos para o desenvolvimento da citricultura do Estado de São Paulo – Ações do Instituto**

Biológico (1927 a 2007). Disponível em: http://www.biologico.sp.gov.br/docs/pag/v3_2/nayte.htm, Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

WARMING, E. *Lagoa Santa - A vegetação dos cerrados brasileiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

WILLIAMS, B. S. *The Orchid Grower's Manual*. Containing descriptions of the best species and varieties Orchidaceous plants. London: Published at Victoria an Paradise Nurseries, 1885. (Sixth edition)